UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

IVY LIMA E SILVA

Relações de alteridade no contato intercultural:
Perspectivas de estudantes estrangeiros na Universidade de São Paulo

São Paulo

2016

IVY LIMA E SILVA

**Relações de alteridade no contato intercultural:
Perspectivas de estudantes estrangeiros na Universidade de São Paulo**

Dissertação apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Gustavo Martineli Massola

São Paulo

2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Silva, Ivy Lima e.

Relações de alteridade no contato intercultural: perspectivas de
estudantes estrangeiros na Universidade de São Paulo / Ivy Lima e
Silva; orientador Gustavo Martineli Massola. -- São Paulo, 2016.

291 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) –
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia social 2. Alteridade 3. Psicodrama 4. Merleau-
Ponty, Maurice, 1908-1961 5. Intercâmbio acadêmico I. Título.

HM251

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Silva, Ivy Lima e

Título: Relações de Alteridade no Contato Intercultural: perspectivas de estudantes estrangeiros na Universidade de São Paulo

Dissertação apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À minha amada avó Neusa, que em toda a minha vida e agora na lembrança, fortaleceu-me na
contínua aprendizagem de ser eu mesma e de reconhecer na relação com o outro, o grande
mistério e paradoxo de nossa existência. Gratidão eterna...

AGRADECIMENTOS

Ao final desta incrível jornada, agradeço primeiramente ao meus pais, grandes incentivadores das minhas ideias e dos meus sonhos. À minha mãe Ivana, tão generosa e incondicionalmente amorosa, obrigada por acreditar em mim, pelo seu ouvido aguçado, pelo “oráculo”, paciência, palavras certas e indispensáveis neste processo. E, principalmente, pelo seu olhar sociológico extremamente inspirador para os questionamentos deste trabalho.

A meu pai, Sérgio, por seu senso de humor e pela sua espontaneidade que faz de você uma pessoa que se reinventa a cada dia e me inspira a confiar nas minhas próprias escolhas.

À minha madrinha Carla, pela sua paz e serenidade, você tem um jeito muito especial de tornar tudo muito mais simples: com o seu apoio, os meus medos e receios se tornaram meros rastros a desaparecer na praia.

Ao meu avô Ivan, por todo o seu exemplo de dedicação com o outro e pela sua inegável presença no meu crescimento e na minha vida, assim como a minha avó Neusa.

Ao amor da minha vida, Paulo...simplesmente agradeço a você por ser meu grande companheiro, por me ajudar a reconhecer as minhas próprias forças, e, principalmente, por acreditar e me mostrar que a vida pode ser muito mais bela se aprendermos a vivê-la e reconhece-la em sua simplicidade.

Aos meus amigos de Curitiba e aos que pude conhecer em São Paulo: cada um de vocês de perto e de longe tiveram um papel importante neste trabalho.

À Liliane Ocalxuk, por esta amizade sem fronteiras que proporcionou um essencial acolhimento neste processo.

À Yanci e Sofia por me acompanharem neste caminho e partilharem dos medos às risadas! E às amigas “interdisciplinares” Cristina, Gabriela, Natalia e Juliana pelo feliz encontro no final do meu segundo ano!

À República que me acolheu – mesmo eu sendo de humanas e “criada pela avó” – agradeço a todos vocês: Bechara, Vanessa, Luiz Bozi e Juliane por serem mediadores do mundo acadêmico e do lazer.

Ao meu orientador Prof. Gustavo Massola, gratidão por tudo e quando eu digo “tudo” é isso mesmo. Obrigada por acreditar neste projeto e na minha capacidade para executá-lo, o que foi essencial em todo o processo. Pelas reuniões que me motivaram a aprofundar meus questionamentos e a buscar caminhos inovadores. Por todo o aprendizado na superação dos desafios e, principalmente, em ter a oportunidade de conhecer uma Psicologia Social mais

humana e cheia de possibilidades de ação interdisciplinar. Um grande mestre na relação interpessoal.

À Profa. Rosalba Filipini, de Curitiba a São Paulo, sou extremamente grata pela oportunidade de aprender com você e de ter a sua presença neste trabalho. Obrigada por ter sido minha professora e por me acompanhar nesta empreitada!

Ao Prof. João Augusto Frayze-Pereira, por ter sido a minha porta de entrada no Mestrado na última entrevista da seleção, pelas aulas do seu curso, as quais foram completamente essenciais para o meu projeto e o seu aceite em avaliá-lo na qualificação e finalização.

Aos professores José Leon Crochik, Nelson Ernesto Coelho Jr., Livia Mathias Simão, Danilo Silva Guimarães e Arley Andriolo pelas aulas incríveis e que trouxeram elementos fundamentais para o meu projeto.

Às minhas “anjas da guarda” Selma, Nalva e Rosangela pelo melhor acolhimento e apoio possível no Programa.

Ao Instituto de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social pela oportunidade desta experiência de Mestrado.

Especialmente aos participantes desta pesquisa, pela confiança, contribuição e disponibilidade que tornaram possíveis a concretização deste trabalho!

A Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (AUCANI) e aos escritórios locais pelo apoio.

À CAPES pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Como é por dentro outra pessoa
Quem é que o saberá sonhar?
A alma de outrem é outro universo
Com que não há comunicação possível,
Com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição de qualquer semelhança
No fundo.

Fernando Pessoa

RESUMO

Silva, I. L. (2016). *Relações de alteridade no contato intercultural: perspectivas de estudantes estrangeiros na Universidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Nas últimas décadas do século XXI, os acordos de cooperação acadêmica nacional e internacional entre as universidades têm se intensificado e contribuído para o encontro entre realidades educacionais e culturais diversificadas. Neste contexto, questionamos como as relações interpessoais se desenvolvem, considerando a cultura como mediadora desse processo e da relação com a alteridade. O objetivo principal desta pesquisa é compreender o sentido da experiência intercultural e a relação de alteridade para alunos estrangeiros em intercâmbio acadêmico na Universidade de São Paulo. Com base nas técnicas e procedimentos do método de Jacob Levy Moreno, desenvolvemos uma proposta de interlocução entre o psicodrama e a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty para refletir sobre o tema da alteridade. Foram organizados dois grupos de intervenção sociopsicodramática – formados por latino-americanos, europeus e asiáticos – com o propósito de descrever e entender os sentidos atribuídos pelos alunos à experiência intercultural. Os temas circunscreveram o sentido da experiência intercultural em termos da língua utilizada, da comparação entre os países e da vivência como estrangeiro, o que se mostrou relevante para a dinâmica do papel de intercambista. A análise dos resultados destacou categorias como: tempo, gênero, referências culturais, idioma, autoconhecimento e vivência ambígua, as quais foram problematizadas na discussão sobre a alteridade. Do ponto de vista teórico-metodológico, a adoção desta abordagem pode conferir aos estudos de Moreno uma leitura ampliada da relação eu-outro, considerando simultaneamente a identidade e a diferença como aspectos destacados pelos grupos. A análise desenvolvida com os grupos de estudantes intercambistas parece apontar, de um lado, para uma importante ação e revisão das práticas universitárias quanto ao acolhimento desta demanda que transforma o próprio contexto da educação. E, de outro, para uma reflexão sobre as possibilidades e limites da alteridade, evidenciando as fronteiras culturais que permeiam as ambiguidades da dimensão do vivido e da experiência de ser estrangeiro no contato intercultural contemporâneo.

Palavras-chave: Psicologia social. Alteridade. Psicodrama. Merleau-Ponty. Intercâmbio Acadêmico.

ABSTRACT

Silva, I. L. (2016). *Alterity relationships in the intercultural contact : perspectives from foreign students at University of Sao Paulo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

During the last decades of the 21st century, the national and international academic cooperation agreements between universities have been intensified and contributed to the encounter of diversified cultural and educational realities. In this context, we question how interpersonal relationships are developed, considering culture as a mediator of this process related to otherness. The main objective of this research is to understand the meaning of intercultural experience and the alterity relationship for foreign students in academic exchange in the University of São Paulo. Based on the techniques and procedures of Jacob Levy Moreno's method, we proposed a dialogue between psychodrama and phenomenology to reflect the otherness theme. Two groups of sociopsychodramatic intervention were organized – formed by latin americans, europeans and asians – to describe and understand the senses assigned by the students to the intercultural experience. The themes circumscribed the sense of intercultural experience in terms of the used language, of the comparison between countries and of the living as a foreigner, all relevant to the dynamic of the interchange role. The results highlight categories: time, gender, cultural references, language, self-knowledge and ambiguous living, which were debated regarding otherness. From the technical and methodological point of view, this approach provides Moreno's studies a wide reading over the relationship "self and the other", considering simultaneously the identity and the difference as aspects highlighted by the groups. The analysis developed with the groups of exchange students seems to indicate, from one side, the need of an action and revision of university procedures about hosting the demand that transforms the context of education itself. From the other side, it indicates towards a reflection over the possibilities and limits of otherness, undergoing the cultural frontiers around the ambiguities of the living dimension and the experience of being a foreigner in the contemporary intercultural contact.

Key-words : Social Psychology. Alterity. Psychodrama. Merleau-Ponty. Academic exchange.

LISTA DE ABREVIATURAS

AUCANI – Agência Usp de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional

CRUSP – Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo

ECA – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo

EEFE – Escolha de Educação Física e Esporta da Universidade de São Paulo

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

IME – USP – Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo

POLI – USP – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo

RNE – Registro Nacional de Estrangeiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema demonstrativo do surgimento destes temas/categorias.....	216
Figura 2 – Esquema dos valores simbolizados no sétimo encontro/ 2º grupo	218

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma dos encontros.	67
Quadro 2 – Frequência dos participantes do primeiro grupo.	103
Quadro 3 – Desenvolvimento dos temas por encontro do 1º grupo.	112
Quadro 4 – Relação dos participantes para o segundo grupo.	117
Quadro 5 – Cronograma dos encontros do segundo grupo.	120
Quadro 6 – Frequência dos participantes por encontro/2º grupo.	198
Quadro 7 – Atividade “o que é ser estrangeiro”.	209
Quadro 8 – Sentidos atribuídos à categoria Tempo.	210
Quadro 9 – os sentidos atribuídos à categoria Lugar.	211
Quadro 10 – Sentidos atribuídos à categoria Cultura.	212
Quadro 11 – Categoria Autoconhecimento e seus sentidos.	213
Quadro 12 – sentidos atribuídos à Vivência ambígua.	213

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 DO MÉTODO EM UMA PESQUISA INTERCULTURAL PARA A SUA FUNDAMENTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES DA ARTICULAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DE JACOB LEVY MORENO	26
2.1 Processos dinâmicos nas relações eu-outro: contribuições da Sociometria e da Teoria de Papeis para grupos interculturais de pesquisa	33
2.1.1 Grupos em foco: da perspectiva sociométrica para uma possível compreensão das estruturas relacionais	34
2.1.2 A sociometria enquanto fundamentação e leitura das estruturas grupais: algumas considerações	39
2.1.3 Da fundamentação sociométrica para a circunscrição do conceito de papel: implicações para a relação indivíduo-grupo	49
3 DO MÉTODO E SUA FUNDAMENTAÇÃO, PARA OS PROCEDIMENTOS DA INTERVENÇÃO SOCIOPSICODRAMÁTICA	64
3.1 Intervenção Sociopsicodramática do primeiro grupo	66
3.1.1 Caracterização dos participantes	66
3.1.2 Descrição dos encontros	67
3.1.2.1 Primeiro Encontro	68
3.1.2.2 Segundo encontro	73
3.1.2.3 Terceiro encontro	77
3.1.2.4 Quarto encontro	82
3.1.2.5 Quinto encontro	87
3.1.2.6 Sexto encontro	91
3.1.2.7 Sétimo encontro	94
3.1.3 Entrevistas finais	98
3.1.3.1 Participante Olivia	98
3.1.3.2 Participante Bianca	99
3.1.3.3 Participante Julia	100
3.1.3.4 Participante Tom	101
3.1.4 Análise do primeiro grupo: das interações entre os participantes para temáticas fundamentais à pesquisa	102
3.1.4.1 Da experiência intercultural à relação com o outro: possíveis categorias do primeiro grupo	111
3.2 Intervenção Sociopsicodramática do segundo grupo	117
3.2.1 Caracterização dos participantes	117
3.2.2 Descrição dos encontros	120
3.2.2.1 Primeiro encontro	120
3.2.2.2 Segundo encontro	130
3.2.2.3 Terceiro Encontro	135
3.2.2.4 Quarto Encontro	143
3.2.2.5 Quinto encontro	149

3.2.2.6 Sexto encontro.....	162
3.2.2.7 Sétimo encontro.....	168
3.2.2.8 Oitavo encontro.....	173
3.2.3 Entrevistas finais.....	181
3.2.3.1 Participante Luna.....	181
3.2.3.2 Participante Tiago.....	185
3.2.3.3 Participante Mei.....	187
3.2.3.4 Participante Roberto.....	189
3.2.3.5 Participante Maria.....	191
3.2.3.6 Participante Sofia.....	193
3.2.3.7 Participante Akemi.....	196
3.2.4 Análise do segundo grupo: da dinâmica relacional estabelecida às categorias problematizadas.....	197
3.2.5 Da experiência intercultural ao papel de intercambista: categorias de análise no segundo grupo.....	214
3.3 Entre a vivência e a reflexão: possíveis interlocuções entre os grupos interculturais da pesquisa.....	223
4 RELAÇÕES DE ALTERIDADE NO CONTATO INTERCULTURAL: INTERLOCUÇÕES COM A FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY PARA PENSAR A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO ACADÊMICO.....	229
4.1 Do problema do outro à existência com o outro: considerações de Merleau- Ponty sobre a intersubjetividade.....	231
4.2 Sobre a convivência com o outro: variações e nuances da relação eu e outro na interface com as ciências humanas.....	238
4.3 A fala e o campo intersubjetivo: discutindo aspectos da linguagem para pensar a comunicação intercultural.....	248
4.4 Integrando problemáticas, estabelecendo fronteiras: aproximações possíveis com Merleau-Ponty para pensar o intercâmbio acadêmico.....	253
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	258
REFERÊNCIAS.....	265
ANEXOS.....	269

1 INTRODUÇÃO

Ela fotografava. Ela tornava visível um contexto que não era seu. Dizia: “quero que as pessoas se engasguem quando abrirem o jornal...e vejam e sintam e reajam. É o que quero” (Poppe, 2013). Esta situação estranha ao que conhecia, aos poucos se desdobrava diante de si. Alterava a sua visão de mundo e a posicionava no seu limite. Era o incômodo de enxergar o outro.

No filme *Mil vezes boa noite* (Poppe, 2013), a fotógrafa de guerra Rebecca – dividida entre a vida profissional e a pessoal – colocava-se no risco. Viver na iminência do perigo de sua existência, e da existência do outro, trazia perdas e ganhos. Uma delas, a família; a outra, o engajamento. A sua vida era vivida na corda bamba entre o individual e o coletivo. E como uma estrangeira em seu próprio contexto cultural, Rebecca não pertencia nem aqui, nem lá. Ela transitava na fronteira.

A imagem captada pela fotografia não era um simples fragmento, muito menos, uma explicação de uma realidade observada. Ela transfigurava algo pessoal, na medida em que trazia à luz a dimensão perceptiva da sua relação com este mundo sensível, obrigando-nos a ver – da extrema condição de uma experiência de guerra – o que não era habitualmente visto (Frayze-Pereira, 2010).

As escolhas de Rebecca, sua busca e relação com as pessoas invisíveis, possuíam um contorno, uma demarcação entre o eu e o outro. Ao mesmo tempo, este contorno também expressava a sua frequente oscilação entre sua carreira e seu papel de mãe e esposa. Poderíamos dizer que existe aí um cenário – tal como nas palavras de Jacob Levy Moreno (1889-1974) – no qual a protagonista percebe as relações que a rodeiam e age em conformidade com o que acredita e com os seus papéis definidos. Longe de compor uma trama com início, meio e fim objetivos, este cenário levanta muitas questões, as quais vão desde viver os limites de uma experiência dilacerante para obter uma imagem de zonas de conflito e rituais culturais intensos; até o risco de participar de um cotidiano igualmente *real*, porém cujos sentidos podem conflitar com o que se espera da vida.

Na situação da guerra, aquele outro lhe fornece uma foto, pede uma resposta. Poderíamos dizer também, baseados em Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), que a fotografia atua como destaque de um movimento captado na perspectiva de alguém que não se posiciona de maneira absoluta sobre ela, ou em relação a quem está “representado” por ela.

Mas que talvez reconheça uma face explícita captada pela imagem a qual, por sua vez, contém muitos outros aspectos implícitos.

Existiria aí a possibilidade de se colocar no lugar deste outro e vivenciar a cena que se repete neste contexto captado pela foto, ou estaria a foto inteiramente comprometida com a perspectiva da própria fotógrafa? Longe da clareza e determinação daquilo que a foto ilumina, a fotografia poderia revelar precisamente neste caso, as incompreensões da própria cultura.

Ao considerarmos a metáfora à qual este filme nos conduz, podemos claramente afirmar que de um lado ou de outro, as diferenças culturais podem nos levar ao limite. Da guerra ao cotidiano, a relação entre o eu e o outro nos movimenta, tira-nos do conforto do familiar e, ao mesmo tempo, questiona aquilo que considerávamos deste modo. Esta parece ser a condição própria do estrangeiro: aquele que está fora do seu país e de sua cultura. Ou ainda, nas palavras do filósofo e sociólogo Alfred Schütz (1944/2010, p. 118): “um indivíduo adulto do nosso tempo e civilização que tenta ser permanentemente aceito ou ao menos tolerado pelo grupo do qual ele se aproxima”.

Muitos vivem ou já viveram nesta condição. Jean Daniel apresenta que quando Hannah Arendt (1906-1975), imigrou aos Estados Unidos, a filósofa confidenciou:

Quando eu só sabia uma única língua, a minha, o alemão, tive a impressão de um universo onde tudo o que pudesse ser diferente era um estorvo em meu pensamento. E quando conheci as línguas latinas, tive a impressão de uma transformação incrível, alterei minha visão do mundo, não chamei mais as coisas por seu próprio nome (Daniel, 1999, p. 15).

De certa forma, o estrangeiro se torna aquele que não compartilha das suposições do senso comum do homem em seu cotidiano. Ele tem que colocar em questão, tal como Hannah Arendt, quase tudo que parece inquestionável para os membros do grupo de que ele se aproxima. Ele precisa “traduzir” os termos (Schütz, 1944/2010). Nesta experiência possibilitada pelo contexto intercultural em que se encontra, os desentendimentos de sentido vão estabelecer a problemática de lidar com uma realidade diferente, o que não se restringe à experiência do imigrante ou ainda dos refugiados de guerra.

Esta experiência está na História e comporta as especificidades de cada época. Às vezes, envolta por atos de violência e como sua decorrência direta, às vezes, fruto do desejo dos indivíduos que a vivenciam, a experiência do contato com o outro pode sofrer inúmeras inflexões individuais, sociais, históricas. Pode surgir tanto como uma imposição quanto como

uma abertura voluntária ao estrangeiro e ao contato intercultural. Pode ter motivações ainda, ao menos expressamente, de caráter afetivo, intelectual, cultural.

Nas últimas duas décadas, ela tem adquirido a especificidade proporcionada pela experiência do *intercambista*. O intercâmbio acadêmico constitui um fenômeno de grandes proporções, cujo estudo pode permitir a compreensão de aspectos psicossociais relevantes tanto ao atual momento quanto ao próprio contato intercultural em geral. O aluno intercambista escolhe realizar de seis meses a um ano da sua graduação em outro país, em outra cultura, em outra língua. Inserindo-se em um lugar provisório e mediado por uma instituição em determinado contexto social e educacional, participa de programas firmados por acordos de cooperação acadêmica nacional e internacional entre a própria universidade e aquela que o recebe.

Trata-se de acordos que, por sua vez, promovem a interlocução entre realidades educacionais e culturais diversificadas, como se observa no caso da Universidade de São Paulo (USP). Desde a sua fundação, a USP possui um olhar voltado para a internacionalização e tem organizado mais de 800 acordos de cooperação e intercâmbios com importantes instituições das Américas, África, Europa, Ásia e Oceania¹. Recebendo em torno de dois mil estudantes estrangeiros de graduação e pós-graduação por ano, envia um número ainda maior de estudantes como parte do seu programa de mobilidade acadêmica.

Pode-se sugerir que o sentido da internacionalização também se altera com o tempo e que a popularização atualmente observada dos meios existentes para deslocamentos geográficos e intercâmbio de informações a grandes distâncias promoveu uma inflexão no sentido das práticas de internacionalização promovidas pelas universidades ao redor do mundo. No caso da USP, fomentou a criação de uma agência voltada exclusivamente para esta finalidade, a Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (AUCANI). Uma breve descrição das atividades por ela desenvolvidas pode oferecer elementos relevantes para compreender o dinamismo e a importância que o intercâmbio acadêmico apresenta atualmente.

Somente no ano de 2013, de acordo com os dados fornecidos pela AUCANI, a Universidade recebeu um total de 1307 estudantes estrangeiros para realizar mobilidade acadêmica em diferentes unidades de ensino de graduação, sendo especificamente: 645 mulheres e 662 homens. Destes intercambistas, 299 foram de origem francesa; 148 da

¹ Informações retiradas do Student's and Researchers Guide. Disponível em: http://www.usp.br/internationaloffice/wp-content/uploads/student_researcher_guide_USP.pdf. (Acesso em: 01 de outubro em 2014).

Colômbia; 132 espanhóis; 121 da Alemanha; 99 de Portugal; 82 do México; 65 da Itália; 55 do Chile; 49 da Argentina, dentre outros. Estes números correspondem a apenas uma parcela de um dos acordos firmados pela USP.

Para promover e expandir a atuação internacional, a AUCANI se constitui como o escritório que assessora os órgãos centrais e as unidades de ensino e pesquisa nas redes de cooperação. Assume ainda todos os aspectos do intercâmbio internacional, inclusive o apoio necessário aos estudantes estrangeiros na resolução de dúvidas quanto à vida acadêmica e também no processo de adaptação na universidade e no país, por meio de programas como o “USP ifriends”, por exemplo.

Estas ações conferem ao contexto universitário um novo lugar que pode - como queremos mostrar - (re) configurar as interações entre o eu e o outro, tendo o papel da cultura como mediadora desse processo e da relação com a alteridade. Considerando este contexto e, sobretudo, a vivência do intercambista nesta dinâmica, este trabalho estrutura-se a partir de duas perguntas: qual o *sentido* que a experiência intercultural adquire para alunos estrangeiros em programas de intercâmbio acadêmico na USP? E como esta experiência intersubjetiva dentro da universidade influencia a relação entre o eu e o outro?

Para além dos significados de cada terminologia utilizada na atualidade (interculturalismo, multiculturalismo ou transculturalismo), parto da reflexão de Fleuri (2003), quando este apresenta que estas perspectivas acima giram em torno “da possibilidade de *respeitar as diferenças* e de *integrá-las em uma unidade que não as anule*” (Fleuri, 2003, p. 17). Utilizamos, pois, o termo *intercultural* para pensar as relações entre pessoas de diferentes culturas em um mesmo contexto social.

Os desdobramentos contemporâneos que esta pesquisa se propõe estudar, na área da Psicologia Social, apresentam variações importantes que circunscrevem as possíveis interações entre o eu e o outro no contexto acadêmico. Porém, o tema das relações interculturais e da alteridade nos remete à centralidade desta discussão no estudo realizado pela Antropologia, sobretudo na história dos povos e da interação entre as sociedades diante da diferença e da dominação. Brandão (1986), por exemplo, estabelece a importância de estudar a construção da noção de pessoa tratando das diferenças entre as etnias. O exercício de compreensão proposto pelo autor situa as tendências possíveis dentro da Antropologia Social para lidar com os aspectos da vida social, os símbolos construídos e as trocas.

Um ponto importante da cultura de todos os povos é a sua necessidade de representar, atribuir nomes e fornecer sentidos aos nomes de seus sujeitos e suas diferentes categorias (Brandão, 1986). Assim, o universo de símbolos e nomes com os quais os grupos sociais se

definem e definem os outros, depende de como eles pensam as categorias com as quais se envolvem nas relações de trocas de bens, de serviços e de significações. O que, para o autor, pode influenciar em outra direção como estas sociedades desenvolvem determinadas lógicas a partir de seus valores e símbolos.

Em Brandão (1986), vemos esta abordagem aplicada ao estudo da lógica indígena, o que permeia um dos caminhos da investigação proposta pela Antropologia. A identidade destes grupos, neste sentido, vai se consolidar no jogo entre a semelhança e a diferença. A Antropologia, por esta sua característica de se debruçar centralmente sobre o tema da alteridade, do contato com o outro, confere a disciplinas como a Psicologia Social uma maneira de compreender as sociedades que legitima outras lógicas e lida com o paradoxo destas outras subjetividades.

No caso da presente pesquisa, a questão do “outro” como tratada pela antropologia sofre uma importante inversão. O antropólogo se dirige ao mundo do outro, deslocando-se, muitas vezes fisicamente, vivendo em outro país, outro continente, permanecendo muitos anos para aprender sobre a língua e os valores do “estrangeiro”, seguindo, neste ponto, o célebre modelo proposto por Malinowski (1922/1984). O trabalho da etnografia, como descrito por exemplo em Geertz (1989), é voltado tipicamente para os estudos das pequenas comunidades, no sentido dado a este termo por Tönnies (1995): o que consistiria em registrar não a materialidade do contato entre pesquisador e nativo, as palavras e gestos propriamente, porém aquilo que eles *significam*, o sentido dado pelo grupo a suas interações entre si e com o pesquisador.

Merleau-Ponty (1984a) discute o sentido do trabalho antropológico ao afirmar que a tarefa mais específica desta disciplina seria a de relacionar a análise objetiva com a dimensão do vivido. O filósofo percebe que não há possibilidade para o homem conhecer por meio da experiência, todas as verdades a que ela se reporta. Porém, seria suficiente para o pesquisador se permitir em alguns momentos e por um período mais longo, aprender “a deixar-se ensinar por uma outra cultura pois, doravante, possui um novo órgão do conhecimento, voltou a se apoderar da região selvagem de si mesmo, que não é investida por sua própria cultura e por onde se comunica com as outras” (Merleau-Ponty, 1984a, pp. 199-200).

Ao compreender a cultura como uma das dimensões do mundo vivido (*Lebenswelt*), Merleau-Ponty permite conceber a experiência enquanto um fenômeno intersubjetivo, e tanto o homem quanto a cultura como mutuamente constituídos (Moreira & Cavalcante Jr., 2008). Podemos reconhecer uma aproximação da sua perspectiva fenomenológica da antropológica, pelo ser humano ser considerado em suas dimensões psicológica, biológica, cultural, política,

histórica e também sociológica. Desta maneira, tanto o participante quanto o pesquisador poderiam ser entendidos como “seres intrinsecamente interligados ao mundo, um mundo que é sua própria história e possibilidade de transfiguração”(Moreira & Cavalcante Jr., 2008, p. 254): um mundo cultural.

O século XX trouxe uma novidade para os estudos antropológicos, presente em trabalhos da Escola de Chicago como o de William Foote Whyte (1943/2005) relativa ao fato de que neste momento os antropólogos não se distanciavam de sua terra natal, mas observavam o estrangeiro que habitava entre eles, em suas grandes ou pequenas cidades: o estrangeiro que ainda constituía comunidade, porém, neste período estava bastante próximo e poderia passar como “invisível”.

Nossa pesquisa apresenta um sentido um pouco diferente do estudo de Whyte, pois os estrangeiros que estão entre nós não estabelecem uma comunidade senão de maneira muito provisória. Tal característica pode conferir pouca oportunidade para que eles possam refletir sobre suas experiências comuns, exceto, como mostraremos, com alguns outros poucos intercambistas, tipicamente oriundos de seus próprios países. Assim, estudamos o estrangeiro que, enquanto categoria social, traz como característica mais marcante o seu descolamento de grupos organizados e estáveis, o que talvez os componham como um grande grupo de *indivíduos*.

Desta maneira, a possibilidade que alguns deles tiveram de se reconhecer como grupo pode ter sido promovida por nossa própria pesquisa, o que significa que sua dinâmica de interação é inédita e tem algo de experimental, na perspectiva metodológica, isto é, fornece a possibilidade de acessar os sentidos particulares relacionados a este fenômeno (Verissimo & Furlan, 2007). Existem diferenças históricas entre a antropologia e a psicologia social como áreas do conhecimento e uma delas vem do fato de a psicologia social ter desde cedo apresentado a intenção de *intervir* nos fenômenos observados, muitas vezes – especialmente após a Segunda Guerra Mundial – a fim de intervir na sociedade como um todo.

Os grupos a serem observados no presente trabalho, foram constituídos com a intenção de criar conhecimento e não existiriam espontaneamente. Esta talvez seja uma diferença fundamental entre o que poderemos encontrar a respeito do fenômeno da alteridade e o que um antropólogo encontraria seguindo procedimentos típicos de seu campo de conhecimento. Ainda assim, não entendemos que os conhecimentos daí advindos sejam antagônicos, senão que sejam complementares ou que ao menos possam ser articulados. Além disso, a experiência de *indivíduo* em lugar estrangeiro não é exclusiva dos intercambista e em alguma medida pode ser atribuída à estrangeiridade de maneira muito mais ampla.

A Sociologia de Schütz, por exemplo, mostra que o estrangeiro se aproxima, mas não se torna parte integrante da biografia do grupo. Ele está entre o novo ambiente social e o pensar habitual:

Quando muito, ele pode estar disposto e apto a compartilhar o presente e o futuro com o grupo aproximado, em intensa e imediata experiência. Sob todas as circunstâncias, entretanto, ele permanece excluído de tais experiências deste passado. Vendo do ponto de vista do grupo aproximado, ele é um homem sem história (Schütz, 1944/2010, p. 122).

A experiência o coloca entre o afastamento e a proximidade, permitindo, segundo Schütz, o contato com situações sociais específicas que podem desintegrar tipologias e tornar inadequado qualquer conceito originado fora deste novo padrão cultural. Assim, o “pensar habitual” é colocado diante das fundamentais discrepâncias na interpretação da linguagem e seu domínio para realizar os próprios atos e pensamentos. Desta forma, temos na experiência vivida pelo estrangeiro a possibilidade de articular aspectos individuais e coletivos que habitam o ser humano. Interrogá-la, a partir daqueles que a vivenciam, pode trazer uma maior compreensão dos processos (inter) culturais e o quanto estes processos, por sua vez, afetam os sujeitos.

Como já insinuamos, há métodos de pesquisa, situados na Psicologia Social, que possibilitam o entendimento de processos desta natureza, como nos trabalhos pioneiros sobre pesquisa-ação realizados por Kurt Lewin (1890-1947). Porém, há aqueles que, assim como os deste autor, também se inserem na área da psicologia dos grupos e sua dinâmica, contribuindo ao seu modo com o estudo das relações sociais, como é o caso da metodologia psicodramática desenvolvida por Moreno (1999), e cujas características permitem abordar este tema de formas originais e bastante específicas, a partir das quais irá desenvolver-se o presente trabalho. Ao abranger um conjunto de métodos e técnicas grupais que englobam o campo da ação, o Psicodrama insere o pesquisador numa posição ativa perante o grupo a que ele se reporta, ampliando as possibilidades de conhecimento sobre os papéis e as relações em foco.

Na proposta de lidar com mudanças, deslocamentos e tendências contemporâneas nas relações interpessoais, este método pode circunscrever com mais evidência a ideia de contraste e de diferença presente em experiências de deslocamento como esta. Considerando estes elementos em relação às questões apresentadas, esta pesquisa tem como objetivo geral, conforme afirmamos, compreender o sentido da experiência intercultural e a relação de alteridade para alunos estrangeiros em intercâmbio acadêmico na USP. Para tanto,

desenvolvemos dois grupos de intervenção sociopsicodramática, buscando descrever os sentidos e significados atribuídos pelos participantes da pesquisa à experiência de intercâmbio acadêmico vivida por eles, na intersecção entre o individual e o coletivo que a caracteriza.

A pesquisa sobre as relações de alteridade no contexto dos intercâmbios acadêmicos, sob a perspectiva psicossocial, demanda o contato direto com os seus participantes e a investigação dos sentidos por eles atribuídos a esta experiência. Sob inspiração no método sociodramático de Moreno, os dois grupos, que serão explicados detalhadamente mais adiante, foram compostos exclusivamente por alunos estrangeiros, que se encontraram em 7 e 8 sessões, respectivamente. Em cada uma destas sessões, foram propostas atividades semanais que lidavam com assuntos relativos ao contato intercultural em situação de intercâmbio acadêmico. Tais temas foram levantados em entrevistas iniciais realizadas individualmente com os participantes. Posteriormente à realização dos encontros, todos os participantes foram novamente entrevistados com a proposta de obter as suas impressões e elaborações pessoais a respeito tanto desta experiência de pesquisa quanto da específica ao intercâmbio. As sessões e as entrevistas iniciais e finais foram gravadas e transcritas, constituindo o *corpus* empírico da presente pesquisa.

Vale ressaltar que apesar da inspiração no método sociodramático moreniano, os procedimentos adotados não seguiram rigorosamente aqueles preconizados por esta forma de trabalho, mas utilizaram alguns de seus recursos metodológicos para a finalidade desta pesquisa, como a organização das etapas dos encontros grupais, a consideração dos contextos social, grupal e dramático, além do uso de atividades e dinâmicas para a leitura do processo do grupo.

Ao longo dos três capítulos que estruturam esta dissertação, iremos apresentar o caminho estabelecido pela pesquisa na sua temática que gira em torno do entendimento dos aspectos interculturais que influenciam a relação entre o eu e o outro no contexto proporcionado pelo intercâmbio acadêmico. Buscando caracterizar, por meio do embasamento nas técnicas e procedimentos da metodologia psicodramática, uma proposta de interlocução entre o psicodrama e a fenomenologia para refletir sobre os desdobramentos da pesquisa empírica para a alteridade. A análise realizada nesta pesquisa permite reconhecer que, quando se trata da dinâmica da relação entre o eu e o outro, torna-se necessário o desenvolvimento de um estudo de natureza interdisciplinar.

Para isso, no plano geral, a fundamentação do psicodrama para a intervenção e a leitura dos processos psicossociais observados no grupo apresenta um aprofundamento no tema dos papéis sociais, importante para pensar a interação eu-outro. O papel de

intercambista é um papel social, e como tal, traz elementos individuais e coletivos para a sua atuação. Desta forma, ele vai fazer parte de um contexto cujas situações vão se atrelar a determinados eixos e reflexões distintas. É com esta discussão em conjunto com a descrição do método adotado para a pesquisa com os grupos e sua fundamentação na teoria desenvolvida por Moreno, que desenvolvemos o primeiro capítulo. Considerando assim, a pertinência, especificamente e dentro do alcance desta pesquisa, da Sociometria e da Teoria de Papéis como bases norteadoras para a leitura das dinâmicas grupais.

Levando isso em conta, no segundo capítulo objetivamos descrever e analisar os aspectos vivenciais relatados pelos alunos estrangeiros participantes nos dois grupos. Estas etapas foram realizadas no primeiro grupo e, em seguida, no segundo. Primeiramente, descrevemos a proposta e o desenvolvimento de cada encontro, face ao que os participantes trouxeram de temas relevantes. Na sequência, apresentamos os resultados obtidos em cada um dos grupos separadamente, partindo da análise da dinâmica interacional. No segundo momento, expomos que temas foram reconhecidos em cada grupo, diante do processo desenvolvido e das perguntas que a pesquisa busca responder. Finalmente, realizamos uma análise comparativa dos temas que foram comuns aos dois grupos e aqueles que os diferenciaram.

Salientamos que não nos apropriamos de uma análise de conteúdo sistematizada (Bardin, 2006) sobre as falas ou ainda de uma busca por um significado essencial ao fenômeno estudado embora reconheçamos passos importantes que partem destas duas abordagens para analisar os dados. Como, por exemplo, a identificação da frequência de respostas quanto à temática de cada encontro, inferindo a partir dos dados (Bardin, 2006) ou ainda buscando uma “estrutura da experiência” (Moreira, 2004).

Os temas grupais, trouxeram por sua vez, questões relevantes para adentrar na temática da alteridade, as quais foram enfrentadas a partir de uma perspectiva fenomenológica no terceiro capítulo. A análise dos processos grupais e seus temas forneceu a possibilidade de relacionar alguns pontos da experiência intercultural com elementos abordados pelo filósofo Merleau-Ponty. Embora reconheçamos a central importância e referência da alteridade na Antropologia, optamos por desenvolver esta interface com Merleau-Ponty (1945/2006b; 1969/2002, 1984a, 1984b) para a metodologia e leitura psicodramática, pela possibilidade de um campo inovador para o entendimento da relação entre o eu e o outro, proporcionada pela dinâmica dos papéis no contexto intercultural.

Realizar um diálogo entre Moreno e a filosofia de Merleau-Ponty foi possível com a leitura de alguns textos deste último autor, pela qual observamos uma reflexão sobre a

alteridade que reconfigura certos limites propostos pela disciplina filosófica e legitima a experiência com o outro, como sendo concreta e ambígua. A despeito da obra de Moreno conter referências mais explícitas a filósofos, como Soren Kierkegaard (1813 -1855) e Martin Buber (1878 – 1965) o que poderia suscitar um diálogo igualmente relevante para o tema desta dissertação – acreditamos que esta interlocução com Merleau-Ponty pode fornecer uma outra dimensão para a interação com o outro, que considere, para a psicologia, nuances e variações entre a igualdade e a diferença que permeia as relações interculturais.

Com isso, defendemos algumas articulações entre estas abordagens que contribuem para este empreendimento quanto ao fenômeno estudado: *o foco na experiência vivida*, o que vai conferir ao psicodrama uma metodologia aberta (tal como Moreno propôs) tanto em relação à natureza do grupo quanto a interfaces necessárias para o seu entendimento; e *a ênfase nos aspectos sensíveis ao sujeito e ao grupo*, buscando relacionar contextos e ir além de uma racionalidade unilateral sobre a experiência.

Escolhemos o caminho de partir da interface entre a psicologia de Moreno e a fenomenologia merleau-pontyana, em detrimento de outros possíveis com diferentes abordagens, por também perceber que as experiências desenvolvidas com os grupos desta pesquisa, dentro do campo da psicologia, nos levam à necessidade de novas análises e interpretações desta temática. Principalmente, neste caso, análises que questionem a possibilidade do reconhecimento ou não tanto do outro quanto da própria diferença. O diálogo com a fenomenologia de Merleau-Ponty, circunscrita, certamente (mas ultrapassando-os) ao seu tempo histórico, social e às problemáticas estabelecidas, constitui um exercício permanente que pode fornecer uma abertura do método e leitura sociopsicodramáticos, para um *novo mundo* – tal como alguns participantes desta pesquisa se referiam ao Brasil.

Assim, investigamos o caráter heurístico da aplicação dos instrumentos sociopsicodramáticos de observação e análise para a reflexão fenomenológica sobre o tema da alteridade. Algo talvez inusitado e diferente face ao padrão das pesquisas acadêmicas, promovendo, porém, desintegrações que tornam determinados entendimentos inadequados; e outros, possivelmente, elucidativos.

Para o plano da experiência concreta e do significado construído, tal empreitada possibilita circunscrever as fronteiras entre o conhecimento *sobre o outro* e a vivência *com o outro*. Estes são limites que tornam visíveis as diferenças; limites que paralisam a ação, ou ainda que reformulam a nossa própria compreensão. De uma forma ou de outra, tomando como base a metáfora com a qual iniciamos esta introdução, trata-se de pontos que

desconstroem a nossa familiaridade na relação com o outro, mas também permitem lançar mão de uma outra perspectiva; de um outro aspecto a ser elucidado.

Semelhante ao trabalho da fotógrafa em um ambiente estrangeiro, o trabalho desta pesquisadora se sustenta em um olhar mediado por técnicas e por perspectivas que influenciam a observação de um fenômeno, porém não o determinam nesta conjuntura. Situando-se na fronteira de compreensões teóricas e metodológicas sobre experiências interculturais contemporâneas, esta pesquisa almeja tornar visível – mesmo diante da própria natureza inesgotável do sentido – certos ângulos de um fenômeno discutido e vivenciado por grupos protagonistas de uma problemática contemporânea suscitada pelo intercâmbio acadêmico a qual, em certa medida, reatualiza as demarcações da própria relação com a alteridade. Que os paradoxos falem por si...

2 DO MÉTODO EM UMA PESQUISA INTERCULTURAL PARA A SUA FUNDAMENTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES DA ARTICULAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DE JACOB LEVY MORENO

Antes de descrever a intervenção realizada com os dois grupos nesta pesquisa, seus encontros e os temas discutidos e vivenciados, é necessário discorrer sobre o método sociopsicodramático utilizado e sua fundamentação teórica. A metodologia de Moreno pode ser compreendida como uma forma de pesquisa qualitativa que tem como perspectiva certificar e divulgar a validade e o reconhecimento do projeto socionômico (Marra, 2004).

De maneira a se manter fiel ao caminho desenvolvido pelo autor, a nossa proposta é apresentar primeiramente o método que Moreno estabeleceu a partir da atuação nos grupos em sua época, para depois, discuti-lo dentro da Sociometria e da Teoria de Papeis, eixos teórico-práticos do autor que defendemos como bases para a análise das experiências com os grupos.

Desta forma, o trabalho empírico desenvolvido com os alunos estrangeiros em intercâmbio acadêmico na Universidade de São Paulo, constitui-se como um método de pesquisa social adaptado da metodologia psicodramática. Trata-se, pois, de uma pesquisa qualitativa de natureza socionômica por ir além das concepções individualistas, tendo como pressuposto o indivíduo *em relação* de corresponsabilidade, que se revela e se estrutura por meio da ação e do desempenho de papéis (Marra, 2004).

A Socionomia, tal como define Moreno, em sua criação entre 1920 e 1925, é a “ciência que estuda a articulação entre o individual com o coletivo e as leis grupais” (Nery & Costa, 2007, p. 129). Ela se desdobra em três ramificações principais interdependentes e complementares que embasam a prática: a Sociometria, a Sociatria e a Sociodinâmica.

A Sociometria vai estudar o desenvolvimento das estruturas grupais voltando-se para a medição destas relações e de seus vínculos por meio do Teste Sociométrico. A Sociatria, por sua vez, define-se como a aplicação dos conhecimentos socionômicos para a intervenção terapêutica – dentro da qual se encontra o Psicodrama - e nos grupos, utilizando o Teatro Espontâneo. E a Sociodinâmica, que é considerada o elo entre os outros dois, no sentido de que leva o que foi detectado na Sociometria até a Sociatria. Possui como método a interpretação de papéis, seja na forma de *role-playing* (jogo dramático de papéis realizado em situação imaginária), ou ainda como Teatro Espontâneo, focando-se no estudo da estrutura e do funcionamento dos grupos sociais, dos grupos isolados e das associações de grupo (Naffah

Neto, 1979). Desta maneira, a Sociodinâmica conduz a pesquisa ao nível da inter-ação, como nos pontua Naffah Neto (1979) , o que permite ao pesquisador explorar e participar da dinâmica dos papéis desempenhados pelos sujeitos em seus contextos.

Assim, a Socionomia engloba um conjunto de métodos que apresentavam a preocupação de Moreno em desenvolver um olhar mais aprofundado para as vivências mais imediatas (Naffah Neto, 1979). Desta maneira, a Sociometria, a Sociatria e a Sociodinâmica trabalham integradas na identificação das relações em determinado grupo e na compreensão do seu funcionamento, com vistas a um posterior trabalho de transformação.

Em termos metodológicos, o Psicodrama pode ser considerado um método de tipo qualitativo que traz como pressuposto a necessária intersecção entre os aspectos individuais e coletivos no estudo dos fenômenos sociais, colocando como objeto de estudo justamente esta relação. Assim, para definir uma nomenclatura que distinga o tipo de intervenção a ser realizada nestes moldes, Luiz Contro (2011) se utiliza do termo *sociopsicodramático* para compreender essa confluência. Tal nomenclatura, utilizada por este autor e adotada para esta pesquisa, apresenta a complementaridade do Sociodrama e o próprio Psicodrama, os quais:

(...) lidam com o drama humano ora objetivando o subjetivo, ora subjetivando a realidade objetiva. Singularizam-se por um motivo de foco: enquanto o método psicodramático almeja o desenvolvimento dos indivíduos em suas relações, o sociodramático se detém sobre temas que habitam os grupos, instituições e comunidades, ou seja, geralmente grupos previamente constituídos a solicitar a intervenção de um agente externo. Denominarmos por Sociopsicodrama, portanto, é um modo de contemplar esta ligação entre o individual e o coletivo que se faz presente o tempo todo” ((Contro, 2011, p. 22nota de rodapé 11).

Desta forma, Contro afirma que o *método sociopsicodramático* pode se referir a todo tipo de intervenção realizada nos moldes do psicodrama. Este método possui singularidades e caminha entre uma pesquisa-ação e uma pesquisa-intervenção: processos investigativos que se fundamentam, respectivamente, nas filosofias da representação e da imanência (Contro, 2011).

A primeira é responsável por reduzir a diferença à identidade e o sujeito a uma particularidade da lei geral. Já a filosofia da imanência, nas considerações de Deleuze e Guattari, defende que os homens não são submetidos a equivalências devido à sua complexa singularidade. Eles são múltiplos e diversos. Segundo Contro (2011), estes autores recusam pontos de partida, sistemas previamente construídos, que indicam caminhos da unicidade.

Moreno, nos estudos da década de 1930, contribuiu por meio de ações concretas para o entendimento da necessidade de atuar sobre a realidade para conhecê-la (Contro, 2011), além de enfatizar a implicação do pesquisador no processo de investigação e apontar a participação coletiva como positiva para obter bons resultados frente aos problemas com os quais os grupos se deparavam. De modo similar, a pesquisa-ação – cuja criação é comumente atribuída a Kurt Lewin (1970) – no seu desenvolvimento, trouxe preocupações que tomavam a relação entre conhecimento e ação como um foco para a pesquisa. Desta forma, sua característica central é a indissociabilidade entre a realização de mudanças e a produção de saber, com ênfase na primeira. O pesquisador passa a ocupar um duplo lugar de implicado e analista, o que possibilita a investigação dinâmica dos acontecimentos decorrentes da interação entre os sujeitos.

Assim, a profundidade para o estudo da problemática na pesquisa-ação é muito maior do que aquela obtida por meio de opiniões ou representações em função de algo externo, que pode vir a ser reproduzido de maneira estereotipada e individual. Ao contrário, considera-se que o compartilhar de informações pela aprendizagem conjunta que surge, ao ser relacionada aos saberes dos pesquisadores, colabora para o conhecimento descritivo e crítico (Contro, 2011) da situação do grupo, mesmo que esta seja singular aos contextos pesquisados.

Diante destes pontos, a pesquisa-ação pode ser vista não se constituindo como método, mas, na opinião de Contro (2011) como *estratégia geral de pesquisa* podendo agrupar diversas técnicas e métodos de pesquisa social, que se contrapõem à pesquisa de caráter positivista, sendo esta marcada pelo distanciamento entre observador e participante.

E ainda, pode ser colocada como *corrente de pesquisa* que abrange inúmeras significações, as quais podem ser semelhantes como, por exemplo, na proposta de relações mais simétricas, descentralização de poderes, valorização e transformação das práticas sociais junto com a produção de conhecimento (Contro, 2011).

A pesquisa sociopsicodramática compartilha tais características dos processos de pesquisa-ação, principalmente por conter muitas identificações com seus postulados centrais, (Contro, 2011) no que diz respeito especialmente à necessidade de alteração frente a situações instituídas ou cristalizadas, pela via do coletivo e pela responsabilização conjunta dos participantes. Apesar disso, a pesquisa sociopsicodramática não pode ser *definida* a partir da pesquisa-ação.

Para Marra e Costa (citadas por Contro, 2011, p. 102), o Psicodrama no seu enfoque mais grupal e social – o chamado Sociodrama – “possibilita a investigação sociológica dos sujeitos criadores da história, capazes de realizar seus desejos, (...) capazes de tornarem-se os

principais agentes de suas próprias evoluções e de seus grupos e organizações” (Marra e Costa, citadas por Contro, 2011, p.102). Neste mesmo raciocínio, Bareicha comenta que aliada à perspectiva fornecida à ação no Psicodrama, o compartilhar e o interpretar não linear e exclusivamente verbal e racional são destaques do método, de modo que “os métodos de ação sacionômicos aliados aos protocolos vivenciais servem de instrumentos de pesquisa-ação” (Bareicha *citado por* Contro, 2011, p.102).

Entretanto, para Contro (2011), as interfaces da pesquisa sociopsicodramática não se restringem à pesquisa-ação e também não a tornam correspondente a esta em sua definição. É na relação com a pesquisa-intervenção que o autor vai apresentar complementações que contribuem para a especificidade do método e para a reflexão do seu alcance que vai além da realidade do grupo pesquisado, buscando ainda instituir o seu caráter crítico e colaborador para formas alternativas de estudar e intervir em pesquisas acadêmicas.

Contro (2011) parte do pressuposto de que toda pesquisa sempre é um *tipo* de intervenção, por mais que essa noção predomine quando há uma intencionalidade para com um caminho de mudança. O movimento institucionalista, o qual embasa a pesquisa-intervenção, contribui para a exploração dos sentidos múltiplos e cristalizados das instituições. Surgido nas décadas de 1960 e 1970, este movimento, também chamado de Análise Institucional, é proveniente de movimentos políticos contestatórios desta época, os quais trouxeram noções do marxismo e da Psicanálise para os procedimentos investigativos (Contro, 2011). Como oposição à pesquisa-ação – pelo menos àquela contextualizada nos estudos de guerra realizados por psicólogos como Kurt Lewin – a pesquisa-intervenção vai confrontar o sentido dado aos objetivos sensibilizadores e conscientizadores da pesquisa-ação (Contro, 2011).

Ao procurar acompanhar as várias manifestações ou singularizações dos processos de subjetivação, a implicação do pesquisador se potencializa na pesquisa-intervenção, por evitar, principalmente, a oposição entre sujeito e objeto: “Neste sentido, toda pretensa objetividade positivista deixa de ser perseguida, pois o observador interfere em seu objeto de estudo ao mesmo tempo em que este lhe exerce influências” (Contro, 2011, p. 119).

Desta maneira, ele afirma haver uma diferença fundamental entre a pesquisa-intervenção e a pesquisa-ação, pois nesta:

(...) com Lewin, o fenômeno social é anterior ao surgimento da teoria e do método, sendo que na pesquisa-intervenção gênese teórica e social são indissociáveis. A concepção de intervenção se junta à pesquisa para produzir um elo entre teoria e prática em que não há precedência de uma em relação à outra (Contro, 2011, p. 119).

Diante deste campo, a noção de transformação não visa uma mudança imediata face à ação realizada. Neste contexto da pesquisa-intervenção, enfatiza-se o conceito de “devir”, o qual fomenta a experimentação de outras formas de existir. Traz uma alternativa de compreensão de um contexto específico por vias múltiplas. O significado surge das práticas e o sentido da ação não almeja um planejamento coletivo para algo que vai mudar e alcançar um ponto previamente estabelecido (Contro, 2011).

Nota-se que apesar da pesquisa-ação e da pesquisa-intervenção possuírem elementos em comum, estes não são suficientes para ocorrer uma sobreposição. Ambas são responsáveis por diluir a distância entre pesquisador e “objeto” pesquisado e ainda buscam transformações sociais. Contudo, são distintas entre si, principalmente no entendimento da implicação na pesquisa e no estabelecimento de metas.

No primeiro ponto, a pesquisa-intervenção é preconizada pela Socioanálise, a qual se refere ao “meio utilizado com a função de operacionalizar a Análise Institucional. (...) A proposta é que sejam analisados os vínculos, em todos os espectros que o compõem, entre os participantes, os organizadores dos eventos e os socioanalistas” (Contro, 2011, p.109, nota de rodapé 53).

Já a pesquisa-ação pode se apoiar por outros referenciais. Contro defende que é somente na pesquisa-ação *crítica*², contemporânea à desenvolvida por Lewin, que os objetivos passam a existir com clareza no trabalho empírico. Já na pesquisa-intervenção o foco recai nas novas formas de subjetivação, na busca por algo inusitado, o novo.

Na descrição simultânea destas duas formas de pesquisas nota-se, a partir das considerações feitas por Contro (2011), que a pesquisa em psicodrama pode atuar sob estes dois ângulos:

(...) seja para dar conta da encomenda e/ou demanda para se esclarecer algo anuviado que o grupo solicite, seja para produzir alternativas originais. E penso que o que lhe sustenta é a ideia de que o que está por ser configurado a muitas mãos não carrega a representação de uma única verdade, mas verdades, transversalidades, trazendo por isso, o mesmo caráter de ineditismo (Contro, 2011, p. 125).

O autor ressalta ainda que a pesquisa sociopsicodramática, inserida no âmbito das pesquisas qualitativas e participativas, propõe transformações da ordem estabelecida. As

² Contro utiliza este termo para esclarecer que a pesquisa-ação, apesar de suas muitas concepções, nas últimas décadas pode ser considerada muito distinta daquela que a originou. As críticas às ações adaptativas empregadas aos indivíduos e grupos devem ser direcionadas à época de Lewin, especificamente.

denominadas “conservas culturais³”, ao serem concebidas no momento em que instituem normas e regras do tipo que cerceiam os indivíduos e grupos, tornam-se alvo constante desse método que coaduna tanto com a pesquisa-ação crítica quanto com a pesquisa-intervenção.

No oferecimento de um assunto de antemão a ser pesquisado – o sentido da experiência intercultural na perspectiva dos sujeitos envolvidos – o método sociopsicodramático nesta pesquisa, assemelha-se à proposição da pesquisa-ação crítica quando esta se coloca ou é solicitada por um tema a explorar: “o mapeamento das correntes do grupo mantém-se importante enquanto fluxo de criação, mas o alvo passa a girar em torno do objeto estipulado” (Contro, 2011, p. 128).

Entretanto, não se caracteriza como uma pesquisa-ação em si, pois não se estabelece como objetivo principal alterar ou transformar a realidade dos participantes, mas contribuir para reflexões sobre a experiência de cada um deles. Neste ponto, a concepção sobre a mudança na realidade dos sujeitos se aproxima mais daquela discutida pela pesquisa-intervenção.

Considerando a natureza socionômica que embasa o método sociopsicodramático e sua especificidade entre a pesquisa-ação e a pesquisa-intervenção, o trabalho empírico com os grupos na presente pesquisa também foi desenvolvido levando em conta os contextos, instrumentos e etapas da articulação teórico-metodológica proposta por Moreno (1975/2007). Os contextos são definidos como: o contexto social (aquele em que estão presentes os elementos culturais); passando pelo contexto grupal (do grupo no qual o sujeito está inserido); até o contexto dramático (aquele que, para Moreno, é delimitado e entendido como o mundo do “como se” ou “o mundo da fantasia”).

O trabalho sociopsicodramático, ao relacionar a fantasia e a realidade, conta com os seguintes instrumentos: o Diretor, o Ego Auxiliar, o Protagonista, a Plateia (ou público) e o Cenário (ou palco). O Diretor é visto como produtor e analista social, em se tratando do contexto de uma pesquisa, e é responsável por conduzir a cena psicodramática: “encontrar primeiro o seu público e os seus personagens, extraindo deles o material para um enredo ou roteiro” (Moreno, 1975/2007, p. 208). Apesar da condução exclusiva do Diretor nesta pesquisa, é importante mencionar que Moreno recomendava a atuação conjunta do chamado Ego auxiliar: como um agente terapêutico que atuasse enquanto extensão do Diretor no

³ Referem-se a comportamentos cristalizados. Apresentaremos este conceito com mais detalhes na próxima seção.

trabalho com o grupo como investigador social e na função de ator que vai representar os papéis provenientes do mundo do protagonista.

O protagonista, por sua vez, é aquele cuja cena é a peça fundamental na geração da trama que representa o grupo. Pode ser um indivíduo, uma dupla ou até mesmo o próprio grupo. Sua cena ocorre num Palco (cenário) que se define como o espaço vivencial em que há a possibilidade de exercer a espontaneidade e a criatividade para lidar com a cena. E a plateia (ou grupo) é o público, o restante do grupo que assiste à cena. Estes instrumentos auxiliam no aprofundamento dos contextos e nas etapas de trabalho, as quais são divididas em: o Aquecimento (inespecífico e específico), a dramatização e o compartilhar.

A primeira etapa, o “Aquecimento”, é aquela que liberta os atos espontâneos necessários para a dramatização. Aqui se trabalha, em um momento inicial, com o contexto social, para depois entrar no contexto grupal e logo em seguida, na preparação para o dramático. A “Dramatização”, que configura a segunda etapa, é resultante dos ensaios de Moreno (1975/2007), com o “teatro do improvisado”, no qual os atores profissionais eram solicitados a representar peças sem *script* e o público participava ativamente. Assim se tornavam coatores e coautores do trabalho.

A última etapa, o “Compartilhar”, é o grupo partilhando com o protagonista da ação (que pode ser um sujeito ou o próprio grupo) os sentimentos mobilizados durante a dramatização e compartilhando também experiências similares às vividas pelo protagonista. É seguido pelo “Processamento”, no qual se estabelece a possibilidade de refletir sobre questões provenientes da pesquisa. Esta última etapa se estabelece mais em contextos não-terapêuticos, como em supervisões, por exemplo. Essas etapas do trabalho quando focam a situação vivida objetivam o conhecimento da dinâmica dos papéis dos sujeitos no próprio ambiente em que eles se desenvolvem, tendo a possibilidade de questioná-los e redefini-los.

As técnicas utilizadas nas etapas do trabalho psicodramático podem ser denominadas de recursos facilitadores para a sua execução, os quais são definidos como técnicas *básicas* e técnicas *intencionais*. As primeiras, “servem de base ou de fundamento para as demais” (Gonçalves, 1993, p. 20) e seguem a concepção de desenvolvimento humano que Moreno apresenta na Teoria da *Matriz de Identidade* (conforme veremos na próxima seção deste capítulo). São elas: o solilóquio, o duplo, o espelho, a inversão de papéis.

As técnicas *intencionais* complementam os objetivos das técnicas básicas, pois visam um trabalho específico sempre que a resistência ocorre em nível pessoal, conforme apresenta Landini (1998), principalmente, mas não exclusivamente, no contexto dramático contribuindo para a paralisação da ação. Dentre as técnicas intencionais se destacam a interpolação de

resistências, a realização simbólica, as alegorias ou imagens, a concretização e a sem palavras (Landini, 1998).

Ambos os conjuntos de técnicas – básicas e intencionais – são empregados para trabalhar com a espontaneidade e a criatividade do sujeito com vistas a fornecer subsídios para o desenvolvimento de uma maior percepção de si mesmo e de relações mais saudáveis com os outros.

É esta metodologia com seus contextos, instrumentos, etapas e técnicas que este trabalho segue. Na descrição dos encontros com os grupos, mostraremos como estes procedimentos puderam ser articulados e as escolhas que foram feitas quanto à utilização alternada de métodos e técnicas do próprio psicodrama. Considerando ainda que os sujeitos nunca haviam participado de uma pesquisa com esta metodologia.

Antes disso, iremos discorrer a seguir sobre a fundamentação da Sociometria e da Teoria de Papeis, grandes alicerces desta metodologia e um dos eixos do Projeto Socionômico. Entendemos que para as relações eu e outro que esta pesquisa estuda no contexto intercultural, a articulação teórico-prática desta fundamentação permite uma perspectiva especializada e atenta aos processos grupais nesta dimensão.

2.1 Processos dinâmicos nas relações eu-outro: contribuições da Sociometria e da Teoria de Papeis para grupos interculturais de pesquisa

Conforme vimos na apresentação do método utilizado nesta pesquisa, o trabalho com cada um dos grupos foi construído com os participantes, a partir dos temas sugeridos na primeira fase das entrevistas em conjunto com as questões que se buscava responder. Desta forma, a metodologia proposta permitiu a utilização de atividades e jogos dramáticos que serão apresentados no próximo capítulo, juntamente com o seu alcance para a vivência e discussão destas temáticas em grupo. Além disso, permitiram observar as reações do grupo em relação à proposta das tarefas e à interação entre eles.

Para ter uma compreensão desta dinâmica é necessário, primeiramente, considerar os processos inerentes à formação de grupos e como, especificamente em grupos interculturais estabelecidos por uma pesquisa voluntária, as relações eu-outro podem se desenvolver. A leitura sociopsicodramática para a intervenção permite conhecer o funcionamento do grupo e sua dinâmica relacional. Foi com a Sociometria e seus estudos empíricos que Moreno (1992) pode definir princípios relacionados à estrutura dos grupos e às posições favoráveis ou

desfavoráveis na rede afetiva e social (Kaufman, 1993). Além de conhecer as relações entre os membros de um grupo, para num momento posterior, transformá-las. Moreno concebia especificamente nas pesquisas sociométricas, uma possibilidade de estabelecer uma ponte entre as configurações grupais e o modo de organização da vida social, de acordo com o que abordaremos ao longo deste capítulo.

Com a medição das mutualidades e incongruências nas escolhas entre as pessoas, por exemplo, foi possível desenvolver a análise destas interações, explicitando os conflitos grupais e a possibilidade de trabalhar com estes pela ação dentro da perspectiva do *aqui e agora*: ou seja, da valorização do tempo presente e do momento.

Diante disso, os seus conceitos e teorias, tal como a Teoria de Papeis, emergem destas experiências por ele conduzidas, o que confere à sua teoria um caráter indutivo, ou seja, fundamentado nestes dados objetivos (Martín, 1996). Assim, é necessário apresentar, primeiramente, os aspectos que envolvem o funcionamento dos grupos na perspectiva estabelecida pela Sociometria e sua decorrência para a Sociodinâmica, para, em seguida, realizar uma discussão sobre a Teoria de Papeis desde a sua concepção até as atualizações contemporâneas. É importante ressaltar que este embasamento na sociometria e na Teoria dos Papeis, busca fornecer uma possível leitura para experiências com os grupos desta pesquisa e o modo pelo qual as interações podem ser observadas. Entretanto, nos dois grupos realizados nesta pesquisa não houve a aplicação de testes para definir sua coesão ou a escolha dos participantes e também não fez parte do objetivo realizar uma ação terapêutica.

2.1.1 Grupos em foco: da perspectiva sociométrica para uma possível compreensão das estruturas relacionais

A psicodramatista Maria da Penha Nery (2010) afirma que todo grupo é ambivalente, contraditório e dialético. Para pensar a dinâmica relacional entre os seus membros, é preciso conhecer as especificidades de sua estrutura que colaboram tanto para a interação quanto para o cumprimento de determinadas tarefas. A Sociometria, como área da Teoria Socionômica de Moreno, pode estabelecer fundamentos para o funcionamento grupal, suas redes afetivas e seus níveis de coesão, o que, particularmente, forneceu a base para que tanto a Sociodinâmica quanto a Sociatria pudessem conhecer a sua estrutura e tratar as relações grupais.

O Movimento Sociométrico teve seu início “oficial”, segundo Moreno (1992), de 3 a 5 de abril de 1933, período no qual foram exibidos gráficos sociométricos que se destacaram

nas exposições científicas de uma convenção na Sociedade Médica do Estado de Nova Iorque. Estes gráficos significaram um ponto de cristalização do movimento nos Estados Unidos e, por meio dele, foi possível uma grande divulgação das ideias que Moreno fundou na Europa e de “Quem Sobreviverá?” (Originalmente publicada em 1934) como pedra angular e obra-mestra da sociometria.

Apesar deste início, os anos que antecederam a sua apresentação oficial foram fundamentais para a sua origem conceitual. Conforme exposto por Moreno (1992), o Movimento Sociométrico se dividiu em dois grandes períodos: o Período Axionormativo (1911 a 1923) e o Período Sociométrico, este com três fases: a abertura do Instituto Sociométrico e do Teatro do Psicodrama em 1942; e a propagação da Psicoterapia de grupo, Psicodrama e Sociodrama de 1942 a 1952.

Tanto o marxismo quanto a Psicanálise foram teorias importantes para a formação pré-sociométrica de Moreno. Ao se deparar com o posicionamento contrário destas duas áreas do conhecimento à religião, Moreno (1992) optou pela religião positiva⁴, por acreditar no binômio da espontaneidade-criatividade como força propulsora do progresso humano e a hipótese de uma comunidade dinâmica.

Desta forma, a espontaneidade adquiriu a conceituação de uma resposta adequada a uma situação nova ou uma nova resposta apropriada a uma situação antiga (Moreno, 1992). Sendo colocada no plano do *aqui e agora* – tanto no contexto terapêutico quanto no da pesquisa - a espontaneidade trouxe para o sujeito a possibilidade de buscar alívio para o seu sofrimento, com novas saídas e orientação diante de uma adequação de seus comportamentos com o momento presente.

Assim, na construção da gênese da sociometria, Moreno (1999) apresenta a sua concepção filosófica dos chamados “Universais”, os quais trazem a possibilidade de conceber o Homem também em uma esfera espiritual e cósmica. Os quatro Universais – tempo, o espaço, a realidade e o cosmos – têm como proposta, para Moreno, trabalhar a vida em seus detalhes e nuances (Moreno, 1999). Com base nesta concepção e na importância dada à figura de Deus, Moreno formula hipóteses de proximidade-espacial e proximidade-temporal para organizar o sistema sociométrico nos seguintes aspectos: proximidade (espaço) e a métrica; amor ao próximo; ideia de encontro, espontaneidade e criatividade (Moreno, 1992).

⁴ Moreno argumentou que “a religião fosse experimentada mais uma vez, um novo tipo de religião, com suas inspirações modificadas e suas técnicas melhoradas pelos novos conhecimentos transmitidos pela ciência – de forma alguma excluindo alguns dos conhecimentos que o Marxismo e a Psicanálise trouxeram à luz” (Moreno, 1992, p.22-23). Desta forma, a religião “positiva” proposta por ele, fazia oposição às religiões oficiais do seu tempo.

Dentre estes aspectos, a filosofia do “Aqui e Agora” foi fundamental para o autor pensar a questão do diálogo, a qual se tornou primordial para a técnica da inversão de papéis. O diálogo também pode ter contribuído para que, de 1913 a 1914, Moreno formulasse a ideia da Psicoterapia de Grupo e a propagasse efetivamente enquanto prática a partir de 1932. Esta se estabeleceu, principalmente, em perspectivas importantes como a da Autonomia do Grupo e a da existência de uma Estrutura Grupal, por exemplo.

Desta forma, “Quem Sobreviverá” incluiu uma ampla variedade de realizações para a psicoterapia de grupo e que também contribuíram para pensar a sociometria como, por exemplo: o surgimento da ação no grupo no *aqui e agora* (espaço e tempo); o envolvimento da espontaneidade; a etapa do aquecimento; as atividades; agrupamento e reagrupamento; técnicas de atuação; análise de interação e catarse do grupo (Moreno, 1992).

Apesar da importância da construção da Psicoterapia de Grupo, concomitantemente ao surgimento da sociometria, esta sofreu influência da sociologia e de seus estudiosos como George Herbert Mead (1863-1931) e William Isaac Thomas (1863-1947)⁵ (Moreno, 1992). Assim, Moreno se defronta com alguns temas sociológicos quando desenvolve conceitos como “átomo social” e busca estudar o *status* e os papéis sociais. Para o cientista social e antropólogo Eugenio Garrido Martín (1996), autor do livro *Psicologia do Encontro: J. L. Moreno* – uma das mais profundas e abrangentes obras sobre a teoria moreniana jamais escritas –, buscando uma sistematização fiel dos conceitos e métodos que embasam conjuntamente o psicodrama, afirma que Moreno “enriquece a sociologia com novos métodos de investigação social ao criar o teste sociométrico e realizar estudos experimentais com pequenos grupos e com migrações populacionais” (Martín, 1996, p. 33).

Assim, Moreno adentra neste campo e inclusive destaca, em uma exposição no congresso da Sociedade Americana de Sociologia, em 1946, algumas leis desenvolvidas da mobilidade: “a) a lei sociogenética; b) a lei sociodinâmica; c) o teste das configurações sociais; d) a lei do átomo social; e e) o fenômeno da tele-relação” (Moreno, 1946, citado por Martín, 1996, p.33).

⁵ Mead foi um importante filósofo e psicólogo social, considerado o último dos psicólogos-filósofos americanos. Na obra *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*, publicada postumamente em 1934, o autor pode demonstrar “como o *self* emerge da interação social e como a relação entre indivíduo e sociedade é dialética”(Alves, 2008, p. 23), de maneira que a individualização é o resultado da socialização. O autor traz ainda uma importante contribuição sobre os papéis assumidos pelo indivíduo. Thomas, por sua vez, foi um importante sociólogo de Chicago que definiu a psicologia social como o estudo das atitudes sociais. Na década de 1920, publicou em co-autoria com Znaniecki, o trabalho *O camponês polonês na Europa e na América*, no qual utilizou o conceito de “atitude social” para especificar diferenças entre grupos, “como, por exemplo, os imigrantes e a comunidade nativa” (Alves, 2008, p. 21).

Estas leis demonstram que a percepção de Moreno sobre os grupos e a sociedade poderia situá-lo na posição “utópica”, tal como aponta Martín (1996) quando especula o que Karl Marx pensaria a esse respeito. Certamente, o autor pensa numa tendência a uma sociedade pacífica, em que todos encontrem o seu lugar. Quando introduziu seus fundamentos para a sociometria, Moreno afirmou que as ciências sociais seguiram três tendências em sua época: a sociologia, o socialismo científico e a própria sociometria. Tratava-se de três correntes que correspondiam a regiões geográficas e ambientes culturais bastante diferentes:

A sociologia, se desenvolveu na França, o socialismo na Alemanha e na Rússia; e a sociometria nos Estados Unidos. Cada uma dessas três disciplinas assim pode ser sumariamente caracterizada: a sociologia, em sua origem, se propunha, antes de tudo, a construir um quadro bem delimitado, capaz de abarcar o conjunto das ciências sociais; a doutrina socialista tratava principalmente de preparar e suscitar a revolução proletária; o fim essencial da sociometria consistia em definir e medir o homem como ser social: o “*socius*” (Moreno *citado por* Martín, 1996, p.35).

Sem entrar nos pormenores de cada tendência e suas ênfases, é interessante notar o lugar que Moreno atribuía ao próprio movimento sociométrico e de que forma os Estados Unidos, como polo de sua “sociologia”, recepcionou seus estudos. É necessário, antes disso, acrescentar que Moreno acreditava na possível união entre as disciplinas do socialismo e a sociologia por meio da sociometria, pois esta última possuía, ao mesmo tempo, a tendência de construir “sistemas sociais cuidadosamente elaborados” (Moreno, 1975, *citado por* Martín, 1996, p.36) tal qual a sociologia; e também compartilhava, com o socialismo revolucionário, a concepção “de uma ação social planificada” (p. 36), porém com a diferença de que esta ação deveria ser controlada pelo método experimental.

Apesar desta leitura moreniana sobre o lugar da sociometria, Martín defende – e tendemos a concordar com ele – que a preocupação sociológica de Moreno se origina na tendência à socialização. O que não o caracteriza como um sociólogo, mas como um autor que, a partir da ação, desenvolve as suas próprias teorias e técnicas terapêuticas. Não é à toa que seu pensamento se centra na espontaneidade criadora colocada em ação e, ao mesmo tempo, despreza as conservas culturais e sociais (Martín, 1996).

Conforme já mencionamos na seção sobre o método, temos em Moreno uma visão sobre as conservas culturais como um produto acabado em oposição à espontaneidade. Porém, ambos os conceitos são interligados, ou seja, um é função da outra. Nos momentos em que Moreno tenta definir o que seriam as conservas culturais propriamente, ele utiliza as palavras de Webster, e mostra que “conservar” significa manter, preservar (Martín, 1996).

Desta maneira, a conserva cultural, nesta relação com a espontaneidade, seria “a matriz (...) em que uma ideia criadora é guardada para sua preservação e repetição. Duas formas de conserva cultural têm sido mencionadas em meus escritos: a conserva tecnológica, como livros, filmes, robôs; e a conserva humana, aquela que utiliza o organismo humano como veículo” (Moreno, 1975, *citado por*, Cukier, 2002, p. 57). Esta definição nos leva a inferir que a visão de Moreno sobre a cultura se dimensiona neste ponto.

As experiências norte-americanas de Moreno fundamentaram a sociometria e foram reconhecidas pelo próprio autor como influência decisiva em sua elaboração. É relevante para esta dissertação ressaltar os motivos para isso. Primeiramente, Moreno (Martín, 1996) destaca o fato de o norte-americano, diferentemente do que ocorre em outras culturas, ter um apreço pelos estudos de estimativas e *status*. Um segundo ponto diz respeito ao período histórico da América do Norte. As duas grandes guerras mundiais (1914-1918; 1939-1945) e o movimento de imigração para os Estados Unidos naqueles períodos trouxeram diferentes grupos étnicos para o país, o que gerou uma estrutura social bastante dividida.

Por fim, e em decorrência disso, esta nação precisava encontrar uma “unidade total e apoiava qualquer tentativa neste sentido” (Moreno *citado por* Martín, 1996, p.37). Como um dos objetivos da sociometria era a unificação, a sua rápida inserção nos Estados Unidos correspondeu à necessidade de integrar estes grupos para uma “cultura nacional comum” (p. 37). Por conta de aspectos como este, é importante salientar que, diferentemente de outros autores, Moreno desenvolve a sua teoria a partir dos dados objetivos e de suas experiências ao longo da vida. Ou seja, a sua teoria surge do contato com a realidade social (Martín, 1996).

Tendo em vista este contexto histórico, é interessante questionar: que tipo de impacto esta concepção de unicidade para a nação poderia conter para as perspectivas interculturais? Ou ainda: que lugar a cultura ocuparia na sociometria e em outras áreas metodológicas propostas por Moreno? As teorias de Moreno advêm da realidade social, mas todos os seus aspectos são considerados?

Precisamos nos indagar ainda sobre a qual tipo de psicologia social Moreno se reporta com a sua abordagem sociométrica das relações grupais. Sabemos que a psicologia social norte-americana, entre as décadas de 1910 e 1940 (Alves, 2008), configurou-se a partir tanto de uma perspectiva positivista sobre a sociedade quanto de uma ação pragmática, que buscava aplicar a ciência às exigências cotidianas e buscar soluções para os problemas da vida moderna (Alves, 2008).

A obra de Moreno como um todo, apresenta uma trajetória composta por quatro fases: a primeira pode ser entendida como religiosa e filosófica, cuja ênfase maior está nas filosofias

da existência; a segunda traz a preocupação com o teatro e a mudança da tradição para o improviso; o terceiro momento – o qual circunscreve a obra *Quem sobreviverá?* – é chamado de sociológico e grupal, abrangendo esta fase de Moreno dos Estados Unidos com seu estudo das dinâmicas grupais; e por fim, o quarto e último momento é o da organização e consolidação de sua teoria, caracterizado pelo “retorno ao teatro terapêutico” e apresentando como tema predominante “a articulação e estruturação de suas ideias como método de psicoterapia” (Gonçalves, Wolff e Almeida, 1988, citados por Alves, 2008).

O terceiro momento – foco desta dissertação – que caracteriza o nascimento e sustentação da sociometria, e é explicitado em *Quem sobreviverá?*, apresenta como uma necessidade o conhecimento sobre os grupos e é bastante influenciado pelo pensamento racional, pragmático e institucional dominante (Alves, 2008). Vemos em Moreno a procura por soluções perante as contradições, por meio das experimentações com os grupos, o que o circunscreve neste contexto.

Entretanto, como salienta Alves (2008), este conhecimento obtido por Moreno e que objetivou sua procura pela transformação social, não deve se limitar ao nível da abordagem da psicologia social norte-americana. Observamos que a sociometria participa deste contexto histórico e concordamos com este autor, quando ele afirma que “é pertinente explorar a possibilidade de desenvolver uma teoria sociométrica a partir de uma psicologia social crítica” (Alves, 2008, p. 95), o que forneceria uma ruptura com uma racionalidade mais individualista.

Desta forma, todas as problematizações apresentadas são relevantes e precisam ser reconhecidas para pensar experiências com grupos interculturais, como no caso desta pesquisa. Porém, antes disso, e partindo do contexto histórico de seu surgimento, sumariamente delineado acima, faz-se fundamental conhecer a sociometria em sua proposta de ação.

2.1.2 A sociometria enquanto fundamentação e leitura das estruturas grupais: algumas considerações

Na seção anterior, vimos como a sociometria, no período desenvolvido por Moreno, possibilitou um incremento do estudo sobre os grupos a partir da sua própria realidade dinâmica e relacional, sem deixar de lado a esfera individual, mas buscando compreendê-la na própria interação entre grupos e indivíduos.

Apesar disso, na obra moreniana, não se encontra uma teoria a respeito da natureza social do homem (Martín, 1996), mesmo o autor considerando o social como constituinte da própria personalidade. Na ausência de uma formulação direta sobre isso, temos, por outro lado, colocações sobre a dimensão social e os grupos bastante enriquecidas por meio das intervenções de Moreno com testes sociométricos, observações e entrevistas. Desta forma, boa parte do arcabouço teórico-metodológico estabelecido pelo autor surge dos próprios grupos por ele estudados.

A sociometria, portanto, enquanto metodologia e, por que não, teoria, surge deste campo empírico e vai contribuir com conceitos fundamentais para as estruturas grupais. Um deles, o já mencionado (porém não conceituado até o momento) “átomo social”, nasce da aplicação do teste sociométrico, o qual, por sua vez, enfatiza os processos de interação em seus aspectos individuais:

(...) a partir de um critério proposto, cada membro desses grupos dá as suas relações com os demais membros. Estas respostas são submetidas a uma análise científica, através de matriz sociométrica e do sociograma, chegando a uma dissecação total do grupo e de sua composição. Se, dessa matriz sociométrica, tomarmos as relações afetivas de um só indivíduo e estudarmos qual é a sua situação no grupo, estaremos chegando à noção moreniana de *átomo social* (Martín, 1996, p. 166).

Assim, o átomo social se caracteriza como o núcleo de todos os indivíduos com os quais uma pessoa se relaciona de forma sentimental ou que estão vinculados a ela (Martín, 1996). Ele é passível de ser conhecido, por meio do teste sociométrico, pois este mede graficamente as relações dentro de um grupo, a partir das escolhas dos membros, permitindo mapeá-las sob um enfoque específico e conhecendo ainda a natureza dos vínculos que caracterizam a dinâmica grupal daquele momento.

O átomo social, por consequência, não apresenta um caráter estático. Ele é mutável e possibilita observar a expansividade do indivíduo. Ou seja, quanto maior for o número de pessoas com as quais um indivíduo se relaciona, maior será sua expansividade social (Martín, 1996). Esta ideia também se alia às concepções de equilíbrio e dinamicidade. O equilíbrio seria a terceira qualidade do átomo para Moreno, referindo-se à noção de que “as eleições e rejeições que um indivíduo faz e recebe quase sempre tendem a ser semelhantes e os estados afetivos que ele experimenta se equilibram através daqueles de que é objeto por parte de seus companheiros” (Martín, 1996, p. 168). A dinamicidade, por sua vez, situa-se “entre as constantes variações que sofrem os grupos e as sociedades” (Martín, 1996, p. 168).

Desta maneira, o átomo social para Moreno, torna-se uma importante referência para compreender a mobilidade de um grupo, suas escolhas e estados afetivos. Além da própria leitura que o indivíduo realiza das eleições e rejeições, a partir de um critério determinado.

Assim, afirma Martín (1996), é possível caminhar do indivíduo ao coletivo, focando-se sobre o primeiro e tendo uma espécie de “átomo psicológico”; ou ainda, partindo do caminho inverso, das eleições do grupo como centro do seu estudo, o que se poderia denominar um “átomo coletivo”. Moreno diferencia ainda o átomo *sociométrico* do átomo *cultural*: aquele sendo resultado do teste sociométrico em grupos e este último se referindo à posição sociocultural que uma pessoa ocupa, isto é, seu *status* e papel desempenhado (Martín, 1996).

Sobre estes aspectos relacionados ao átomo social, o que é importante ressaltar e que aponta para a distinção da leitura sociométrica, é que a noção de átomo social permite articular tanto o indivíduo quanto a relação (Martín, 1996). Este aspecto, imerso no estudo dos grupos, mostra que a intenção de Moreno era dupla: uma intenção sociológica e uma preocupação terapêutica⁶.

Apesar de não ter pretendido realizar uma teoria geral dos grupos, Moreno afirmava que os grupos humanos consistiam em uma rede complexa de átomos sociais (Martín, 1996, p. 172). Assim, com a sua intenção sociológica, Moreno se deparou “com o estudo do surgimento dos grupos, das relações indivíduo-grupo e grupo-indivíduo, de suas características, suas divisões, das leis de interação, porém sem perder de vista nem o indivíduo nem o grupo” (Martín, 1996, p. 172).

Por outro lado, suas experiências com crianças, prostitutas e ainda seus estudos e trabalhos nos Estados Unidos, demonstraram que sua intenção primordial era de fato voltada para a terapêutica das relações (Martín, 1996). Concordamos com Martín, quando este aponta que a pretensão de Moreno era fazer uma terapia de grupos e devido a isso, desenvolveu o teste sociométrico. Este, por sua vez, possibilitou o estudo⁷ dos grupos enfermos, os quais trouxeram “resultados psicossociológicos” (Martín, 1996, p. 173) que contribuíram para a realização de deduções sobre as características gerais dos grupos.

⁶ Considerando a especificidade desta pesquisa, iremos nos ater apenas à intenção sociológica de Moreno. Quanto à preocupação terapêutica, esta será apenas mencionada em decorrência da primeira. Para um maior detalhamento, consultar Martín (1996).

⁷ Moreno, em sua obra, não se dedicou a uma sistematização sobre a origem dos grupos. Por conta disso, Martín (1996) organiza as afirmações que Moreno realizou ao longo dos trabalhos desenvolvidos empiricamente sobre a temática dos grupos na sociometria, seus argumentos e resultados.

Assim, na análise conjunta do indivíduo e do grupo, este último passa a ser concebido como uma interação de indivíduos. Não é o grupo quem adoece, mas a relação ou a coerência entre os seus membros (Martín, 1996, p. 174). Com esta dinâmica relacional, é a organização social que estrutura psicologicamente o grupo. Pelas experiências conduzidas, Moreno conclui que o grupo possui uma dupla dimensão, horizontal e vertical:

A horizontalidade afeta aos contatos entre membros iguais de um grupo, à trama ordinária de inter-relações. *A verticalidade* sem dúvida, afeta a estrutura e distribuição dos papéis. Quer dizer que todo o grupo tende a fomentar uma relação amistosa de constante igualdade entre seus membros e, além disso – sobretudo se o grupo permanece por algum tempo –, tende por si mesmo a organizar-se e distribuir postos, designando para cada membro uma tarefa. Nesta organização vertical surgem líderes e subordinados (Martín, 1996, p. 175).

Estes dois aspectos dos períodos que marcam o grupo também se estendem à relação entre grupos. O modo de organização vertical, para Moreno, explica as relações complexas que ocorrem numa sociedade evoluída (Martín, 1996). Deste modo, primeiro ocorre a horizontalização para, em seguida, alcançar um momento de verticalização. Este primeiro período caracteriza o predomínio da indiferenciação entre os membros do grupo, conforme Nery (2010)⁸. Todos os sujeitos são “iguais”, no sentido de que estão em identidade e desenvolvem uma relação em corredor⁹ com o líder ou ainda, com o coordenador daquele grupo.

Existe, portanto, um clima de tensão e reações de ansiedade dos participantes sobre o início do encontro. Neste momento, a tarefa primordial de um coordenador de grupos é o acolher este clima grupal e fornecer continência para a exposição das pessoas, colaborando ainda para que estas possam se sentir tranquilas e seguras (Nery, 2010).

A verticalização se subdivide em dois momentos: o da diferenciação horizontal e o da diferenciação vertical. Aquele ocorre quando os indivíduos começam a se distinguir e assumir papéis para o funcionamento grupal, com base nos seus objetivos (Nery, 2010). Eles começam a interagir, mas permanecem dependentes do olhar do coordenador.

Já a “diferenciação vertical”, último momento interacional apresentado por Moreno (Nery, 2010), estabelece uma expansividade afetiva e os jogos de poder se refletem em novas

⁸ Esta autora, diferentemente de Moreno, adota o termo “momento interacional” como substituição ao termo “fase”. Assim, ela caracteriza os momentos do grupo como “períodos breves ou longos que possuem uma sociodinâmica prevalecente, mas carregada de contradições” (Nery, 2010, p.23).

⁹ As relações em corredor se referem àquelas em que o Eu e o Tu fazem parte de relacionamentos exclusivistas e possessivos. Pensando na Matriz de Identidade, há uma identificação com o Tu, mas o Eu sente que o Tu existe só para ele (Fonseca Filho, 2008).

composições grupais, como, por exemplo, na formação de subgrupos, membros isolados e estrelas sociométricas. Trata-se aqui de um período de ação e relações mútuas: “os diversos papéis sociais e latentes começam a ser complementados e são experimentadas novas possibilidades de se perceber, de enfrentar a realidade e de agir” (Nery, 2010, p.24).

Uma outra característica que Moreno observou foi a homogeneidade *versus* a heterogeneidade nos grupos (Martín, 1996). Com seus estudos empíricos, o autor descobriu que os grupos tendem a se compor de membros com as mesmas características e a rejeitar grupos heterogêneos. Este fenômeno ocorre, pois, “a homogeneidade dá maior segurança aos indivíduos de um grupo, favorecendo também a expansividade afetiva e a autoafirmação dos membros que o integram” (Martín, 1996, p. 176).

Moreno ainda assinala outros aspectos dos grupos como a sua tendência ao conservadorismo, isto é, passado um tempo de convivência, o grupo se organiza numa direção vertical, construindo valores, delegando normas e atribuições. Com isso, ele pode se opor a iniciativas de mudança, conforme os testes sociométricos demonstravam. Além disso, Moreno classifica os grupos pela sua estrutura formal, sociométrica ou social.

Os grupos formais são “os agrupamentos visíveis e respaldados pela lei (família, escola, fábrica)” (Martín, 1996, p. 177); os sociométricos advêm das relações afetivas de atração, rejeição ou indiferença, entre os seus componentes; e os grupos sociais sintetizam a estrutura do grupo formal e do sociométrico. Apesar de realizar esta classificação, Moreno não defende uma nítida diferença entre as organizações sociais e sociométricas do grupo ou da sociedade.

Há, ainda, a classificação quanto à organização dos grupos em *introvertidos* e *extrovertidos*. O primeiro termo denomina aquele grupo em que a maioria dos seus membros está satisfeita com sua vida em comum. Já o segundo, ao contrário, mostra a vontade dos membros em viver uma vida fora do grupo (Martín, 1996). E, por fim, Moreno apresenta uma divisão dos grupos, quanto ao tratamento psicoterapêutico, em naturais ou sintéticos. Os naturais são aqueles que se formaram anteriormente à terapia; e os sintéticos se formam exclusivamente para ela.

No que se refere à evolução dos grupos, Moreno desenvolveu algumas leis a partir de um estudo longitudinal dos diferentes estágios de agrupamento dos seres humanos (Martín, 1996). A sua concepção sobre evolução social com os testes e entrevistas aplicados, e os seus resultados obtidos levaram em conta quatro características:

(...) *organização geral dos grupos*, na qual procurar analisar como vão-se formando os pares, as cadeias e as redes de comunicação; *organização interna* própria e independente dos maiores; ao mesmo tempo estuda as relações intersexuais, inter-raciais e, finalmente, as *internacionais*, isto é, as escolhas ou rejeições entre sujeitos de diferentes nacionalidades (Martín, 1996, p. 180).

A primeira lei estabelecida foi a *Sociogenética*, a qual concebe que as estruturas mais complexas dos grupos surgem a partir das mais simples. Uma conclusão que, de maneira pretenciosa, Moreno leva também para a “evolução” de toda humanidade com suas formas de associação (Martín, 1996). Ao traçar este paralelismo, Moreno adentra num campo sem realizar nenhum estudo comparativo com os da Antropologia, o que, no ponto de vista de Martín, poderia constituir uma prova suficientemente válida do acerto de suas proposições. Desta forma, concordamos com Martín quando este aponta que os argumentos de Moreno a respeito desta lei são meras suposições, o que de certa maneira contradiz o que o próprio Moreno afirmava da sua busca pelas teorias a partir da observação social.

A segunda questão que surge do estudo dos grupos diz respeito à interação grupo-indivíduo, indivíduo-grupo. Moreno, na observação da socialização das crianças, argumenta que na interação indivíduo-grupo, este último exerce mais influência sobre a personalidade dos seus membros do que os adultos. Além de incidir também na conduta e no caráter dos indivíduos. Ao mesmo tempo, cada participante que chega ao grupo e permanece por um período, “deixa a sua marca” (Martín, 1996, p. 186). Isso mostra que o grupo não age como máquina e cada participante possui uma posição importante na sua dinâmica.

Por fim, Moreno apresenta a lei *Sociodinâmica*, a qual afirma haver um interjogo entre o indivíduo e o grupo, uma espécie de dinâmica interna que se harmoniza com os papéis desempenhados por determinados indivíduos. Moreno chega a argumentar que, no primeiro momento do grupo, “a primeira acolhida, a primeira impressão transmitida pelas redes de comunicação social, determinam o destino social da pessoa” (Martín, 1996, p. 187).

Depois de um tempo de relação grupal, as estruturas passam a ser movidas pelo fator *Tele*¹⁰ e se dimensionam em redes sociométricas com funções e papéis fixos. Nos grupos, a distribuição do afeto é desigual: os indivíduos isolados e aqueles que são pouco considerados na sociometria do grupo, tendem a permanecer desta maneira. E aqueles privilegiados nos sociogramas tendem a se manter assim. Com esta dinâmica interna, o autor ainda estudou

¹⁰ O fator *Tele* é concebido por Moreno como ligação elementar que pode existir entre os indivíduos (Moreno, 1999) e é considerado fundamental para a coesão de um grupo. Iremos apresentá-lo com mais aprofundamento na discussão de Fonseca Filho (2008) sobre o desenvolvimento dos grupos.

estes indivíduos “rejeitados” pelo próprio grupo e aqueles que desempenham um papel fundamental (líderes).

Resumidamente, ao isolamento do primeiro, Moreno atribuiu fatores que se relacionam ao ambiente familiar, ou ao indivíduo ter um nível social diferente ao grupo ao qual pertence, dentre outros pontos. No caso dos líderes, afirmou que eles surgem quando o grupo está num estágio superior de evolução (processo). E, para a sua constituição, os líderes são tão essenciais quanto ter um objetivo comum: “o líder deve pertencer ao mesmo nível sociogenético dos membros do grupo. Hoje se diz que é necessário que o líder seja ‘um de nós’” (Martín, 1996, p. 189).

As qualidades do líder surgem de acordo com as necessidades que o grupo se propôs e do período de evolução. Porém, não devemos igualar o conceito de liderança com a popularidade de um participante ou um maior número de eleições na sociometria. Esta nos mostra que o líder:

(...) é o que domina maior número de redes de comunicação, e às vezes, até indiretamente. É o caso de um grupo em que as eleições recaem, aparentemente, em três pessoas e estas elegem, em primeiro lugar, uma outra; com apenas três eleições, esta outra pessoa é o líder do grupo. Traçando-se o sociograma e seguindo as redes de comunicação, chega ao líder (Martín, 1996, p. 190).

Quanto ao período de evolução do grupo, se este está passando de uma estrutura inferior para uma superior, um novo participante será bem aceito e pode se integrar com facilidade (Martín, 1996). Porém, se o grupo estiver no movimento contrário, Moreno enfatiza que pode não haver a inclusão do participante no mesmo. O “efeito sociodinâmico” do funcionamento grupal (Moreno, 1999) ocorre em todas as classes econômicas e grupos culturais.

Assim, ao estudar a quantidade de indivíduos eleitos e rejeitados por meio da aplicação do teste sociométrico, Moreno pode deduzir dois pontos que pertencem à lei sociodinâmica:

1) Que o número de eleições emocionais está desigualmente dividido entre os membros do grupo. Poucos recebem muitas eleições, e muitos são poucos eleitos; o número dos isolados é superior ao das “estrelas”; 2) que a distribuição das eleições não varia embora aumente a possibilidade de eleger. Esta lei é universal e se cumpre em toda relação inter-humana (Martín, 1996, p. 190).

A terceira contribuição que Moreno considera, implicitamente enunciada a partir das duas primeiras, é a *lei da gravitação social*, a qual apresenta, dentre outros fatores, que ao pertencer a um grupo em que as forças de repulsão superam imensamente as de atração, o indivíduo se percebe impedido de realizar as suas aspirações.

A dedução destas leis sobre o funcionamento, organização e estrutura grupal permitiu fundamentar a prática psicodramática não só como intervenção social, mas também no âmbito terapêutico, tal como a intenção de Moreno. Entretanto, convém destacar que a apropriação e as conclusões de Moreno sobre os dados que ele examinou exaltam a sua proposta de generalizar suas descobertas originadas de realidades particulares para a compreensão da própria constituição da sociedade. Não é à toa que se utiliza do termo “evolução” para observar o processo grupal. Este é um caminho que pode reduzir as variáveis sociais e culturais à interação indivíduo-grupo. E ainda, na busca por uma teoria universal, correr o risco de tecer analogias entre contextos que dialogam entre si, mas não se determinam.

Existem leituras contemporâneas no psicodrama, tal como apresentaremos para a Teoria do Papeis, que buscam estudar os grupos sem trabalhar com a ideia de uma linearidade no desenvolvimento grupal. Citamos Nery (2010), anteriormente, pela preocupação que esta autora traz em compreender o grupo na sua contradição, ambivalência e movimentação constantes. Tendo esta dinâmica em vista, torna-se difícil sustentar uma visão de grupo por etapas e estágios.

A perspectiva do psicodramatista José Fonseca Filho (2008) para os grupos apresenta coerência com a sua descrição sobre o desenvolvimento do indivíduo¹¹. No entanto, o autor aponta que o grupo não é igual a uma criança, a qual precisa de muitos anos para se tornar adulta. As fases grupais se sobrepõem com mais rapidez e não são muito claras. Apesar disso, Fonseca Filho (2008) acredita que algumas são detectáveis. Diferentemente de Moreno, observa quatro fases básicas para o grupo: a indiferenciação, o reconhecimento grupal, a triangulação e a circularização-inversão.

Observa, primeiramente, um grupo indiferenciado, uma etapa na qual as pessoas ainda não se conhecem e apresentam ansiedade quanto ao futuro daquele grupo. Esta etapa vai se mesclando gradativamente com a “fase de reconhecimento grupal”, na qual o reconhecimento de si e do outro vai se estabelecendo. A “pré-inversão de papéis ou tomar (desempenhar) o papel do outro” mostra o treinamento de futuros papéis grupais que irão representar um alto desenvolvimento télico do grupo (Fonseca Filho, 2008, p. 172).

¹¹ Esta última será detalhada em diálogo com a Teoria de Papeis na próxima seção.

Estas relações, na etapa da “triangulação”, vão se configurar em amizades, competições e identificações entre os membros, e podem ocorrer conflitos. Na última etapa, em que ocorre a “circularização”, há a possibilidade de inverter papéis que dissolvem os triângulos, o que abre a perspectiva para o círculo télico grupal. Apesar da atribuição de fases, Fonseca Filho (2008) apresenta que o grupo oscila em um ir-e-vir constante, com movimentos de frustração e gratificação. Quando entram elementos novos, o grupo pode vir a retomar fases anteriores.

É importante refletir neste ponto sobre o círculo télico grupal que Fonseca menciona. Na interpretação de Martín, o fator *Tele* seria o segundo¹² grande eixo da teoria moreniana. Um conceito que foi desenvolvido a partir do duplo caminho da experiência de vida de Moreno e o seu trabalho com os grupos. Muitas vezes, na construção desta definição, o fator *Tele* foi visto como causa para o encontro. Em outras, Moreno o aproximou do Teatro da Espontaneidade¹³, quando observou que existia entre os atores correntes de simpatia ou rejeição que influenciavam a ação conjunta.

Desta forma, Moreno buscou uma hipótese que pudesse explicar a relação positiva ou negativa entre os protagonistas do teatro da espontaneidade. Por outro lado, na experiência direta do seu trabalho terapêutico e sociométrico, Moreno percebeu que o *tele* era um fator indispensável para “compreender a sociometria e, reciprocamente, a experiência terapêutica é decisiva e multiforme para determinar e explicar o conceito do fator tele” (Martín, 1996, p. 196).

Etimologicamente, este termo vem do vocabulário grego e significa “longe” ou “à distância” (Martín, 1996, p. 196). Com a definição de Moreno, o *tele* passa a ser visto como “a percepção interna e mútua dos indivíduos, é o cimento que mantém os grupos unidos” (Moreno, 1972, citado por Martín, 1996, p. 196). Desta forma, o *tele* é uma estrutura primária e estimula relações permanentes e associações estáveis.

Moreno buscou diferenciar este termo da “transferência”, entendendo esta, por sua vez, como uma estrutura secundária, a qual se refere ao passado, sendo válida somente na dimensão psicopatológica. Além disso, é um conceito subjetivo, “causador”¹⁴ de

¹² Para Martín (1996), o primeiro eixo seria o da espontaneidade-criatividade que apresentaremos na seção da Teoria de Papeis.

¹³ O teatro da espontaneidade foi desenvolvido por Moreno na década de 1920. Propondo uma crítica e ruptura com o teatro tradicional, ele se constituiu como “veículo organizado para a apresentação do drama no momento. O dramaturgo está no papel-chave. Ele não é apenas um escritor (...), mas sim, um agente ativo, confrontando os atores com uma ideia que possa ter estado em desenvolvimento em sua mente já há algum tempo, aquecendo-os para a produção imediata” (Cukier, 2002, p. 290).

¹⁴ Não entraremos nos pormenores da diferença do conceito de “transferência” para Moreno e Freud. Apenas mencionamos que, para o primeiro, “a transferência psicanalítica é considerada com um desvio patológico do

enfermidades e que aparece posteriormente na vida das pessoas. Nos grupos, a transferência é um fator desintegrante e deve desaparecer (Martín, 1996).

Já o fator *Tele* tem origem no aqui e agora, no encontro de duas pessoas, sendo portanto um sentimento de mão dupla. Moreno (1999) o concebia como um conceito objetivo e quantificável por meio dos dados sociométricos, além de um elemento são e terapêutico. Como fenômeno primário, atua quase que no início do próprio nascimento, sendo um fator de nexos, união. E, no contexto grupal, sua presença deve ser persistente (Martín, 1996).

Diante deste quadro estabelecido para compreender fundamentalmente o estudo de Moreno sobre grupos e seus conceitos decorrentes, é importante circunscrever a sua obra dentro do seu período histórico e perceber o próprio alcance da sua teoria. Longe da intenção de desenvolver aqui uma análise aprofundada desta teoria, estes pontos que salientamos acima servem para fundamentar nosso argumento de que as limitações da teoria e da prática psicodramática são reconhecidas nesta pesquisa, bem como as suas possibilidades para o entendimento dos fenômenos sociais e psicológicos.

Uma das maiores possibilidades que se concretizaram a partir da Sociometria foi a própria *Teoria de Papeis*, a qual, especificamente, forneceu um entendimento para os elementos sociais, culturais e individuais presentes nas relações interpessoais por meio do conceito de *papel*. Não pretendemos abordar os outros sentidos dados a este conceito por autores como Talcott Parsons e George H. Mead, embora reconheçamos as valiosas contribuições destes para esta noção. O que interessa para a pesquisa são as implicações do conceito de papel diretamente no psicodrama. Contudo, é importante mencionar que Mead é reconhecido por Moreno com um autor que trabalhou com o papel. O que os diferencia, segundo Moreno (1966, citado por Martín, 1996), é que enquanto Mead estudou este conceito com o método da observação, Moreno o fez pela experimentação.

Moreno pode observar o “papel”, tanto nas redes sociométricas estudadas, quanto no estabelecimento do Teatro da Espontaneidade. Sua ligação com a espontaneidade e a criatividade, além de uma perspectiva relacional para o desenvolvimento humano, fez deste conceito um importante legado de ação e reflexão dentro da teoria e prática psicodramáticas. Nesta dissertação, portanto, seguindo o caminho de Moreno da experiência à teoria, é pela contextualização histórica e dos conceitos e leis que surgiram com a Sociometria, que apresentaremos a seguir a Teoria de Papeis.

tele. Essas transferências são expressão de dissociação e de perturbações do equilíbrio do grupo” (Cukier, 2002, p. 342).

2.1.3 Da fundamentação sociométrica para a circunscrição do conceito de papel: implicações para a relação indivíduo-grupo

Para Moreno (Moreno, 1975/2007), o papel é a primeira unidade ordenadora e estruturante do sujeito. Por compor elementos particulares do indivíduo e informações coletivas da sociedade, “o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (Moreno, 1975/2007, p. 27). Moreno classificou os papéis em três tipos básicos: os papéis psicossomáticos, sociais e psicodramáticos.

Os papéis psicossomáticos, em termos evolutivos, surgem primeiro e expressam a dimensão fisiológica (Moreno, 1975/2007); os papéis sociais e os psicodramáticos se desenvolvem mais tarde e se diferenciam na ruptura entre a fantasia e a realidade. Desta forma, os papéis sociais fazem parte da dimensão das relações sociais presentes em uma determinada cultura (ex. papel de mãe, filho, professor, etc.) e os psicodramáticos constituem a expressão da dimensão psicológica do eu (personificações de coisas imaginadas, tanto reais quanto irreais), conforme Moreno apresenta em seu Diagrama de Papeis (1975/2007, p.129).

Esta classificação de Moreno não cristaliza estas categorias e nem as toma como prontas. Os papéis, como unidades da cultura, operacionalizam o “eu”, “fornecendo-lhe plasticidade e estética em adequação ao papel complementar do outro, ao contexto e ao momento” (Nery, 2010, p.20). Em relação aos papéis sociais e os psicodramáticos, os quais interessam à pesquisa, é importante destacar que os primeiros respondem a generalizações de acordo com determinantes culturais e os segundos envolvem um grau de especificidade elevado.

Esta categoria de papéis é produzida pela união das generalizações determinadas pela sociedade e o desempenho espontâneo (Moreno, 1975/2007), e será mais abordada adiante. Mesmo os papéis sociais tendo uma forte influência cultural e coletiva, para Moreno eles são passíveis de reflexão e transformação por meio da ação dramática.

Desta maneira, a Teoria de Papeis mostra que a relação eu-outro está no centro de uma dinâmica em que, a cada papel desempenhado, existe o seu *contrapapel* ou papel complementar, como, por exemplo, o papel de filho e de mãe. Moreno (1975, citado por Bustos, 2006), ao descrever esta e outras relações, também se preocupou com os vínculos que se constroem a partir delas. Os vínculos são unidades de interação, diferentemente dos papéis, que se constituem como os polos individuais desta interação (Bustos, 2006). Este primeiro

vínculo (filho-mãe), especificamente, vai marcar a maneira pela qual mais adiante esta pessoa poderá agir em situações em que precise depender dos outros, por exemplo.

Desta forma, na relação entre papel e papel complementar, existem dois tipos¹⁵ de vínculos possíveis: os simétricos, indicando complementaridade de igual responsabilidade; e os assimétricos, caracterizados pelos papéis polares. No primeiro caso, estão os vínculos dos casais, amigos, irmãos ou companheiros. Já, no segundo, estão os de pai-filho, professor-aluno, dentre outros. Bustos afirma que “para que haja complementaridade deve-se ter consciência do vínculo da existência de uma ponte que une, mas que também diferencia, separa” (Bustos, 2006, p. 102).

A Teoria de Papeis de Moreno e seus conceitos têm sido bastante discutidos e revisitados por autores psicodramatistas nas últimas décadas, como Martín (1996)¹⁶, Naffah Neto (1979), Bustos (2006), Fonseca Filho (2010; 2008), Perazzo (2010), dentre outros. A discussão de cada um destes autores apresenta concepções mais abrangentes e atualizadas a respeito dos papéis, sua relação com as fases do desenvolvimento humano e ainda a interface com outras áreas do conhecimento a fim de responder a certas imprecisões desta teoria.

Para discutir, dentre outros temas, a Teoria de Papeis, Martín traça a gênese desta noção, compreendendo o papel como o terceiro grande conceito moreniano. Ressalta que o “papel” adquiriu conotações sociológicas, antropológicas e psicológicas. Indiscutivelmente, sua origem no teatro se soma, em Moreno, à acepção da posição que o indivíduo assume dentro de uma sociedade específica. Na delimitação progressiva deste conceito, fica evidente, como já apresentado anteriormente, que o homem não pode viver só e, diante dos demais, precisa se adaptar a normas de convivência. Por conta disso é que, na adoção do papel, ele irá expressar uma conduta (Martín, 1996).

Assim, na sua delimitação, o papel tem como primeira característica “seu duplo e inseparável aspecto *cognitivo* e *ativo* ou sua perceptibilidade e representatividade” (Martín, 1996, p. 220). Desta forma, os papéis sociais, por exemplo, recebem a sua força a partir dos papéis familiares, ou seja, dos primeiros papéis que a criança viveu e foi introjetando. Por seu caráter relacional e social, ele possui uma função importante na comunicação entre as pessoas.

Estes aspectos revisitados por Martín, e já abordados na própria explanação dada por Moreno no início deste capítulo, colaboram para um detalhamento de nuances que numa leitura geral sobre a teoria, ficariam desconhecidas. Uma delas diz respeito à máxima moreniana sobre o papel anteceder o “eu”. Longe de se comprometer com o ponto de vista

¹⁵ Há outras categorizações feitas sobre os vínculos em Aguiar (1990) e Nery (2010; 2003).

¹⁶ Ressaltamos que a data da publicação original desta obra foi 1978.

filosófico do que é o “eu”, Moreno aborda um eu psicológico: “fala do eu que *experimentamos*, fala da consciência que temos de nós mesmos” (Martín, 1996, p. 213). Só se adquire esta consciência por meio dos papeis, pois se o homem não atuasse, jamais poderia ter consciência de si mesmo. Contudo, é importante elucidar, a partir da referência de Martín, que Moreno não afirmava que o papel constituía o eu ou a pessoa.

Sobre a questão de o papel ser uma manifestação da cultura, a interação desta com a perspectiva individual fez com que Moreno o concebesse como menor unidade do que chamamos de cultura. A apropriação de determinados papeis, neste contexto, depende da identificação e da tomada de consciência pelo indivíduo. Nesta adoção dos papeis, que implica o processo de socialização, a cultura vai sendo introjetada, num primeiro momento enquanto unidade com o indivíduo, até progressivamente se diferenciar.

Martín (1996) apresenta também que, no processo evolutivo para Moreno, os estágios de desempenho dos papeis – psicossomáticos, sociais e psicodramáticos – podem sofrer fixações ou regressões. A cada um deles, Moreno vai desenvolver técnicas que auxiliam nas mudanças destes estados em terapia.

Com esta primeira diferenciação dada por Moreno aos tipos de papeis, foi possível também classificá-los quanto a sua origem em papeis coletivos e individuais. Os primeiros se referindo à identificação que provocam nas pessoas na categoria social; e os individuais são os aceitos pessoalmente. Sem entrar nos pormenores de cada um destes aspectos identificados por Moreno nos seus estudos, é importante apenas mencionar que foi possível perceber ainda o grau de liberdade ou espontaneidade dos papeis; sua evolução quanto ao seu conteúdo; a dimensão do tempo para a aprendizagem de um papel; a velocidade para um indivíduo representá-lo; a consistência; flexibilidade ou rigidez; e a dominância de determinados papeis na conduta da pessoa.

Também no final dos anos 1970, temos como referência a revisão crítica do conceito de *papel social* por Alfredo Naffah Neto (1979), antes psicodramatista¹⁷. Ao buscar uma compreensão dos fundamentos históricos e econômicos que delimitam os papeis, o autor desenvolveu uma interface com o marxismo no sentido de poder elucidar os próprios conceitos socionômicos e, ainda, revisitar esta primeira classificação dos papeis feita por Moreno.

Partindo do contexto histórico do surgimento do psicodrama e da sua gradual passagem dos espaços públicos para os institucionalizados, Naffah Neto apresenta como o

¹⁷ Embora este autor seja no plano atual um psicanalista, seus escritos sobre a teoria e prática do psicodrama das décadas de 1980 e 1990, são ainda considerados fundamentais para a abordagem.

papel foi se constituindo como uma “das pedras fundamentais da experiência posteriormente tematizada e teorizada” (Naffah Neto, 1979, p. 175). Da ruptura com o Teatro Tradicional para o Teatro Espontâneo, Moreno colocou um fim ao dilema entre o drama espontâneo e a conserva dramática, ou seja, entre aquilo que se relacionava à própria vivência da realidade social e o que se reproduzia nas peças teatrais. Assim, “deslocou-se o produto da criação para o processo da criação” (Naffah Neto, 1979, p. 177).

Para o autor, esta mudança proporcionou que se saísse do papel *dramático*, entendido em sua perspectiva como aquele conservado e perpetuador de um drama que ocorre fora da realidade do ator, chegando ao papel *psicodramático*, o qual “focaliza num mesmo eixo o ator e o drama como duas partes implicadas entre si, possibilitando a emergência da espontaneidade e da criatividade e a retomada pelo ator de seu sentido verdadeiro: o de *agente*” (Naffah Neto, 1979, p. 180).

Apesar desta mudança, por mais que o papel psicodramático proporcione uma abertura que tende à revelação e ao desvelamento da existência, Naffah Neto enfatiza que esta totalidade nunca se completa. Pois a existência não é um objeto estático, muito menos a realidade que ela retoma. Assim:

Sempre situado no mundo, o sujeito nunca pode ser uma transparência em relação a si mesmo; por isso, estará sempre, mais ou menos, envolvido num ou noutro papel, e este envolvimento é, no fundo, aquilo que reflete esta forma básica de compromisso que o une ao mundo e que faz dele um ser fundamentalmente social (Naffah Neto, 1979, p. 181).

Isto é, o sujeito espontâneo e criador, tal como Moreno apresentava, só pode surgir por meio do teatro a partir do momento em que este pode reassumir, de maneira consciente, a dimensão de espaço simbólico da própria sociedade. Ao trazer esta dimensão para o papel psicodramático, Naffah Neto também reconfigura o papel social. É por este ponto que surge a importância dos papéis sociais tanto para a Sociodinâmica, quanto para o Projeto Socionômico como um todo.

Com sua estrutura bipolar e suas configurações específicas, os papéis sociais permitem o acesso à dinâmica microssociológica do processo social, pois representam os nós cristalizados de uma rede na qual se esconde o drama coletivo. Entretanto, Naffah Neto ressalta que os papéis sociais são produtos de uma “clivagem” (expressão utilizada pelo autor) do sujeito em duas dimensões opostas: a coletiva e a privada. Esta separação é decorrente “de um processo histórico e é sustentada, nas sociedades capitalistas, por uma rede de relações

econômicas e políticas, um processo onde as relações sociais engendram as formas de dominação, visíveis ou invisíveis” (Naffah Neto, 1979, p. 185).

Ao evidenciar, especificamente, a dimensão histórica do papel social realizando analogias com o marxismo, Naffah Neto conclui pontos importantes para a reflexão a ser desenvolvida nesta dissertação. O primeiro deles é que “os papéis sociais, sua estrutura e dinâmica próprias, nada mais fazem que repetir e concretizar, num âmbito microsociológico, a *estrutura de contradição* e *oposição* básicas que se realiza num âmbito maior entre *papeis históricos*¹⁸, constituída pela relação *dominador-dominado*” (Naffah Neto, 1979, p. 193).

Com esta afirmação, Naffah Neto contribui substancialmente para problematizar uma lacuna na Teoria de Moreno referente à circunscrição da história como elemento estruturante nas relações entre os papéis. Estes, como fatos significativos de uma cultura específica, explicitam, portanto, um processo histórico, econômico e político. Esta possibilidade de atualização da Teoria de Papeis, com o advento do papel histórico, também colabora para elucidar a primeira classificação de Moreno.

Naffah Neto mostra que, talvez por uma imprecisão conceitual, em alguns textos de Moreno, os papéis sociais e os psicodramáticos são concebidos em oposição, quando, na verdade, estes últimos surgem praticamente quando os primeiros são explicitados e “desconservados”: o que significa um rompimento com “a imobilidade do que foi conservado; lançar novamente a *conserva* no fluxo de um movimento transformador” (Naffah Neto, 1979, p. 196nota de rodapé 166).

Contudo, também é verdade que, na cisão entre a pessoa privada e o papel social, a imaginação se mantém deslocada da ação real e fechada em si mesma. Nesta separação, a pessoa fantasia e se imagina em certos tipos de relação que não chegam a se transformar em uma ação, mas que, certamente, caracterizam um tipo de papel. A este papel que se relaciona à imaginação criativa, distinta daquela comprimida e colonizada, Naffah Neto vai chamar de papel *imaginário*¹⁹. Desta forma, ele estabelece uma distinção frente ao papel *psicodramático* fundamental para o entendimento da teoria.

Por sua vez, os papéis *psicossomáticos*, para o autor, apesar de definirem funções biológicas da espécie - como, por exemplo, comer e dormir - não devem ser descritos como “meros automatismos fisiológicos” (Naffah Neto, 1979, p. 197). Pois mesmo os atos mais

¹⁸ A discussão de Naffah Neto sobre os papéis históricos por meio dos papéis sociais não será evidenciada nesta dissertação.

¹⁹ Esta questão não será aprofundada aqui. Para a fundamentação da análise da pesquisa com os grupos, a atualização da Teoria de Papeis por Naffah Neto apenas demonstra a importância da retomada e crítica dos conceitos utilizados em qualquer abordagem psicológica.

instintivos do homem não são completamente estruturados pelos modelos biológicos da espécie, já que demandam uma certa dose de improvisação e espontaneidade. Apesar de se definirem dentro de uma ordem vital, e ainda num momento anterior à formação do ego, “desde o início eles são comprimidos e moldados por um papel social: o papel de filho, no interior do qual existem e a partir do qual se desenvolvem” (Naffah Neto, 1979, p. 197).

É importante ressaltar que, diferentemente de Naffah Neto, a respeito dos papéis psicossomáticos, o psicodramatista Dalmiro Bustos (2006) não lhes atribui esta denominação. Pois, para que uma ação seja unidade de conduta, ela precisa ter uma consciência. Desta maneira, o papel psicossomático passa a ser denominado de “funções essenciais inerentes ao papel de filho” (Bustos, 2006).

Sobre a proposta de Naffah Neto para a classificação dos papéis, Bustos considera que a definição de papel social – conforme mencionada – adquire um significado mais amplo, o que enriquece e dá um caráter mais conciso à obra de Moreno, a qual possui muitas imprecisões. Contudo, ele questiona a mudança de significado de nomes já consagrados na literatura psicodramática (Bustos, 2006). Porque a generalidade atribuída por Moreno ao papel social, por exemplo, indica “que as pautas condicionantes de um papel estão essencialmente na representação dos papéis por parte de outros atores” (Bustos, 2006, p. 101).

Com esta crítica aos papéis evidenciados por Moreno em sua teoria, Naffah Neto constrói um campo de problematização importante para a leitura dos fenômenos sociais dentro da abordagem psicodramática. Um campo que demonstra a necessidade de estabelecer interfaces para compreender imprecisões e não comprimir o âmbito da experiência ao da teoria.

Bustos (2006), por sua vez, preocupou-se em aprofundar os aspectos da experiência intersubjetiva, desenvolvendo a Teoria dos *Clusters*, com base na de Moreno. Bustos parte para a compreensão dos agrupamentos dos papéis, dividindo-se de acordo com suas dinâmicas: a primeira, chamada de *cluster* um (ou materno), é responsável por funções de dependência ou incorporação (neste caso, o papel complementar é o da mãe ou de outro adulto que auxilie o bebê); o *cluster* dois tem como complemento o pai, ou adulto substituto, e colabora para o surgimento dos papéis ativos; e, por fim, o *cluster* três, no qual o complemento é o irmão ou seus equivalentes, contribui para determinar as relações de paridade.

Os dois papéis primários, representados pelos *clusters* 1 e 2, são assimétricos por natureza, enquanto o terceiro já possui simetria. Desta forma, Bustos configura o esquema básico de papéis como: passivo, ativo e interativo. Sendo, portanto, três dinâmicas de

possibilidades alternativas no desempenho dos papéis em diferentes momentos da vida (Bustos, 2006).

É interessante perceber que esta configuração fornecida por Bustos à dinâmica dos papéis traz uma conotação específica para compreender a construção das relações de intimidade (Cluster 1), a conquista da autonomia pelo sujeito, a autoridade e o papel de líder, como também importantes pontos para desenvolver relações que possam ultrapassar os vínculos de dependência (Cluster 2). A aprendizagem de compartilhar, competir e rivalizar, assim como dinâmicas presentes nos vínculos simétricos, mostra também a fundamental atuação do Cluster 3 na construção do *nós* e a possibilidade de reconhecimento do outro.

Desta forma, a Teoria dos *Clusters* de Bustos explicita a interação da Teoria de Papéis com as fases de desenvolvimento humano descritas pela Teoria da Matriz de Identidade. Esta Teoria apresenta o desenvolvimento da aprendizagem emocional da criança (Fonseca Filho, 2008). Moreno definia a “matriz de identidade” como “a placenta social da criança, o “locus” no qual se prende. Essa matriz é constituída pelo grupo social ao qual pertence e do qual depende” (Fonseca Filho, 2008, p. 36). Pode-se afirmar que ambas as teorias se complementam, pois, a cada novo papel, há uma matriz diferente.

Contudo, a intenção aqui não é realizar uma sobreposição das teorias, e sim enriquecer o conhecimento sobre a dinâmica dos papéis, por meio da sua fundamentação original *em diálogo* com a dos leitores de Moreno. É importante acrescentar, ainda, tal–como o fez Fonseca Filho (2008), que tanto as teorias quanto os conceitos morenianos são interdependentes: “quando se fala de um, está a se falar, indiretamente, dos outros” (Fonseca Filho, 2008, p.44).

Considerando esta especificidade, percebe-se que a perspectiva que este autor trouxe sobre a Teoria da Matriz de Identidade forneceu uma compreensão mais ampliada²⁰ também para os papéis. É válido mencionar que as etapas da Matriz de Identidade em Moreno, segundo Fonseca Filho (2008), seriam cinco: a primeira correspondendo a uma completa *indiferenciação* da criança com os objetos e as pessoas; a segunda se caracterizando pelo fato de a criança colocar sua atenção no “outro”, neste caso a mãe (Tu) e, ao mesmo tempo, estranhar parte deste outro; em seguida, na terceira fase, ele separa o “outro” da continuidade da experiência; na penúltima fase, a quarta, já consegue representar o papel do “outro”; e, na quinta e última, “a inversão da identidade é completa: a criança consegue representar o papel

²⁰ Esta Teoria adquire uma importância maior em Fonseca do que para Moreno, originalmente, como veremos na crítica de Sergio Perazzo (2010), a seguir.

do ‘outro’ diante de uma terceira pessoa que, por sua vez, desempenha o seu” (Fonseca Filho, 2008, p.115).

O autor destaca que, evidentemente, estas duas etapas que caracterizam a possibilidade de inverter papéis com o outro não ocorrem nos primeiros meses de vida da criança. A despeito disso, a importância desses estágios de desenvolvimento, para Fonseca Filho (2008, p. 115), é que eles fundamentam as bases psicológicas “para todos os processos de desempenho de papéis”.

O esquema do desenvolvimento humano, para Fonseca, vai, por sua vez, se basear tanto na fundamentação de Moreno quanto na filosofia dialógica de Martin Buber²¹. Este último foi uma influência muito importante para a construção da visão de homem e relação Eu-Tu, noções fundamentais ao Psicodrama. Assim, Fonseca estabelece cinco fases a mais que Moreno. Resumidamente, a etapa da *Indiferenciação*, tal como naquele autor, vai marcar o momento de onipotência do indivíduo, no qual o bebê se confunde com a mãe e esta, exercendo o papel de ego auxiliar da criança, cria uma estreita comunicação e contribui para o próprio reconhecimento da criança e sua diferenciação com o ambiente externo.

Esta vivência indiferenciada começa a se diluir e, lentamente, vai ao encontro do que Fonseca chama de *Simbiose*. Aqui ainda existe uma ligação bem forte da criança com a mãe, mas ao mesmo tempo, a criança caminha para a sua identidade como pessoa. Ao passar por este estágio, a criança inicia o seu processo de reconhecimento de si (Reconhecimento do Eu) tomando consciência do seu corpo e percebendo sua distinção do corpo da mãe, das pessoas e dos objetos. Um autoconhecimento que ocorre aos poucos, até que a criança possa reconhecer o outro (Reconhecimento do Tu) como alguém semelhante a ela. Nesta etapa, inicia-se a chamada “brecha entre a fantasia e a realidade” (Fonseca Filho, 2008). Aqui é importante lembrar que, apesar de estarmos apresentando este esquema de desenvolvimento na criança, a matriz não é realizada em idade cronológica.

Para Fonseca Filho (2008), em seguida a esta fase, quando o “eu” e o “tu” estão reconhecidos, ocorrem os primeiros ensaios de uma possível inversão de papéis. Por conta disso, o autor adiciona as seguintes fases: a das “relações de corredor”, na qual a criança “identificada como pessoa, distingue o outro, mas sente que o *Tu* existe só para si” (Fonseca Filho, 2008, p.123); a fase da *pré-inversão de papéis*, na qual a criança treina o “faz-de-conta” imitando as pessoas, desenvolvendo personagens, porém sem reciprocidade; a *Triangulação*, fase mais dolorida do desenvolvimento, na qual se inicia a aprendizagem de

²¹ Fonseca Filho (2008) disserta detalhadamente sobre as interfaces em Moreno e Buber nos capítulos II e III de *Psicodrama da Loucura*.

dividir as pessoas – a relação com mãe e pai – e também os objetos; com a socialização da criança no ambiente escolar, temos a *Circularização*, que marca a possibilidade de se relacionar com o *Eles*, e se sentir parte de um grupo ou comunidade; etapa que abre caminho para a *Inversão de Papeis* em si, com um “eu” bem distinto e uma clareza do “outro”.

Como última etapa, Fonseca Filho (2008) apresenta o *Encontro*, ou seja, a situação ideal de se colocar no lugar do outro: “O Encontro acontece *ex abrupto* e de forma tão intensa que a *espontaneidade-criatividade* presente é liberada no ato de entrega mútua (princípio de entrega)” (Fonseca Filho, 2008, p.131). Assim, no *Encontro*, afirma Fonseca Filho (2008), a pessoa vai para uma dimensão da Realidade Suplementar da qual sai mais revigorado. São momentos raros que fornecem uma reconexão com o cosmos, um retorno às origens.

A *Realidade Suplementar* é um conceito chave para a teoria e prática psicodramática. Apesar de sua inspiração no conceito de mais-valia de Karl Marx, para Moreno ela é concebida como um “outro nível de estruturação e representação das dimensões invisíveis e intangíveis da vida intra e extrapsíquica,” (Fox, 2002, p. 37). Assim, a realidade suplementar é colocada como uma terceira realidade “sonogada”, com dimensões invisíveis que não são completamente expressas ou experimentadas no contexto social, contudo passível de ser revivida em uma cena psicodramática, ou como também se vê, no “ideal” do Encontro.

Com esta leitura fornecida por Fonseca Filho ao desenvolvimento humano, percebemos uma complexa estrutura relacional em que a dinâmica dos papéis está inserida. Esta especificidade, aliada à inserção dos sujeitos em grupos ao longo de sua vida, vai também definir novos posicionamentos, integrações e desintegrações na relação com o outro. Apesar disso, não podemos deixar de analisar que sua teoria se arrisca em exacerbar uma dimensão individual e deveras desenvolvimentista, o que pode se distanciar em demasia da pretensão do próprio psicodrama.

É este ponto de vista que Sergio Perazzo defende em *O Forro e o Averso*, quando apresenta sua crítica ao caminho realizado por Fonseca e outros autores na ampliação da teoria psicodramática como um todo. Sobretudo no caso da Teoria da Matriz de Identidade, Perazzo (2010) apresenta que esta acaba tirando o foco da ideia de movimento e cocriação, “perdendo de vista a interpenetração dos conceitos originários da teoria da espontaneidade-criatividade, da socionomia e seus ramos e da teoria de papéis, para centrar numa leitura numa perspectiva apenas psicoterápica e psicodinâmica” (Perazzo, 2010, p. 48). Em Moreno, segundo Perazzo, originalmente esta teoria foi escrita em oito parágrafos e três esquemas, em 1937, a partir de um capítulo sobre o tema da espontaneidade. Mais adiante, em 1959, Moreno brevemente volta ao assunto da matriz de identidade, ao realizar uma correlação com a técnica

psicodramática.

Diante disso, Perazzo afirma que a Matriz de Identidade não se constitui como “uma constante teórica do pensamento de Moreno. Trata-se de uma ampliação posterior e de um aumento de foco (...) desenvolvido por psicodramatistas pós-morenianos” (Perazzo, 2010, p. 50). Desta forma, Perazzo apresenta que:

(...) do ponto de vista da teoria do psicodrama, podemos considerar que Moreno não formulou em sua obra uma teoria de desenvolvimento e uma psicopatologia e nem por isso deixou de fundamentar a sua prática em todas as suas aplicações além de só a psicoterápica, nos deixando a tarefa da articulação harmônica entre os pares (Perazzo, 2010, p. 51).

Esta argumentação crítica de Perazzo amplia o nosso pensamento sobre as diversas teorias e o seu alcance à prática. É notório que o psicodrama pós-moreniano trouxe contribuições necessárias às inconsistências teóricas da abordagem. Entretanto, ao fazê-lo acabou privilegiando certas dimensões em detrimento de outras. E, desta forma, a originalidade da abordagem caminhou para novas interpretações de acordo com a realidade e o contexto de atuação do psicodramatista.

Contudo, estas mudanças também mostram os movimentos histórico, social e político que impulsionaram o psicodrama e outras abordagens a novos lugares e espaços. E, neste sentido, é também fundamental perguntar em que âmbito contemporâneo se localiza o grupo, principalmente, pensando para além de um foco psicoterapêutico.

Antes de buscar responder a isso, é importante recorrer a Perazzo (2010) quando este retoma a concepção de homem em Moreno e sua dimensão individual e relacional, na leitura de Martín (1996). Para Perazzo, é notável o estudo do pensamento moreniano por este autor, o qual na perspectiva de uma antropologia psicológica, permite pensar em pelo menos três aspectos sobre a visão de homem: o “plano do indivíduo”, o plano da relação e o pragmático (Perazzo, 2010).

O primeiro plano tem como “seu núcleo antropológico” a espontaneidade, a qual é denominada por Martín como “substância, a alma da pessoa”. O plano da relação tem a sua base no conceito de “grupo-sujeito”, que se nutre da “tele-estrutura”²². Por fim, o plano “pragmático” caracteriza-se pela atuação desse “homem, indivíduo e grupo [...] através do ‘eu-tangível’, [...] o papel” (Martín, 1996).

²² Estes dois conceitos não são definidos claramente. Porém, no decorrer do texto de Martín, “grupo-sujeito” adquire um sentido de diferenciar o *grupo* do *indivíduo*, e não tratá-los em completa correspondência. Já a “tele-estrutura” parece demonstrar o Fator *Tele* que perpassa as relações desenvolvidas pelos membros do grupo.

Tomando esta perspectiva de Martín, Perazzo (2010) entende que é pela integração harmônica entre esses três parâmetros, os quais se movimentam e mudam constantemente, que se pode apreender o homem, compreendê-lo e vivenciá-lo sem reduzi-lo às tentativas de classificação, por exemplo. A espontaneidade como primeiro plano e núcleo antropológico do indivíduo, apresenta também a definição de um “catalizador para as ações no mundo desse mesmo homem potencialmente criativo” (Perazzo, 2010, p. 41).

A análise que Martín trouxe a respeito deste conceito²³ permitiu elucidar o seu significado e o seu lugar e alcance na obra de Moreno. Tanto a espontaneidade no âmbito do indivíduo, quanto o fator tele na projeção social, são eixos que se conjugam no papel. Para Martín (1996), a leitura de Moreno seria impossível se desconsiderássemos a espontaneidade e sua relação com os outros conceitos. Sua dimensão, ao mesmo tempo filosófica e operativa, faz parte da concepção prévia de Moreno sobre um mundo aberto.

Martín, ao buscar nos textos morenianos o caminho para caracterizar a espontaneidade, percebe que esta não é energia, instinto, mero acaso, muito menos sinônimo de liberdade. O que o autor observa é:

(...) o novo produto acabado, resultante de uma capacidade criadora que impulsiona a evolução e constante transformação que se dá no mundo. Esta força criadora é ativada pela espontaneidade, que por sua vez se põe em movimento pelo pré-aquecimento ou *warming up*. Portanto, a espontaneidade não é mais que um simples *desencadeante*, um *intermediário* ou *catalisador*, que explica o produto acabado, porém não se transforma absolutamente nele (Martín, 1996, p. 126).

É interessante perceber que, com esta conclusão de Martín a respeito do conceito, fica evidente a sua indissociabilidade tanto com a criatividade (como já exposto) quanto com a conserva cultural. Esta última, quando em excesso, aniquila, para Moreno, a criatividade do homem, o que acaba impossibilitando a presença da própria espontaneidade.

Diante desta concepção um tanto negativa sobre as conservas culturais, Martín salienta que, apesar da tendência moreniana aos extremos, “seria além de inadequado, absurdo e traumatizante, tentarmos o desenraizamento absoluto no ambiente sócio-cultural a que pertencemos” (Martín, 1996, p.131). O autor acrescenta ainda que a luta de Moreno é para defender a liberdade de pensar e agir, sem anular a vinculação com a cultura.

Assim, “a condição prévia para que o homem possa ser livre” (Martín, 1996, p. 133) é fornecida pelo “fator *e*”. Este Fator, sendo relacionado à espontaneidade, não se constitui

²³ Apresento, nesta parte do texto, um recorte da análise de Martín por conta da sua importância fundamental à discussão sobre a Teoria de Papeis.

enquanto energia psíquica, ou seja, não pode ser considerado algo que se conserva para um objeto já determinado. Ele é anterior a isso. É a ideia de um mundo aberto, em Moreno, que fornece a condição para o fator *e* aparecer e se desenvolver. Desta forma, diz respeito à capacidade humana de ser naturalmente espontâneo e criativo (Ramalho, 2011).

Assim, a espontaneidade supõe a presença de um ato voluntário que domina o instinto. Seu aspecto de adequação, aliado com o da novidade, não submete o indivíduo a uma ordem estabelecida: “Moreno chega a afirmar, inclusive, que a espontaneidade está ligada ao desempenho de papéis, que são normas transmitidas, mas que exigem ser criativamente apropriados pelo indivíduo” (Martín, 1996, p. 132).

Com esta perspectiva integradora e relacionada aos papéis, a espontaneidade e a conserva cultural passam a ser fenômenos tangíveis, correlacionados e que podem ser observados na experiência humana. A despeito de não os conceber como conceitos absolutos, Moreno enfatiza o caráter positivo da espontaneidade e, a meu ver, sua apropriação sobre a cultura se restringe ao seu aspecto de conservação. O próprio Martín se preocupa em dedicar um tópico de seu capítulo sobre as conservas culturais, acreditando que se o não fizesse, o estudo sobre a espontaneidade seria incompleto.

Na necessidade de o homem superar os estados de insegurança e medo, afirma Martín (1996), as conservas preencheram uma aspiração de imortalidade, de continuidade e, desta maneira, cumpriram duas finalidades: “ajudaram em situações ameaçadoras e asseguraram a continuidade da herança cultural” (Moreno, 1975, *citado por* Martín, 1996, p.151). Assim, a criança em seu desenvolvimento recebeu as conservas e os seus significados por meio da “imposição” (Martín, 1996) dos adultos e também pelo desempenho de papéis.

Martín destaca, ao percorrer esta visão de Moreno sobre a cultura, que seu problema mais intrigante é o da sua aceitação na psicologia de Moreno. Por conta disso, Martín (1996) se questiona se o fundador do psicodrama almeja um retorno a um estado primitivo de sociedade ou ainda ao desenvolvimento infantil. Isto porque ao mesmo tempo em que Moreno afirma a oposição que as conservas fornecem ao estabelecimento da espontaneidade, ele as coloca como inseparáveis. Sem apresentar uma solução para esta possível contradição, Martín reconhece que, no entusiasmo de Moreno em defender a espontaneidade criadora, a originalidade e os caminhos não percorridos pelo homem, ele não poupou críticas ao que já foi feito pela humanidade (Martín, 1996).

É importante salientar, neste ponto, que, apesar da espontaneidade-criatividade – como “primeiro pilar básico de uma teoria do psicodrama” (Perazzo, 2010, p. 42) – levar o indivíduo ao âmbito do relacional, há certos aspectos que o concernem, como é o caso da

cultura e também da história, que parecem ocupar um lugar restritivo na perspectiva moreniana. Principalmente, pela sua postura um tanto reticente sobre outras facetas que a própria cultura possui na sua articulação social, histórica, política, econômica e individual.

Quando Moreno passa a referenciar o plano do “homem-em-relação”, ele e outros autores como Martín e Perazzo enfatizam a importância de compreender esta dinâmica na articulação teórica com a tele-estrutura²⁴ do grupo-sujeito, de modo a não restringi-la à dimensão individual. Mas, e os outros aspectos mencionados acima?

Perazzo afirma que a teorização sobre o homem-em-relação depende de conceitos socionômicos tanto derivados da sociometria, quanto observados pela sociodinâmica e ainda possibilitados pelos métodos sociátricos. A respeito do conceito de “tele”, o qual vem sendo revisado tanto por ele mesmo quanto por diversos psicodramatistas, Perazzo afirma que tele “não pode mais ser entendido como um mero atributo perceptivo ou simplesmente como um conceito oposto à noção psicodramática de transferência” (Perazzo, 2010, p. 43). Para o autor, a noção mais consistente de tele o liga à ideia de cocriação e esta, por sua vez, fornece à tele, um movimento relacional que é permanente, “no qual estão claramente presentes elementos coconscientes e inconscientes como parte obrigatória desse relacional” (Perazzo, 2010, p. 43).

Ainda sobre este segundo plano que envolve a concepção de homem, Perazzo comenta que a Socionomia foi justamente criada por Moreno para estudar isso de modo diferenciado de especulações e meras abstrações sobre o fenômeno humano. Desta forma, a Socionomia, com seus caminhos propostos pela sociometria, sociodinâmica e sociatria, considera o grupo-sujeito. Por fim, o terceiro plano “pragmático” proposto por Martín, e comentado por Perazzo, centra-se na atuação do homem-indivíduo-grupo e se estabelece por meio da teoria de papéis.

Perazzo (2010) defende, portanto, nesta discussão que o arcabouço do psicodrama se articula neste conjunto composto pelas teorias da espontaneidade-criatividade (incluindo novos estudos sobre a fantasia e a imaginação), da socionomia com seus ramos metodológicos e da teoria de papéis. Contudo, para manter este ponto de vista, Perazzo lança mão de algumas perguntas sobre essa complexa sistematização. Duas delas interessam muito a esta pesquisa: uma se refere a como estas vertentes teóricas se articulam e a outra questiona até que ponto elas são suficientes para dar conta das várias dimensões em que o psicodrama pode atuar. E aqui, especificamente, cabe pensar na sua atuação como método de pesquisa.

²⁴ Perazzo (2010) não elucida esse termo nesta parte do texto. Porém, ao longo da sua argumentação, o autor menciona a questão da Sociometria e novas definições para o conceito de “tele”.

Sem a intenção de fornecer uma resposta, mas ampliando as possibilidades de refletir a teoria e a prática, o autor convida a pensar partindo da cena psicodramática em qualquer que seja o contexto (psicoterápico, educacional, etc.) que ela atue com maior ou menor fluência. Para estudá-la, o psicodrama precisa da espontaneidade e da criatividade como bases para a criação coletiva. Desta forma, elas precisam ser entendidas como relacionais, pois não se delimitam à espontaneidade e à criatividade do diretor ou apenas do protagonista isoladamente, por exemplo.

Este processo de cocriação se fundamenta, inicialmente, na espontaneidade-criatividade de cada um para transformar em conjunto “um modo relacional mediado por papéis em algo único e novo, ao mesmo tempo de um e de todos” (Perazzo, 2010, p. 45). Desta forma, ambas as dimensões individuais e relacionais precisam ser compreendidas dialogicamente. Por isso, Perazzo ressalta a importância de definir os princípios que orientam o homem-em-relação, criados por Moreno e oriundos da sociometria. Além disso, deve-se, a partir também da sociodinâmica, entender como as estruturas se organizam e se movimentam no jogo de papéis.

Este, por sua vez, se presentifica pelos papéis sociais – como vem sendo citado nesta discussão – pois são eles que circunscrevem uma dimensão mais ampla do mundo (Perazzo, 2010). E, por meio deles, a espontaneidade-criatividade se coloca na estrutura de uma rede social e contribui para os projetos dramático na direção da cocriação. Estes projetos dramáticos seriam “qualquer ato-ação realizado com o outro que se configura como aquele que desempenha o papel complementar correspondente ou contrapapel num campo sociométrico de escolhas” (Perazzo, 2010, p. 46).

Sobre a questão dos papéis, Perazzo menciona ainda aqueles que Naffah Neto denominou como *papeis imaginários*, conforme já exposto neste capítulo. E reapresenta o seu próprio conceito - *papel de fantasia* – proposto em 1994, o qual vai ao encontro da necessidade de definir aqueles papéis que se originam no plano da fantasia, mas não necessariamente ligados à transferência, como seria o caso dos papéis imaginários. E, também, não obrigatoriamente tendo como espaço o cenário psicodramático, como acontece para os papéis desta natureza²⁵.

Diante desta atualização crítica dos conceitos, teorias e da necessidade de uma maior articulação do psicodrama, Perazzo pode ser interpretado como um autor que busca uma síntese dos conceitos-base da área com os elementos individuais e sociais que fazem parte da

²⁵ A intenção aqui é mencionar parte desta discussão sobre os papéis nestes autores, demonstrando o conhecimento diversificado sobre a teoria dos papéis ao longo dos anos.

visão que o Psicodrama, em sua origem, buscou fundamentar. Em termos de contribuição para a problemática que esta pesquisa trabalha, sua concepção sobre o movimento contemporâneo e o psicodrama mais “clássico”, sobretudo na teoria dos papeis, expõe os desafios, reconhece as lacunas da teoria e situa as dimensões que precisam ser percebidas na dinâmica relacional para, de fato, considerar o campo da experiência e suas sutilezas.

Aliado aos outros autores apresentados neste capítulo, temos de fato um conhecimento teórico-prático diversificado do psicodrama desde a sua fundamentação clássica. Pontos de vista que ora recaem²⁶ numa perspectiva mais “desenvolvimentista” e psicodinâmica, como no caso de Fonseca Filho (2008) e, em menor força em Bustos (2006); ora perpassam uma busca por um entendimento mais interdisciplinar da realidade social, como o foi em Naffah Neto (1979). E, ainda se baseiam em uma análise bastante detalhada e fiel ao conjunto da obra moreniana, como em Martín (1996).

Cada uma destas ênfases trouxe elementos fundamentais a serem considerados, quando trabalhamos tanto com o indivíduo quanto com o grupo. E para o alcance de qualquer metodologia aos públicos a quem ela se reporta, é preciso considerar a sua historicidade, a cultura, a política e a economia como variáveis que perpassam em diferentes graus as relações intra e intersubjetivas.

²⁶ Saliento que esta é uma interpretação da pesquisadora, sem a pretensão de classificar os pontos de vista apresentados. Aqui apenas determino a ênfase identificada a partir da leitura destes autores.

3 DO MÉTODO E SUA FUNDAMENTAÇÃO, PARA OS PROCEDIMENTOS DA INTERVENÇÃO SOCIOPSIKODRAMÁTICA

No capítulo anterior discurremos sobre a natureza do método adotado por esta pesquisa, bem como sua fundamentação para a leitura dos grupos. No que diz respeito aos procedimentos, esta pesquisa se divide em três etapas: entrevista individual inicial com os sujeitos interessados mediante divulgação prévia; formação de grupo para a intervenção e entrevista individual final com os participantes de todo o processo.

A partir da primeira etapa, foram levantadas problematizações sobre o contato intercultural dos estudantes estrangeiros na Universidade, o que propiciou uma organização de temas para discussão e vivência na segunda etapa da pesquisa. Estes temas foram relacionados com o sentido da experiência intercultural e a relação de alteridade, foco desta pesquisa, e adaptados na intervenção com o grupo, de forma que houvesse uma ênfase na metodologia psicodramática para a organização dos encontros.

Com base no Anuário Estatístico de 2013 fornecido pela AUCANI, organizamos a divulgação da pesquisa para uma amostra de 204 estudantes intercambistas de graduação que deram entrada no convênio pela Agência. Mediante visita e apresentação da proposta a funcionários responsáveis, a divulgação também ocorreu nos seguintes escritórios locais das Unidades de Ensino: escritório da Escola de Ed. Física e Esporte (EEFE); da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH); Escola de Comunicações e Artes (ECA) e Instituto de Matemática e Estatística (IME).

Para formar o primeiro grupo, que tinha como proposta inicial ser composto por estudantes estrangeiros e brasileiros, também foi divulgada a pesquisa para as secretarias de graduação. Os cartazes foram enviados por *email* aos estudantes estrangeiros – via AUCANI e escritórios locais mencionados - e aos brasileiros pelas secretárias de graduação, no período de 25/09/2014 a 27/10/2014²⁷. Os estudantes interessados fizeram contato diretamente no *email* da pesquisadora disponibilizado nos cartazes.

A partir de 17/10/2014 iniciei a primeira etapa da pesquisa – as entrevistas individuais iniciais (vide roteiros nos anexos B e C) – que tinha como objetivo coletar dados e possíveis temáticas para o conteúdo programático dos encontros. Participaram desta primeira etapa 11

²⁷ O contato e divulgação tanto com a AUCANI quanto com as unidades de ensino, foi feito após a aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP (Número do CAAE: 30300014.1.0000.5561)

alunos, sendo sete do sexo feminino e quatro do sexo masculino, com idades entre 20 e 25 anos, provenientes de países asiáticos, europeus, latino-americanos e dos cursos de Ciências Atuariais, Ciências Sociais, Ciência Política, Engenharia Mecânica, Letras e Matemática Aplicada.

Para a realização do grupo, dos 11 estudantes entrevistados, 9 foram selecionados para este grupo e duas estudantes que iriam permanecer 1 ano realizando o intercâmbio na USP, foram convidadas a participar do segundo grupo para o primeiro semestre de 2015. Desta forma, os critérios de seleção²⁸ para os estudantes estrangeiros foram: residentes na cidade de São Paulo; na faixa etária de 20 a 30 anos; de ambos os sexos; solteiros/ casados; matriculados em disciplinas dos cursos de graduação do Campus da Cidade Universitária a partir de intercâmbio acadêmico estabelecido no período de 2014 e 2015; com nível básico de compreensão e fala na língua portuguesa. Com relação a este último critério, é importante mencionar que não foi solicitada uma proficiência na língua portuguesa, contudo, a partir da conversa estabelecida na entrevista foi possível perceber se o participante poderia fazer parte do grupo. Alguns mencionaram estudo prévio da língua portuguesa em seus países e também a realização de aulas de português oferecidas pela unidade de ensino da FFLCH.

Os critérios de seleção dos estudantes brasileiros foram: residentes na cidade de São Paulo; na faixa etária de 20 a 30 anos; de ambos os sexos; solteiros/ casados; devidamente matriculados em cursos de graduação na USP (Campus da Cidade Universitária); que não fizeram intercâmbio; e possuam contato com alunos intercambistas no próprio curso e no contexto universitário.

Optamos por apresentar os resultados deste trabalho seguindo a ordem pela qual os dados foram obtidos, ou seja, iniciando por uma apresentação do primeiro grupo e por uma descrição de cada um dos encontros realizados, seguida por uma apresentação do segundo grupo e uma descrição dos respectivos encontros. Esta ordem permitirá destacar os temas mais relevantes trazidos pelos participantes em cada sessão, que serão posteriormente articulados com vistas a discuti-los sobre o pano de fundo da abordagem sociopsicodramática de Moreno e da fenomenologia de Merleau-Ponty, a fim de chegarmos ao tema da alteridade.

²⁸ Estes critérios de seleção se mantiveram para o segundo grupo.

3.1 Intervenção Sociopsicodramática do primeiro grupo

3.1.1 Caracterização dos participantes

Dos 9 estudantes selecionados para participação na segunda etapa, apenas 6 confirmaram a presença para o início dos encontros em grupo. Destes, 2 estudantes não puderam comparecer nos dois primeiros encontros e desistiram de participar. Para apresentar os sujeitos desta pesquisa, escolhemos nomes fictícios que se relacionam às nacionalidades. A estudante de origem francesa Nicole²⁹ justificou sua não-permanência no grupo em virtude dos estudos e disciplinas que estava realizando. Já o outro estudante Luiz – único brasileiro que faria parte desse grupo – não retornou mais o contato após várias tentativas por parte da pesquisadora. Assim, o grupo seguiu com a participação de 4 estrangeiros (3 mulheres e 1 homem) das seguintes nacionalidades: Alemã, Argentina, Colombiana e Espanhola. Todos estes participaram até a última etapa da pesquisa.

É válido apresentar características gerais de cada um destes diante do que apresentaram na entrevista. A participante que chamaremos de Julia tinha 25 anos, era argentina, estava cursando o último período de Ciências Sociais e este era o segundo intercâmbio acadêmico que estava realizando. O primeiro havia sido feito um semestre antes no México. O seu intercâmbio na USP tinha a duração de 1 semestre e boa parte deste período foi vivenciado durante a ocorrência de uma longa greve de professores e funcionários.

A participante Bianca possuía 21 anos, era colombiana e estava realizando o seu primeiro intercâmbio acadêmico. Apesar disso, morou por 4 anos nos Estados Unidos com a família e durante este período também morou sozinha. De volta a Bogotá, ela realizava duas graduações: Jornalismo e Matemática. Para sua universidade, desenvolveu um “blog” para os outros estudantes colombianos acompanharem a sua experiência no Brasil. O seu intercâmbio na USP de um semestre era no Instituto de Matemática e Estatística.

O participante Tom era alemão, com 23 anos de idade. Apesar de este ser o seu primeiro intercâmbio acadêmico, já havia vindo ao Brasil há 4 anos para trabalhar como voluntário numa Organização Não-Governamental. Ressalta ter gostado muito do país e quando estava já na faculdade viu a possibilidade de realizar o intercâmbio e se inscreveu. Cursou aulas no curso de matemática aplicada no Instituto de Matemática e Estatística por um ano, além de aulas na Filosofia.

²⁹ Todos os participantes são apresentados com nomes fictícios.

Olivia era de origem espanhola, possuía 24 anos e estava no último ano de Engenharia Mecânica realizando seu primeiro intercâmbio na Escola Politécnica da USP. Vale ressaltar que apesar de espanhola, sua mãe era colombiana e seu pai era nascido no Brasil. Toda a família morava em Madri, mas esta vivência intercultural ela já possuía desde cedo.

3.1.2 Descrição dos encontros

Os encontros do primeiro grupo ocorreram nas segundas-feiras no horário das 13:30 às 15:30 em salas disponibilizadas pela Secretaria do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho e pela Inspeção do Bloco B, no período de 03 de novembro de 2014 a 15 de dezembro de 2014. Cada encontro teve uma duração média de uma hora e meia a duas horas e foi gravado mediante a autorização dos participantes. O conteúdo programático dos encontros tomou como base os temas e assuntos apresentados pelos alunos na primeira entrevista e também pontos que já interessavam à pesquisa, como podemos ver no quadro abaixo.

Encontro	Data	Participantes	Tema
1º	03/11/2014	4	Conhecimento de si a partir do olhar do outro
2º	10/11/2014	4	Referências e Valores culturais
3º	17/11/2014	4	Diferenças entre as próprias culturas
4º	24/11/2014	4	Situações vividas no Brasil
5º	01/12/2014	2	Situações vividas no Brasil
6º	09/12/2014	3	Visão de si e do outro pelo contato intercultural
7º	15/12/2014	4	Processamento da Pesquisa

Quadro 1 – Cronograma dos encontros.

Os temas selecionados para cada encontro foram organizados mediante a abordagem psicodramática para a leitura do desenvolvimento dos grupos, sua integração e importância de estabelecer um ambiente de boa convivência e confiança. Esta base para o estabelecimento desta intervenção foi articulada também com os objetivos da pesquisa e com os temas sugeridos pelos próprios participantes nas primeiras entrevistas.

Por conta disso, é importante mencionar que, tratando-se de uma metodologia aberta e condizente com o processo grupal, alguns temas como o das “situações vividas no Brasil”,

foram vistos em dois encontros, por observar sua relevância para o grupo na emergência de assuntos recorrentes como o “gênero”: tema previamente apresentado por três dos quatro participantes nas entrevistas iniciais. Houve ainda readaptações de temas como “referências e valores culturais” para o terceiro encontro, de modo que destacássemos mais os aspectos que diferenciavam as culturas, conforme se percebeu na dinâmica grupal. A seguir, apresentamos um relato do desenvolvimento dos encontros.

3.1.2.1 Primeiro Encontro

De acordo com a temática planejada para este encontro, a proposta foi desenvolver uma integração entre os participantes, com a utilização de um jogo dramático³⁰ no primeiro momento do encontro. Depois, os objetivos da pesquisa foram reapresentados levando em conta essa nova etapa e a necessidade de retomar os pontos referentes à participação dos sujeitos e ao estabelecimento de regras que eles considerassem importantes para o bom andamento do grupo. Além disso, foi possível realizar uma primeira discussão sobre o tema do “conhecimento de si a partir do olhar do outro”.

Os participantes foram acolhidos na sala. Rapidamente me apresentei e dei início ao aquecimento³¹ do grupo. Cada um deles foi solicitado a escolher um dos 8 cartões coloridos que se encontravam no meio da sala. Depois da escolha, forneci as instruções da atividade para a apresentação de cada um deles. Pedi que cada participante pensasse nas impressões que acreditava transmitir às outras pessoas quando as conhecia pela primeira vez. Além de pensar nas impressões que geralmente têm das pessoas antes de falar com elas. A ideia era que em vez de cada um se apresentar por primeiro, eles iriam anotar as impressões que tiveram dos outros participantes do grupo. Desta forma, cada um apresentaria o seu próprio colega com base nessas impressões, levando em consideração as seguintes perguntas: Como é o meu colega? Quais são suas características? (Ex: Tímido? Seguro? Calmo? Nervoso? Alegre?) Qual é a sua nacionalidade? Qual curso ele realiza na USP?

Depois que cada um escrevesse no papel as impressões que tinham de cada colega, eles iriam apresentar este colega, antes que ele se apresentasse. Cada um ouviu a impressão

³⁰ De acordo com Yozo, o jogo dramático pode ser definido como “uma atividade que permite avaliar e desenvolver o grau de espontaneidade e criatividade do indivíduo, através de suas características, estados de ânimo e/ou emoções na obtenção e resolução de conflitos ligados aos objetivos propostos” (Yozo, 1996, p. 17).

³¹ No Psicodrama, o aquecimento é dividido em Aquecimento Inespecífico e Específico. O Inespecífico se relaciona ao acolhimento dos sujeitos no contexto grupal. O Específico visa uma preparação do sujeito ou do grupo a uma determinada atividade ou dramatização. Ele relaciona o contexto grupal com o contexto dramático.

que passava para as outras três pessoas do grupo e depois se apresentou. Isso ocorreu com todos os participantes. Foi um momento bastante descontraído e esta atividade foi aplicada para o propósito de “quebrar o gelo” e ver como era para eles o contato com essas primeiras impressões sobre si e sobre os outros.

Em seguida, cada participante foi solicitado a marcar no *Mapa-Múndi* disponibilizado, o país e a cidade de onde veio. Essa atividade visou demarcar a configuração deste grupo a partir das nacionalidades e referências culturais de seus membros. Diante disso, realizou-se uma discussão para compartilhar a vivência deste primeiro encontro, focando em como os participantes se sentiram e se posicionam a partir de questões propostas tanto pela pesquisadora quanto por eles mesmos sobre a temática.

Sobre a atividade das “primeiras impressões”, discutimos a influência destas no contexto social do intercâmbio. Os participantes apresentaram a necessidade de fugir dos pré-conceitos quando conhecem as pessoas, mas ao mesmo tempo, também partem das próprias referências que possuem. Olivia comentou, a partir disso, uma situação em São Paulo, na qual ela percebeu o preconceito quanto a pessoas da América Latina:

[...] foi a única vez. É... eu sei que tem mais preconceito com a América Latina do que com a Espanha. Eu acho que devem pensar que é pior que a Espanha. Se não o Paraguai, porque muitas vezes falam. [...] quando eu falo que sou espanhola, todo mundo fala assim um pouco melhor. Eu percebo isso. [...] Eles têm mais, tipo, não sei, acham a gente melhor da Europa do que lá, a América, a América do Sul, muitas vezes (Olivia).

Os outros participantes também foram indagados sobre esta questão. Bianca comentou que isso não havia ocorrido com ela no Brasil, mas quando morou nos Estados Unidos percebia que as pessoas da América Latina eram vistas como inferiores. Ainda sobre a questão de preconceitos, Tom comentou ainda as visões que as pessoas tinham sobre a Alemanha e a relação com a cerveja.

Em relação à motivação que eles tinham na escolha do Brasil para fazer intercâmbio, aproveitei a discussão sobre as impressões a respeito do país para investigar o assunto. Olivia, como soube em cima da hora que o seu intercâmbio havia sido aprovado, não tinha muitas impressões formadas. Não imaginava uma cidade tão grande e muitas das coisas que pode observar quando chegou. Considerou as pessoas de São Paulo mais amáveis que em Madri.

Tom, por sua vez, tinha poucas impressões sobre o Brasil:

Eu sabia samba e futebol. É uma coisa assim, era bem pobre né, mas eu sabia que “ah, depois eu vou descobrir mais”. É, e nem sabia o que que é, eu sabia samba mas sem saber o que samba é. Tipo, nem ouvi uma música ou coisa assim. É que quando eu falei pras pessoas que eu queria saber mais. Encontrei uns amigos “X” [o participante utilizou este termo] que falaram: “ah fui pra lá. Você vai adorar! As pessoas são muito abertas”. Eles vão te cumprimentar, vão te levar pros lugares, você vai gostar. [...] “Você vai conhecer pessoas um pouquinho mais fácil no começo”. [...] Isso era, por exemplo, uma ideia que eu peguei das pessoas. O que falavam pra mim e eu pensei “Tá, que legal!”. “Vamo lá”.

Neste momento do diálogo, questionei ao participante se as pessoas o ajudavam a começar a construir sua imagem do Brasil, e Tom afirmou que:

É, sim. Tinha uma é, antes de chegar eu já tinha uma própria [...] e as pessoas também, quando eu falei “ah eu vou pra São Paulo”, as pessoas também ajudaram né? Ah tipo, ter uma imagem, preconceitos que eles pensavam um pouco... [...] assim, uma parte de verdade, outras coisas erradas...que eles deram assim. [...] Falaram que também, “Ah, eles são mais relaxados né? Por causa disso você vai pra lá! (risos)” (Tom).

Dentro desta temática da imagem prévia que eles tinham sobre o Brasil, a participante Bianca, por outro lado, afirmou que já conhecia brasileiros e a imagem que ela possuía acabou se mantendo:

[...] que são muito alegres, muito amáveis e até mesmo São Paulo. Eu achava que por ser uma cidade grande, por isso pode ser um pouco perigosa, mas também não é tão perigosa e, ficou igual é, não fiquei surpreendida, a imagem que eu tinha foi muito certa (Bianca).

No final da discussão sobre este tema, Julia afirmou que não possuía muitas expectativas antes de chegar ao Brasil, porém considerou as pessoas muito parecidas com os argentinos. Nesta comparação, Julia também comentou que algumas formas de se expressar traziam muitas diferenças. Ela emendou este assunto com a percepção da cidade de São Paulo, a qual ela não sabia que era tão grande:

Sei lá, mesmo que você seja chinês, algo assim, que você já tinha morado numa cidade tão grande, você não pode imaginar conhecer essa cidade. Mas [...] acho que eu também tinha conhecido uns brasileiros antes, mas eu conheci eles é em outros países, então acho também que o que a gente faz quando a gente não está, é no nosso próprio país é diferente. Mas eu acho as pessoas muito parecidas com as pessoas que eu conheço na Argentina. [...] Ah, eu não sinto muita diferença (Julia)

Como Julia comentou também sobre as expectativas, estendi esta questão aos outros participantes. Olivia não possuía muitas expectativas. Ela foi conhecendo o país e percebeu que suas ideias mudaram. Traçou uma comparação com o primeiro e o segundo semestre, mostrando que no início deste, sua perspectiva já era outra e relacionou isso com o tempo:

O primeiro semestre eu cheguei, tinha que procurar é pra moradia e depois foi o, o carnaval e depois foi o meu aniversário e depois a semana de páscoa. Depois eu tinha que ir uma semana pra Espanha e depois foi a Copa. Então passei, tipo, os primeiros 5 meses aqui e eu não fiz [...] porque eu não tinha nada de rotina. [...] Agora já eu tenho dois meses assim mais ou menos do que estou mais...eu me sinto mais morando aqui já no Brasil e isso. Isso. E ainda não dá pra ter expectativa (risos) (Olivia).

A questão do tempo nesta vivência dos participantes, também foi abordada por Julia quando esta relacionou as expectativas com o tempo que o intercâmbio possui para desenvolver relações:

Eu acho que normalmente eu tenho mais expectativas [...] então estou tendo que...é como eu falava na entrevista, eu acho que eu estou um pouco cansada de conhecer muitas pessoas porque é legal conhecer as pessoas, mas você sabe que vai conhecer pessoas e são relações que vão durar, sei lá, dois meses. Depois você vai embora e, no final, acho que no último tempo estou virando mais, mais racional... então, eu vou tentar, mas eu não vou me esforçar demais, se dá, dá, se não dá, não dá. Acho que eu tenho expectativas, mas acho que pra mim o mais difícil foi as expectativas que eu tinha com as pessoas que eu já conhecia. Eu esperava talvez ter uma relação com eles porque eu já conhecia eles. E como eu vi sei lá, o, conhecia algumas meninas na Alemanha por dois meses e eu pensei “Talvez, acho que são pessoas que eu gosto se talvez se eu tivesse mais tempo e pudesse conhecer melhor.” É, eles são os meus amigos [?] mas acho que aqui pra mim esse encontro também é mais difícil. A cidade também tem um ritmo que faz muitos encontros muito difíceis que é difícil se encontrar com as pessoas, é difícil marcar coisas e é muito difícil se encontrar com pessoas que não estão no mesmo ritmo e mesmas atividades que está você. Então acho que a cidade faz com que as relações é, sejam difíceis (Julia).

Na abordagem sobre estas relações, Olivia traçou um paralelo com a vivência na Universidade da Espanha e na USP. Pelo tamanho da primeira universidade, Olivia conseguia ver todas as pessoas e combinar as coisas. Na USP, por sua vez, ela precisava definir melhor horários e lugares, o que tornava isso mais complicado. Comentou ainda que até na república onde morava, havia dias que não encontrava os colegas.

A participante Julia também considerou que havia um lado um pouco “contraditório”:

Eu estou pensando no último tempo que eu fico contraditória a situação, entre você quer ter uma vida, uma rotina, porque não sei, porque tem algo...você quer ter uma [...] eu gosto disso de ler, eu gosto de ter tempo pra ler das matérias que eu me envolvo porque também é assunto de intercâmbio. E sei lá, pra mim é um tempo de tranquilidade de...como algo a ter, mas por outro lado, você quer viver o intercâmbio, então você quer conhecer pessoas e acho que as situações de uma, de tentar de ter uma normalidade, de tentar de ter uma normalidade de culturas, de uma nova experiência. E acho que ao final é muito “cansador” fazer muitas coisas pra primeira vez, como [...] (Julia).

Julia explicitou uma contradição entre cumprir as atividades do intercâmbio acadêmico e a necessidade de viver esta nova experiência. Bianca apresentou que no caso dela, sua permanência no Brasil era de seis meses e em sua opinião, para conhecer uma cultura se levava muito tempo:

Os primeiros meses eu fiquei “ah, tenho que encontrar o meu quarto, arrumar as minhas aulas, as disciplinas tudo”. E depois de que tudo está solucionado de algum jeito, já é tempo para ir embora. (risos). Eu gostaria de ficar mais tempo aqui porque “ah, agora eu sei como é o Brasil, o ônibus, tudo isso”. Mas agora é tempo de ir embora já. (risos) (Bianca).

Olivia comentou que os intercâmbios de seis meses eram muito curtos e apresentou que considerava fundamental não ter medo na experiência de intercâmbio. Trouxe exemplos de estrangeiros que não se comunicavam com os brasileiros e tinham dificuldades de adaptação: “*não que não se adaptem, é que não fazem também por se adaptar.*” Neste ponto, Bianca concordou com a importância de se aventurar.

Diante da proposta do encontro, percebemos que o trabalho com as primeiras impressões trouxe o tema dos “pré-conceitos” na sua relação com as expectativas sobre a cidade e as relações. Estes pontos foram refletidos também na dimensão do tempo e dos acontecimentos que fizeram parte desta experiência. Quanto aos aspectos acadêmicos de sua experiência, eles também comentaram sobre a greve que ocorria naquele momento na universidade e que acabou por revelar-se a mais longa já havida na instituição.

Ao final da discussão, os objetivos da pesquisa foram lembrados com base nos pontos contidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido lido antes da primeira etapa da pesquisa. Foram reforçadas as questões referentes ao sigilo, à gravação e os riscos e benefícios. Construiu-se com os membros do grupo, as regras para o seu funcionamento, com a proposta de reforçar os objetivos da pesquisa e a questão do vínculo. Os participantes consideraram importante elencar os seguintes pontos: a pontualidade no horário para início e

término de cada encontro (13:45 até 15:45); ter liberdade para não responder a uma questão apresentada; tempo para cada participante se expressar; avisar de possíveis faltas com antecedência. Reforcei que o processo grupal ocorreria em um período de sete semanas, diferentemente do previsto antes de a pesquisa iniciar (quando havia sido proposto que os encontros durariam dez semanas).

Ao final do encontro, solicitei uma tarefa de casa aos participantes, que implicava trazer para o próximo encontro um objeto pessoal que tivesse relação com a cultura do próprio país a que o sujeito pertencia. O critério quanto ao estilo do objeto era do próprio participante.

3.1.2.2 Segundo encontro

O segundo encontro teve como proposta refletir sobre as referências culturais que os participantes possuíam, por meio dos objetos trazidos por eles, e a possibilidade de relacioná-las na construção de um brasão grupal: ou seja, de um emblema organizado em uma cartolina, que representasse os valores importantes aos membros do grupo. Este encontro teve como segundo objetivo lembrar o que havia sido visto no primeiro de forma a integrar os participantes (um brasileiro e uma francesa) que não puderam comparecer. Entretanto, a participante francesa realizou um contato avisando que não poderia mais dar continuidade na pesquisa. E o participante brasileiro, mesmo confirmando que iria neste segundo encontro, não compareceu e não foi possível obter mais contato. Desta forma, o encontro foi readaptado minutos antes de iniciar³², mas o tema para a pesquisa se manteve.

Como aquecimento inespecífico, os participantes foram acolhidos na sala. Foi perguntado se eles gostariam de comentar alguma coisa que tivesse permanecido do encontro anterior. Depois, foi pedido que eles caminhassem pela sala e fossem lembrando o que foi feito no último encontro.

A partir disso, no aquecimento específico, com o auxílio de uma almofada realizei uma nova apresentação dos sujeitos da pesquisa. Com o grupo aquecido para o encontro, pedi que cada participante pegasse o objeto da tarefa de casa. Eles foram instruídos a se organizarem em duplas de forma a se escolherem pelo objeto do outro, sem saber ainda qual o significado do mesmo. Com as duplas organizadas (Julia e Tom; Bianca e Olivia), eles

³² A metodologia sociopsicodramática prevê possibilidades de improviso e mudanças no planejamento do encontro seja devido a faltas, atrasos de participante e ainda se o próprio grupo traz uma outra temática ao encontro ou se coloca mais disponível a uma determinada técnica de trabalho. Dessa forma, o conteúdo programático da pesquisa sofre alterações de acordo com as respostas que o grupo oferece.

tiveram um tempo de 10 minutos para falar sobre o objeto um para o outro e organizar em uma folha sulfite fornecida, os valores e referências culturais que estavam representados naqueles objetos para ambos. Após organizar estes valores, cada dupla precisou desenhar um brasão que representasse a união daqueles valores apresentados. A ideia era que eles pudessem representar os valores que cada um considerou importantes em um mesmo brasão.

Como os participantes não eram familiarizados com essa palavra, apresentei a definição de brasão, a sua respectiva tradução nas línguas alemã, espanhola e inglesa, além de figuras de brasões de países, famílias e exércitos. Em seguida, expliquei a atividade de representar os valores culturais no brasão, e que estes também poderiam ter relação com os valores herdados pela própria família. O objetivo era entender como cada participante observava esta relação entre si mesmo e a cultura, e como poderia reunir tais valores com os dos outros.

Depois que os brasões das duas duplas estavam prontos, pedi que todos se reunissem e que apresentassem uns aos outros quais foram os brasões feitos. De forma que a nova tarefa seria a construção de um brasão do grupo com o objetivo de englobar aqueles valores apresentados. A tarefa durou praticamente 1 hora até esta etapa. Apesar de o grupo ter compreendido a consigna, a confecção do brasão grupal não foi muito fácil para eles no sentido de reunir os valores que antes eram da realidade de cada um. Esta era uma dificuldade prevista na tarefa e apesar disso, eles conseguiram finalizá-la (Ver Anexo D).

O compartilhamento e o processamento após a realização desta atividade, foram feitos neste encontro, porém se deu mais ênfase ao primeiro momento, devido ao tempo para finalização e também a contradições de sentimentos apresentados pelos participantes quanto à relação entre as tarefas (do objeto, do brasão da dupla e do brasão em grupo) e os valores de cada um. As perguntas realizadas nesta etapa foram: Como foi realizar o brasão grupal? Foi fácil? Foi difícil? Como vocês se sentiram nesta atividade? Quais são os símbolos do brasão? Havia neste brasão elementos da cultura ou da origem de cada um? Como foi reunir estes valores? Foi possível colocar elementos do objeto de cada um no brasão? Vocês se sentiram representados por este brasão?

Diante destas perguntas, houve comentários quanto à dificuldade de fazer algo assim em grupo sem perder o significado dado a cada objeto no início da consigna. Notou-se que ocorreram diferenças de perspectivas entre as duplas sobre o que colocar no brasão e o objetivo da tarefa. A dupla composta por Bianca e Olivia pensou mais em sentimentos como a “alegria”. Enquanto que a dupla composta por Julia e Tom trouxe sentimentos como a “saudades”. A interação entre o que era individual e o que era coletivo foi bastante discutida e

isso gerou incômodo, principalmente na participante Julia a qual teve dificuldades de se sentir representada no resultado final.

O Brasão grupal, conforme pode ser visto no Anexo D, foi descrito pelos participantes como o símbolo do infinito, um contínuo que não se quebrava e foi representado por duas pessoas de mãos dadas. Tom comentou que uma pessoa seria o “eu” e a outra poderia ser uma pessoa genérica: que representasse tanto um amigo, uma família ou comunidade. Olivia complementou afirmando que este era o vínculo que se possuía. As palavras que os participantes colocaram dentro da simbologia foram: “Lembranças”, “Alegria”, “comunhão”. Além disso, simbolizaram uma árvore e uma âncora para representar as raízes de cada um (ideia apresentada por Olivia); um olho com uma lágrima para representar os tempos bons e ruins; e o sorriso demonstrava a alegria, conforme salientou Bianca.

Olivia refletiu ainda que “você cresce a partir das suas raízes”. Quanto à forma com que eles representaram as palavras no brasão, Julia explicou que era uma boa maneira de ver as “duas caras com as duas mãos”. O símbolo do “infinito”, para a participante Julia, significava algo mais contínuo, como aquilo que não se rompe.

Quanto à palavra “comunhão” utilizada no brasão, questionei se já era algo importante para os participantes antes de virem ao Brasil e se eles estavam conseguindo fazer isso. Tom comentou que para ele mudou um pouco, pois realizava coisas mais variadas e com mais pessoas do que na Espanha. Era muito comum, para ele, se apresentar para mais pessoas pela primeira vez, mas também ter menos continuidade nas relações. Bianca considerava que dependia do momento: em alguns, queria estar com os amigos e em outros, estar sozinha.

Em relação ao resultado do brasão, questionei se o grupo se sentia representado pelo mesmo. Julia achava que sim, mas não conseguia compreender o que estavam representando: *“Ou o que tínhamos que representar sabe como...ah acho que não é muito claro isso [...] Acho que a gente começou pensando numa coisa e acabou numa outra muito diferente”*.

Julia também se remeteu a elementos do passado – antes de realizar o intercâmbio acadêmico - e Olivia completou sobre as lembranças que eles possuíam. Julia ficou na dúvida por não saber o que a atividade representava sobre ela ou ainda de sua vida. Relatou também ter ficado confusa quanto ao que a atividade propunha e sentiu que o resultado ficou um pouco indefinido.

Olivia acrescentou que colocaram uma “coisa” tipicamente deles, porém que também poderia ser considerada algo mais geral, relativa à própria humanidade. Julia acrescentou a questão de terem chegado em conceitos abstratos e também comentou a dificuldade com a

língua, pois era necessário encontrar uma palavra que para o outro participante também tivesse sentido:

[...] porque nem é a própria palavra, nem a própria língua, nem a palavra do outro, se não o que, o que...quando, não sei, quando você traduz uma palavra por assim dizer...você já tinha uma representação da palavra assim, mas se é uma palavra muito abstrata, você tem algumas coisas associadas. Quando você traduz, muitas vezes tem que ver como uma experiência, uma experiência onde você aprende nessa tradução, onde como, normalmente, no que for traduzido, no que combina direito por assim dizer... então se eu penso “comunhão”, estou pensando que pra mim significa mais, tanto que pra ele pode chegar com um significado, quanto que pra Bianca...Então isso, isso é complicado porque você quer abstrair as regras de acordo, só que às vezes você conhece pouco as outras pessoas sabe? (Julia)

O comentário de Julia foi muito importante para refletir sobre a mudança que a atividade provocou da perspectiva pessoal para a coletiva. Tom comentou que ao passar para o ponto de vista mais geral, perdeu-se a particularidade dos objetos e dos valores de cada um. Ao buscar o ponto em comum, alguns pontos se perderam, entretanto, outros ainda puderam ser reconhecidos no brasão: *“Mas eu ainda me, eu ainda vejo bastante de mim. Eu ainda posso falar assim ‘eu nossa, tô satisfeito sim, bastante’”*.

Julia também trouxe um outro ponto importante sobre esta atividade: se ela fosse desenhar na própria perspectiva, teria feito duas pessoas tomando mate, pois acreditava que desta forma representaria os valores ali presentes. Não teria que explicar isso para um outro argentino, porque ele saberia o que era isso. Ou seja, para falar sobre valores, existia um referente cultural. Já no caso do grupo da pesquisa, não, porque:

Você tem que falar dessas coisas com pessoas que não têm o mesmo o padrão cultural [...] Acho que, que não é o mesmo fazer essa atividade entre argentinos que com pessoas de outros países. Que não, que, que todas as pessoas têm diferenças sempre né? Mas nem todas as diferenças são iguais (Julia).

Apesar de esteticamente bonito, a participante Julia percebeu que começaram a atividade pensando uma coisa e terminaram fazendo outra. Acreditou que foi uma mistura que o grupo realizou, o que os levou (com intenção ou não) de valores mais concretos da relação particular com a cultura para valores mais abstratos. Este incômodo, em conjunto com os comentários apresentados acima, levou a pesquisadora a retomar a atividade³³ no terceiro encontro, de modo que neste partíssemos das “diferenças” entre os participantes. Todos

³³ Na análise deste processo grupal e dos seus resultados, daremos maior aprofundamento a esta atividade.

concordaram com esta retomada e elucidei a ideia de trazer novamente os objetos para que falássemos sobre a relação com estes. De modo que não houvesse dúvidas, Tom e Olivia anotaram a ideia para o próximo encontro.

Para finalizar, pedi que cada um deles resumisse em uma palavra ou frase como estava se sentindo. As palavras finais foram: “Pensativo” (Tom); “Escolar” (Olivia); “Tolerância” (significando empatia – Bianca); “Nebuloso” (Julia). Vale destacar que o sentido dado a cada uma destas palavras se relacionou com o modo como eram empregadas na língua dos participantes. Julia foi a única participante que teve dificuldade para encontrar uma palavra. “Nebuloso” foi a sua descrição para como estava se sentindo quanto ao que discutiu.

3.1.2.3 Terceiro encontro

O terceiro encontro partiu dos seguintes objetivos: retomar o que foi visto no segundo encontro - tema das referências culturais e valores - e trabalhar a questão da *diferença* diante do brasão realizado, em contraponto com os objetos trazidos por cada um. A proposta era pensar sobre a mesma questão, porém focando nas particularidades, naquilo que marcava a diferença entre eles.

No aquecimento inespecífico, retomei o encontro anterior que gerou opiniões diferentes sobre a mesma tarefa. Relembrei que este era o terceiro encontro do grupo e que eles iriam se realizar até o dia 15 de dezembro de 2014.

Como aquecimento específico, realizei uma atividade de relaxamento. Solicitei que os participantes encontrassem uma posição confortável na cadeira e que fechassem os olhos. Durante esse processo, orientei os participantes a entrarem em contato com o que sentiram e fui trazendo as palavras fornecidas por cada um ao final do encontro. Ao final do relaxamento, pedi que eles pensassem então, em alguma característica que os diferenciava na relação com pessoas de outras culturas. Desta forma, o objetivo do relaxamento foi conduzi-los dos pontos em comum para aqueles que os diferenciavam no grupo, e com outras pessoas do convívio.

Depois do relaxamento, solicitei então que pegassem os respectivos objetos e apresentassem ao grupo, já que na semana anterior só haviam apresentado à dupla correspondente. Para abordar os objetos, foram feitas as seguintes perguntas: Por que esse objeto foi escolhido? O que ele diz sobre a pessoa que o escolheu? Quais são as referências e valores culturais que esse participante traz com esse objeto? E como esse objeto o diferencia

dos demais colegas? Os objetos trazidos e relatados pelos participantes serão descritos abaixo, em ordem de apresentação.

Tom foi o primeiro participante a falar do seu objeto: uma revista de futebol que pertencia à Associação da cidade em que os pais moravam na Alemanha. Este era um costume da família e nesta edição da revista, Tom saiu como capa. O pai de Tom era o presidente do Clube e todos os anos eles lançavam a revista, porque era bom para os patrocinadores. Os irmãos de Tom também jogavam e as partidas ocorriam sempre aos domingos. A família de Tom tinha o costume de se encontrar nestas partidas, pois o participante não morava mais na cidade. Tom relatou que este objeto era algo que estava na sua própria família, uma prática que começou ali e que, até aquele período, fazia-o gostar de futebol. Além disso, como a cidade era bem pequena, todos se conheciam e a comunidade trabalhava junto nas atividades da associação. Os participantes ficaram bastante interessados no objeto de Tom. Abordamos a importância do futebol na comunidade e quantas vezes o participante jogava.

Em seguida, Julia pediu para apresentar o objeto. Ela levou a garrafa térmica com o chá mate que sempre tomava (inclusive na maioria dos encontros do grupo). Para a participante, o objeto não tinha um significado particular e era até meio “*óbvio*”. O sentido do “mate” também era de uma prática social com as outras pessoas, algo muito comum na Argentina. Porém, para Julia, era muito confortável tomar sozinha. Esta prática a auxiliava nos momentos em que se sentia um pouco perdida e era diferente do café, porque o mate podia ser tomado o tempo todo. O “mate” também trazia um sentido de independência: quando foi morar sozinha, sua irmã deu a garrafa térmica gravada como primeiro aniversário fora de casa.

Após isso, a participante Olivia comentou sobre o pão espanhol (o seu objeto). A participante não o trouxe neste encontro, então descreveu como ele era e como se utilizava na Espanha. O pão era visto no seu país também como uma independência para a criança, pois desde cedo ela era instruída a ir à padaria comprar. O pão fazia parte do cotidiano e como Olivia gostava muito de gastronomia, ela associava o pão ao momento de nascer todo dia. O pão também era relacionado no convívio com amigos em festa e possuía até muitas expressões típicas. Ela sentia muita falta disso, pois era bastante representativo para ela. Pensar nisso era “*alegre*”.

A partir desta fala, Olivia também teceu comparações com a comida no Brasil e as expectativas que possuía. Como Olivia enfatizou estes pontos, questionei o grupo sobre a sua adaptação com a comida brasileira. Tom comentou que os doces eram bem doces e isso no início foi difícil. Já Bianca gostou de ser assim. Julia, por sua vez, comentou sobre a falta de

chocolates, pois ela entendia que na Argentina este alimento era mais comum. O assunto da comida brasileira e sua variedade foi bastante abordado a partir disso, além do estilo dos restaurantes e hábitos.

Por fim, passamos aos objetos de Bianca: a bandeira da Colômbia e o urso de pelúcia. Bianca gostava de levar a bandeira a todos os lugares aos quais viajava. Tinha o hábito de tirar uma foto com ela e também falar da Colômbia para as pessoas, convidando-as a conhecer o país. Já o urso, ela possuía desde os 4 anos e utilizava para praticar apresentações. Bianca afirmou que possuía a bandeira há dois anos. Como morou nos Estados Unidos dos 14 aos 19 anos, não viajou à Colômbia. Quando retornou ao país, ficou muito surpresa com as coisas das quais não se lembrava e relatou ter se sentido estrangeira. Este assunto mobilizou o grupo. Julia comentou que isso era complicado e relatou o caso de um amigo que era brasileiro, mas havia morado na Argentina dos 14 aos 17 anos. Segundo Julia, o amigo era “muito” argentino e achava que isso tinha a ver com a linguagem.

Bianca concordou que a linguagem era muito importante, já que muitas coisas do seu jeito de ser eram dos Estados Unidos. Porém, ao mesmo tempo, também era colombiana. Na sua história, Bianca contou ter morado um tempo sozinha nos Estados Unidos (no início permaneceu com a família), na Colômbia e agora no Brasil. Como o tema de se “sentir estrangeira” mobilizou a discussão, questionei ao grupo se eles pensavam que iriam se sentir estranhos quando voltassem aos países.

Olivia respondeu que sim, mas acreditava que isso ocorreria porque ela estaria terminando a carreira e muitos amigos da Espanha já teriam finalizado o curso. Estas questões mais pessoais fariam diferença neste retorno, além das mudanças do país, como um novo Rei e mudanças nas cédulas do dinheiro. Olivia acompanhava as notícias da Espanha pela Internet, mas ficava na dúvida sobre que novas palavras surgiriam pela publicidade.

Relatou também sentir que o seu jeito espanhol tinha “*ido embora*”, porque morava com vários latino-americanos. Julia comentou que passou por isso no seu intercâmbio anterior no México, em que percebia até trocar palavras na comunicação. Um outro assunto questionado ao grupo foi quanto à reação dos seus familiares quando informaram a decisão de fazerem o intercâmbio acadêmico no Brasil.

Bianca apresentou que fazia muito tempo que queria isso, o que não foi surpresa para os seus amigos e família. Os seus pais ficaram preocupados pela Copa do Mundo e pelas notícias do Brasil. No caso de Julia, foi “*um pouco estranho*”, pois já era novembro quando recebeu o *email* dizendo que seu intercâmbio tinha sido aceito para o segundo semestre de

2014. Não houve tempo para dizer para as pessoas e Julia precisou organizar tudo muito rápido para poder ir ao Brasil.

Para Olivia foi um pouco diferente. Ela, em princípio, tinha a possibilidade de fazer um intercâmbio na Europa, mas não queria realizar na Alemanha ou na França. Na última hora, repassou as opções e encontrou o Brasil e a USP. Sabia da universidade por causa do seu pai que tinha nascido no Brasil. Olivia apresentou que, na Espanha, muitas pessoas tinham medo de ir para os países da América Latina pela segurança. Contudo, os seus pais reagiram de maneira diferente: sua mãe, nascida na Colômbia, comentou que “*tudo bem*”. Já seu pai não gostou da ideia no começo. Segundo Olivia, seu pai considerou que a vivência que teve no Brasil e seu posterior retorno à Espanha, fizeram com que não se sentisse nem de um lugar e nem do outro. Olivia falou das diferenças nas tradições na vivência do pai e a língua.

Apesar destas especificidades, Olivia teve muita força dos pais e amigos, mesmo estes não compreendendo a nova realidade em que ela se encontrava. Julia e Bianca concordaram com isso, principalmente no desconhecimento das pessoas sobre a cidade de São Paulo.

Tom, por sua vez, apresentou ter comunicado à mãe sobre a sua ideia de ir ao Brasil e a única coisa que esta disse foi que não iriam visita-lo, porque a cidade de São Paulo não era tão turística. Os pais de Tom já haviam visitado o Brasil antes. Para Tom, foi um pouco triste passar o Natal e Ano Novo longe do convívio familiar. Fora isso, seu pai havia ficado um pouco preocupado com a sua educação e se as universidades do Brasil eram boas. O pai só foi convencido por um colega de trabalho brasileiro que comentou sobre a USP.

Julia também falou da boa reputação da universidade e comentou que no Brasil a questão que era complicada era a segurança mesmo, o que era reforçado pela mídia. Este assunto foi discutido pelos participantes e o quanto precisavam explicar muitas coisas sobre o Brasil para as pessoas que não o conheciam.

De forma a englobar estes assuntos com o brasão que os participantes realizaram no encontro anterior, perguntei se a representação deste tinha mais a ver com a saudade que eles sentiam de casa ou se também mostrava coisas que eles estavam podendo fazer no Brasil. Olivia comentou que não sentia saudades, já que estava curtindo muito o tempo que estava no Brasil e sua alegria tinha aumentado muito. Apresentou, por exemplo, desfrutar mais estar em casa aos domingos do que quando estava na Espanha. Sentia-se com mais liberdade e em relação à “comunhão”, considerava “*muito legal*” conhecer pessoas e ter uma certa continuidade com elas.

Tom também concordou com isso. Quando estava no seu país, possuía fins de semana muito planejados e quase não tinha tempo para fazer outras coisas. Bianca complementou que percebia estar numa nova experiência, na qual ela sentia saudades de casa, mas estava desfrutando muito. Julia, abordou que para ela não era tanto assim. Ela conheceu pessoas, porém, por outro lado, sentia-se ansiosa e com vontade de voltar a seu país. Estava perto de se formar, mas não se formava. Então, para ela era um pouco difícil relaxar e desfrutar.

Possuía a vontade de ir para o “futuro”, se formar e decidir para onde iria. Contudo, este tempo no Brasil também estava servindo muito para que pensasse em que ela iria trabalhar e qual era o seu desejo. Olivia concordou que era diferente fazer intercâmbio no meio e no final do curso. Seus colegas na universidade estavam no meio do curso e, isto era “super temporal”.

Tom, comentando sobre o brasão, apresentou que tinha “*comunhão, mudanças, identidade, alegria do tempo junto*” com os amigos da Alemanha e com os que tinha feito no Brasil. Iria sentir falta deles, apesar de perceber que não entrou tanto na comunidade universitária. Ele percebia que estes grupos já possuíam uma rotina e que nem daria tempo para ele entrar nisso. Julia também não encontrou no Brasil algumas coisas importantes, pela questão do tempo. Gostaria, por exemplo, de ter participado de alguma organização política, mas era muito pouco tempo para estar nisso:

Então...quando você não pode comprometer com outras pessoas porque você vai embora. Então, [...] mas eu tenho muitas vontades [sic] de participar de coisas que fazem mais sentido do que eu vou fazer no fim de semana sabe? Se eu vou para festa como... acho às vezes que pode ser tudo sendo superficial sabe?” (Julia)

Sobre estas questões apresentados por Julia, Olivia também falou sobre obter informações dos brasileiros e comentou que o *Facebook* era uma boa ferramenta. Ao compartilharem sobre o encontro deste dia, Julia comentou que foi interessante ver o que cada um quer mostrar para os outros por meio dos objetos. Fez comparações entre o seu objeto e a bandeira trazida por Bianca. Para Olivia, as escolhas dos objetos foram diferentes e, no seu caso, não teria escolhido a bandeira. Refletiu que todo argentino escolheria o mate também e quantos espanhóis teriam escolhido o pão.

Bianca afirmou que muitos colombianos escolheriam a camiseta da seleção de futebol. Em relação à atividade do encontro, Bianca considerou “*muito legal*”. Tom também comentou ter achado um encontro bem divertido, no qual cada um falou do que sentia falta. E Julia completou que foi “legal” comentar das reações dos pais e amigos.

Notou-se que eles se sentiram muito à vontade para falar de seus costumes e ouvir os dos outros. Percebeu-se um significado pessoal e variado dado à própria cultura. Neste encontro, tinha-se ainda como proposta o desenvolvimento de uma imagem grupal para representar estas diferenças. Porém, não houve momento para isso, visto que o grupo tinha a necessidade de falar. Como tarefa para o próximo encontro, foi pedido que cada participante escolhesse situações vividas no Brasil. O critério de escolha era que fossem situações diferentes.

3.1.2.4 Quarto encontro

O quarto encontro teve como proposta trabalhar com as situações vividas pelos participantes no Brasil, tanto no que diz respeito à experiência na Universidade quanto na cidade de São Paulo. A escolha pelas situações era livre e o único critério era que fossem situações inusitadas ou diferentes para que se pudesse dramatizar ou utilizar de outros recursos dando a possibilidade de vivenciar novos papéis e perspectivas na relação com o outro. Depois, foi realizada uma discussão sobre essas situações e as expectativas com o que de fato ocorreu.

Antes de iniciar o encontro, a participante Julia enviou uma mensagem avisando que ela iria à pesquisa, mas que chegaria atrasada. Devido a isso, solicitou a indicação da sala em que estaríamos para que ela nos encontrasse lá. Aguardei os outros três participantes chegarem e iniciamos o encontro com vinte minutos de atraso. Antes de abordar as situações, discutimos sobre a alteração da data de um dos próximos encontros a pedido da participante Julia que iria viajar e não gostaria de perder o mesmo. Definimos então a data do sexto encontro para dia 09 de dezembro de 2014 das 10:00 ao 12:00.

Depois disso, pedi para que eles fossem lembrando em silêncio as situações que escolheram. Julia perguntou se precisava ser uma situação cultural aqui no Brasil ou se poderia ser geral. Comentei que não havia problema em ser geral, pois às vezes são diferenças que o participante percebia ter alguma relação com as questões da cultura. Pedi para eles se lembrarem de quando a situação ocorreu, quem estava com eles na mesma, o que chamou a atenção e como eles se sentiram.

A partir disso, foi solicitado que cada um pensasse em um título para a situação, o que poderia ser uma palavra, uma frase até mesmo uma manchete como se apresentava em jornal. Também pedi que eles lembrassem de como se sentiram na situação escolhida e dessem um

nome para esse sentimento. Assim, quando cada participante tivesse clareza sobre o título e o sentimento, ficaria de pé.

Depois de 5 minutos, a participante Bianca se levantou. Depois foi a participante Julia, Tom e por último a participante Olivia. Com todos de pé, solicitei o título e depois que eles mostrassem como eles se sentiram. Dei um exemplo pessoal³⁴ para que o grupo entendesse melhor a instrução. Comentei de uma vez em que recebi uma colega intercambista norte-americana e iria falar inglês com ela. Dei como título a palavra “Vergonha”, porque tive vergonha de me comunicar mesmo tendo estudado inglês por muitos anos. Corporalmente mostrei o sentimento (me curvei).

Depois disso, a participante Bianca começou. Ela deu como título “Maluca” e o sentimento foi “envergonhada”. Depois dela foi Julia com “Brasileiros no espaço público” e o sentimento de “surpresa”. Tom criou o título “Não acredito que fiz isso” e se sentiu “irritado” e Olivia intitulou “Vamos tirar uma foto” e o sentimento foi “surpresa”.

Em seguida, foi lançada a seguinte pergunta: “se vocês fossem escolher uma situação pelo título e sentimento que não fosse a de vocês, qual seria?” Julia e Bianca escolheram o título de Olivia. O participante Tom escolheu o de Julia e Olivia escolheu o de Tom. Como duas participantes escolheram o da mesma pessoa (Olivia), combinei com o grupo de vermos a situação dela antes. E, se desse tempo, veríamos a situação de mais um participante depois.

Assim, solicitei que apenas Olivia ficasse de pé e os outros se sentassem. Foi pedido que Olivia explicasse em que lugar ela estava na situação que escolheu. Ela respondeu que na Vila Madalena. Perguntei se todos conheciam a Vila Madalena e eles comentaram que sim. Solicitei então que ela explicasse pela sala em que ponto da Vila Madalena seria. Ela apresentou que estava com mais seis amigos na calçada em frente a um bar conversando. Era no dia da final da Copa do Mundo. Ela demarcou junto comigo o cenário. Estava com os amigos se despedindo, pois, um deles iria embora do Brasil. Pedi para que ela representasse com os participantes do grupo quais eram os amigos com quem ela conversava. “*A amiga que ia embora*” foi representada por Bianca e outro amigo por Tom. A participante Olivia os posicionou do seu lado e começou a explicar a cena. Estavam conversando e havia um grupo de brasileiros próximo deles. Durante a conversa com seus amigos, um deles comentou de tirarem uma foto, já que a amiga iria embora do Brasil.

³⁴ Na abordagem psicodramática, quando se realiza uma dramatização, tem-se o Diretor e o Ego Auxiliar. O diretor é aquele que conduz a atividade e a cena e o Ego Auxiliar é a extensão do Diretor no grupo. É ele quem fornece informações ao Diretor quanto a dificuldades no grupo ou ainda realiza a função de realizar uma ação como se fosse membro do grupo. Como nesta pesquisa, não houve Ego Auxiliar, forneci este exemplo ao grupo como se fosse um, de forma a que eles entendessem com mais clareza o pedido.

Neste momento, um amigo olhou para o grupo de brasileiros e pediu que um deles tirasse uma foto. O brasileiro se prontificou e se posicionou em frente deles para tirar a foto. Toda essa cena foi sendo explicada por Olivia que ora se colocava no lugar de si mesma, ora do brasileiro. No papel do brasileiro, Olivia explicou que na hora em que ele foi tirar a foto, uma menina desconhecida passou na frente dele e, sem pestanejar, ele puxou a menina pelo braço e a beijou ali mesmo. A reação da participante Olivia e dos seus amigos foi de muita surpresa e incômodo. Pedi para que ela mostrasse a cena em que a menina chegava e apenas a ação de puxar, parando neste ponto.

Depois, Olivia comentou que já havia visto esse tipo de atitude em bares no Brasil e se sentia muito incomodada com isso. Para ela, era como se fosse um tipo de violência. E também o fato de tanto o brasileiro quanto a menina puxada se beijarem sem ao menos conversar. Ela comentou que ela e seus amigos não sabiam o que fazer, pois o rapaz ficou com o celular deles para tirar a foto na mão enquanto beijava a menina. Na continuidade da cena, um amigo do rapaz, pegou o celular de sua mão e tirou a foto de Olivia e seus amigos. Esse foi o desfecho da cena. Perguntei à participante se ao falar e dramatizar essa cena que testemunhou com os seus amigos, ela teria vontade de ter agido de maneira diferente. Ela comentou que não. Não teria muito o que fazer. O máximo seria pegar o celular e pedir para que outra pessoa tirasse a foto, como fez o amigo do rapaz. Essa cena mobilizou o grupo como um todo. Perguntei se os outros participantes fariam diferente, mas eles responderam que não.

Olivia comentou de uma outra cena relacionada a isso e demonstrou sua ação “dando um pulo para trás”, como que assustada com esse tipo de atitude. Ela estranhava muito as pessoas se aproximarem no Brasil dessa forma, sem ao menos conversar por um período, nem que fosse curto. Novamente comentou que essas situações geravam para ela a sensação de violência, de invasão do próprio espaço. Contou também que já passou por esse tipo de situação com rapazes querendo puxar o seu braço ou até mesmo o cabelo para conseguir agarrá-la. Perguntei aos outros participantes se eles já haviam passado por isso ou observado. Tom e Julia comentaram que sim, já Bianca abordou não ter passado por isso dessa maneira³⁵.

Tom relatou uma situação na balada em que estava dançando com uma menina e ela logo em seguida, foi para cima dele querendo beijá-lo. Ele comentou: “*Nossa, mas já?*”

³⁵ Três dos quatro participantes do grupo se mobilizaram com esse tema já na entrevista inicial, comentando que era um tema que eles consideravam muito relevante para conversar no grupo. Sobretudo com certas atitudes que eram permitidas no Brasil e como, sendo estrangeiros, eles não saberiam de que forma agir, além de se tais situações que já vivenciaram são ou não uma questão cultural no Brasil. Bianca não comentou na entrevista sobre esse assunto.

Calma". Quando relatou tal situação comentou que ficou desconfortável pois gostava de conversar, conhecer a pessoa antes. As outras participantes do grupo ficaram surpresas e riram, pois, geralmente veem situações assim de homens para com mulheres e não o contrário. Julia comentou que esse tipo de coisa a incomodava e apresentou que uma vez estava andando na rua e um morador de rua tentou dar em cima dela. Ela se sentiu muito mal com isso e chamou a atenção para o fato de haver pessoas em volta que viram e não fizeram absolutamente nada. Ela comentou que na Argentina, haveria pessoas que agiriam para protegê-la. Esse assunto mobilizou bastante o grupo e eles se questionaram se esta seria uma questão cultural no Brasil ou não.

Para a dramatização da segunda cena, na ocasião de um empate entre a escolha da cena de Tom por Olivia e a cena de Julia por Tom, o grupo escolheu a cena de Tom. Pedi para que todos se sentassem novamente, permanecendo em pé apenas o participante. Solicitei que Tom nos contasse quando essa cena ocorreu. Ele afirmou que há uns dois meses. A cena foi no CRUSP, particularmente, entre o corredor e o apartamento de um colega. Ele montou esse cenário com a almofada (como a porta) que apresentei e com as cadeiras para representar um sofá. Na cena estavam ele e seu colega em pé em frente à porta. Havia muitas pessoas em volta: algumas no sofá e outras no corredor. Tom escolheu Julia para representar este amigo. Na cena, pedi para que ele explicasse rapidamente o que estava acontecendo para que pudéssemos ir para as falas. Tratava-se de uma conversa para combinar de sair e encontrar uns amigos que estavam em um local esperando Tom e depois ir com eles para outro local.

Tudo isso tinha um horário e Tom estava preocupado com o tempo e o fato de as pessoas estarem-no esperando. Ele fez um diálogo mostrando que tentava convencer o seu amigo na porta de que era mais fácil que ele (Tom) fosse pegar a bicicleta e ir encontrar o outro grupo de amigos. Assim tudo seria mais rápido e prático. Já o seu amigo falou que ele precisava relaxar, pois tudo daria certo. Ele não precisava correr para encontrar os outros, pois o local era perto. Desta forma, ele poderia ir junto com este e seus outros amigos. Os dois ficaram neste diálogo e pedi para que Tom entrasse no lugar do amigo, trocando de personagem com Julia, de maneira que ela também pudesse participar. O desfecho da cena foi Tom, como ele mesmo, concordando com o seu amigo em fazer da maneira como este estava propondo. Parei a cena e perguntei por que Tom decidiu fazer isso. Ele comentou ter ficado sem argumentos e achou melhor concordar.

Perguntei se naquele momento de reprodução da cena, ao observá-la (nesta hora pedi que Olivia entrasse no seu lugar e ele visse a cena de fora), ele faria algo diferente. Ele respondeu que não, pois com esse amigo muitas vezes acabava agindo assim. Tom respondeu

que às vezes tinha dificuldade em saber se a maneira como o outro, no caso o brasileiro, estava apresentando uma atitude, era a certa na ocasião e no contexto em que se encontrava. Tom afirmou que era complicado saber na comunicação com os outros no Brasil, se a forma como as coisas estavam sendo combinadas eram como se comumente fazia ou não. As outras participantes concordaram com isso, com exceção de Bianca, que não se pronunciou muito sobre esse assunto. A partir da cena de Tom e da cena de Olivia iniciamos uma discussão sobre os temas que surgiram: as relações de gênero e a comunicação no Brasil.

Pedi que todos sentassem e perguntei para eles como foi dramatizar tais situações. Eles comentaram que foi interessante, sobretudo para ver que tais coisas que os incomodavam individualmente eram comuns aos outros membros do grupo. Falamos sobre a cena de Tom e a dificuldade em perceber se o português que se falava era informal, formal ou até mesmo se certas palavras no português possuíam um significado que era diferente no espanhol. O espanhol em si também variava nos países em que era utilizado. Por exemplo, Olivia mencionou que a palavra “ilusion” em Madri tinha um significado diferente daquele usado no Brasil para a palavra “ilusão”. No significado que ela trouxe, não havia uma palavra correspondente no idioma português. Isso às vezes tornava difícil uma comunicação mais clara com as pessoas e Olivia acabava desistindo de explicar e era mais sintética nas suas falas.

Perguntei a eles se o fato de estarem se comunicando em uma outra língua dificultava serem mais espontâneos ou ainda mais transparentes com o que pensavam e sentiam. Os participantes comentaram que sim, pois precisavam sempre parar antes de falar e ficar pensando em como falar, qual entonação usar e se o outro iria compreender a mensagem.

Como única brasileira no grupo e devido ao assunto que eles estavam abordando com bastante interesse e dúvidas, questionei o grupo se eles gostariam de perguntar algo. A participante Julia, focando na questão de gênero, indagou como era visto isso no que dizia respeito à ação dos homens com as mulheres no Brasil. Se isso era concebido como normal ou não. Olivia questionou se isso poderia se restringir a São Paulo ou poderia ser visto em outros locais do Brasil. Expliquei, tomando o devido cuidado para não influenciar a opinião dos sujeitos, que como em outros lugares, muitas vezes as relações sociais nas cidades grandes e do interior poderiam variar muito. E existiam muitas brasileiras que reclamavam desse tipo de atitude. Após realizar estas colocações, perguntei ao grupo se isso poderia ser generalizado ou não, na opinião deles.

Perguntei ainda como eram essas relações de gênero nos países deles e se havia alguma diferença. Olivia comentou que notava que o Brasil era um país machista e afirmou

que em Madri – sua cidade natal – as pessoas procuravam se conhecer melhor antes de acontecer qualquer coisa, pois era raro ocorrer esse tipo de abordagem na rua ou nos bares. Julia concordou que o Brasil era um país machista, mas considerava que o México era pior pela experiência de intercâmbio que teve lá.

Com relação à comunicação em outra língua, Julia trouxe como outro exemplo uma situação em que foi dividir um táxi com duas colegas e havia entendido que cada uma iria para a própria casa. Quando se deu conta, todas iam para a mesma casa. Julia relatou que ficou sem graça, mas foi. Ao chegar lá, todos estavam usando maconha e ela resolveu dormir. Ficou na dúvida se as pessoas haviam entendido o que ela tinha compreendido ou se elas ficaram com vergonha de dizer para ela o que iriam fazer.

Um outro assunto mencionado pelos participantes neste encontro foi a questão do racismo. Julia iniciou esse assunto ao comentar que a Universidade de São Paulo não representava, na perspectiva da participante, como era a cidade de São Paulo e o Brasil. Comentou que quase não encontrava colegas negros no seu curso e nem na USP como um todo. Olivia complementou essa afirmação, apresentando que na POLI – onde realizava o seu curso – havia mais colegas orientais, porém, nenhum colega negro. Bianca apresentou que na Colômbia percebia aspectos semelhantes aos do Brasil neste assunto, entretanto relatou que nos Estados Unidos, onde morou por 4 anos, notou situações relacionadas ao racismo que não via da mesma forma que no Brasil. Na sua opinião, nos Estados Unidos isso ficava mais evidente.

3.1.2.5 Quinto encontro

Este encontro deu continuidade ao tema da experiência de intercâmbio dos participantes no Brasil, focando nas situações vividas, principalmente naquelas que não puderam ser mencionadas anteriormente. Como observado no quarto encontro, esta temática mobilizou muito os participantes e notou-se a necessidade de fornecer mais uma vez um espaço para eles discutirem o assunto. Neste encontro, a participante Julia não participaria, pois estava viajando e só iria voltar para o sexto e o sétimo encontro. Desta forma, o encontro iria contar com a presença dos outros três participantes. Entretanto, na manhã deste dia a participante Bianca enviou um *e-mail* avisando que não poderia comparecer por motivo de prova na semana. Diante disso, expliquei-lhe qual seria a tarefa do sexto encontro.

Com o grupo reduzido a duas pessoas neste dia, aguardei os participantes chegarem para poder combinar com eles como faríamos o encontro. Tom chegou quinze minutos atrasado e comentei para ele sobre o ocorrido. Tomamos a decisão de realizar o encontro, porém por um período de tempo menor. Entretanto, a participante Olivia enviou uma mensagem dizendo que estava atrasada e perguntando onde seria a sala. Desta forma, iniciei o encontro com o participante Tom e depois de uns quinze minutos, ela entrou na sala. Como havia apenas dois participantes, em vez de realizar uma dramatização das situações vivenciadas, nós as discutimos a partir de uma atividade na qual Tom e Olivia escreveram em pequenos papéis, os títulos e como se sentiram nas situações.

Solicitei que, diferentemente do encontro anterior, os participantes escrevessem o tema de cada situação pensada num papel e colocassem cada papel diante de si. Foram fornecidos 12 papeizinhos para que cada participante colocasse no máximo 12 situações. No decorrer da atividade, pedi para que eles olhassem os próprios papéis e vissem se as situações que cada um escreveu tinham algo em comum. Os participantes identificaram que, dentre as próprias situações havia aquelas que eram parecidas. Desta forma, cada um reorganizou os seus papéis em temas numa mesma coluna (isso separadamente pois nenhum havia lido ou ouvido a situação do outro. Neste momento estavam ainda focando nas suas próprias). Depois de realizá-lo, pedi para que eles classificassem esses temas em “bons”, “ruins” ou “mais ou menos”, com base na percepção da própria experiência intercultural. Depois de classificarem, perguntei se eles lembravam de mais alguma situação importante e eles comentaram que não.

Foram 12 situações escolhidas por Olivia e 9 situações de Tom. A participante Olivia (ver anexo E) classificou seis situações como “boas”, quatro como “mais ou menos” e duas como “ruins”. Tom (ver anexo F) considerou como “boas” quatro situações. Além de duas como “mais ou menos” e três como “ruins”. Em resumo, Olivia trouxe situações vistas como “*tipicamente brasileiras*”: duas experiências com táxis em São Paulo; o ato de oferecer carona, o qual não existia na Espanha; experiência no Centro Acadêmico; situação de discriminação em balada e alimento no Restaurante Universitário. Os sentimentos relatados nestes momentos variaram de “alegria”, “surpresa” e “raiva”.

Tom agrupou três situações em uma única temática denominada por ele de “*em qual tempo você consegue chegar rápido numa pessoa*”. Com este assunto, Tom buscava entender como se definiam as relações sociais no Brasil, em termos de proximidade e tempo para denominar alguém como “amigo”, “colega” ou ainda para demonstração de afeto. Ele trouxe momentos de estranhamento em relação, principalmente, a como se cumprimentam figuras de autoridade no Brasil, no caso em específico, a relação do aluno com o professor:

(...) então deu um abraço assim de tempo (...) Mas já eu achei muito perto, eu vi por exemplo, eu me senti desconfortável porque eu nunca abracei um professor. (Risos). E depois de me formar, eu me lembro que o meu professor me deu a mão e disse ‘ah parabéns, nossa, que legal (...)’ (Risos) (Tom).

Tom relatou o seu estranhamento quanto a abraçar um professor e fez comparações com o modo de tratamento em relação a seus professores na Alemanha. E também o fato de muitos brasileiros se denominarem “amigos” com muita facilidade. Como outro tema, apresentou a surpresa quanto à forma como os brasileiros lidavam com a religião, o que era bastante diferente na Alemanha. Ao mesmo tempo, apresentou que o senso de humor dos brasileiros deveria ser algo mais utilizado pelos alemães. Os sentimentos e sensações que apresentou a cada vivência foram variados: “surpresa”; “inconfortável”; “feliz”; “tedo” (querendo dizer “tédio”); “Estranho” (palavras apresentadas pelos próprios participantes). Ainda comentou sobre conversas com colegas a respeito de dormir na casa de amigos, teatro, ócio, a percepção sobre a polícia e festas.

Olivia, por sua vez, descreveu as doze situações, as quais variavam do contexto universitário a viagens que fez pelo Brasil. A percepção destas situações também marcava diferenças com a sua vivência na Espanha. Na discussão sobre esta atividade, os participantes foram questionados sobre o porquê escolheram essas situações e não outras. Tom comentou que o motivo foi por serem diferentes, por já ter falado com mais alguém sobre isso e ainda, por algumas terem ocorrido com bastante frequência. Olivia pensou em vivências que gostaria de contar aos seus amigos da Espanha, pois acreditava que seria do interesse deles por serem diferentes das que possuíam no próprio país e que por isso chamariam a atenção. Ambos os participantes comentaram que, em geral, gravavam mais na memória aquilo que era diferente.

Ao serem questionados se havia elementos em comum em comparação com as situações do outro, Olivia comentou que percebia alguns elementos, mas outros não. Por exemplo, o estranhamento que Tom relatou quanto a abraçar os professores era diferente para Olivia, pois isso era comum para ela desde os tempos de colégio. Quanto à questão das amizades, ela notava que isso variava, já que havia pessoas que estabeleciam confiança muito rápido. Existiam diferenças no modo de lidar com a religião na Espanha, a qual, diferentemente da Alemanha, tinha como predominância o catolicismo.

Os participantes comentaram bastante sobre estas diferenças de manifestação da fé. Tom apresentou que isso variava de geração em geração na Alemanha. Tom falou sobre as reações quanto a práticas que variavam de universidade para universidade, um dos temas

apresentados por Olivia. Além do ato de dar “carona” que foi muito enfatizado pela colega. Em essência, os dois participantes usaram como critério o aspecto que marcava a *diferença* em cada situação vivida.

No compartilhamento do encontro, os participantes relataram que gostaram muito de realizar esta atividade. Ambos consideraram divertido. Para Tom, no sentido de ver como o outro pensava sobre a experiência. Tom comentou que muitas coisas aconteceram no fim de semana que antecedeu ao encontro e depois de escrevê-las, pensou que havia também outras situações. Olivia afirmou que sempre lembrava desses momentos, então para ela era fácil de fazer.

Com base no que relataram, os participantes foram solicitados a avaliarem como estava sendo a experiência de intercâmbio até o momento, conferindo uma nota para as suas impressões. Tom classificou entre 8,0 e 9,5, porque se sentia bem no dia-a-dia e no que já podia organizar. Em geral, ele não possuía nenhuma experiência que observava como “*horrível*”. Olivia, por sua vez, avaliava o seu processo como “*excelente*” pela circunstância, a relação com a cidade e também com ela mesma. Por ser sua primeira escolha pessoal, era a primeira vez em que se sentia livre. E ainda desenvolveu uma consciência do dia-a-dia, do tempo presente. Algo que antes, no seu país, não conseguia realizar com facilidade. Desta forma, ela resumia que toda esta vivência tinha muita relação com esse momento particular.

Segue abaixo os depoimentos dos participantes neste momento do encontro:

Pra mim é a primeira vez na minha vida que estou em um lugar que eu escolhi. Ou seja, morei toda a minha vida em Madri. Fiz a universidade em Madri porque era o lógico. Moro lá e tal e não vou embora “pero”... é ... moro há meia hora da Universidade para fazer Engenharia. [...] e foi a primeira escolha pessoal minha. Ou seja, eu escolhi a carreira também, mas não foi tanto, tão assim ... mais ou menos...foi uma escolha [...] é ...ao final deu certo, estou aqui e então pra mim é muito satisfatório ter isso...É a primeira...é não sei...não sei se o problema é da área...mas não sei...tenho tanta consciência de que eu sou feliz porque tantas vezes...ah agora eu sei que desfrutei algumas coisas da minha faculdade...todas vezes...acho...[...] estava estressada por alguma “tonteria”, por alguma prova e não desfrutei tanto...Agora desfruto da lembrança, mas naquele momento não. Aqui no Brasil eu desfruto muito do dia-a-dia. Mesmo nos dias que não faço nada, estou mais que em Madri. Não sei se...por, pela liberdade também...É a primeira vez que me sinto assim livre. Então pra mim isso “uau” (risos)...é....É outro mundo. Então sim, estou...Mesmo tendo muitas coisas que não, não...que não se são em comum...que são mais difíceis, não sei o que...[...] vocês não têm essa...tem um monte de experiências novas, mas não tem essa familiaridade...tem que achar a rotina...tem que achar [...] às vezes é complicado isso...é a primeira vez na minha vida que sou consciente do dia-a-dia que estou (risos).E estou aqui para desfrutar... (Olivia)

É tipo, eu me sinto bem. Em geral eu me sinto bem. Como as coisas andam...com o dia-a-dia... que “ahn”...é que eu...é, é ...consigo assim organizar que eu tenho, ainda tenho mesmo assim também “tô” agora por exemplo não sou tão [...] Acessível [?]. Por um lado, tem um [...] Eu posso fazer bastante coisa assim. E ainda não...é ...no fim de semana não tem uma rotina. Assim que...e ah...não tipo, em geral, bem gostoso assim. [...] (Tom)

3.1.2.6 Sexto encontro

Um dia antes da realização do sexto encontro, a participante Julia enviou um *email* avisando que ter se confundido quanto ao horário em que chegaria a São Paulo. A participante chegaria em um horário no qual não daria tempo de estar às 10:00 no encontro. Diante disso, Julia perguntou se era possível a alteração do horário para pelo menos uma hora mais tarde. Enviei então um recado para os outros três participantes, por *email*, mensagem e tentei um contato ao telefone. Consegui o retorno dos participantes Tom e Olivia, porém a participante Bianca não deu uma resposta. Como precisava confirmar da alteração do horário com Julia até o final da noite, optei por realizar a alteração para o horário das 11:30 até às 13:30.

Na data do encontro, um pouco antes do início, Bianca retornou o contato e afirmou que durante a segunda-feira não utilizou o celular e não acessou o seu *e-mail*. Como já havia marcado um compromisso ao meio dia, não poderia participar. Em virtude disso, pedi desculpas pela mudança do horário e enviei a ela a tarefa para o último encontro.

Desta forma, o sexto encontro contou com a participação de Julia, Tom e Olivia. O grupo iniciou com 30 minutos de atraso, pois Olivia chegou 15 minutos após o horário marcado, e aguardamos mais um tempo pela chegada de Julia. Apesar do atraso, o encontro seguiu com o seu objetivo de abordar o sentido da experiência intercultural para os intercambistas, sobretudo em como eles percebiam a si mesmos e o contato com os outros.

A atividade proposta foi a realização de um desenho que representasse como os sujeitos notavam a experiência deles, desde o início do intercâmbio até o momento presente. Foi dada uma instrução mais aberta para que eles tivessem liberdade de expressar no desenho de que maneira viam o assunto. Informei que este poderia ser abstrato, uma representação de si mesmos, ou ainda conter elementos daquilo que foi conversado sobre a experiência de conhecer a cultura brasileira ou de conhecer outros intercambistas, focando neste contato intercultural.

Enquanto os participantes realizavam a tarefa, Julia entrou na sala. Expliquei qual era a atividade e o seu objetivo. Na apresentação dos desenhos, Tom foi o primeiro a falar. O seu desenho representava a sua visão de mundo e a visão dele mesmo (Ver anexo G). Ele notava que houve uma mudança na sua maneira de ver, comportar-se e estar com as outras pessoas. Ele representou ainda dois caminhos se entrecruzando: um seria o caminho alemão (onde ele estaria inicialmente) e o outro o caminho brasileiro. Ao final, estes dois se tornaram um só. Após a apresentação de Tom, as outras participantes comentaram que a apreensão da língua portuguesa pelo colega era invejável. Para elas, a língua espanhola se aproximava demais do português e isso levava a confundir determinadas palavras ou expressões.

Julia iniciou a sua apresentação a partir desse ponto, afirmando que a sua compreensão da consigna acabou sendo muito rápida. Apesar disso, Julia trouxe dois “*significantes*” muito fortes para ela. Primeiramente, a participante notava que as semelhanças e as diferenças entre as línguas provocavam misturas e algumas dificuldades. Por um lado, ela sentia que estava ficando um pouco “*doida*” por causa do idioma. Ao mesmo tempo, isso para ela era muito interessante, pois gostava muito das línguas e desfrutava aprender e falar. A língua marcava a questão da identidade. A participante acreditava que uma outra coisa que para ela era importante para poder se comunicar os outros, foi a comida. Sobre este aspecto, relatou a experiência com os colegas de república que também eram intercambistas e de países variados. O seu desenho (ver anexo H) marcava a proporção da mistura e que era algo que ela estava vivenciando. Ela representou vários elementos: a sua casa; o mate como sua forma de se conhecer; a cidade de São Paulo; a USP; a cerveja; mistura de línguas. Todos os elementos se entrecruzando e Julia representada no meio.

Olivia apresentou o seu desenho (ver anexo I) como trazendo a sensação de que as coisas eram muitos grandes, na relação que ela estabelecia entre São Paulo, Brasil e o mundo. A participante representou sua chegada no aeroporto e como via a cidade no início. A sensação de vertigem e a percepção de ter muitas pessoas. Comentou que perdeu a conta de quantas pessoas conheceu em São Paulo e destacou a aprendizagem adquirida em cada relação. Ela representou no desenho o símbolo do “Whatsapp” com o sentido de única conexão que possuía frequentemente com a Europa. Um comentário bastante interessante da participante foi que o intercâmbio trouxe a sensação de que poderia ir para algum lugar e muitas vezes não saber aonde estava indo. Apenas a questão de ter que continuar. Neste caminho, segundo Olivia: “(...) *tem muita gente que você pode/pode te ajudar ou não, mas que sempre vão estar lá. Vão estar...mesmo que você chegue sozinha, no fundo você não está sozinha*”.

Julia se identificou com este comentário e também destacou o que esta sensação trazia a ela: “[...] *Como isso, que no fundo você não está sozinha. Mas às vezes penso o contrário. Você está acompanhada, mas no fundo você está sozinha. Como depende da situação. Como você disse é muito forte essas coisas...*”. Ainda no desenho de Olivia, a participante comentou sobre a percepção da cidade e a distância dos lugares.

Neste momento, considerando o assunto sobre estar ou não sozinhos neste período de intercâmbio, questionei os participantes em relação às pessoas que eles conheceram, quais seriam as mais importantes. Julia pensou em seis, das quais metade eram estrangeiros e metade brasileiros. Olivia apresentou que teve “*dois intercâmbios diferentes*”. No primeiro semestre fez amizade com muitos intercambistas, os quais já tinham ido embora. E no segundo, mudou de moradia e conheceu as pessoas da nova república, uma vizinha e outras. Olivia, apesar de sentir falta dos colegas que já não estavam mais no Brasil, percebia que estava mais aberta no segundo semestre. Ao realizar uma comparação, notava que no início “*tudo era mais novo. Eu estava preocupada, o que ele vai achar de mim...é isso. E nos outros meses já...me senti com mais liberdade para falar com meus companheiros e tudo isso*”.

Tom, por sua vez, quando chegou ao Brasil estava “*bem aberto*”, mas na ocasião do sexto encontro, já não se percebia tanto assim. Ainda conhecia pessoas novas e já identificava aquelas com quem se encontrava com mais frequência. Preferia, na finalização do intercâmbio, passar mais o seu tempo com estas pessoas. Julia comentou que a greve influenciou que conhecesse outros colegas, pois interrompeu as aulas e impediu seu contato frequente com os colegas de turma. Além disso, considerava mais difícil se integrar com os brasileiros, pois eles já possuíam uma vida no Brasil. Já ela, como intercambista, tinha muito tempo livre.

Outras colocações que o grupo realizou a partir do desenho foram a disponibilidade para conhecer alguém de outro país, levantada por Olivia e complementada por Julia, quando esta comentou que existia uma empatia diferente com a situação do outro quando você passava pela mesma coisa que ele. Com relação aos objetivos que os participantes possuíam quando vieram para o intercâmbio, questionei se em primeiro lugar, tinha a ver com a questão do estudo em si ou também havia a ideia de ter uma experiência fora do país, de conhecer brasileiros e ainda uma outra cultura. Tom comentou ser “*a segunda coisa*”: “*Porque na verdade, se fosse o ‘estudio’, eu poderia fazer é tipo, eu poderia fazer as, as mesmas matérias no meu, na minha Universidade e a, seria mais fácil*”.

A participante Olivia comentou que não queria vir para estudar. Ela já havia “*sofrido*” muito na Espanha e queria um ano mais tranquilo. Tinha a vontade de desfrutar e morar fora

de casa. Ela também comentou que houve mudanças nos objetivos ao longo do tempo. Julia, por sua vez, não possuía clareza se era a questão do estudo. Acreditava que seus objetivos focados em ir embora, porém tinha também interesse em conhecer algo relacionado aos estudos, pois percebia que muitas coisas eram diferentes em relação às universidades de seu país, como por exemplo, as matérias optativas. Além de notar que o programa da universidade era muito bom. Havia o interesse ainda em aprender a língua portuguesa, conhecer o Brasil e sua cultura, porém isso acabou sendo frustrante por conta da greve, o que contribuiu para que este aspecto de sua experiência transcorresse de forma um tanto superficial.

Quando indagados sobre o momento de saída do Brasil, os participantes comentaram que isso equivalia a pensar no futuro. Como fechamento do encontro e tarefa para o próximo e último, solicitei que os participantes realizassem um novo desenho sobre a visão deles para o futuro com a finalização do intercâmbio e o retorno para casa.

3.1.2.7 Sétimo encontro

Neste sétimo e último encontro realizamos uma retrospectiva dos assuntos debatidos e das atividades desenvolvidas, avaliando com o grupo como foi a participação nesta etapa. Resumidamente, os participantes foram convidados a caminhar pela sala para que fossem olhando cada atividade e tarefa que estavam ali dispostas. Fomos recordando os momentos da etapa em grupo até este último encontro.

Repassamos os desenhos feitos no encontro anterior, de modo que a participante Bianca – que não havia participado – pudesse apresentar o seu e ouvir os dos demais colegas. O desenho de Bianca representava um relógio (Anexo J). O tempo estava passando, em sua opinião, e não era suficiente para conhecer tudo o que o Brasil tinha. O que ela definiu como “*o tempo fugiu*”.

Após isso e antes de apresentar os desenhos sobre o futuro, solicitei que cada participante escolhesse uma atividade ou encontro do qual gostaram mais – caso houvesse. Isso foi feito com o objetivo de aquecê-los para o processamento da pesquisa. Os participantes comentaram que foi difícil escolher. Tom ressaltou o quinto encontro das situações anotadas e o sexto no qual realizaram o desenho de como estão vendo o intercâmbio hoje. Bianca ressaltou o primeiro encontro; Julia, o quarto, assim como Olivia, a qual também selecionou o sexto encontro.

Depois seguimos para a tarefa de casa. Apenas a participante Bianca havia realizado, os outros três haviam esquecido e pediram para desenhar no quadro, pois já tinham a ideia do que queriam desenhar. Bianca representou um “coração” que tinha a nacionalidade colombiana e a brasileira também (como se pode ver no Anexo K). Julia (ver Anexo L) desenhou no quadro uma casa, a qual não sabia onde estava, mas ao mesmo tempo, poderia ser em qualquer lugar. Olivia (ver Anexo M) representou uma roleta como nos programas de prêmios. Esta roleta possuía várias opções e precisava de força para ser movimentada. Para Olivia isso significava que em sua vida iriam acontecer “coisas”. Ela poderia escolher, mas não sabia bem o que ainda, apenas que possuía força para isso. Já Tom (ver anexo N) se representou com os braços abertos. Considerava que iria ter um jeito mais convidativo com as pessoas, tanto estrangeiros como outras no geral. Também trouxe símbolos relacionados a outra língua, porque ainda teria vontade de aprender. Imaginava que iria viajar mais no futuro.

Após a apresentação dos desenhos, solicitei que o grupo representasse individualmente, por uma imagem corporal, como estava terminando o processo de intercâmbio. Depois, pedi que eles tentassem juntar cada imagem numa representação do grupo. Realizaram uma imagem estática e outra em movimento. Foi um pouco difícil para eles montarem uma imagem em conjunto sobre o sentido do final do intercâmbio. Depois de aquecê-los para isso, realizaram a imagem por aquilo que foi comum a todos e que apareceu nos desenhos realizados, segundo eles: o otimismo e a relação com a confiança.

A participante Julia sugeriu que fizessem um jogo no qual formavam uma fila e quem estivesse na frente se jogava para que os outros o segurassem. Observou-se que, de início, havia um certo receio dos participantes quanto aos outros terem força para segurá-los, mas depois disso foi se dissipando. Vale ressaltar que esse jogo representou a confiança adquirida por eles na experiência de intercâmbio, o que foi enfatizado mais por Julia, e também o otimismo em relação aos resultados desta experiência. O grupo utilizou muito também a frase “*Tudo vai dar certo*” para a imagem e outras atividades e discussões na pesquisa.

A última parte do encontro foi o processamento da etapa da pesquisa em grupo. Questionei ao grupo se as atividades propostas os ajudaram a pensar sobre o intercâmbio, ou se em geral, apenas os auxiliou a falar sobre coisas que já pensavam. A participante Bianca afirmou que foi um espaço para escutar a opinião das outras pessoas, um compartilhar, já que diariamente: “*Não tem esses espaços. Foi muito legal ter esse espaço para escutar as opiniões dos demais para mim*”.

Julia também destacou a possibilidade de ouvir os outros. Tom complementou que escutar era diferente, pois surpreendia. Também indaguei o grupo se eles já imaginavam essas

opiniões parecidas ou não. Olivia afirmou que sim, mas não tão parecidas. Bianca considerou que o ponto de vista de Tom seria diferente por este ser da Alemanha. Cogitaram também que com asiáticos as opiniões seriam bem diferentes no grupo.

Julia apresentou ter sido estranho fazer as atividades propostas, pois fugia ao costume. Apesar disso, para ela havia sido “*legal*”, porque trazia outras linguagens e o encontro de pontos de vista. Para Bianca, as atividades eram uma forma de ela ficar mais concentrada no encontro, considerando que em geral, era uma pessoa que se distraía facilmente. Na opinião de Olivia, ter atividades assim era algo diferente que envolvia certo esforço.

Tom afirmou que se trocava mais ideias na conversa. Julia complementou que, na composição de uma imagem, tinha que pensar em algo fácil de ser compreendido com o que se quer comunicar. Já para Bianca, era uma forma de não ficar distraída. Com essa afirmação, Julia complementou que fazer atividades assim às vezes era melhor e às vezes não. Era uma boa forma de expressar o que eles achavam. Havia coisas muito abstratas para falar, que no desenho, por exemplo, eram mais fáceis de expressar.

Os participantes foram questionados se a confiança que eles apresentaram na imagem do grupo, era entre eles enquanto tal ou fazia parte do contexto social. Para Olivia, era nos dois aspectos. Julia trazia a importância da reciprocidade neste aspecto: “*o que os outros vão fazer por você e o que você faria pelos outros*”. Bianca trouxe o aspecto da confiança em si, pois as coisas *vão dar certo*. Para os participantes Julia e Olivia a questão de confiar, quando são pessoas de culturas diferentes, acabava influenciando. Olivia afirmou que: “*Pra mim às vezes é mais fácil, eu acho, falar com um espanhol ou espanhola, porque tudo que eu vou falar é familiar pra ela ou pra ele*”.

Nesta comparação, Olivia comentou ainda que se abordava sobre assuntos com alguém que não tinha familiaridade com o que ela estava falando: “*Tenho que estar pensando, ‘vai compreender, não compreender’...tenho umas explicações. Mas também se eu falo com alguém que eu conheço mesmo, podia ser quase igual se o ponto de vista é o oposto de mim*”. Ao mesmo tempo, a participante também relatou se sentir mais livre em momentos em que falava com pessoas que não tinham a mesma cultura.

Já para Bianca dependia mais da pessoa e da situação. Para ela, isso não estava necessariamente influenciado pela cultura: “*Não depende primeiro de onde é a pessoa. Porque eu, por exemplo, eu estou na Colômbia, eu conheço muitos colombianos e eu confio em alguns e em alguns eu não confio. Então não depende da cultura*”.

Para Julia, falar era diferente de confiar. Era preciso conhecer o padrão cultural da outra pessoa. Era uma questão de cuidado. Tom afirmou que, em geral, confiava mais rápido

encontrando um alemão, pois, nas palavras dele: *“Pode falar sem pensar nada”*. Às vezes, relações se formavam assim só porque se estava longe do próprio país: *“é muito estranho na verdade. É eu também já pensei. Eu pensei ‘nossa, pode acontecer que dois idiotas se encontram, não se gostam, mas como eles estão, os dois estão fora em outro país, eles de repente viram amigos’ (risos).”* Com este comentário do colega, Julia argumentou, por outro lado, que havia limites nessa confiança.

Ao serem indagados sobre que coisas eram importantes para que houvesse realmente a confiança nas pessoas, Julia argumentou que era necessário que as pessoas pensassem que podiam confiar nela, porque se tratava de uma mão dupla. Já Olivia se perguntava se não era uma questão de instinto.

Sobre a autoconfiança, Olivia abordou o fato de receber aulas em outra língua e saber se movimentar em outro país. Isso fez com que ela afirmasse que poderia manter relações com pessoas de diferentes culturas. Para Tom o fato de se orientar melhor, ter uma resolução mais rápida para as coisas, ajudava na autoconfiança.

Os participantes comentaram que gostariam de ter contato com outras culturas mais para frente. Em relação ao retorno ao país de origem e o que as pessoas iriam comentar, os participantes acreditavam que iriam dizer que eles estavam falando mal a própria língua (principalmente os de língua espanhola). Os participantes gostaram muito da pesquisa em grupo. Para Tom, discutir os temas foi *“legal”*, pelo espaço, reflexão e o tempo para isso. Na opinião de Julia, o interesse em comum com os outros nos assuntos incentivava a pensar. Mas, também comentou assim como Olivia, que o interesse também era de ajudar na pesquisa. Para Bianca, isso também se concretizava na sua ideia de fazer parte de algo da psicologia. E Tom comentou que conseguiu chegar fundo nos assuntos que estiveram em pauta.

Outras questões sobre a pesquisa que eles comentaram foi o fato de não ter tido colegas brasileiros no grupo. Eles acabaram preferindo assim, pois puderam abordar com liberdade sua própria vivência. Com os brasileiros seria diferente. Apesar de eu ser a única brasileira no grupo, eles comentaram que me viam de outra forma, como a *“pesquisadora”*. Havia uma certa hierarquia e a postura assumida era de eu realizar as perguntas, pois o interesse era na perspectiva deles.

Os participantes opinaram que talvez não tivessem falado tantas coisas. Para Bianca, se o participante brasileiro não tivesse feito intercâmbio seria muito *“chato”*, pois não entenderia as situações. Julia considerava que todos falariam muito mais em termos pessoais do que em termos gerais nos assuntos, para que não fosse chatear o colega. Tom também

comentou isso e disse que o cuidado que eles teriam em abordar determinados assuntos dependeria da reação do brasileiro. Bianca foi mais direta e, em sua opinião, afirmou que o grupo foi melhor sem os brasileiros. Não exatamente pela presença destes, mas pelo contexto da pesquisa. Olivia explicou que se ela estivesse na Espanha num grupo da Psicologia com quatro intercambistas falando sobre o seu país, seria difícil para ela. Comentário com que os outros participantes concordaram.

Na finalização do encontro, os participantes questionaram se dessa vez eu iria falar algo sobre como tinha sido o encontro na minha perspectiva, pois esse pedido era feito constantemente para eles. Além disso, eles perguntaram sobre o que eu havia pensado da pesquisa como um todo.

No mesmo dia em que o sétimo encontro foi finalizado, passou-se para a terceira etapa da pesquisa: a realização das entrevistas individuais finais. A pedido das participantes Bianca e Olivia suas entrevistas foram feitas neste dia. Já as dos participantes Julia e Tom ocorreram dois dias depois. A seguir apresentarei, em resumo, o conteúdo de cada entrevista.

3.1.3 Entrevistas finais

As entrevistas finais assim como as da primeira fase, seguiram um roteiro prévio conforme pode ser visto no Anexo O. Este roteiro semiestruturado serviu de base para o andamento das entrevistas, porém outras perguntas foram feitas de acordo com o contexto de cada sujeito e um pequeno feedback foi realizado. Segue abaixo um breve relato dos pontos comentados pelos sujeitos da pesquisa.

3.1.3.1 Participante Olivia

Para Olivia participar da pesquisa mudou a sua rotina e, ao mesmo tempo, fez parte do intercâmbio acadêmico. Trouxe reflexões sobre a sua experiência na pesquisa, sobretudo, na percepção da sua identidade e sobre a ideia cultural na Espanha. Comentou que no seu país era vista como não-espanhola por sua mãe ser latino-americana. Entretanto, no Brasil era identificada entre os colegas intercambistas como “a espanhola” e este foi o período em que mais se sentiu assim.

Acreditava que já era uma pessoa mais aberta a conhecer outras culturas devido à família que possuía. Notava que ter vindo sozinha ao Brasil foi muito diferente, porque trouxe um autoconhecimento para ela. No grupo, notou que no início estava um pouco nervosa e com vergonha, mas isso mudou depois do primeiro dia. Dos temas que foram abordados, a participante acreditava ter comentado sobre o que pensava.

De modo que pudesse ter um *feedback* das atividades propostas e se a sua aplicação poderia ter sido realizada de outra forma ou não, perguntei a todos os participantes sobre as atividades desenvolvidas. Olivia considerou como mais difícil a atividade do brasão. As diferenças de sentido para cada um constituíram um dos aspectos dessa dificuldade, assim como o fato de os quatro realizarem a atividade juntos. Quando questionada sobre o sentido da sua experiência intercultural no Brasil, Olivia comentou que isso significou para ela muitas coisas novas e ela notava que aprendeu muito. Não necessariamente no curso que veio realizar, mas pensava que, em termos pessoais, adquiriu muito mais paciência para saber que nem tudo ia ser perfeito no intercâmbio, além de compreensão e entendimento do próprio caráter.

Sobre a pesquisa ainda, a participante entendia que o seu depoimento era muito particular devido ao seu contexto familiar. Ela pensava que o modo como compreendeu a sua experiência não poderia ser generalizado à forma como outros intercambistas percebiam a deles. Para ela era muito diferente realizar um intercâmbio na Europa e um no Brasil ou outro país latino-americano. Além de finalizar o intercâmbio junto com o próprio curso de graduação.

3.1.3.2 Participante Bianca

Bianca gostou muito de participar da pesquisa, especialmente da parte do grupo, pois teve a oportunidade de confirmar certas coisas que pensava e os outros colegas percebiam também. Além de notar quando era algo só dela, do seu sentido particular. Caracterizou o grupo como um espaço para falar do intercâmbio.

Ela já havia feito reflexões sobre a experiência antes, pois escrevia para a sua universidade de origem um “blog” do intercâmbio. Neste “blog”, ela especificava diferenças entre o Brasil e a Colômbia no que diz respeito à qualidade de vida, gastos, transportes e outros temas. Além de relatar sobre a greve ocorrida e uma comparação com a maneira como ela se desenvolvia em seu país.

Dos encontros realizados no grupo, relatou que apenas não gostou muito do encontro do brasão (segundo encontro), devido à discussão gerada, a qual considerou repetitiva. Quando questionada sobre o seu período na universidade, Bianca comentou que este momento a faz crescer muito como pessoa. Superou muitas dificuldades, porém gostou muito. Aprendeu o idioma português e conheceu mais pessoas. A única coisa de que não gostou muito é que sentiu que a USP tratava os intercambistas como outro número. Isso ocorria, segundo Bianca, pela universidade ser muito grande.

Sentiu-se como um número a mais e não como uma pessoa. Às vezes se sentia um pouco perdida, principalmente, com a organização das aulas. Apesar disso, gostou muito da experiência no Brasil. Por vir de uma outra cultura, fazia muito tempo que queria conhecer o país, o que para ela, configurou-se em um sonho tornado realidade. Com relação ao sentido que teve a sua experiência de intercâmbio e o encontro com pessoas de culturas diferentes, Bianca afirmou que por essa última questão, foi ótimo. Pela questão do estudo não tão assim, pois não pode escolher as aulas que queria, então precisou trocar aulas e isso foi muito “ruim”. Para muitas disciplinas, ela não tinha os pré-requisitos necessários para cursá-las, pois havia terminado o primeiro ano na Colômbia. Desta forma, ela sugeriria que outras pessoas fizessem o intercâmbio mais tarde, e não no primeiro ano.

Bianca não teceu críticas, apenas sugeriu que cada encontro que fosse realizado em um período de 1:30, para não haver distrações. Quanto à pesquisa, ela pediu que tivesse acesso ao trabalho quando estivesse pronto.

3.1.3.3 Participante Julia

Julia relatou na entrevista que a sua participação no grupo foi leve, pois não foi estressante para ela. Em sua opinião, o grupo conseguiu pensar e refletir sobre os assuntos abordados. Foi um momento de pensar o intercâmbio “*dentro do intercâmbio*”, a partir do ponto de vista de pessoas que tinham interesse em falar sobre isso. Ela notava que a sua experiência se restringia à cidade de São Paulo, o que era diferente do Brasil como um todo.

Sobre a minha postura como pesquisadora, a participante apresentou que foi muito amável e respeitosa, o que tornou o ambiente confortável para falar. Diferentemente dos outros intercâmbios que já realizou, neste percebia que teve a oportunidade de falar sobre sua experiência. Ela comentou ainda sobre o tema da confiança, o qual foi abordado pelos

participantes no último encontro do grupo. Julia forneceu exemplos pessoais de como era estar em grupo e acreditava que a confiança vinha aos poucos.

Quando questionada sobre alguma atividade de que não tivesse gostado muito no grupo, Julia indicou, assim como os outros participantes, a atividade do brasão. Ela considerou interessante, mas não sabia dizer se foi boa ou ruim. As coisas se desenvolveram numa direção muito temática, mas ela achava que eles (os participantes) não estavam se comunicando no geral. Ficou excessivamente “*bom*”, ou seja, positivo, no final. Muitas coisas ficaram misturadas, como a questão da saudade que os participantes comentaram. Ela entendia que o grupo abriu mão do conflito e isso resultou na apresentação de valores mais abstratos.

Com relação às tarefas em geral, Julia comentou que os objetivos eram difíceis de compreender, pois poderiam trazer uma interpretação diferente. Um exemplo oferecido por ela foram os objetos que cada participante trouxe no segundo encontro. Alguns foram muito pessoais e outros impessoais. Entretanto, Julia reconhecia que a clareza dos objetivos das tarefas não foi o problema. Em alguns casos havia dificuldade de explicitar a relação com o momento presente. Em geral, ela compreendia que estes comentários eram sobre aspectos pontuais da experiência em grupo, pois o plano da pesquisa foi bastante “*prolijo*”, o que em português significava “cuidadoso”.

Julia reconhecia uma variação de emoções em relação a si mesma no intercâmbio. A pesquisa era vista como um momento “*muito legal*” da semana, onde podia se desligar das preocupações.

3.1.3.4 Participante Tom

Tom definiu sua participação no grupo como sendo “*muito legal*”, porque pode realizar uma reflexão sobre o tempo que chegou e o tempo atual em que estava quase indo embora. Considerou interessante ser único homem do grupo, pois pode conhecer o “*outro lado*” e foi “*legal*” ouvir mais as outras pessoas. Pensou que haveria mais participantes, mas preferiu assim pois teria muita gente e as pessoas não ficariam confortáveis para falar. No grupo, percebeu que teve bastante tempo para isso. Relatou que já tecia reflexões sobre a sua experiência intercultural no dia-a-dia e isso aumentou também no grupo, porque respondeu a questões que não fazia há bastante tempo. Entretanto, sobre a questão dos brasileiros,

considerou que os participantes fizeram afirmações sobre eles sem saber ao certo o que eles pensavam.

Para ele, uma atividade um pouco difícil de realizar no grupo foi o brasão³⁶, porque foi no segundo encontro e cada um tinha ainda pouco contato com o outro e intimidade para discordar. Considerava melhor que essa atividade fosse proposta mais adiante. Em relação à participação na pesquisa como um todo, Tom considerou tudo bem organizado e a alternância de atividades com discussão e “ação” foi boa. A cada encontro se sentiu melhor. Agradeceu ao final pela pesquisa, gostou muito de refletir sobre sua experiência no intercâmbio e sentiu que foi algo muito bom para ele.

3.1.4 Análise do primeiro grupo: das interações entre os participantes para temáticas fundamentais à pesquisa

A intervenção sociopsicodramática com este primeiro grupo forneceu uma quantidade de dados com os quais foi possível estabelecer categorias de análise para a pesquisa. O método de acesso a estas categorias por meio dos temas abordados levou em conta a sua recorrência, os tipos de respostas obtidas dentro da dinâmica grupal e nas atividades desenvolvidas, utilizando-se assim, o conteúdo das falas dos participantes em cada encontro e na última entrevista. Não se pretendeu analisar os seus discursos, mas considerar os sentidos que cada um dava às temáticas discutidas.

Sabemos que a multiplicidade de termos adotados para explicar a palavra “sentido”, fornece um campo complexo para ela, como nos salientam (Freitas, Araújo, Franca, Pereira, & Martins, 2012), ainda mais quando a utilizamos em uma pesquisa qualitativa. Considerando esta especificidade e os grupos desenvolvidos, “sentido” irá remeter aqui ao entendimento que cada participante traz à sua própria experiência vivida.

Assim, as categorias são provenientes das perspectivas dos participantes *em grupo* sobre a experiência *em comum* do intercâmbio. Considerando esta especificidade para pensar a experiência intercultural *dentro* e *fora* do grupo, bem como o papel de mediadora deste processo³⁷, a análise dos resultados vai se situar em dois níveis: primeiramente, tendo como

³⁶ Diante das afirmações dos participantes sobre esta atividade, acredita-se que ela poderia ter sido melhor empregada mais adiante no grupo. Entretanto, tal dificuldade para a sua realização demonstrou pontos relacionados à própria diversidade cultural que servirão de base para a análise posterior.

³⁷ Entendemos com base na perspectiva psicodramática, que a direção realizada pela pesquisadora no grupo, estabelece uma mediação prática tanto dos temas abordados quanto do diálogo entre os próprios participantes. Iremos discutir sobre este papel a partir da análise das interações deste e do segundo grupo.

base a Sociometria e a Teoria de Papeis (conforme apresentamos no primeiro capítulo desta dissertação), será desenvolvida uma leitura psicodramática da dinâmica grupal, na qual os temas vieram à luz pelos participantes. Este contexto intersubjetivo trouxe limites e possibilidades para o aprofundamento destes temas e a problematização das categorias.

Diante da análise dos resultados neste primeiro nível da interação grupal, é possível partir para as categorias oriundas deste contexto e que se reportam às questões da pesquisa sobre a experiência intercultural e a relação com a alteridade. É importante ressaltar que as categorias não serão analisadas em detrimento da leitura psicodramática dos grupos. Esta leitura, por sua vez, contribui para situar o contexto em que o grupo se estabeleceu e como, deste ponto, estas categorias foram reconhecidas dentro da dinâmica. Portanto, trata-se de analisar de que forma a metodologia desenvolvida nesta pesquisa permitiu o acesso aos dados e que *tipo* de dados puderam ser contemplados a respeito da experiência.

A descrição da intervenção realizada com este primeiro grupo, desenvolvido no segundo semestre de 2014, permitiu o conhecimento da dinâmica de cada encontro e os temas abordados diante das questões da pesquisa e do que era fundamental aos participantes. Para analisar os resultados obtidos, faz-se necessário, primeiramente, considerá-los dentro do processo grupal estabelecido. Ou seja, buscando compreender a partir dos momentos interacionais vividos pelo grupo (Fonseca Filho, 2008; Martín, 1996; Nery, 2003), quais possíveis categorias puderam ser elucidadas pelos próprios participantes.

É importante mencionar que neste primeiro grupo, apesar dos atrasos no início de cada encontro, houve poucas faltas por parte dos sujeitos. E quando elas ocorreram, foram devidamente justificadas à pesquisadora. Podemos observar abaixo a frequência dos participantes em cada encontro:

Participantes por Encontro (Nomes fictícios)	1º Encontro	2º Encontro	3º Encontro	4º Encontro	5º Encontro	6º Encontro	7º Encontro
Julia	X	X	X	X		X	X
Bianca	X	X	X	X			X
Tom	X	X	X	X	X	X	X
Olivia	X	X	X	X	X	X	X
Total por Encontro	4	4	4	4	2	3	4

Quadro 2 – Frequência dos participantes do primeiro grupo.

Conforme o *Quadro 2* mostra, apenas em dois dos sete encontros houve faltas: Julia não compareceu ao quinto encontro por motivo de viagem, mas pediu que o sexto fosse

agendado numa data em que pudesse estar presente; Bianca não esteve no quinto encontro por conta de uma prova e no sexto por ocasião da mudança do mesmo.

Com estes dados, percebemos que todos os participantes do grupo puderam fazer parte de sua dinâmica e interação. Conforme vimos na caracterização, organizada com base nas entrevistas finais, cada um deles possuía experiências interculturais anteriores ao intercâmbio, as quais traziam especificidades a este grupo. Julia já havia realizado um intercâmbio na Alemanha (quando adolescente) e outro no México (um semestre antes de vir ao Brasil); Bianca morou por 5 anos nos Estados Unidos e depois retornou ao seu país de origem; Tom realizou há 4 anos um trabalho voluntário no Brasil; e na família de Olivia, seu pai era filho de espanhóis, mas, nascido no Brasil e sua mãe era colombiana.

Estes elementos da história de cada um, podem ter contribuído para a coesão e o processo grupal. Além disso, é importante mencionar que dentre eles, dois participantes (Tom e Olivia) estavam realizando o intercâmbio com duração de um ano e as outras duas (Julia e Bianca) por seis meses. Quanto ao período da graduação que faziam o intercâmbio, Julia e Olivia estavam no último ano; enquanto que Bianca e Tom estavam quase na metade. Em relação às nacionalidades, como vimos, Tom e Olivia eram europeus (alemão e espanhola, respectivamente), Julia (argentina) e Bianca (colombiana), latino-americanas.

Diante destas características e com base na classificação empreendida por Moreno e revisitada por Fonseca Filho (2008) e Nery (2010) sobre a evolução do processo grupal, percebemos que no primeiro e segundo encontros, ocorreu uma predominância de um período de *horizontalização*, também chamado de *indiferenciação* (Fonseca Filho, 2008), no qual os participantes ainda não se conheciam e apresentavam sentimentos de ansiedade com o que iria acontecer. Isso pôde ser observado, por exemplo, na fala de Olivia quando esta abordou o seu nervosismo antes do encontro.

Diante deste momento do grupo, no primeiro encontro a pesquisa visou trabalhar com a integração de uma forma descontraída pela temática de conhecimento e impressões sobre si mesmo e o outro. O objetivo foi desenvolver a partir desta primeira atividade, uma forma diferente de apresentação dos membros do grupo, a qual se complementou com o mapeamento de seus respectivos países e cidades no *Mapa-Múndi*. Podemos inferir que este último serviu como uma espécie de “sociograma” grupal, por mais que não realizássemos testes para medir a sua interação. Valorizamos, desta forma, as referências de cada um dos participantes dentro do novo contexto proporcionado pela pesquisa e pelo próprio intercâmbio. Esta atividade, no segundo grupo que será descrito em outro capítulo, foi desenvolvida com mais tempo.

O primeiro encontro proporcionou o estabelecimento de regras para o funcionamento do grupo, e foi interessante notar a ênfase que os participantes deram ao direito de não falar sobre um assunto que não quisessem e ainda o tempo para cada um se expressar. Em conjunto com as regras da própria pesquisa, estes pontos mais informais do “contrato do grupo” colaboraram para o seu funcionamento ao longo dos encontros que se sucederam.

No segundo encontro, diante do *feedback* dos participantes, percebeu-se que a atividade do Brasão foi estabelecida antecipadamente ao momento interacional do grupo. Por mais que a integração no primeiro encontro tivesse sido muito boa, ainda não era o período para desenvolver uma atividade desta natureza. Os participantes executaram a tarefa mesmo com a dificuldade, pois se notava a importância que eles davam à própria participação na pesquisa. Porém, na discussão sobre a atividade, os depoimentos oferecidos pelos participantes destacaram as dificuldades encontradas para realizá-la e contribuíram para que, no encontro seguinte, fosse feita uma alteração no cronograma de forma que retomássemos os objetos pessoais e focássemos nas diferenças de cada um.

A atividade do brasão trouxe valores importantes como a “comunhão”, mas de um modo bastante abstrato, como pontuou Julia, e que não foi representativo das particularidades dos sujeitos dentro de sua cultura e família. Assim, o grupo foi incumbido da tarefa de encontrar valores em comum, sem se conhecerem para isso. Se esta atividade tivesse sido proposta no penúltimo ou último encontro, observo que teríamos um aprofundamento maior do contato, suficiente talvez para a discussão sobre a experiência intercultural e também para a identidade deste grupo.

A despeito disso, notou-se que este equívoco da atividade não inviabilizou a reorganização do cronograma e o processo grupal. No terceiro encontro foi possível retomar os objetos dos participantes e discuti-los na perspectiva de cada um. Neste ponto, o grupo pode se conhecer mais e levantar de maneira mais espontânea os aspectos que identificavam como comuns e aquilo que os diferenciava. Foi assim que mencionaram as comparações entre os próprios países e o Brasil, na questão da alimentação e hábitos culturais, por exemplo. As referências neste âmbito e no familiar contidas nos objetos, puderam ser visualizadas neste contexto intercultural.

Este terceiro encontro pode ter constituído uma transição para um período de *diferenciação horizontal* (Nery, 2010) do grupo, na qual já se passava a notar um reconhecimento de si mesmo (Fonseca Filho, 2008), das diferenças e identificações com o outro. Este encontro, que se situou no compartilhar sobre os objetos no contexto grupal,

propiciou as dramatizações das situações vivenciadas pelos participantes no seguinte. Quando estes souberam desta tarefa, mostraram-se bastante entusiasmados com o que seria feito.

Assim, no quarto encontro, foram desenvolvidos “sociodramas” de situações protagonizadas pelos sujeitos no contexto social do intercâmbio, mas que representavam temas importantes ao grupo. A primeira cena de Olivia trouxe a temática da “relação homem e mulher no Brasil” e um questionamento dos participantes se o que observavam era uma questão cultural no país ou não. A segunda cena, protagonizada por Tom, tematizou o “compromisso e horário” com as pessoas no Brasil. O participante apresentava dúvidas quanto a isso e ao modo como as coisas eram combinadas.

Em termos das possibilidades que a abordagem psicodramática oferece às cenas e dramatizações, percebeu-se que estes temas poderiam ter sido mais aprofundados com a utilização das técnicas básicas do “duplo”, da “inversão de papéis” (Gonçalves, 1993) e outras. Na primeira cena, a protagonista pode se colocar no lugar dela mesma e também no de amigos que estavam ali. Mas, analisando posteriormente este encontro, identificamos que havia a possibilidade de explorar mais a cena, comparando com outras e trabalhando mais as inversões de papéis.

No caso da dramatização de Tom, o diálogo com o seu colega (papel representado por Julia) também poderia ter se desdobrado em novas cenas. Pois, na discussão posterior, observou-se que a questão da comunicação e o significado das palavras era bastante importante para eles nesta vivência.

Por terem sido as primeiras dramatizações feitas na pesquisa, nota-se que houve certo receio, que refletia os meus limites para trabalhar os temas desta maneira. Não havia uma ideia clara de como os participantes iriam reagir à proposta e, por isso, as cenas finalizaram num ponto em acordo com o protagonista e o grupo. A reação dos participantes após as mesmas foi positiva e isso levou a desenvolver no encontro seguinte uma proposta semelhante. Ainda mais porque na discussão, eles trouxeram novos temas importantes à vivência, como a questão do gênero e da língua.

Entretanto, conforme mencionado na descrição, o quinto encontro teve apenas a participação de Tom e Olivia, esta comparecendo com bastante atraso. Diante desta mudança, alterei a proposta da dramatização, para a escrita de outras situações importantes a eles e que pudessem ser compartilhadas. Curiosamente, os participantes deste encontro foram os mesmos que protagonizaram as cenas do anterior. Desta forma, percebeu-se que não foi necessário aquecê-los por muito tempo para esta nova atividade, pois muitas situações já estavam na memória e outras tinham acontecido recentemente.

A atividade do quinto encontro possibilitou refletir sobre as situações vivenciadas dentro do contexto do intercâmbio e avaliar como estava sendo o processo. Esta atividade, portanto, facilitou a que foi proposta no sexto encontro: a representação simbólica por meio de um desenho, da percepção sobre o intercâmbio. Com o desenho como recurso, o grupo pode trazer os elementos que pertenciam a esta experiência e como eles eram diferenciados

Observa-se que esta atividade foi desenvolvida num momento de uma boa coesão grupal, propícia para discutir, ouvir sobre as diferentes perspectivas e ainda realizar outras dramatizações, que acabaram não ocorreram. Apesar disso, nota-se que a coesão deste grupo também ilustrava o momento em que cada sujeito estava passando no contexto social e que colaborava para o seu processo na pesquisa: o fato de estarem finalizando o seu intercâmbio acadêmico.

Esta situação comum a todos os membros do grupo, também colaborava para que estes se situassem em um momento mais reflexivo sobre a experiência e buscassem um espaço para compartilhar isso. Desta forma, as atividades da pesquisa foram ao encontro de uma necessidade que os sujeitos já possuíam e que no dia-a-dia, não conseguiam realizar. Assim, podemos inferir que o *tempo* de realização da pesquisa foi coincidente com o *tempo* dos membros do grupo.

Do sexto para o último encontro, focado especificamente no processamento da pesquisa e na finalização do intercâmbio, percebeu-se que o grupo estava num momento interacional em que já predominava uma *diferenciação vertical*. Por mais que não tivéssemos estudado mais profundamente a dinâmica dos papéis que cada participante desempenhava, foi possível notar que estes já se comportavam de uma maneira mais relaxada, falando o que pensavam e sentiam, posicionando-se sem receio do que o outro colega poderia dizer e sem necessariamente, buscar um consenso.

Este momento do grupo ficou ainda mais evidente na escolha de se representarem no tema da *confiança*, o qual também se relacionava ao que eles adquiriram no contexto social. Também observamos que, por mais que os desenhos fossem pedidos pela pesquisa, aqueles referentes ao último encontro, foram representados no quadro por três dos quatro participantes. Eles haviam esquecido de fazer antes do encontro e de maneira espontânea perguntaram se poderiam realizar no quadro. Por fim, a representação corporal da *confiança* no jogo proposto por Julia foi bastante enriquecedora para observar como o grupo se percebeu enquanto tal, os vínculos desenvolvidos e como a pesquisa pode fornecer um espaço acolhedor para o seu desenvolvimento. A ideia de Julia foi escolhida pelo grupo e também mostrou um possível papel de liderança desta participante entre os demais.

É interessante notar que apesar da configuração grupal ter sido diferente da proposta na pesquisa, esta mudança não prejudicou o seu andamento. A pesquisa tinha como objetivo inicial, realizar grupos compostos tanto por intercambistas como por estudantes brasileiros. Desta forma, realizamos a divulgação na AUCANI e nas secretarias de graduação. Porém, houve pouca aderência dos estudantes brasileiros à proposta e aquele que se dispôs a participar do grupo, não compareceu ao mesmo. Assim, o grupo contou com a presença apenas dos estudantes intercambistas e eles foram notificados sobre esta desistência no seu processo.

Com esta situação, os participantes comentaram, como pode ser visto na descrição, que o grupo funcionou melhor desta maneira e se sentiram mais à vontade para se posicionarem. O fato de eu ser uma pesquisadora brasileira não influenciou o andamento do grupo, pois os sujeitos da pesquisa me colocavam em uma posição diferente, a qual estabelecia um vínculo assimétrico, como vimos em Bustos (2006). Diante do *feedback* quanto à participação dos brasileiros, a pesquisa realizou uma mudança para o segundo grupo, restringindo o mesmo para estudantes intercambistas. Acreditamos que com isso, não alteramos os objetivos propostos, apenas consideramos que as perspectivas dos intercambistas sobre esta questão deveriam ser prioritariamente consideradas com o que a pesquisa buscava conhecer.

Pensando sobre esta situação, também é importante refletir sobre os limites da relação com o outro dentro do contexto intercultural. O processo grupal como um todo, trouxe elementos que demonstraram que a coesão deste grupo respondeu bem às atividades da pesquisa, as quais, com exceção da proposta do Brasão, foram organizadas considerando os momentos interacionais. Esta coesão pode ser pensada também em termos da “homogeneidade” deste grupo.

Conforme salientamos acima, apesar dos diferentes referenciais culturais e histórias de vida, havia muitos elementos que traziam uma identidade para este grupo. Os próprios participantes pareceram perceber esta especificidade, quando relataram a diferença que seria ter colegas asiáticos no processo, por exemplo. Ou ainda como pudemos ver na expectativa de Bianca, por exemplo, quanto à ideia de que Tom poderia ter uma percepção mais diferenciada por ser alemão, o que não ocorreu.

Quanto às atividades desenvolvidas, observou-se um excesso de tarefas voltadas ao desenho e isso ocorreu pois, em muitos encontros, iniciamos com bastante atraso, o que ocasionava uma mudança no planejamento. Por conta disso, analisamos que é fundamental ter atividades reservas já no cronograma, considerando estas possíveis alterações na dinâmica

grupais. E que possam, por diferentes linguagens, vivenciar e discutir estas temáticas. Além disso, foram solicitadas tarefas de casa, com exceção da atividade dos objetos, que poderiam ter sido exploradas na dinâmica do próprio encontro, podendo fornecer mais flexibilidade no trabalho com a espontaneidade e criatividade dos participantes.

Por outro lado, apesar destas constatações que explicitam certos limites relativos aos recursos e técnicas psicodramáticas com este grupo, não se perdeu o foco no objetivo e nas possibilidades da metodologia enquanto leitura destas relações grupais. A abordagem sobre a confiança no contexto intercultural também elucidou o alcance que este grupo obteve para os objetivos de cada participante. Percebeu-se que havia um interesse em colaborar com uma pesquisa em psicologia e, ao mesmo tempo, a necessidade de um espaço específico para falar sobre os assuntos do intercâmbio. A pesquisa, por sua vez, ofereceu um momento para isso o qual foi negociado dentro das possibilidades (e disponibilidade) dos sujeitos.

Com isso, este primeiro grupo pode relacionar os aspectos pessoais com os coletivos, de forma a desenvolverem um processo que foi reconhecido e legitimado pelos seus membros. O reconhecimento de si no grupo e como parte do grupo, foi apresentado também na reflexão sobre a autoconfiança e a relação com o outro num contexto intercultural.

Isso demonstra que este grupo, dentro do seu quadro geral de encontros, teve um *Projeto dramático comum*³⁸, tal qual nos apresenta Perazzo (1994). Cada um dos participantes desenvolveu entre si, o objetivo – explícito ou implícito – de abordar e vivenciar o papel social de intercambista. Um papel que possibilita uma vivência diferenciada daquela do turista, do refugiado ou até mesmo do imigrante. E ainda, distinta de outros alunos estrangeiros, citados pelos sujeitos da pesquisa, que fazem todo o curso de graduação no Brasil. Tendo ciência desta dimensão no papel de intercambista, percebemos que este pode ser desempenhado no contexto social com mais liberdade pelos participantes, principalmente por saberem da sua especificidade e do próprio tempo em que ele seria exercido.

A abordagem deste papel na dinâmica do grupo foi a partir de recursos simbólicos e dramatizações, como mencionamos acima. O grupo demonstrou que, ao mesmo tempo em que as referências culturais e familiares de cada um deles eram diferentes, existiam elementos que ao estarem presentes em um mesmo plano intercultural, poderiam se tornar *comuns* àqueles que participam da mesma condição, fornecendo ainda uma certa *identidade*.

³⁸ Perazzo (1994) utiliza a definição proposta por Moysés Aguiar. O autor aborda o desenvolvimento deste projeto dramático também no contexto da realização da cena. Na análise no grupo, percebemos que as atividades como um todo apresentavam esta proposta/objetivo comum de reflexão sobre o papel de intercambista. Então defendemos aqui que este projeto não se restringiu às cenas dramatizadas.

Com a abordagem psicodramática analisamos que todo papel desempenhado passa por fases na sua atuação (Martín, 1996; Moreno, 1975/2007; Yozo, 1996). Podemos observar, com os depoimentos dos participantes, que ao longo do período do intercâmbio, este papel foi sendo desenvolvido na relação com as outras pessoas que podiam fazer parte do convívio deles. A possibilidade de experimentar ações diferentes variava de acordo com a disponibilidade dos participantes para tal.

Os participantes do grupo, por estarem se encaminhando para o final do intercâmbio, relatavam a sua vivência até aquele momento. O início, de maneira geral, era marcado pela busca por um lugar para morar, pelo conhecimento de colegas de apartamento, adaptação ao curso escolhido, aulas, dentre outros. Pensando neste novo papel dentro do que a perspectiva psicodramática aborda, podemos inferir que este início marcava a “tomada de papel” (*role taking*) de intercambista. Com a assimilação deste novo contexto intercultural, cada participante a sua maneira e de acordo com as experiências prévias, desempenhava este papel (*role playing*) na relação com os outros. Podemos observar, que na finalização do processo, com as mudanças de perspectiva e reflexões sobre a vivência, os participantes estariam experimentando possivelmente este papel a partir do *role creating* (criação de novas formas de atuação do mesmo papel).

Pensando na forma como a pesquisa pode trabalhar com este papel em seu processo, podemos observar que as cenas e as atividades do grupo se situaram na passagem do *role taking* para o *role playing*. Alguns assuntos concernentes a este papel foram abordados no plano verbal, como por exemplo as situações do quinto encontro, e não no campo da ação. Com isso, não podemos afirmar até que ponto o papel de intercambista poderia ser experimentado no grupo. O que podemos supor, por outro lado, é que levando em conta as reflexões desenvolvidas pelos participantes e a confiança estabelecida, havia um clima grupal adequado para novas dramatizações.

Considerando esta análise da dinâmica interacional, podemos elucidar alguns temas que surgiram a partir das discussões fomentadas pelas atividades e cenas vivenciadas no contexto dramático. O cronograma da pesquisa se configurou como um plano de ação passível de mudanças (Nery, 2010). Assim, os temas e suas categorias emergiram dos depoimentos dos participantes quanto ao que era relevante para eles, na experiência que vivenciaram.

Desta forma, nesta pesquisa, considerando o contexto estabelecido e a interação entre os participantes, bem como as abordagens de análise de dados mencionadas na introdução desta dissertação, as categorias são identificadas perante às perguntas norteadoras: Qual o sentido que a experiência intercultural adquire para alunos estrangeiros em programas de

intercâmbio acadêmico promovidos pela USP? De que forma a experiência intersubjetiva dentro da universidade interfere na relação entre o eu e o outro?

De acordo com o que estabelecemos no início da análise do grupo, como “sentido” compreendemos o entendimento singular dos participantes sobre a própria experiência vivida no intercâmbio. Desta forma, o que interessa à pesquisa é a perspectiva dos sujeitos e como eles se percebem neste contexto intercultural de relação com as outras pessoas. Não buscamos uma generalização sobre esta experiência, mas explicitar os aspectos em comum aos participantes levando em conta as suas especificidades. Assim, foram feitas leituras de cada um dos encontros, buscando discriminar categorias e seus sentidos dentro da abordagem da pesquisa e do fenômeno estudado. Desta forma, esta análise foi feita de modo semelhante aos passos propostos por Moreira (2004) no método fenomenológico de análise de dados.

3.1.4.1 Da experiência intercultural à relação com o outro: possíveis categorias do primeiro grupo

De acordo com a descrição e a análise do processo grupal, podemos observar que os temas se situaram em eixos principais estabelecidos pelos próprios participantes face ao cronograma da pesquisa, conforme o Quadro 3 abaixo:

PRIMEIRO GRUPO			
ENCONTRO	CRONOGRAMA PESQUISA	TEMAS DO GRUPO	EIXOS PRINCIPAIS
1	CONHECIMENTO DE SI A PARTIR DO OLHAR DO OUTRO	Preconceito; Relação com o outro na cidade; Tempo; Greve	<ol style="list-style-type: none"> 1. COMPARAÇÃO ENTRE PAÍSES E CULTURAS 2. EXPERIÊNCIAS ANTERIORES; 3. IDIOMA; 4. VIVÊNCIA COMO ESTRANGEIRO
2	REFERÊNCIAS E VALORES CULTURAIS	Relação com o outro; Interação entre o individual e o coletivo; Referências culturais; Língua e sentido das palavras	
3	DIFERENÇAS ENTRE AS PRÓPRIAS CULTURAS	Relação da pessoa com a cultura; Diferenças no meio intercultural; Liberdade	
4	SITUAÇÕES VIVIDAS NO BRASIL	Relações de gênero; Comunicação e compromisso; Língua; Contexto universitário e realidade brasileira	
5	SITUAÇÕES VIVIDAS NO BRASIL	Tempo da relação com o outro; Comportamentos no Brasil	
6	PERCEPÇÃO DO INTERCÂMBIO E DA EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL	Língua; Relação com o outro por meio da comida; Mudança de perspectiva; Percepção da cidade	
7	PROCESSAMENTO DA PESQUISA	Vivência do tempo presente e perspectiva para o futuro; Confiança e autoconfiança; Participação na pesquisa.	

Quadro 3 – Desenvolvimento dos temas por encontro do 1º grupo.

O *Quadro 3* apresenta que o contexto *grupal* estabelecido pelos participantes para pensar a sua experiência intercultural de intercâmbio, foi perpassado por quatro eixos principais: a comparação entre os países e suas culturas; as vivências anteriores nas histórias dos membros do grupo; o idioma como preponderante na comunicação e na apreensão de uma realidade diferente; e a vivência como estrangeiro no papel de intercambista. Estes eixos reconhecidos na análise do processo grupal nortearam as discussões e os temas propostos pela pesquisa e levados pelos participantes em cada encontro, como podemos observar acima.

No primeiro deles, com a atividade sobre as impressões de si e do outro, os participantes relataram que buscavam ir além dos “pré-conceitos” em relação ao Brasil quando chegaram à cidade de São Paulo. Foi possível perceber em comentários como os de Julia, uma disponibilidade dos sujeitos da pesquisa, em períodos específicos ao intercâmbio, para conhecer as diferenças e as novas pessoas. Comentaram terem ouvido de amigos e pais, percepções sobre a realidade brasileira, principalmente em relação à segurança. No caso de Julia, havia um receio quanto ao que os brasileiros diriam sobre ela ser argentina.

Desta forma, este primeiro encontro trouxe a categoria do “preconceito” dentro da discussão sobre a relação com o outro. Esta, por sua vez, foi relacionada com três aspectos: a

cidade, o tempo e a greve. A *cidade* de São Paulo, com a sua extensão geográfica para se deslocar de um local para o outro, dificultava o contato com muitos colegas. Ao mesmo tempo, ao ser discutida em encontros seguintes na pesquisa, fornecia uma dimensão específica à experiência de intercâmbio, diferentemente se fosse em outra cidade do Brasil. Quanto ao *tempo*, categoria que foi abordada ao longo do processo grupal, este influenciava tanto o início quanto a manutenção da relação com as outras pessoas, sabendo que o período no Brasil era provisório. A *greve* que ocorreu em 2014, limitou o contato dos participantes com os colegas de curso, alterou a dinâmica das aulas e também a percepção do tempo nesta vivência. Mas, também possibilitou conhecer a realidade da universidade em comparação com as que os participantes estudavam.

Uma outra temática trazida por eles surgiu a partir da dinâmica dos objetos no segundo e terceiro encontros. Notou-se que cada um dos objetos expressava um tipo de relação do participante com a sua cultura e família. Julia, apesar de afirmar ter uma relação “*óbvia*” com o “mate” e que poderia representar a cultura argentina sobre esta prática, também trazia uma particularidade com o mesmo: a própria independência.

Tom, mais claramente que a participante anterior, apresentou que a sua relação com a “revista de futebol” tinha aspectos sobre a sua família e a comunidade. Já Olivia trouxe o “pão espanhol” como tanto uma representação dos hábitos espanhóis de alimentação quanto de sua própria rotina e identidade. Bianca foi a única participante a trazer dois objetos – o urso de pelúcia e a bandeira da Colômbia – o primeiro com uma dimensão mais pessoal e o segundo trazendo a questão da identidade cultural.

Percebemos que em maior ou menor ênfase, os objetos dos sujeitos da pesquisa exprimiam uma relação pessoal e cultural, com as próprias referências. O que nos faz inferir que separar os valores nestas dimensões pode ser meramente analítico, diante da experiência como um todo. Com a atividade do brasão, observamos que *a relação com o outro*, representada por “duas pessoas”, foi bastante focada por este grupo. Os valores como a “comunhão”, a “identidade”, “alegria” e outros, foram organizados entre as duas pessoas, no formato do infinito, como vimos. A escolha destas palavras na língua portuguesa, trouxe uma preocupação com o sentido destas expressões para cada participante, considerando que não faziam parte de sua língua materna. Pode ser que este seja um outro motivo pelo qual os valores se tornaram mais abstratos, na opinião dos participantes, ao serem representados coletivamente.

Ao retomarmos esta questão no terceiro encontro, focando nas diferenças entre os objetos, também se configurou como um tema importante a “liberdade”. Apesar de ter sido

mais enfatizada por Olivia, percebe-se que é algo representativo para o grupo, sobretudo na questão do papel de intercambista. Este pode ser discutido e refletido nas situações vividas no quarto e quinto encontros.

A relação com o outro se desdobrou ainda em duas outras categorias específicas no quarto encontro: a relação homem e mulher no Brasil, o que chamaremos de relação de *gênero*, e a *comunicação* quanto ao compromisso e horário. Notamos que as duas categorias acima foram significativas, pelo menos para três dos quatro participantes. A questão do gênero foi situada nas relações em espaço público e em bares; e a comunicação se desdobrou tanto no tema do idioma quanto no entendimento de condutas que são legitimadas no Brasil. É importante ressaltar que estes dois temas que foram levados ao contexto dramático, ao serem compartilhados posteriormente no mesmo encontro, também se desdobraram numa discussão sobre o Brasil ser um país machista e a questão do racismo. Sobre esta última, os participantes mencionaram que a universidade não representava a população brasileira, mas apenas uma parte dela.

Quanto à comunicação, os participantes discutiram sobre o significado das palavras tanto em um português mais formal quanto informal, o que gerava dúvidas. Houve inclusive comparações com palavras na língua espanhola, cujo sentido não apresentava correspondência no português. No papel de intercambista, os participantes apresentaram questionamentos sobre como se comportar neste novo ambiente considerando estas especificidades da língua e da ação.

Contudo, notou-se que, diferentemente da natureza de outros papéis, este novo papel foi *escolhido* por cada um deles. Para Olivia, configurou-se como a *primeira* escolha pessoal, mesmo sabendo que também decidiu o curso que estudava na universidade de origem. O tema da escolha foi bastante abordado pelos participantes no que diz respeito ao intercâmbio e a estarem no Brasil. Desta forma, a inserção da pesquisa dentro do contexto do intercâmbio também fez parte do processo desta escolha, da sua vivência e disponibilidade para tal.

No quinto encontro, as situações selecionadas pelos participantes, traziam tanto diferenças em relação às condutas desenvolvidas em seus países, frequência em que ocorreram, quanto experiências que ficariam na memória deles. No plano geral, estas situações foram vistas como positivas no intercâmbio e nem todas envolviam o contexto universitário. Mais uma vez, a dimensão do tempo foi trazida para pensar a relação com as pessoas.

No penúltimo encontro, com os desenhos realizados por três dos quatro participantes, tivemos percepções sobre a experiência intercultural e o intercâmbio que envolviam

novamente a língua e também a comida como uma forma de relação com as pessoas; as mudanças de perspectiva em comparação com o que foi ensinado no país de origem e o que era vivenciado no Brasil e ainda a dimensão da cidade. Apesar de cada desenho ter ressaltado aspectos distintos sobre a experiência, inferimos que estes podem ser complementares. O desenho de Bianca, que só foi apresentado no sétimo encontro, destacou outro aspecto que constantemente foi enfatizado pelo grupo: o tempo.

No processamento da etapa grupal da pesquisa no último encontro, os desenhos realizados sobre o futuro destacaram os seguintes temas: a ideia de si mesmo em um lugar, mas sem saber em qual (Julia); ter uma nacionalidade colombiana e também brasileira (Bianca); estar de “braços abertos” diante do futuro (Tom); e as inúmeras escolhas possíveis (Olivia). Mesmo cada participante fornecendo elementos distintos para o futuro, percebemos uma visão em geral positiva em relação a este. Inferimos que o tema da *confiança* que foi representado por eles e discutido no compartilhamento, tenha uma relação importante com esta perspectiva sobre o futuro. E também com a própria independência, o que parece ser algo que os participantes buscaram neste período.

Com o tema da *confiança*, os participantes apresentaram ainda os limites e possibilidades no contato com pessoas de culturas diferentes. Para Julia e Olivia, isso influenciava muito, ao passo que, para Bianca, dependia da pessoa e da situação. Julia mencionou ainda que havia a necessidade de conhecer o padrão cultural de uma outra pessoa. Podemos pensar, com isso, que a relação com o outro vai sofrer uma interferência maior ou menor neste contexto. Houve também um reconhecimento em relação à capacidade de receber aulas em outra língua. Na percepção dos participantes enquanto grupo, a *confiança* também foi significativa e eles se notavam mais relaxados. E também naquele momento já se conheciam.

Todos estes temas reconhecidos neste processo grupal e trazidos nesta análise, são interligados e fundamentais para a problemática da pesquisa sobre o sentido da experiência intercultural e a relação com a alteridade. Este grupo relacionou esta problemática de uma forma em que o conhecimento sobre o outro passava pelas próprias referências que se possui, e o próprio tempo, em sua dimensão objetiva e subjetiva, como um fator fundamental para estabelecer *confiança*, comunicação e entendimento. Como intercambistas, os participantes pareciam compreender que havia um limite para isso e desta forma, suas escolhas são realizadas a partir disso.

Por terem participado da pesquisa em um período de finalização do intercâmbio no Brasil, a sua percepção sobre o processo integrava o início, a vivência e a perspectiva sobre o

fim. Para aqueles que haviam realizado o intercâmbio em dois semestres, existia uma distinção do processo no primeiro e segundo semestres. Este grupo, portanto, trouxe para o espaço da pesquisa, um momento de reflexão sobre o vivido. Muitas dos temas levantados, já haviam sido pensados anteriormente, como o gênero, por exemplo.

Diante da especificidade deste grupo, é então importante trazer à discussão, que aspectos ou categorias aqui levantadas também se apresentariam em grupos cujos participantes, em sua maioria, ainda estivessem vivenciando o processo do intercâmbio. Ou ainda, se poderiam existir outras temáticas distintas das reconhecidas neste. De certa forma, tais categorias permitiriam um aprofundamento das questões desta pesquisa face à reflexão fenomenológica de Merleau-Ponty (1945/2006b, 1945/2006c, 1945/2006d; 1969/2002, 1984a, 1984b) sobre a própria alteridade.

Pelo menos com este primeiro grupo, já observamos a importância do “tempo” para a relação com o outro neste contexto intercultural, como por exemplo, no estabelecimento da confiança. Observamos que o papel do tempo pode ser ainda mais central se levarmos em conta o período de adaptação a uma nova cultura e a relação com o próprio preconceito, conforme os participantes destacaram. Para o tema da alteridade, a dimensão do tempo talvez permita delimitar as fronteiras entre a *vivência com o outro* e o *conhecimento sobre o outro*, de acordo com o que inferimos no início desta dissertação. Retomaremos esta questão mais adiante quando refletirmos sobre a alteridade face à experiência com os grupos e esta análise. Embora reconheçamos a relevância de uma discussão sobre o tempo, tanto por uma perspectiva psicológica quanto filosófica, este assunto não será aprofundado neste trabalho. Desta maneira, o tempo será mencionado somente dentro da reflexão sobre a alteridade em Merleau-Ponty.

Assim, as categorias elucidadas nesta análise do primeiro grupo longe de serem separadas umas das outras no campo da própria experiência dos sujeitos, parecem apontar que a relação com a alteridade fornece diversas nuances que poderiam ser problematizadas – face ao que esta pesquisa se questiona - se considerarmos tanto a identidade quanto a diferença, conforme veremos em Merleau-Ponty.

3.2 Intervenção Sociopsicodramática do segundo grupo

3.2.1 Caracterização dos participantes

Diante do anuário estatístico de 2014 fornecido pela AUCANI³⁹, desenvolvemos a divulgação da pesquisa para uma amostra de 215 estudantes intercambistas de graduação que deram entrada tanto pelo convênio da Agência quanto pelas unidades de ensino. Consideramos, assim como para o primeiro grupo, as nacionalidades que mais apareciam no Anuário Estatístico, acrescentando alunos da China e do Japão.

Foram entrevistados 10 estudantes intercambistas, 6 do sexo feminino e 4 do sexo masculino. Iremos mencionar nesta caracterização, apenas os alunos que participaram do segundo grupo, sem apresentar aqueles que só realizaram as primeiras entrevistas. Para a composição do grupo, foram confirmados 6 participantes dos entrevistados em 2015: 4 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. E mais duas estudantes que participaram das entrevistas em 2014 e foram convidadas a ingressar neste segundo grupo. Portanto, a previsão era de um total de 8 sujeitos⁴⁰ conforme mostramos na *Quadro 4* abaixo:

PARTICIPANTES PARA O SEGUNDO GRUPO					
Identificação (Nome fictício)	Sexo	Idade	País	Período de Intercâmbio	Curso
Mei	Feminino	22	China	1 ano	Letras
Akemi	Feminino	21	Japão	1 ano	Letras
Luna	Feminino	23	Chile	6 meses	História
Tiago	Masculino	22	Chile	6 meses	Engenharia Mecânica
Adriana	Feminino	21	México	6 meses	Biologia
Maria	Feminino	21	México	6 meses	Letras
Sofia	Feminino	25	Chile	6 meses*	Cinema/ Música
Roberto	Masculino	21	Peru	6 meses	Medicina Veterinária

Quadro 4 – Relação dos participantes para o segundo grupo.

Entretanto, houve a desistência da participante Adriana quando o grupo já havia iniciado. Assim, o grupo seguiu com sete pessoas, sendo duas asiáticas Mei (China) e Akemi (Japão) e cinco latino-americanos dos seguintes países: Chile (Luna, Tiago e Sofia), México (Maria) e Peru (Roberto). Para a compreensão do desenvolvimento deste grupo que será

³⁹ Disponibilizado pelo Sistema Mundus a partir de Janeiro de 2015.

⁴⁰ Assim como no primeiro grupo, todos os nomes utilizados são fictícios e tem apenas relação com a nacionalidade.

descrito adiante, é importante mencionar características gerais de cada um dos sujeitos diante do que apresentaram na entrevista.

A participante com o nome fictício Mei foi entrevistada em 2014, tinha 21 anos nesta época, mas quando realizou o grupo já havia completado 22. Era chinesa, cursava o intercâmbio no terceiro ano do curso de Letras e era a primeira vez que saía do seu país. Estudava a língua portuguesa há dois anos, mas por apresentar dificuldades nas aulas na USP, também fazia aula de português dentro da universidade. Dos participantes, ela e Akemi eram as únicas a realizar o intercâmbio com duração de 1 ano. Boa parte do primeiro semestre cursado na USP foi vivido com a greve.

Akemi era japonesa e possuía 21 anos (na entrevista tinha 20). Era o seu primeiro intercâmbio, apesar de já ter morado em São Paulo quando nova, devido ao trabalho de seu pai. Também realizava o terceiro ano do curso de Letras, mas o seu curso no Japão era chamado de “estudos estrangeiros”. Assim como Mei, participava do curso de português para estrangeiros na universidade.

Luna era chilena, tinha 23 anos e realizava o equivalente ao último ano do curso de História. Na sua universidade de origem, cursava História e Pedagogia. Como já havia feito muitas disciplinas, estava escolhendo matérias diferentes na USP. Morava com uma família de brasileiros em São Paulo por intermédio de uma amiga e relatava sentir muita falta da própria família.

Tiago também era chileno, tinha 22 anos e cursava o último semestre de Engenharia Mecânica. Quando chegou ao Brasil, passou um mês morando com seu tio na Bahia para a realização de um estágio. Em São Paulo, estava morando no Conjunto Residencial da USP. A participante Maria tinha 21 anos, era mexicana e estava no 4º ano de Letras. Em sua universidade de origem, o seu curso se chamava “Letras latino-americanas”. No início do intercâmbio, morou com uma família de brasileiros conhecidos de seu pai. Depois, passou a morar em uma república.

A participante Sofia tinha 25 anos e no intercâmbio estava cursando o 4º e último ano de Música na Escola de Comunicação e Artes da USP. Também realizava disciplinas do curso de Cinema no intercâmbio. Ao final de sua participação na pesquisa, Sofia conseguiu renovar o intercâmbio para mais 6 meses, o que totalizou 1 ano de experiência no Brasil.

Roberto foi o último participante a compor o grupo. Era peruano e tinha 21 anos. Estava cursando o último ano de Medicina Veterinária no intercâmbio da USP. Já havia participado de grupos de pesquisa no Peru, mas diferentemente do realizado nesta pesquisa. Gostava da psicologia e da internacionalização.

Como se pode ver todos os participantes deste grupo estavam realizando intercâmbio acadêmico pela primeira vez. Quatro se encontravam no final do curso e três já haviam passado da metade da graduação. É importante mencionar que nas entrevistas, foram sugeridos temas para o processo grupal como: a questão da língua, suas diferentes palavras e conotações para um mesmo assunto; o machismo; os relacionamentos à distância com a família e a solidão. Diferentemente do primeiro grupo desta pesquisa, a língua portuguesa e suas nuances foi o único tema mencionado por todos os participantes deste segundo grupo nas entrevistas iniciais. Dada a sua importante relevância, este tema perpassou praticamente todo o processo grupal, sendo enfatizado de acordo com a dinâmica interacional de cada encontro e dos objetivos da pesquisa.

Os encontros deste segundo grupo foram desenvolvidos no primeiro semestre de 2015, nas sextas feiras no horário das 14:30 às 16:30 em salas disponibilizadas pela Secretaria do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho e pela Inspeção do Bloco B do IP-USP, no período de 10 de abril de 2015 a 12 de junho de 2015. Os encontros tiveram uma duração média de uma hora e meia a duas horas e foram gravados, assim como o primeiro grupo, mediante a autorização dos participantes.

Foram feitas alterações nas atividades dos encontros neste grupo, considerando os resultados obtidos no primeiro grupo, as sugestões fornecidas nas entrevistas com os participantes do segundo e de acordo com a dinâmica grupal específica a este. Contudo, é válido salientar que não se trata de um estudo comparativo, apenas levamos em conta alterar o planejamento diante do que o campo de pesquisa mostrou. Assim, a importância deste trabalho com os dois grupos reside numa compreensão mais enriquecida sobre a experiência dos participantes, em momentos específicos do intercâmbio: o primeiro grupo se situando no período de finalização, enquanto que o segundo esteve num período de vivência do processo.

3.2.2 Descrição dos encontros

Encontro	Data	Participantes	Tema
1º	10/04/2015	6	Conhecimento de si e do outro/ integração
2º	17/04/2015	4	Referências culturais e sentidos particulares
3º	24/04/2015	7	Valores culturais e situações vividas no Brasil
4º	08/05/2015	3	Situações vividas no Brasil
5º	15/05/2015	5	Relações interpessoais desenvolvidas no intercâmbio
6º	22/05/2015	3	Visão de si e do outro a partir do intercâmbio
7º	02/06/2015	6	Referências e Valores culturais
8º	12/06/2015	4	Processamento da Pesquisa

Quadro 5 – Cronograma dos encontros do segundo grupo.

De acordo com a tabela acima, podemos observar o número de encontros que este segundo grupo teve, contabilizando um encontro a mais do que o primeiro; além da frequência dos participantes e as temáticas levadas pela pesquisa de acordo com o seu planejamento. Como se pode observar, houve temas semelhantes ao primeiro grupo, como o do quarto encontro das “situações vividas no Brasil”, além de alterações de acordo com os resultados e *feedbacks* obtidos pelos participantes. Estas mudanças também levaram em conta as sugestões dos participantes deste segundo grupo, em suas entrevistas iniciais. A seguir, faremos a descrição da dinâmica de cada um destes encontros.

3.2.2.1 Primeiro encontro

Neste encontro, a proposta foi realizar a integração dos participantes por meio de um jogo dramático de apresentação em duplas, posteriormente reforçado por um jogo de memória (baseados nos jogos de “identidade do eu” de Yozo, 1996). Em seguida, foi realizada a composição geográfica do grupo a partir de uma utilização diferenciada do Mapa-Múndi, conforme veremos adiante. Depois, os objetivos da pesquisa foram reapresentados, assim como, a organização de regras que os participantes considerassem importantes para a

convivência em grupo. Desta forma, foi possível realizar com estas e outras atividades, uma primeira incursão sobre o tema do “conhecimento de si e do outro”.

Neste encontro estava confirmada a presença de oito pessoas, mas duas não puderam comparecer. Como aquecimento específico, pedi que os participantes ficassem de pé e cada um no seu jeito e ritmo caminhasse pela sala. Ao longo dessa caminhada, eles foram instruídos a observar o local em que nos encontrávamos e a pensar sobre o novo momento que estava se iniciando. Eles foram instruídos a olhar uns para os outros, pensando como que se conhecia uma pessoa, como se conversava com pessoas novas.

Após isso, pedi que eles se dirigissem à mesa da sala, na qual se encontravam vários pares de cartões coloridos. A cada um foi solicitado que escolhesse um desses cartões. Os participantes formaram então duplas a partir dos pares de cartões correspondentes: Mei e Sofia; Akemi e Maria; Tiago e Roberto. Cada dupla sentou em um lugar específico da sala e se apresentaram um para o outro, buscando responder às seguintes questões apresentadas no quadro da sala: 1. Nome; 2. De que país eu vim; 3. O que eu estudo; 4. Um *hobby* (atividade de lazer). Estas perguntas não restringiram a conversa da dupla, apenas nortearam para a apresentação ao grupo no momento seguinte. Foi necessária uma explicação mais extensa sobre significados de certas palavras como “lazer”, na instrução desta atividade, a pedido principalmente das participantes Mei e Akemi.

Depois de conversarem entre si, solicitei que cada dupla ficasse de pé em um círculo com os demais participantes para iniciarmos a apresentação em grupo. Foi pedido que cada colega da dupla apresentasse o outro com as informações obtidas sobre as perguntas. Para falar sobre o *hobby* da pessoa, foi realizada uma mímica (cujo sentido foi devidamente explicado) a pedido da pesquisadora. O objetivo era “quebrar o gelo” na dinâmica das apresentações do outro. Ao final desta etapa, realizamos um jogo de memória para relembrar as informações das pessoas. Foi um momento bastante descontraído, sobretudo na pronúncia dos nomes de cada participante. Tanto para a maioria dos participantes latino-americanos era difícil falar os nomes das participantes asiáticas, quanto para estas. Desta maneira, as participantes asiáticas relataram alternativas para pronunciar seus nomes, utilizando nomes “ocidentais” adaptados. Esta era uma ação que elas também realizavam com os colegas de sala.

Após esta primeira etapa da apresentação, passamos para a atividade do *Mapa-Múndi*⁴¹. Nesta atividade, utilizei o mapa para que cada participante marcasse a sua cidade e o

⁴¹ Encontramos na literatura um trabalho desenvolvido com a temática da *interculturalidade* por Greeb e Hauser (2013) no qual se construiu o Mapa-Múndi como um sociograma. Apesar de ser um pouco distinto da proposta

seu país, fornecendo ao grupo uma característica importante/interessante da sua cidade. Sofia ressaltou ser de duas cidades no Chile: nasceu em Iquique e morava em Valparaíso, onde realizava o seu curso de graduação. Teceu comparações com o Brasil em termos de tamanho da cidade, e ainda abordou sobre o turismo e o clima na região.

Nesta parte, em especial, realizei a mediação de algumas palavras em espanhol que ela utilizou por não saber o termo correspondente em português. Pedi que em seguida, Tiago apresentasse a sua cidade por ele também ser do Chile. O participante trouxe poucas informações, diferentemente de Sofia. Comentou ser da capital Santiago, mas sua família tinha origem no sul do Chile. E também comentou sobre a Cordilheira dos Andes.

Roberto pediu para falar da sua cidade no Peru, a qual segundo o participante, nunca aparecia no mapa. Esta fala provocou risos em todos. Ele era de Tumbes, uma cidade descrita como a parte menor de todo o Peru, com população aproximada de 60 mil habitantes. Comentou que lá estavam as melhores praias com águas mornas, e isso despertou o interesse dos participantes.

Após sua apresentação, solicitei que Maria comentasse sobre a sua cidade, pois seria a última antes de passarmos para o continente asiático. Ela apresentou que era da Cidade do México, porém morava em Toluca. Uma mudança, que segundo ela, trouxe uma vida mais tranquila, porque apesar de gostar da Cidade do México, ela era muito similar à São Paulo em termos de quantidade de pessoas e ritmo de vida. Toluca, por sua vez, possuía um clima mais frio por conta da presença de vulcão.

Por fim, passamos para a Ásia. Movimentei o mapa para deixarmos a Ásia mais centralizada na mesa. Akemi pediu para falar e comentou ter nascido em Nagoya, mas morava em Osaka, onde cursava a universidade. Em relação à Nagoya, Akemi comentou que havia muitos brasileiros lá por conta da empresa da Toyota. Osaka, apesar de ser uma cidade pequena, economicamente era a terceira maior do Japão. Lá também havia bastante estrangeiros e comida “boa”. Akemi foi a primeira dentre os participantes, a comentar sobre estrangeiros em seu país.

Mei apresentou a sua cidade, mas foi bastante difícil de entender o nome por conta da pronúncia. Ela comentou que, em geral, sobre a China, as pessoas conheciam mais Pequim ou Xangai. A sua cidade estava em um local industrial, o que não era muito bom, pois tinha bastante poluição. A participante enfatizou esta questão apresentando ainda que a situação atual de poluição na China era grave.

Apresentou ainda que estudava em outra cidade, um trajeto que realizava de trem todos os dias. Esta informação causou espanto em todos os participantes. Mei apresentou que ia de trem por ser mais econômico, pois de avião era mais caro. A participante gostava bastante da sua cidade de origem, na qual morava com os avós, pois os seus pais trabalhavam em Pequim. Estas informações causaram muito interesse nos outros participantes que também comentaram sobre os tempos de viagem entre as suas cidades de origem e estudo, como foi o caso de Sofia.

Depois dos comentários de Mei, localizei o mapa novamente no continente americano, especificamente para a cidade de São Paulo. Antes de abordar sobre isso, os participantes me interromperam para falar da distância entre a Ásia e a América. Após, retomei o assunto falando sobre a minha localização em São Paulo e da cidade de origem. Considerei importante apresentar isso brevemente por atuar no grupo como pesquisadora participante.

Com a finalização da atividade do *Mapa-Múndi*, foi realizada uma última atividade com os participantes antes de compartilhar sobre este primeiro encontro. O *Jogo do Novelo* (adaptado de Yozo, 1996) foi utilizado como complemento para integrar e abordar as expectativas do grupo. Neste, o objetivo foi falar sobre as expectativas de todos para os próximos encontros. Assim como na atividade anterior, incluí-me nesta dinâmica e iniciei com as minhas expectativas, o que implicava abordar o meu papel como pesquisadora e mediadora do grupo. Após a minha fala, segurei um pedaço do barbante e joguei o novelo para Roberto. A sequência (de escolha dos participantes) que se seguiu foi: Roberto – Akemi – Sofia – Mei – Maria – Tiago. Depois disso, realizando o movimento inverso, cada participante precisava lembrar as expectativas descritas pelo outro.

Apresento abaixo a transcrição de cada um dos trechos destas expectativas abordadas por todos (incluindo a minha) em ordem cronológica. Ressalto que as palavras apresentadas em espanhol ou os erros de português falados pelos participantes serão apresentados entre aspas. Caso sejam difíceis de compreensão na frase, serão corrigidas:

Pesquisadora: *Então, eu, Ivy, como a pesquisadora desse grupo, né? Eu espero que a gente tenha é encontros, que a gente possa conversar com bastante tranquilidade...espero que eu consiga, é criar um espaço com vocês que vocês se sintam à vontade...Pra perguntar qualquer coisa...pra tirar qualquer dúvida...e pra se expressar, se concorda com alguma coisa ou não...ninguém aqui está julgando o outro neste sentido...então eu espero que seja um ambiente agradável pra todos...tá?*

Roberto: *eu espero conhecer a todos bom...é, fazer novas amizades, novas culturas e, todo mundo...conhecer é, “su” diferentes formas de pensar, de, de tudo...me “gusta” fazer [...]*

Akemi: *Ahh, eu espero que a gente possa manter contato, mais pra frente...fora do grupo também...e...faça muitas amizades...e...converse mais...muitas coisas...e troque muitas informações [...] com outros países...e é isso...*

Sofia: *é...eu gostaria de fazer amizades...[...] porque também isso pode ser uma ajuda para nós...é, pra conhecer a cidade de São Paulo...muitas vezes é...eu não gosto de sair “sola” porque não conheço e é uma, um “perigo” também...é...eu espero também conhecer as diferentes culturas...partes da cultura [...]...partes das pessoas também...é, em outras palavras, eu gosto muito dos idiomas...é, eu tenho muito pra aprender...Vocês falam espanhol⁴² [...] “i’m sorry”...[Todos os participantes riem.] [...] vocês falam um idioma muito complicado [se referindo às duas participantes que são da China e do Japão, respectivamente...] e eu acho que é muito legal poder conhecer algumas palavras...algumas palavras,(risos). [Pessoas riem] e é “eso”...em general [...]*

Mei: *Hum...eu espero, hum...que podemos conhecer mais e...é...e vocês contam as situações...hum...dos teus países...eu conto sobre a China... “hummm”...e o Brasil, na verdade não conheço muito o Brasil...acho que eu também não conheço muito sobre a China...A China é muito grande...e [...] esperamos que possamos manter...hum...contato...[...] na saída e...conhecer mais...só isso [...] ahh e que possamos fazer mais jogos...como esse (risos).*

Maria: *Bom, eu...acho que a primeira coisa que eu espero é trocar ideias sobre o Brasil e sobre os nossos países...porque para mim o intercâmbio não está sendo somente conhecer o Brasil...se não conhecer o mundo inteiro quase...e eu gostaria de saber muito sobre os países latino-americanos...que são mais irmãos ao México...e muito mais de vocês [se refere às participantes da Ásia]...acho que a Latino-América não sabe quase nada do Japão e da China [...] Ahh e também fazer amizades...[...] sair, passear...conhecer a cidade de São Paulo...coisas assim [risos]...então [risos]...não se sinta...*

Tiago: *é, eu também...eu quero fazer a mesma coisa que todos. [Risos dos participantes] [...] no mais...e também trocar ideia e conhecer toda a gente de mundo...mas não sendo só Latino-América, mais conhecer isso...que seja uma experiência boa pra mim...e pra todos...que vamos, é...que a gente possa ser uma coisa boa...mas eu não sei o que possa mais...toda gente falou “todo”, risos. [Todos riem] Eu queria fazer as “mismas” coisas...conhecer Brasil também...não só São Paulo...conhecer a língua “da” cá...e também a língua de vocês...e é isso...*

Em seguida a esta atividade, sentamos em círculo para compartilhar sobre o encontro. Em resumo, o grupo apresentou uma boa receptividade a este primeiro encontro. Mei comentou que foi “muito engraçado” e que adorou conversar e conhecer os outros. Akemi achava que ficaríamos sentados e conversando e, da maneira que se sucedeu, foi mais divertido e “não deu sono”. Roberto gostou de conhecer os países dos outros e de todas as formas de falar. Tiago considerou esta uma boa forma de conhecer pessoas, pois foi muito estruturado e serviu para conhecer rápido algumas coisas. Mas, ressaltou que é sempre complicado falar em outro idioma. Maria também acreditava, tal como Akemi, que o grupo

⁴² Aqui a participante se referiu aos outros colegas latino-americanos. E a expressão em inglês “i’m sorry”, referiu-se em tom de brincadeira, às participantes Mei e Akemi que não falavam espanhol.

seria em um círculo, mas considerou “legal” a forma mais interativa. Sofia, por sua vez, considerou muito “grato” isso (o sentido de “agradecido”). Ela lembrou que já fez algo assim antes, mas foi muito diferente neste momento por ser com pessoas de outros países, gostou muito. Akemi adicionou que se surpreendeu com o fato de ter muitas pessoas latino-americanas e apenas duas da Ásia. Os participantes questionaram ainda sobre a nacionalidade das colegas que não puderam comparecer ao encontro.

Maria comentou sobre a possibilidade desta interação com as colegas da Ásia no grupo:

Achei isso legal...porque pelo menos na Letras...dá muito para notar que os latino-americanos estamos por um lado...e vocês estão por outro...e os [...] são muito pouco estrangeiros... [...] sim...então eu acho legal conhecer vocês... Estamos estudando na mesma faculdade e eu não conhecia... (Maria)

Aproveitando este comentário de Maria e o de Sofia sobre realizar estas atividades em um grupo intercultural, perguntei o que seria mais difícil nisso. Segue abaixo o trecho deste momento no encontro:

P: *O que que é mais difícil...quando você vai falar com pessoas de outro país, numa outra língua ainda por cima...o que foi mais difícil?*

Sofia: *eu acho que a interpretação das palavras...por exemplo, no Chile eu falo “compañero”...eu falava “ela é minha compañera”...As pessoas no Brasil: “que??”...Claro que você compreende “aqui” que “companheira” é quase um namorado...ou uma namorada...*

P: *sim.*

Sofia: *No Chile, pra nós, companheira é “colega”...*

P: *uhum.*

Sofia: *E colega é...como “solo” um amigo de um trabalho...*

Akemi: *Ahhh.*

Mei: *ahhh...*

Sofia: *De sua mesma área...*

P: *uhum.*

Sofia: *Eu acho que “eso” é uma das coisas mais, pra mim, complicadas...*

P: *então o sentido que vai ter cada palavra...*

Sofia: *o sentido...Ahh mas acho que é uma exceção [...], porque as pessoas hoje que ajudaram você a... “não, isso se fala distinto”...oh...mas...a significado das palavras, é uma coisa muito [...]*

P: *entendi.*

Mei: *Pra mim acho que é mais dificuldade...é o maior dificuldade é o meio de cumprimento...*

P: *Cumprimentar...*

Mei: *Cumprimentar...aqui é beijo...abraçada...*

P: Uhum.

Mei: *eu não acostumei com esse jeito, [risos]. E quando ele cumprimentou “pra” mim...* [refere-se ao participante Tiago]

P: Uhum.

Mei: *eu [risos] levantei a minha mão “pra” ele assim...*

Tiago: *Você tem o costume?*

Mei: *Sim...*

Tiago: *Ahh...[risos].*

Mei: *Não tenho esse costume...*

P: *você quer explicar para ele como em geral você cumprimenta?*

Mei: *Na China é só mexer a mão...*

Tiago: *Ahhh...[...]*

Akemi: *(Risos). No Japão também é assim. (Risos).*

Tiago: *(Risos).*

Mei: *[...] o tchau também é assim...*

O assunto das diferentes formas de se cumprimentar mobilizou a maioria dos participantes do grupo, o que levou à hipótese de que este poderia ser um dos temas surgidos neste encontro⁴³. A partir deste assunto, perguntei ao grupo como era, em geral, apresentar-se no dia-a-dia como intercambista. Maria comentou que tudo se iniciava pelo nome e com o sotaque as pessoas já percebiam que ela não era brasileira.

Questionei também se no Brasil, eles eram mais tímidos ou mais extrovertidos para falar com as pessoas. Sofia e Akemi enfatizaram que eram muito mais tímidas. Já Tiago foi o único participante a afirmar ser mais extrovertido no Brasil. Os participantes foram abordando as diferenças entre falar em sala de aula e falar no dia a dia. Destaco abaixo o comentário de Sofia:

Pelo idioma...sim...porque eu falo muito...não gosto muito de falar com as pessoas que eu não conheço...mas eu gosto de falar de uma forma articulada bem...ou de uma boa fala...mas como eu tenho dúvidas... [...] dos artigos [em língua portuguesa: artigos]...dessas coisas...eu não gosto de falar. É como que...eu não gosto de falar mal [no sentido de falar errado] [...] ruim...meu português é muito ruim...então eu sempre estou: “desculpa! Eu não muito [?] no português, mas...” E as pessoas como que compreendem isso e depois falam: “ahn...tudo bom...eu posso ajudar a você”. Mas eu acho que é por isso, como uma coisa...de que, como nós não conhecemos muito...nós estamos generalizando... [...] é...não conhecemos muito o português...mas não é nossa língua materna... [...] e...é são várias coisas assim...não tinha mais complicado...[questionei neste momento se eles pensavam muito antes de falar com alguém e Sofia afirmou que sim] [...] é como que “eu preciso de falar com ele? ”...”

⁴³No Psicodrama temos a expressão “tema protagonista”, para delinear aquele roteiro ou assunto construído e desenvolvido no ato psicodramático. Tem “suas premissas no contexto social, delinea-se no contexto grupal, e desenvolve-se e define-se no contexto dramático” (Alves, 1999, p. 89). Como não desenvolvemos este assunto no contexto dramático, iremos denominá-lo apenas como “tema do grupo”.

Não é necessário. “Posso falar ou fazer essa coisa sozinho?” “Não, não posso, eu tenho que falar com ele”. “Desculpa, eu posso contar com a sua ajuda” [risos dos participantes] é uma coisa assim, risos. [...] é quase um sofrimento, (risos) (Sofia).

Em seguida ao comentário de Sofia, a participante Maria apresentou sua opinião e assim seguiram em diálogo com a participação de Tiago e Mei, conforme se pode ver abaixo:

Maria: *Eu acho que o impacto do idioma dá mais nas aulas. Eu...eu gosto de participar nas aulas... mas aqui eu...eu penso “dois” vezes...sabe? [Todos riem]. ‘Não, eu posso não falar o que eu quero dizer’, risos.*

Sofia: *e depois o professor: “você não falou”. Desculpa professor...*

Maria: *sim... “eu não tinha nada o que dizer”...*

Sofia: *(...) às vezes nós temos muitas coisas do que falar...[...]*

Tiago: *(Risos).*

Sofia: *nossas opiniões...e não sabemos como expressar isso e é como “ahnnn! Eu sabia!” Mas eu não pude falar...sabe? [Todos riem].*

P: *Aí alguém vai lá e levanta a mão antes de você...*

Sofia: *Sim!! [Muitas pessoas falam ao mesmo tempo...]*

P: *e você fala: “Não acredito! Era aquilo” [risos dos participantes]*

Maria: *Era isso! Risos.*

P: *entendi.*

Mei: *Em minha opinião, risos. [Várias pessoas riem].*

P: *entendi. Então em geral fica todo mundo mais tímido mesmo?*

Sofia: *sim...no geral...*

Tiago: *eu... eu acho que tem uma diferença... eu no Chile sou muito mais tímido que “acá”. Quando eu conheci gente, eu falo e não tem problema... mas na aula, eu tenho o “mesmo” problema que... eu não falo na aula e por isso sou mais tímido... porque eu não sei se... [...] vou falar bem... ou se a coisa eu entendi bem... ou se “tá” falando outra coisa... não sei... aí eu sou mais tímido, mas na “calle” [rua] ou quando eu vou pra festa... que eu vou conhecer outra gente... eu só falo e não tem problema... a gente...não sei...eu...gosto mais “de esto”. Essa é...eu acho que é... “eso” trocou [mudou] a minha personalidade...que agora eu sou mais extrovertido do que lá...*

P: *aham.*

Mei: *hum...é...*

P: *Você também acha isso?*

Mei: *sim...acho...acho...acho mesmo...acho que aqui no Brasil eu tenho que...*

Tiago: *“obligación”?*

Mei: *Ah...hum...sim.*

Tiago: *eu me sinto como uma “obligacion” de falar com gente...*

P: *ahhh...*

Mei: *de aproveitar a oportunidade para praticar o português...*

Tiago: *também...*

Mei: *...com eles*

P: *entendi.*

Maria: *eu também...falar mais...*

P: *entendi. Entendi.*

Mei: *mas nas aulas, também, eu acho que tenho (risos) muita dificuldade de prestar...sim... “você roubou minha, minha...”[risos dos participantes]*

Mei: *“o que eu queria falar” [faz com uma entonação de voz engraçada].*

Sofia: *eu acho que é isso o problema nas aulas.*

Tiago: *uhum.*

Sofia: *mas fora não. É o mundo [...] onde posso praticar...*

P: *sim.*

Sofia: *com as meninas, da, da casa... [Refere-se à república onde mora]. “Pero” aqui é... muitas coisas são um problema, porque também muitas pessoas têm grupos... fechados...*

O assunto sobre a timidez e sua relação com o idioma no contexto universitário, levou o grupo a discutir outros temas, como a questão dos grupos já formados, como apontado por Sofia acima. Tiago trouxe para a discussão a recepção realizada pelos brasileiros nestes grupos, o que levou à comparação disso com os tratamentos nos países de alguns dos participantes:

Tiago: *é, o brasileiro acho que é o mais fechado... [...] tão quanto... [?]*

[Os outros começam a se manifestar a partir dessa fala].

Mei: *acho que é mais aberto...[Várias pessoas falaram ao mesmo tempo].*

Maria: *ele é aberto no momento em que você está se apresentando e depois como que fica fechado...*

Tiago: *hummm...*

Mei: *Isso!!*

[...]

P: *entendi. Com vocês é assim? Ou não?* [Perguntei aos outros participantes que não haviam se pronunciado sobre o assunto].

Mei: *Não. “Na” China é muito fechada...[...] muito sério, (risos).*

P: *entendi.*

Akemi: *[...] o grupo é muito fechado e...é, por exemplo, no Brasil, pode...na festa ou na janta, pode chamar qualquer pessoa [...] quase pode chamar amigo, namorado, namorada, mas no Japão, quando a gente encontra...*

P: *uhum.*

Akemi: *só os dois...duas...ou só o grupo...fechado...*

P: *uhum. Você não pode chamar mais?*

Akemi: *mais que não conhece outras...outros amigos...outros amigos...*

P: *uhum.*

Akemi: *é muito fechado...*

Mei: *[risos] em China quase não tem festas...esse no Brasil...desse tipo...cantam, dançam...[todos os participantes riem].*

P: *é bem diferente (risos).*

Akemi: *sim...(risos)...*

Mei: *os meus amigos são os meus colegas...que estudam juntos [Referindo-se aos amigos na China] ... sim...é muito difícil conhecer uma...um amigo na viagem...sim...*

Mei: *no trem...no ônibus ou na rua...(risos).*

P: *entendi. É...isso é uma coisa que aqui pode acontecer...*

Mei: *sim...*

P: *você está viajando, sentado com alguém...*

Sofia: *sim...a pessoa fala com você...*

[...]

Também questionei o grupo se cada um deles permanecia a maior parte do tempo mais sozinho ou já possuíam um grupo específico, com amigos, pessoas do mesmo curso, por exemplo. Tiago respondeu que permanecia mais sozinho. Possuía amigos chilenos, mas estes moravam longe e não frequentavam o mesmo curso que ele. Na Escola Politécnica não possuía amigos. Conhecia estudantes estrangeiros de outros cursos e na república onde morava possuía mais integração.

Já para Maria era diferente, pois ela morava só com brasileiras. Contudo, fazia parte também de um grupo formado apenas por “*hispano-hablantes*” (expressão utilizada pela participante). Akemi, que estava no Brasil fazia 08 meses, afirmou que no começo estava com muitos amigos. Porém, naquele momento, estava mais sozinha e já havia se acostumado com a vida no Brasil. Possuía mais amigos na universidade do que em casa.

Roberto estava mais sozinho em casa, apesar de ter uma amiga que veio do Peru com ele. Na universidade passava mais tempo na biblioteca e no fim de semana ficava mais sozinho. Mei morava em um prédio que ela comentava parecer um “*hostel*”. Lá ela possuía um vizinho que considerava especial. Ele estudava chinês e se tornaram amigos. Ela praticava português com ele e este, chinês com ela. Também fez amizade com os colegas brasileiros que a ajudaram por meio do Programa “USP iFriends”, e uma colega de quarto que também era chinesa.

Por fim, Sofia comentou que na USP geralmente estava sozinha e foi por isso que abordou sobre os grupos. Ela acreditava que isso também poderia ser algo relacionado com a idade. Ela possuía 25 anos e as aulas do curso de Cinema, frequentadas por ela, eram do primeiro ano. Seus colegas já possuíam os seus grupos. A prática na aula de Música também era muito sozinha. Assim, sua vida social era mais na república onde morava, porém, ao mesmo tempo, ela gostava muito de ficar sozinha, pois era uma pessoa mais introspectiva. Apesar disso, considerava importante, estando em um outro país, conhecer as pessoas e tentar mudar um pouco o seu jeito.

Após a fala de Sofia e considerando os últimos pontos que precisávamos ver no encontro, perguntei se havia mais alguma coisa que eles gostariam de comentar. Houve um momento de descontração em que eles falaram sobre as idades, os aniversários que estavam por vir e os lugares onde moravam. Como faltavam 10 minutos para terminar o horário, precisei retomar os objetivos da pesquisa e estabelecer com os participantes, regras que eles considerassem importantes para o funcionamento do grupo. Comentei que o grupo teria oito

encontros, dentro da previsão apresentada na entrevista inicial e entreguei a todos o cronograma com as datas.

Quanto às regras para o grupo, foi sugerido por Sofia que tivéssemos “paciência” na hora de falar considerando as palavras a serem usadas e também o respeito ao tempo de cada um. Não houve outras sugestões, então como mediadora apresentei que iria falar mais devagar e pausadamente (conforme foi realizado neste primeiro encontro), de modo que houvesse a compreensão de todos. Além disso, apresentei que todos possuíam o direito de não comentar algo quando não quisessem, de tirar dúvidas e outros pontos a respeito do sigilo e da ética da pesquisa.

Por fim, solicitei a tarefa de casa para o segundo encontro, a qual consistia em trazer um objeto que representasse para o participante a sua relação com o próprio país. Entreguei esta instrução impressa para facilitar a compreensão de todos. Após isso, cada participante resumiu em uma palavra como estava saindo deste primeiro encontro. Em ordem cronológica o encontro foi resumido como: “*engraçado*” (Mei); “*legal*” (Roberto); “*bem...*” (Tiago); “*divertido*” (Akemi); “*não sei...rs...ah, conheci pessoas*” (Maria); “*algo novo*” (Sofia).

É importante ressaltar que alguns participantes comentaram sobre o tempo do encontro. Tiago gostou do encontro, mas considerou que este foi um pouco longo. Sentiu-se cansado ao final. Sofia apenas perguntou ao final se tínhamos algum tipo de intervalo. Considerando a dinâmica proposta pela metodologia psicodramática, não realizei intervalos ao longo das sessões, mas todos podiam sair da sala para ir ao banheiro a hora que desejassem e água era disponibilizada nos encontros.

3.2.2.2 Segundo encontro

Como duas participantes não haviam comparecido ao primeiro encontro, foi necessário realizar uma alteração no planejamento do segundo para uma nova integração do grupo. Desta forma, foi proposta outra apresentação em duplas, além de relembrar o que foi visto no primeiro encontro. A partir disso, a ideia foi discutir sobre a relação da pessoa com a cultura diante do objeto trazido pelos participantes. E ainda, conhecer os valores que cada um possuía, solicitando como tarefa de casa a realização de brasões individuais.

Entretanto, neste segundo encontro apenas quatro pessoas compareceram. Houve avisos quanto à falta, contudo nem todos justificaram. Uma das participantes que não avisou da falta também não havia comparecido ao primeiro encontro. Em virtude disso, foi enviado

um *e-mail* a esta – após este encontro - comentando que não poderia mais inseri-la no grupo. Devido a isso e ao tempo de espera para iniciar o encontro, a construção dos valores foi adiada para o encontro seguinte.

Como aquecimento inespecífico, os participantes foram acolhidos na sala e foi perguntado se havia algo a comentar sobre o encontro passado. À Luna foi explicado que haveria uma pequena apresentação para que ela pudesse conhecer as pessoas e vice-versa. Foi solicitado que desta vez, eles escolhessem com quem formariam as duplas, sendo que o critério era escolher alguém novo, sobre quem possuísem poucas informações. Desta forma, as duplas foram: Akemi e Luna; Mei e Roberto. Para esta apresentação, adaptada do jogo “qualidades e manias” desenvolvido por Yozo (1996, p. 55), foram colocadas quatro perguntas no quadro referentes à: 1. Nome; 2. Uma qualidade - uma característica que gostasse em si mesmo (a); 3. Uma mania; 4. “Quando penso no meu país eu me sinto...”. Novamente, um colega apresentaria o outro em cada dupla.

Foi necessário explicar cada pergunta proposta devido ao vocabulário dos participantes, em especial de Mei e Akemi. As duplas conversaram bastante entre si, indo além das perguntas propostas. Na apresentação para o grupo, aproveitei para irmos lembrando o que cada um comentou. Neste momento foi interessante notar que principalmente na questão da “qualidade” e na última pergunta sobre o que o participante sentia quando pensava no próprio país, foram usados substantivos na língua espanhola que a tradução para o português não demonstrava com tanta precisão o sentido que o participante gostaria de fornecer.

Um exemplo disso, foi a utilização da palavra “*perca*” pelo participante Roberto para explicar a sua qualidade. Para que as outras colegas compreendessem, busquei realizar aproximações com as palavras “determinado” e “perseverante”. Apesar da similaridade, tanto Luna quanto Roberto comentaram que ainda não abarcava todo o sentido da palavra em espanhol. Luna afirmou que existem palavras em cada uma destas línguas que não possuíam correspondência na outra. A palavra “*perca*” no português poderia significar ser perseverante, mas o sentido próprio do espanhol se perde ao tentar uma correspondência no português. O mesmo podemos pensar sobre a palavra “*saudade*”. Inexistente na língua espanhola, o sentido aproximado seria com a palavra “*nostalgia*”, que segundo os participantes, não possuía o mesmo significado.

Esta questão da tradução entre as duas línguas foi bastante discutida em grupo, principalmente pelos participantes latino-americanos. E se colocou como um ponto importante na comunicação entre todos. Ainda na apresentação, Roberto comentou sentir

“fome” quando pensa no seu país. Mais uma vez, o significado desta palavra diferia do entendimento na língua portuguesa. Como afirmou Luna:

Para nós, “fome”, es algo chato [...] “Entonces”, por isso...por exemplo, “acá” quando eu cheguei “acá”... [Perguntavam a ela] é você tem “fome”? E eu “não, eu estou bem” [...] “não, mas você tem fome...” e aí mostravam comida...e aí eu entendi que “fome” es “hambre”, (risos) (Luna).

Após a apresentação, seguimos para a atividade do Mapa-Múndi, de modo a recordar os países e incluir Luna na atividade que marcava a composição geográfica dos membros do grupo. Esta foi uma nova oportunidade de integração. Luna comentou por último sobre a sua cidade e características que considerava importante. Também estudava em Valparaíso no Chile, assim como Roberto e Sofia, mas nasceu numa cidade no interior (*La Calera*).

Trouxe aspectos históricos e geográficos como o significado do nome da cidade, a localização em relação à capital Santiago, as formações rochosas, turismo e cultura. Além disso, abordou sobre sua própria família e a vida universitária em Valparaíso. De todos os participantes desta atividade, Luna – que realizava graduação em História e Geografia - foi a que mais abordou sobre a sua cidade e país. Ela teve as mesmas instruções para comentar o que quisesse. Preocupou-se em ter uma linguagem mais clara apesar da dificuldade de tradução de palavras para o português. E com isso, notava-se o interesse do grupo nas informações.

Em seguida, pedi que o grupo pegasse os objetos que trouxeram como tarefa e deixassem em cima da mesa da sala. Cada participante trouxe os seguintes objetos: Mei – Urso de pelúcia; Roberto – Chaveiro; Akemi – Panfleto e celular; Luna – Urso de pelúcia. Solicitei que todos ficassem em volta olhando para os objetos, prestando a atenção em cada um e comentando num papel, como se fosse uma exposição de um museu, o que aqueles objetos poderiam ter a ver com o país do outro e qual seria a intenção do colega. Nesta atividade adaptada dos jogos “objeto especial” e “exposição de arte” de Yozo (1996), foi perguntado ainda se os participantes se identificavam com algum daqueles objetos e caso tivessem escolhido outro para trazer ao encontro, se seria similar ou não.

No decorrer da atividade, os participantes perguntaram rapidamente à Akemi sobre um dos seus objetos, pois se tratava de um panfleto escrito em japonês. Permiti que as perguntas fossem feitas até para facilitar a execução da atividade. Depois que todos terminaram de anotar as impressões, iniciamos os comentários sobre cada objeto. Eles pediram que eu

escolhesse o primeiro a ser abordado. Começamos pelos quatro chaveiros trazidos por Roberto.

Resumidamente, Mei comentou que os chaveiros eram muitos bonitos, delicados, com escultura de madeira e imagens que ela acreditava fazer parte da cultura típica do Peru. Ainda mais pela presença do Sol nos chaveiros. Roberto explicou que se tratava de um Deus, uma lenda da própria cultura Inca. Mei brincou afirmando que esses chaveiros pareciam ser presentes para os amigos. E Roberto respondeu que se ela gostasse, poderia levar. Luna, por sua vez, afirmou ter pensado as mesmas coisas que Mei, e ainda percebeu que o colega trazia nos objetos um pouco da cultura e história da sua terra, do seu país. Algo que diferia do objeto de Luna. A relação que esta possuía com o “urso de pelúcia” tinha a ver com a própria família.

Após ouvir os comentários das colegas, Roberto apresentou que trouxe os objetos para mostrar a cultura, pois considerava “*muito legal*” a história do Peru. Entretanto, não gostava da situação atual do país: “Prefiro mais o passado do Peru do que o seu presente”.

Seguimos para o “urso de pelúcia” de Luna. A participante Mei comentou que ficou surpresa por trazer um “bonequinho” também. Ela acreditava que este objeto tinha a ver com a família, amigos ou uma pessoa que tinha uma relação próxima a Luna. O objeto, para Mei, parecia uma pêra, o que foi confirmado por Luna, a qual o chamava de “*Sr. Pêra*”. Mei se identificou muito com este objeto.

Luna, por sua vez, apresentou que este objeto foi um presente do seu namorado no Chile, há muito tempo. Ele foi adquirido em máquinas de supermercado e a participante trouxe para o Brasil, pois ele representava a sua relação com o namorado e também com a família. Luna apresentou também se sentir identificada com o “urso de pelúcia” de Mei, e afirmou que parecia que alguém especial tivesse presenteado a colega com o mesmo e também poderia ter relação com a sua família. Isso também transmitia algo que Luna denominou de “*calidez*”: um sentimento parecido com “proteção”, como se a colega se sentisse segura nos lugares.

Roberto concordou com esta impressão para o objeto de Mei e acrescentou que poderia ter muito significado para ela. Akemi imaginou que algum amigo íntimo tivesse dado para Mei o “*urso*” para esta se lembrar da vida na China. Mei comentou que os colegas acertaram nas impressões. Este foi um presente de sua prima por seu aniversário de 17 anos (na época deste encontro Mei possuía 21 anos). Ela trouxe esse “boneco” em todas as viagens, pois fornecia a ela um sentimento de segurança.

Com relação aos objetos trazidos por Akemi – o celular e o panfleto – Mei comentou que poderia ter a ver com a cultura. Akemi pediu para explicar melhor sobre o panfleto, o qual se referia a uma peça de teatro que, em geral, era realizada apenas por homens. Todavia, na peça específica em que ela participou, foi feita por mulheres. Mei comentou que parecia um tipo de cultura antiga no Japão, muito popular. Ela acreditava que talvez Akemi tivesse visto essa peça e gostado muito. Quanto ao celular, ela acreditava que fosse algo mais prático, pelo armazenamento de fotos e mensagens.

Luna, por sua vez comentou ter se sentido muito identificada com este último objeto, porque demonstrava também para ela, o contato direto com o Chile, os seus amigos e familiares. Além de conter fotos e música. Como ela não sabia de início o que era a peça e depois perguntou à Akemi, ela imaginou ser relacionada ao tema do idioma, da cultura em si. Mas, também pensou em “hobby”, como algo que a colega gostasse de fazer ou ainda de assistir.

Akemi afirmou que sobre o celular, todos os participantes imaginaram exatamente o que ela queria dizer. O celular também possuía fotos da peça do panfleto. Um teatro tradicional, o qual ela gostava muito de assistir e fazer. E neste teatro em específico, ela atuou como protagonista quando tinha 16 anos (neste momento ela possuía 21).

Além deste objeto de Akemi, também perguntaram mais sobre as imagens dos chaveiros de Roberto. Este relatou sobre os aspectos históricos do Império Inca e Luna também complementou com mais informações. Foi muito interessante observar esta interação entre os quatro participantes nesta atividade. Ao compartilhar sobre o que acharam do encontro, Roberto comentou que foi “*muito legal*”. Luna percebeu uma conexão entre todos por serem estrangeiros, em um outro país. Além disso abordou sobre a dinâmica proposta pela atividade e o que imaginou que ocorreria:

E também achei muito legal que...outros falaram de “mi” objeto [...] porque eu pensava que era...eu trazer o meu objeto e eu falar sobre o meu objeto...sozinha...falar para você [...] “Pero”, eu fiquei surpreendida, risos. [...] Foi muito bom [...] que outros falaram de isso, porque assim vamos poder fazer mais “relaciones” de...outros pensam similar a um [...] pela experiência que nós estamos vivendo “acá...” (Luna)

Akemi gostou da atividade, porque pode saber sobre o relacionamento das pessoas com os seus países. Mei considerou a atividade bem fácil, pode conhecer mais um pouco dos colegas e ir mais a fundo no conhecimento sobre as culturas dos outros. Luna apresentou que, em geral, no colégio do Chile se ensinava mais sobre a Europa e quase nada sobre a cultura do

oriente. Mei perguntou isso para Roberto, o qual respondeu que no Peru se ensinava um pouco sobre o oriente, porém muito mais da cultura da América do Sul. E Luna acrescentou que sobre o Japão só ensinavam o contexto da Segunda Guerra Mundial e um pouco no tema da civilização.

Na finalização do encontro, foram resumidos os aspectos mencionados na atividade principal e introduzida a tarefa de listar os valores que cada um possuía para o terceiro encontro. Buscando facilitar o entendimento da atividade, utilizei uma definição bastante simples para “valores culturais”, consultada no Dicionário Informal Online (2013)⁴⁴: “conjunto de características que definem alguém, quanto as suas ideias, crenças, costumes e hábitos”. Foi necessário explicar detalhadamente sobre isso e a relação que os valores poderiam ter tanto com a família quanto com a cultura num âmbito mais geral, deixando os participantes livres para enumerar quantos valores achassem importantes.

3.2.2.3 Terceiro Encontro

Neste encontro, todos os participantes compareceram. Foi possível apresentar Luna aos participantes que não estavam no último encontro. Além disso, o objetivo foi trabalhar a tarefa de casa dos valores familiares e culturais em subgrupos por meio de dramatizações a respeito disso no dia a dia do intercâmbio. Este encontro, assim como os anteriores, iniciou atrasado por conta de Tiago e Maria que não haviam chegado.

Como aquecimento, pedi que todos ficassem de pé e se apresentassem de uma forma mais dinâmica utilizando uma almofada. Iniciei a partir da minha apresentação e depois joguei a almofada para outra pessoa, e esta, por sua vez, jogou para a seguinte até completar o grupo todo. Assim como nos primeiros encontros, solicitei que os participantes respondessem a três perguntas básicas que buscavam facilitar a atividade posterior sobre os valores: 1. Quem eu sou? 2. O que eu não sou? 3. O que eu gostaria de ser?

Aproveitei para revisar com os sujeitos quais foram as perguntas feitas desde o primeiro encontro. A sequência das apresentações foi a seguinte: P – Luna – Sofia – Roberto – Tiago – Akemi – Maria – Mei. A medida em que cada um ia respondendo a estas questões, foram sendo adicionadas novas perguntas relacionadas à família.

⁴⁴ Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/valores%20culturais/2938/> (Acesso em: 15 de abril de 2015).

Pedi que todos pegassem os papéis com as anotações sobre os valores, e, em seguida, se sentassem confortavelmente nas cadeiras da sala. Foi realizado um relaxamento como aquecimento para a atividade do encontro. Após, separei os participantes em três subgrupos, utilizando como critério aqueles que fossem parte do mesmo país de origem e os que fossem provenientes do mesmo continente. Desta forma, a configuração de cada subgrupo foi a seguinte: Luna, Tiago e Sofia (Chile); Mei e Akemi (Ásia); Maria e Roberto (América).

Cada participante dentro do seu subgrupo específico, deveria contar aos colegas sobre os valores que listou e pensar conjuntamente de que forma tais valores se traduziam nos comportamentos do dia-a-dia. Eles iriam refletir sobre que situações ocorriam no contexto do intercâmbio em que a influência destes valores apareciam. Cada subgrupo então, anotou no papel as situações, buscando escolher uma que pudesse mostrar o aparecimento de pelo menos um valor no próprio comportamento e como isso foi visto no Brasil. A escolha pela situação foi feita por cada subgrupo livremente, buscando algo que os representasse. Esta situação seria então dramatizada para todos os outros colegas. Em sequência, perguntaríamos à plateia se fariam algo diferente do que foi vivenciado pelo outro. Se fosse o caso, seria pedido uma interferência na situação.

A proposta desta atividade de *role-playing*, era observar de maneira concreta os valores de cada pessoa nas situações do cotidiano do intercâmbio e, de que forma, neste ambiente intercultural, elas são compreendidas por si mesmo e o outro. A ideia de poder intervir nas situações era facilitar, por meio do jogo dramático, diferentes formas de ação e reflexão.

Para esta atividade foi realizada uma explicação bastante extensa, desde o que significava a palavra “valor” até exemplos de situações que traduziam valores familiares e culturais. Mesmo assim, no decorrer da conversa de cada subgrupo, foi-me solicitado o esclarecimento de dúvidas pelos subgrupos de Mei e Akemi; Maria e Roberto. Depois que todos definiram as situações a serem encenadas, iniciamos com o composto por Luna, Tiago e Sofia.

Eles solicitaram que a cena fosse realizada em espanhol, pois os termos que iriam utilizar eram pertencentes à língua e ao contexto chileno. Entretanto, depois de encenada a situação, eles iriam explicar o seu conteúdo. Sofia fez uma pequena narrativa da situação, de modo que os colegas pudessem imaginar o cenário e o que de fato estava para acontecer. Apesar de dramatizarem em espanhol, a cena foi entendida por todos.

Foi realizada uma situação na rua em que duas mulheres estavam caminhando e conversando. Ao mesmo tempo, surgia um rapaz que “mexia” com elas utilizando de palavras

de baixo calão. Ao final da cena, Luna perguntou aos colegas o que eles entenderam. Ela comentou que o que o personagem da cena falava para as mulheres se tratava de um “*piropos*”: uma palavra que geralmente um homem ou uma mulher falava para uma pessoa do sexo oposto, quando se possuía uma atração que não era mútua. Maria complementou afirmando que a pessoa quando dizia isso, acabava sensualizando a outra.

Tiago explicou que os homens falavam coisas que às vezes eram muito fortes para as mulheres, o que se tornava bastante desrespeitoso. Para eles, este tipo de comportamento no Brasil não existia ou não ocorria muito. Luna perguntou à Maria se ela também percebia isso. Esta comentou que até aquele momento não havia notado isso no Brasil, e complementou que no México era algo ainda bem comum. Apesar disso, ela já havia observado brasileiros fazendo comentários para meninas brasileiras, porém não entendia o que eles falavam.

Maria acreditava ter duas coisas nesta questão: *“uma parte, o lugar em que a gente está... a gente está numa zona estudantil, isso ajuda...as outras coisas é que...as brasileiras costumam usar coisas mais curtas assim...e a gente tem outra forma de vestir...então não chamamos tanto a atenção...”*. A temática sobre o gênero apareceu neste momento, a partir desta comparação entre os países.

Sofia concordou, porém, apresentou que ela e os demais colegas do subgrupo não falavam desse tipo de situação especificamente na USP, mas na experiência deles em São Paulo. Perguntei então se o que eles queriam dizer era que no Chile era mais forte este tipo de abordagem com as mulheres e eles responderam que sim. Por isso, trouxeram esta cena que representava a diferença entre os dois países.

Sofia perguntou a Mei e Akemi como era esta relação nos países delas. Mei comentou que existia, mas era raro, pois se tratava de um país mais tradicional. Por conta disso, Luna abordou que eles acreditavam que este tipo de comportamento tinha a ver com a cultura do país. Aproveitei esta afirmação para perguntar à Tiago por que ele escolheu esta cena com as colegas. Questionei isso, pois ele realizou o papel do homem, contudo não parecia muito confortável com isso.

Ele apresentou que não escolheu e todos os participantes riram muito. Luna complementou que a cena foi escolhida pela maioria. Tiago comentou que esta foi a situação mais cômoda e mais fácil para fazer. Debatesmos ainda sobre as diferenças de sentido para a “cantada” no Brasil e no Chile. Tiago comentou de um vídeo produzido no Chile, que esta cena era apresentada de modo inverso, no qual era a mulher que realizava isso, que “mexia” com os homens. O vídeo fazia isso de modo irônico para ver como que os homens reagiriam a este tipo de situação. Entretanto, segundo Tiago, os homens não viam problema nisso.

Por conta deste contexto, perguntei aos participantes como que era passado para eles na educação, os valores relacionados à gênero. Especifiquei que no Brasil, para referenciar o homem e a mulher, falamos sobre a relação de gênero, pois são sexos diferentes. Tiago e Sofia afirmaram que no Chile a relação era bem machista.

Neste momento, pedi licença ao grupo para entrar na cena com eles. Repassamos o que foi realizado e o desfecho da cena, no qual as duas mulheres (representadas por Luna e Sofia) saíam de braços dados e sem olhar para trás. Perguntei se as duas pudessem agir de maneira diferente, como o fariam. Tiago comentou que o grupo chegou a falar sobre isso, mas – complementou Sofia – decidiram por este desfecho por ser o mais comum. Um desfecho em que a mulher não comentava nada.

Direcionei-me a Luna e Sofia, perguntando o que elas tinham vontade fazer. Elas apresentaram que, algumas vezes, a mulher respondia e o homem ficava desconcertado, porque ele não esperava isso. Entretanto, existiam aqueles que não viam problema e continuavam falando. Assim, as mulheres no Chile tomavam a atitude de continuar andando para evitar problemas.

Convidei então as participantes a experimentarem no contexto dramático, um outro desfecho para a cena. Luna comentou que escolheria voltar e responder ao homem. Sofia concordou com isso, porém afirmou que algumas vezes ela respondeu em situações similares e foi algo “*chato*”, o que contribuiu para o comportamento de simplesmente ignorar a situação. Retomei que o contexto em que estávamos vivendo a situação era diferente e como dramatização permitia improvisar e lidar com a situação de outra forma. Tiago permaneceu um pouco reticente para reencenar. Comentei que no contexto dramático iríamos improvisar e instruí Tiago a entrar na nova simulação e, de acordo com as respostas que as colegas fornecessem a ele, este iria reagir da maneira que se sentisse dentro daquela personagem.

Tiago comentou que para ele era complicado fazer algo assim. Salientei que se tratava de um *personagem* que não era ele, pois ele não realizaria isso em uma situação real. Tiago se manteve um pouco resistente, porém ele concordou em tentar. Após mais alguns comentários e tentativas, eles realizaram a cena. A personagem de Sofia reagiu ao comentário do personagem de Tiago. Começaram a dialogar, com a participação de Luna, e o personagem de Tiago começou a pedir desculpas. Este desfecho provocou risos dos outros colegas que assistiam e depois aplaudiam a cena.

Passamos para o segundo subgrupo. Mei e Akemi organizaram um cenário de uma sala de aula e explicaram que Akemi faria o papel da aluna brasileira e Mei faria o papel de si mesma. Ambas estavam ao telefone. O assunto era a pontualidade. As personagens

combinavam ao telefone de se encontrarem ao meio dia em frente ao restaurante universitário central para almoçar. Após a ligação, o cenário passava a ser o local de espera para o almoço. Neste desdobramento da cena, a personagem de Mei aparecia esperando a colega. Passando uma hora, a personagem resolveu ligar para a aluna brasileira, a qual ainda encontrava em casa. Ao ouvir isso, a personagem de Mei reclamou do tempo de espera e a colega comentou que já estava indo. Todos riram e a personagem de Mei aguardava a sua chegada. A cena terminou e todos aplaudiram.

Questionei às participantes Mei e Akemi como era vista a “pontualidade” em seus países, quer dizer, quando agendavam um compromisso meio dia e meia, por exemplo, na China ou no Japão, se em geral as pessoas se atrasavam ou não. Ambas comentaram que não. Sofia, que estava na plateia, afirmou achar isso *“muito legal”*. Mei apresentou que acreditava que em um compromisso não se poderia atrasar por mais de 10 minutos. E no caso de atraso, complementava Akemi, sempre se enviava alguma mensagem ou se ligava para o amigo. Mei acrescentou que, no caso da cena apresentada, foi ela quem ligou para a amiga, e não o contrário, como deveria ter sido feito.

Se pudesse realizar a cena de maneira diferente, Mei respondeu que teria ido embora. Perguntei se ela teria vontade de dar um novo final à situação que não tivesse a ver com o comportamento da amiga brasileira, mas com o dela. Neste momento, a participante tinha frisado em mudar o comportamento da colega brasileira para dar um outro final à cena. Acrescentei que a mudança da cena estava mais na atitude de Mei, pois a colega não estava ali para podermos discutir esta questão.

Mei respondeu que talvez fosse entrar no *“bandejão”* (restaurante universitário) e almoçar. Questionei à plateia se eles fariam algo diferente e Sofia respondeu que esperaria entre dez e vinte minutos e depois iria almoçar. Roberto aguardaria por trinta minutos. Continuei instigando os participantes a fornecerem mais ideias. Sofia acrescentou, que além de almoçar sozinha, iria depois chamar a amiga e comentar como a comida estava boa. Todos os participantes riram com esta ironia.

Mei gostou da ideia e complementou: *“que pena que você não veio”* (risos). Com as dicas passadas pelos colegas, Mei e Akemi conversaram entre si e realizaram uma nova cena, reproduzindo a dica de Sofia. Ao final, todos aplaudiram. Questionei ao grupo se no Chile e no México as pessoas eram mais pontuais. Maria afirmou que no México a pontualidade não existia e Luna e Sofia comentaram o mesmo sobre o Chile. Luna acreditava que esse tipo de comportamento era comum em toda a América Latina.

Passamos então para o último subgrupo. Eles organizaram o cenário e percebemos se tratar de uma cena no metrô. A cena foi bem curta e aplaudida pelo demais participantes. Maria perguntou se os colegas perceberam o conteúdo e explicou que no Brasil não observou um tipo de comportamento bem comum, ao menos no México: quando uma pessoa espirrava, as outras precisavam dizer a palavra “saúde”. E quando não o falavam, a outra pessoa já dizia “obrigado” como forma de a outra perceber que esqueceu de dizer. Outra situação que eles observaram e reproduziram na cena também mostrou uma diferença entre o Peru e o Brasil. Segundo Roberto, no Peru quando as pessoas tossiam, elas precisavam cobrir a boca. Mas, no Brasil, ele comentou que muitas pessoas não faziam isso.

Os colegas do Chile comentaram sobre esta prática de falar “saúde” após espirros e tosses. Em seguida, Maria abordou sobre a outra situação que ela considerava que não ficou muito clara. Roberto repetiu a cena: tratava-se do ato de “fungar” ao invés de espirrar. Eles comentaram o estranhamento em relação a isso ainda mais em um espaço público como o metrô e a reação normal das pessoas no Brasil.

Sofia acreditava que no Chile existia mais cuidado quanto a isso, ponto com que Roberto concordava. Perguntei se notavam nos países deles, quando estavam em locais públicos como esses, se existiam certas condutas esperadas. Roberto respondeu não saber e resolvi dar um exemplo para ficar mais clara a pergunta. Comentei que, em geral, em São Paulo e também em outras cidades, os ônibus possuíam cadeiras que eram reservadas para idosos, deficientes ou até mesmo mulheres grávidas. E se esperava que o cidadão comum fosse se levantar e dar os lugares a essas pessoas. Caso não houvesse nenhuma delas no ônibus, o passageiro poderia se sentar. A partir desse exemplo e do cuidado pessoal com a higiene em local público, perguntei se nos países deles havia outras coisas que se esperava fazer ou não neste tipo de ambiente.

Roberto comentou que no Peru e acreditava que também no México, a maioria dos homens fornecia o seu assento para uma mulher no ônibus, o que para Maria, constituía-se em uma atitude meio machista. Questionei se a dramatização da situação do metrô, havia ocorrido de fato e eles comentaram terem juntado com outras. Com relação a agir de maneira diferente nesta situação, Maria respondeu que, na realidade, não observou direito o que houve. Todavia, provavelmente, teria feito “uma cara feia”, o que bastaria como reação de sua parte.

Direcionei a mesma pergunta aos demais e Sofia comentou que nãoalaria nada. Tiago retomou o assunto anterior de fornecer o lugar no ônibus para uma mulher e afirmou que no Chile isso era muito raro. Luna comentou que, apesar de esta conduta estar na cultura, as pessoas não o faziam no ônibus. Ao menos, não todas as vezes. Retomei a cena e perguntei

novamente se gostariam de fornecer outro desfecho. Sofia comentou que a cena representava o que faria. Maria, por sua vez, afirmou que se incomodaria e desceria do metrô.

É interessante notar que todas as duplas e trios tiveram liberdade para criar o cenário da maneira que quisessem. Todos os participantes, contudo, utilizaram o quadro negro para isso. Podem ter feito isso por terem me visto escrever no quadro algumas coisas desde o primeiro encontro ou por conta do primeiro subgrupo que também utilizou este recurso.

No momento de compartilhar sobre o encontro, Sofia comentou que foi “*muito legal*”, principalmente conversar com seus colegas do Chile e saber que o outro entendia o que ela pensava. Além disso, para Sofia, foi bom perceber que ambos notavam as mesmas coisas do Brasil e a diferença encontrada com o Chile. Eles começam a rir muito porque Luna ainda falava muito em espanhol e esquecia de falar em português. Aproveitei para perguntar se elas haviam entendido o que foi abordado pelos colegas e responderam que não. Luna repetiu o que comentou de maneira mais pausada e perguntando sobre o jeito certo de falar algumas palavras em português.

Com relação aos valores que abordaram até chegar na situação, Sofia apresentou o valor da hospitalidade, especificamente do chileno. Ela acrescentou que esta hospitalidade era maior do Sul do país, por ser uma região muito gelada. Mei questionou se o Chile era mais aberto e amigável com as pessoas e Tiago respondeu que “*mais ou menos*”, contudo, em geral viam o estrangeiro como alguém que poderia ensinar muitas coisas. E mesmo sendo uma pessoa desconhecida, o cumprimento poderia ser o beijo no rosto. Se a relação fosse mais próxima, além do beijo, as pessoas dariam um abraço. Os participantes chilenos conceberam estes cumprimentos como parte da hospitalidade. As famílias deles também eram afetuosas. Sofia exemplificou que algumas famílias como a de sua mãe, expressavam o amor e o carinho pela hospitalidade.

Traçando um paralelo com a atividade, perguntei como foi para todos a sua realização e se chegaram em comum acordo sobre os valores. Maria comentou que o mais curioso com o seu colega foi que falaram um pouco dos valores que tinham, porém também abordaram aspectos históricos dos impérios Inca e Asteca. Encontraram algumas coisas diferentes mesmo estando no mesmo continente. Maria riu e afirmou que ela e Roberto possuíam uma forma de pensar diferente.

Como a participante não era muito clara quanto a isso, pedi um exemplo. E Roberto começou a falar sobre os astecas que consideravam o ócio como uma forma de expressão, de se conectar mais no interior da pessoa. Realizei uma pausa neste momento e expliquei a Mei e Akemi o que significava “ócio”. Maria e Roberto me auxiliaram com isso. Notou-se que o

assunto sobre os incas e astecas foi um pouco difícil para os dois, porém não deixaram claro ao grupo como eles lidaram com as diferenças de opinião. Esse assunto acabou sendo retomado por Maria em sua entrevista final.

Akemi comentou que foi muito interessante realizar a dramatização, porque mesmo ela e Mei sendo de países diferentes, possuíam a mesma característica em relação à pontualidade e também ao respeito ao idoso. Ela trouxe como exemplo que no Japão, ao se referirem aos professores, não se chamava pelo nome, mas com pronomes de tratamento como “Senhor” ou “Senhora”. Para ela, isto se configurava como mais respeitoso. Na casa de Mei, também se respeitava muito os idosos e também as crianças mais novas. Nas refeições, inclusive, nenhum dos membros da família comia antes que os mais velhos. Esta informação despertou a curiosidade e a comparação entre os outros participantes do grupo. Maria afirmou que no México não havia respeito aos idosos. Mei comentou que no seu país se respeitava muito a tradição.

Como o horário do encontro já se encaminhava para o final, pedi que todos os participantes resumissem em uma palavra ou frase como estavam saindo do encontro naquele dia. Para Mei foi “*legal*”, entretanto, em alguns momentos não conseguiu entender a fala dos participantes. Os colegas ficaram preocupados, pois perceberam que tinha a ver com os períodos no encontro em que falaram rápido e em espanhol. Sofia comentou que iriam falar mais devagar e pediu que da próxima vez Mei falasse já na hora que não entendeu.

Luna afirmou que era “muito legal” saber as coisas dos países de Mei e Akemi, pois o oriente era muito fechado para eles, como complementou Tiago. Este achou o encontro enriquecedor, já que foi possível conhecer com mais profundidade um pouco da história dos outros e compartilhar as de seu próprio país. Para Roberto, foi um encontro interessante para conhecer a cultura japonesa, chilena e as diferenças com a cultura mexicana. Maria considerou “*legal*” e divertido, porque conseguiu se identificar com a situação apresentada pelos participantes chilenos e a pontualidade da outra cena. Sofia achou que sua palavra seria “*saudade*”, talvez de sua cultura e a do outro, de compartilhar os valores, pois o que foi falado pelos outros era algo muito importante para ela. Por fim, Akemi achou bastante interessante o encontro, porque pode conhecer muitas diferenças entre os países e isso era legal para ela.

Finalizei o encontro passando os informes para o próximo que só seria realizado em duas semanas. Solicitei aos participantes que pensassem em outras situações que tivessem chamado a atenção deles no período do intercâmbio. Não precisando ser necessariamente

situações que marcavam as diferenças entre o Brasil e seus países, mas também aspectos parecidos.

3.2.2.4 Quarto Encontro

Este encontro teve como objetivo vivenciar as situações interculturais relatadas pelos participantes durante o intercâmbio, além de discutir e refletir sobre como eles lidavam com as diferenças. A proposta era escolher dentre as situações selecionadas, apenas uma a partir do título atribuído e da representação corporal de como a pessoa se sentiu. Desta forma a ideia era explorar mais a cena e seus desdobramentos.

O encontro, por sua vez, contou com a presença de apenas três participantes: Mei, Luna e Tiago. Nem todos avisaram que iriam faltar, então aguardamos por um tempo a chegada dos participantes. Como estávamos na metade dos encontros e haviam-se passado duas semanas desde o último, aproveitei para perguntar quais eram as expectativas e o que pensavam para este encontro. Em geral, questionava isso ao final de cada encontro para perceber como o grupo estava recebendo cada atividade proposta. Porém, diante do tempo da pesquisa considerei importante realizar esta pergunta no início.

Mei comentou que estava tranquila para o encontro. Já Tiago afirmou estar um pouco cansado, com sono e gripado. Luna, por sua vez, estava animada e resolveu compartilhar com todos a ideia que havia tido. O próximo domingo seria o Dia das Mães e como ela não poderia estar com a mãe nesta data, ela pediu que seus amigos chilenos, ligassem por ela. A partir deste assunto, aproveitei para abordar mais sobre a relação de todos com a família neste período distante. Para Luna era difícil, pois era a primeira vez em que estava longe da sua. Já Mei se acostumou a passar longe.

Ao longo da conversa, Luna mencionou novamente o valor da “hospitalidade” ao comentar o fato de a sua família ser muito unida. Já para Mei, a sua proximidade maior era com os avós. Para Mei abraçar os pais era muito estranho. Ela enfatizava que só fez isso uma vez e os outros participantes ficaram bastante espantados.

Em seguida, recordei com o grupo como as situações foram vistas no encontro passado em relação aos valores. Tiago ficou na dúvida se para este encontro as situações seriam do mesmo tipo que as anteriores ou diferentes. Luna comentou que pensava sobre a questão da proximidade na comparação entre Brasil e Chile.

Após este comentário, realizou-se um relaxamento como aquecimento específico para a atividade do encontro. Pedi que os participantes buscassem uma posição mais confortável na cadeira e que fechassem os olhos. Fui abordando as situações em que eles pensaram, pedindo para que escolhessem uma a partir de como se sentiram e que criassem um título para a mesma. Assim que o participante tivesse definido, poderia abrir os olhos.

Como só havia três participantes neste encontro, decidimos realizar as três situações pensadas por eles. Para escolher qual seria vista por primeiro, cada participante apenas comentou como se sentiu e apresentou o título para os colegas. Mei se sentiu muito alegre e o título foi “*o céu é azul!*”; Tiago sentiu muita impotência e seu título foi “*Desigualdade e Discriminação no Brasil*”; e, Luna intitulou sua situação como “*Burocracia no Brasil*” com o sentimento de frustração. Foi necessário explicar esse último título para Mei, pois ela não conhecia a palavra “burocracia”. A partir disso, a instrução foi que os participantes escolhessem a situação de outro colega e não a deles. Assim, iniciamos com Mei.

Solicitei que os outros participantes se sentassem. Expliquei a Mei que, diferentemente da semana retrasada, iríamos montar a cena juntas. Fui perguntando a ela onde estava na cena, se tinha alguma pessoa junto. Mei descreveu que tinha acabado de chegar ao Brasil e estava no aeroporto desembarcando. Pedi para ela me explicar utilizando o espaço da sala para que a situação pudesse ser visualizada.

Ela comentou que estava saindo na porta do aeroporto e era a primeira vez que via o céu. Insisti para que ela pudesse descrever com mais detalhes como foi esta saída. Ela reproduziu a própria fala enquanto olhava para cima na saída do aeroporto e dizia: “Uau! Nossa! Aqui o céu é azul”. Mei complementou que era bem diferente do céu da China, já que lá quase todos os dias eram cinzas e meio abafados. Por outro lado, no Brasil o ar era muito mais fresco, tinha nuvens que faziam um efeito “bonito”.

Mei acreditava que no Brasil as pessoas tinham mais consciência da proteção do ambiente do que na China. Ela enfatizou ainda que no Brasil o ambiente era muito melhor e comentou da poluição das fábricas na China. Voltando à cena que a participante estava descrevendo, perguntei se havia mais alguém com ela neste momento. Ela comentou que havia a sua amiga da faculdade, a qual concordou com sua afirmação e também estava alegre. Perguntei se o sentimento que Mei relatou tinha a ver apenas com o clima, ou também com outras coisas. Ela respondeu que era também por conta de um “*novo mundo*” (expressão do participante) que estava se abrindo para ela.

A partir desta afirmação, busquei explorar a cena em relação à chegada de Mei ao Brasil para o intercâmbio acadêmico. Dentre os participantes do grupo, ela era a que estava há

mais tempo no Brasil (nove meses). Pedi para que ela pensasse como faria para representar na sala, seja com os colegas, seja com os objetos disponíveis, as expectativas ou sensações que tinha no momento relatado, e para descrever quais elas seriam. Ela comentou sobre o “choque” em relação à diferença, porque havia muitas coisas novas.

Comentou sobre o trânsito no Brasil ser mais rápido que na China e aos domingos as lojas estarem fechadas, fato que a incomodava um pouco pois, na China as pessoas trabalhavam todos os dias. Abordou ainda sobre os feriados, as greves e paralizações. Antes de chegar, ela possuía mais uma ideia sobre a USP, mas não havia um conceito sobre a greve, por exemplo. Como vimos na caracterização dos participantes, Mei iniciou o intercâmbio no segundo semestre de 2014, no qual ela teve a experiência da greve.

Questionei Mei sobre como ela representaria a si mesma no momento da chegada. Mei decidiu não se representar numa cena, apenas comentou que era mais tímida por ter mais dificuldade com a língua portuguesa. Preferia ficar calada e ouvir as outras pessoas. Quando questionada se já notava mudanças em si, ela comentou que no momento atual preferia falar mais e se organizar para buscar documentos sem precisar da ajuda dos amigos brasileiros, porque tinha menos dificuldade para isso.

Não foi possível explorar mais a cena com Mei. Sua intenção era mostrar para os colegas como se sentiu na chegada. Questionei se havia mais situações que considerava importante compartilhar. Com um pouco de dificuldade em compreender a pergunta, Mei afirmou que tudo era novo para ela no intercâmbio. Ela percebia que as mulheres eram mais independentes dos homens no Brasil. Muitas amigas que conheceu iriam fazer mestrado, doutorado e outros planos que não envolviam o casamento em si. A China, por outro lado, tinha uma visão mais tradicional sobre o casamento. A família, segundo Mei, era muito importante para o país e uma mulher com mais de 30 anos que ainda não tivesse constituído a sua, era mal vista pela sociedade.

Mei comentou ainda sobre os preconceitos em relação aos homossexuais na China e Luna questionou sobre a política do filho único. Elas começaram a falar sobre este assunto e, em seguida, finalizei para podermos dar seguimento às outras cenas. Tiago perguntou o que precisava fazer na cena e assim, pedi que ele descrevesse em que lugar estava. Tiago comentou que quando chegou ao Brasil desembarcou na Bahia e morou lá por um mês com a família. Quando veio a São Paulo, considerou a cidade um ambiente “*normal*”, mas aos poucos foi notando muitas pessoas vivendo na rua e isso para ele foi muito chocante. Por isso comentou sobre a desigualdade entre o que via no campus universitário e nas ruas da cidade.

Comentou sobre o número de negros na universidade, o que era muito menor em relação à população. Tiago acabou conhecendo mais pessoas brancas e acreditava que no Chile não tinha tanta discriminação quanto à cor de pele quanto no Brasil, apesar de a população negra ser muito menor lá. Além disso, ele abordou o espanto que teve em relação aos dados estatísticos quanto ao número de assassinatos de meninos negros no Brasil pela polícia. Com estes fatos, ele relatou se sentir muito impotente face a esta realidade muito chocante.

Perguntei se houve alguma situação específica sobre isso ou na qual ele precisou se manifestar. Tiago comentou que não, mas que sempre ia para as aulas pensando nisso. Ou ainda quando caminhava pela rua e via pessoas morando ali. Não houve uma situação em que pudesse realizar a cena. Ele comentou que talvez seria apenas ele caminhando e olhando uma pessoa na rua.

Partimos então para a última cena de Luna. Ela relatou uma situação específica quando precisou ir à Polícia Federal no início do intercâmbio para realizar o Registro Nacional de Estrangeiro (RNE). Comentou que o lugar estava muito cheio, as pessoas davam informações confusas e ela ficou esperando por quatro horas. Viu funcionários indo almoçar e deixando o público esperando atendimento e comentou que no Chile não havia isso devido ao sistema de turnos. Ela precisou voltar no outro dia e acabou sendo mais rápido.

Comentou que achou a situação muito “*chata*” e foi muito chocante para ela ver a quantidade de estrangeiros que estavam ali para tirar o mesmo documento que ela. Muitas pessoas falando diferentes idiomas e muitos “odores” dos quais ela não gostou. As pessoas levavam comida para lá. E, no geral, percebeu que as coisas no Chile eram mais rápidas, porque também havia menos pessoas lá. Todavia, o lado positivo de tudo isso, segundo ela, foi que aprendeu a ser mais paciente, já que em princípio ficava muito irritada com este tipo de situação. Relatou ainda outras situações similares como a retirada da carteirinha de estudante na USP. Em resumo, percebia que a burocracia no Brasil fazia com que as coisas demorassem para serem resolvidas. Comentou ainda sobre o tempo no trânsito de São Paulo. Não chegamos a realizar a cena e novamente nos sentamos em círculo para compartilhar.

Não houve dramatizações como no encontro passado e não percebi o grupo muito disposto para isso neste encontro. Enfatizei que as situações mostradas neste dia tinham em comum o fato de terem chamado a atenção deles de alguma forma e assim, perguntei por que eles haviam escolhido estas situações e não outras. Luna acreditava ter escolhido a situação descrita, pois pode aprender a ser mais paciente. Tiago afirmou que trouxe uma situação mais relacionada às coisas que a tarefa pedia. Assim, selecionou o tema da desigualdade por

acreditar que tinha muito a aprender sobre isso, por mais que não tivesse essa vivência no Chile. Queria conhecer mais e fazer alguma coisa depois.

Diante dos comentários de Luna e Tiago, perguntei como eles lidavam no início com essas situações que eram novas e diferentes do que eles estavam acostumados a vivenciar. Luna comentou sobre a possibilidade de superar as coisas. Mei, por sua vez, se acostumou a mudar. Na experiência dela no Brasil, ela escreveu um diário com as novidades, porque gostava de comunicar a sua vivência para os pais e amigos. Luna comentou que se sentia com a mente muito mais aberta desde a chegada ao Brasil:

[...] As cosmovisões...você sabe...a minha [...] da vida está muito mais aberta [...] e não 'solo' com isso que eu falava de "la" paciência, de "la" burocracia, se não muitas outras coisas, por exemplo, a comida, risos. Aqui pra mim "es" muito diferente, porque aqui vocês comem muito, muito, risos...é impressionante! [...]. Comem arroz com feijão! E eu fico "Oh meu Deus!" [...] e lá no Chile a comida "es" muito mais diversificada...mais...gostosa de... é....não sei...o (...) entre pessoas...há costumes muito diferentes... "las" opiniões...e também quando vim pra cá mudou muito pra mim, foi que é....São Paulo pra mim "es" muito grande...para você não [se refere à Mei]. [...] para mim es muito, muito grande...muitos prédios que também acho muito bonitos...porque tem muita diversidade entre os prédios [...] e o clima es muito diferente pra mim risos. É totalmente diferente [...] Eu agora "tengo" outra "visione" da vida.... (Luna)

Mei também compartilhou como se sentia neste momento específico do intercâmbio e também comparou quando estudava a língua portuguesa na China à vivência no Brasil:

Acho que pra mim, o meu mundo fica maior do que antes...hum...foi a primeira vez que eu viajava em outro país... [...] saindo da China...e agora eu conhecer mais...mais pessoas de outros países...lá na China eu não tenho amigos estrangeiros [...] aqui eu fiz muitos amigos...e conheci um pouco da cultura de outros países...É...hum...geralmente são culturas da América Latina...sim...são...países vizinhos, (risos). [...] É muito legal...agora eu ser mais independente hum...preciso de fazer muitas coisas...sozinha... mas eu gosto "desse" experiência. E acho que agora a língua portuguesa fica mais perto de mim...antigamente eu só ouvi áudio e...o que os...hum...os professores estrangeiros falam...e são mais os temas mais profissionais...as técnicas [...] aqui eu vivi num ambiente hum, que é do português...acho que muito...não sei como explicar...mas quando eu estava aqui, alguns dias antes, eu ouvi de novo o meu áudio...que eu estudava lá na China [...] eu tenho um choque... (Mei)

Mei se referiu acima ao choque que teve ao se ouvir falando português antes da chegada ao Brasil. Esta questão do idioma também foi comentada por Luna, a qual considerava “*muito legal*” compreender uma outra língua. Ela abordou que, em outro dia, leu

alguns estudos que falavam que na aprendizagem de outro idioma, as pessoas apresentavam a tendência a pensar mais racionalmente, sem tanta emoção.

Aproveitei para perguntar, caso eles fossem classificar o intercâmbio até o momento, se eles se encontravam com mais saudade de casa ou não. Tiago comentou que não sentia tanta saudade, já Mei comentou que sim e Luna estava sentindo falta, porém, ao mesmo tempo, tinha gostado muito do Brasil e logo iria voltar para o Chile. Pensava em visitar o Brasil novamente, porém não como intercambista, e sim a passeio com amigos ou família.

Perguntei ao grupo se eles pudessem nomear três coisas de que sentiam falta do país deles, o que seria. Luna prontamente falou da comida. Tiago, de três pessoas que sentia falta: família, amigos e sua namorada. Tanto Luna quanto Tiago comentaram que se os seus respectivos namorados estivessem com eles no Brasil, eles teriam menos vontade de retornar ao Chile. Luna justificou que por mais que sentisse falta da família, ela sabia que esta estaria lá quando voltasse, mas um relacionamento amoroso poderia terminar a qualquer momento e havia muita coisa que não vivenciou com o namorado diante da distância. Mei comentou também sentir falta da família, amigos e namorado.

Também perguntei ao grupo de três coisas de que sentiriam falta do Brasil. Tiago pensou na alegria das pessoas e o quanto isso contribuía para que ele ficasse mais relaxado. Ele ia sentir saudade disso, pois não teria no Chile. Um outro ponto era a música e também achava que o transporte, apesar de ser muito cheio, funcionava muito melhor. Luna complementou que em São Paulo era possível ir a qualquer lugar com o transporte e isso era “*muito legal*”. Mei, por sua vez, afirmou que iria sentir falta do “*verde*” (ambiente), dos amigos que fez na USP e outras coisas.

Diante dos temas surgidos neste encontro, pedi que cada participante elaborasse um texto sobre o que é ser estrangeiro no Brasil. Esta tarefa não foi solicitada no grupo anterior, contudo, devido ao andamento deste segundo grupo especificamente, considerei importante esta tarefa para dar seguimento aos assuntos a serem discutidos. O texto poderia ter a extensão que eles quisessem e era uma forma de refletir sobre esta vivência, contribuindo para a atividade do encontro seguinte. Luna perguntou se o texto poderia ser em espanhol e se poderia enviar por *e-mail*, já que ela não estaria presente no quinto encontro.

Em seguida, compartilhamos rapidamente como cada um se sentiu neste encontro. Tiago apresentou que para ele foi bom, pois se sentia um pouco cansado e doente no início, e ao final ficou mais desperto e alegre. Luna comentou sobre a experiência de Mei e percebeu como as coisas eram diferentes na China, o que contribuiu para ela abrir ainda mais a mente. Tiago complementou que naquele momento, ele tinha mais vontade de viajar e conhecer o

mundo inteiro. Com relação ao que foi abordado, Mei apresentou a sua percepção de antes e depois da experiência que tem vivido, conforme o trecho abaixo:

[...] Antes eu conhecia o mundo colorido...em televisão, internet...agora eu conheci “por” a realidade. Por conversar com pessoas de outros países...acho que é muito legal. [...] E antes é...sim...eu encontrei um choque cultural...eu só sei o meu...hum...minha dificuldade é o choque...e é o que eu...o que eu penso...mas agora...hum...hum...através das atividades...eu...hum...eu conheci o que os...outros pensam sobre diferente...diferença entre cultura (Mei).

Após os depoimentos de cada participante, perguntei rapidamente sobre o que eles estavam achando do andamento da pesquisa, se possuíam alguma sugestão, já que estávamos nos encaminhando para o quinto encontro. Tiago afirmou que para ele estava bom. Luna concordou e apresentou que sempre havia alguma explicação de minha parte quando eles não entendiam algo direito. Mei considerava que o grupo tinha muita paciência e todos os participantes riram.

3.2.2.5 Quinto encontro

O objetivo deste encontro foi trabalhar, a partir da tarefa de casa “o que é ser estrangeiro no Brasil”, a percepção de si e do outro nesta vivência. Desta forma, constituiu-se como atividade principal do encontro, a construção de um átomo social por cada participante, das relações pessoais mais importantes que desenvolveram no Brasil. Diante destas duas atividades complementares, a descrição sobre este encontro foi dividida em duas partes considerando estes momentos fundamentais para a pesquisa e o entrosamento do grupo. É importante destacar que o átomo social não foi trabalhado no contexto dramático neste encontro. Privilegiou-se o seu compartilhamento no contexto grupal.

É importante salientar ainda que como no quarto encontro os participantes Akemi, Maria, Sofia e Roberto não estavam presentes, foi realizada a mesma pergunta em relação ao andamento desta etapa em grupo e também sobre a possibilidade de realizar o último encontro antecipadamente. A participante Luna teria que retornar ao Chile na semana do penúltimo encontro, tornando difícil para ela participar do último. Desta forma, conversei com o grupo para ver se poderíamos encontrar uma outra data.

Não foi possível chegar numa decisão neste dia. Como Luna e Tiago não estavam neste encontro, ficamos de definir isso no próximo. Caso não fosse possível alterar a data,

Luna participaria até o sétimo encontro e, em seguida, faríamos a sua entrevista final. Após isso, demos continuidade às atividades do encontro.

Depoimentos a respeito da vivência como estrangeiro

Nesta tarefa os participantes foram instruídos a escrever o que quisessem sobre a sua vivência como estrangeiro. Entendendo este termo como aquele que se refere a um indivíduo que está fora do seu país de origem. Desta forma, não se pretendeu utilizar um significado filosófico ou antropológico para “estrangeiro”, mas sim com relação à condição geográfica em que estes participantes se encontravam. Foi explicado a todos (inclusive por *e-mail*) o sentido que a palavra “estrangeiro” tinha na língua portuguesa, de modo que não houvesse dúvidas quanto à atividade.

Luna e Tiago pediram para escrever o texto em espanhol. Sofia, por sua vez, não perguntou a respeito disso, mas também escreveu em espanhol. Maria e Roberto escreveram em português, contudo misturaram algumas palavras com o espanhol. Já Mei e Akemi realizaram o texto em português, pois não havia possibilidade de ler os textos destas participantes em chinês ou japonês. Elas poderiam expressar em suas línguas, entretanto precisariam auxiliar na tradução já que esta tarefa seria entregue.

Pedi que todos relatassem o que escreveram no texto. Eles poderiam ler ou apenas comentar o que haviam escrito. A seguir, apresento em ordem cronológica os textos de cada participante na língua que eles utilizaram. Por conta disso, as palavras que não tiverem muito sentido, serão traduzidas em colchetes no texto ou ainda em notas de rodapé. A forma como cada um expressou o sentido de sua vivência como estrangeiro variou na extensão do texto, no estilo e na utilização das palavras. Houve textos mais detalhados na descrição da trajetória do participante e outros em que a linguagem foi mais poética e livre do uso comum das palavras no cotidiano. E ainda aqueles mais curtos e objetivos. Apresento abaixo o texto de Roberto, o primeiro a ser abordado no encontro:

Ser estrangeiro para ‘meu’ (mim) em Brasil

Ser estrangeiro em Brasil foi como chegar a um mundo novo, onde muitas coisas ao chegar me ‘surpreender’.

Ao ir passando o tempo, senti a acolhida das pessoas brasileiras, como me ajudavam em ‘terminir’ [termos] que não entende, em problemas que tive nos primeiros dias de chegar a Brasil, ganhando novas experiências, amizades e desafios que fui superando ‘poco a poco’.

Pouco a pouco fui 'acostumbrandome' [me acostumando] a sua (...), seu dialecto e suas tradições, algumas gostei, outras não.

Conhecer uma das 7 maravilhas é algo 'qui me surpreendido' a minha curta idade. Muitos de minha cidade não conhecem nem uma em toda sua vida. Uma experiência que 'levar' para sempre.

Sua metodologia de estudos é uma maravilha, os professores eles inspiram a seguir pesquisando, e suas classes são muito 'didacta' e enriquecedora. É uma oportunidade que não tivesse mudado por nada!! Obrigado. (Roberto)

Roberto preferiu ler e comentar o texto pausadamente para o entendimento dos colegas. Mei considerou o texto bonito. Roberto, ao ser indagado sobre como foi realizar esta tarefa, afirmou que já pensava no assunto e alguns termos foram pesquisados na internet e outros no *google* tradutor.

O texto de Roberto chamou a atenção pela sua percepção a respeito do Brasil com a utilização do termo “*mundo novo*”. Curiosamente, este termo também foi colocado por Mei no encontro anterior sem que Roberto estivesse presente. A experiência dentro e fora da USP foi enfatizada por este participante, além do processamento que estava realizando diante do que era novo em sua vida e dos desafios que passou no início. Diferentemente dos outros participantes, havia na carta e em outros momentos da pesquisa, a expressão de gratidão que Roberto possuía diante da oportunidade do intercâmbio acadêmico. Apesar da dificuldade em descrever suas sensações na língua portuguesa, foi notado que seu texto mobilizou o grupo.

Sofia pediu para ler o seu texto. Como havia feito em espanhol, ela iria tentar traduzir para os demais. Segue o texto conforme escreveu:

Mi experiencia como extranjera durante mi período de intercambio há sido grata. Me es difícil sentirme extranjera muchas veces y en algunas situaciones solo llejo a notarlo quando muchas personas hablan a mi [...] y no lo hacen em português. Me siento cómoda em esto país, no me veo a futuro acá, mas ahora es el lugar donde queria estar y creo que eso ayuda.

Com quienes he tenido que interactuar, (colegas mayormente) he tenido gratas experiencias, de a poco nos hemos ido conociendo y claramente com algunos la comunicacion es mayor.

Creo que mi sentido de pertinência se [...] mayormente em situaciones y personas mas que em lugares y se que este es um lugar de passo, por lo que espero elevar lo mejor a mi represo y dejar buenas cosas em quienes puede...

Desfruto ser extranjera, pero me gusta sentirme como em casa definindo mi próprio espacio grato a donde voy.

[...] deseo viajar mas por lo que ya me dispuesto a la experiencia de [...] mi origem y por ello también no me [...] (Sofia)

Sofia leu e traduziu o seu texto para o português. Ela demonstrou gostar de ser estrangeira e ser muito grata a tudo que estava vivendo, mas reforçou a necessidade de retornar ao seu país e mesmo num espaço intercultural, manter a sua memória do lugar de origem. O sentido de pertencimento à sua experiência tinha mais relação com as pessoas que conheceu no Brasil do que com os lugares. Ela percebeu que estava num lugar provisório e no seu texto mostrava a relação entre a vivência do tempo presente e das próprias raízes. Ela afirmou ao grupo que se percebia disposta à experiência que vivia e, ao mesmo tempo, tinha saudade da sua origem.

Mei perguntou se a colega gostava de ouvir idiomas diferentes. Sofia argumentou que para ela era fácil compreender no Brasil o que as pessoas falavam, pois, a proximidade entre os idiomas português e espanhol facilitava a comunicação diária, apesar de não necessariamente colaborar para a expressão de um ponto de vista. Afinal de contas, a participante se sentiu mais à vontade para escrever na própria língua de origem.

Em seguida, Mei pediu para falar sobre o seu texto. Este, por sua vez, era o mais extenso de todos. Mei preferiu ler e comentar. Segue abaixo seu texto:

Estou no Brasil por nove meses que é bastante para me acostumar à vida num país fora da China. Quando eu fico no meu quarto alugado, às vezes eu esqueço de que eu sou uma “estrangeira”. Mas quando eu saio daqui e encontro vizinhos, passageiros e amigos, eu fico a perceber que estou fora da minha terra, já que quase todo mundo ao meu lado com rosto ocidental e fala línguas que não são minha materna, o chinês.

Meu intercâmbio dura um ano. Quer dizer que depois desse ano, talvez não venha novamente no Brasil. Na terra bonita com povo divertido, portanto eu tenho que aproveitar esse ano para conhece o país, viajando mais e visitando mais cidades. Se eu fosse uma brasileira, eu não precisasse de me preocupar com tempo limitado, porque eu pudesse ficar no Brasil por sempre e tivesse a vida toda para apreciar esse país na América Latina.

Como sou estrangeira [sic], meus pontos de vista para assuntos são muito diferentes dos nativos, por exemplo. Eu sou contra a greve da USP. Eu vim para estudar mais, mas a greve vai me fazer perder o tempo e prejudicar meu estudo, por isso, não quero greve. Porém os professores e funcionários da USP precisam greve para aumentar salário e mudar a situação financeira. Ainda mais defender mais investimento na educação da USP que favorece ao futuro da USP.

Sou uma chinesa fora de China. Portanto sou sensível com as coisas relacionadas ao meu país. Uma vez um colega brasileiro me disse uma notícia sobre a China, eu fiquei muito alegre. Mas quando ele disse: “o Taiwan é um país independente” eu fiquei muito brava com ele. O Taiwan é uma parte da China, o que é [...] Eu discuti com ele sobre isso e deixei-o conhecer a história verdadeira. Ele disse desculpa e eu perdoei-o. Eu defendi a integridade da soberania. (Mei)

O texto de Mei mostrava aspectos importantes sobre a identidade cultural e a relação com o outro na experiência como intercambista. Havia referências sobre o novo lugar em que se encontrava, como por exemplo os “*rostos*” ocidentais que identificava e a língua distinta da sua. A participante valorizava a diferença e apresentava o quanto ela pretendia aproveitar o tempo que possuía no Brasil. A realidade de possivelmente não retornar a este país, forneceu a ela um sentido maior para tudo que realizava neste período.

Ao mesmo tempo, vivenciou situações específicas à universidade como a greve, em que se posicionou contra considerando o período que ela tinha para estar na USP. Contudo, ela refletiu sobre o sentido que a greve possuía para quem participava dela. No conteúdo do seu texto vemos ainda a forte relação e sensibilidade que ela possuía com a China, o que a faz colocar para os outros como as coisas eram lá: “*deixei-o conhecer a história verdadeira*”.

Por conta deste último aspecto salientado por Mei ao final do seu texto, questionei ao grupo se eles ficavam mais sensíveis quando alguém do Brasil comentava sobre os seus países. Sofia apresentou que não gostava quando as pessoas presumiam uma coisa que elas achavam que era do seu país, às vezes por conta da língua. Ela apresentou que uma vez em sala, um colega achou que o personagem *Chaves* era do Chile e ela corrigiu comentando que era do México.

Sofia achava que o Chile não era um país muito conhecido e gostava que, muitas vezes, as pessoas tivessem mais informação sobre o seu país. Porém, considerava ruim quando estas assumiam uma postura ou ideia a partir de uma única notícia. Porque, no seu caso, Sofia buscava ser mais cuidadosa em relação ao Brasil. Maria também comentou sobre este assunto. A participante quando falava para os outros que era mexicana, as pessoas perguntavam do programa do *Chaves* e que queriam conhecer Acapulco⁴⁵. E ainda questionavam se ela foi no funeral do ator que realizava este personagem.

Maria apresentou que o ator era muito velho e pelo sucesso que o programa fez no Brasil, as pessoas acreditavam que os mexicanos sentiram isso como uma grande perda. A participante contextualizou que o ator morreu um mês depois do problema de uma chacina que ocorreu no México em que 43 estudantes desapareceram. Mei comentou que soube desta notícia a partir de manifestação de alunos da USP sobre o ocorrido. Maria acrescentou que fizeram o velório do ator tão grande para tentar encobrir estes protestos sobre a chacina. Fato que a deixava meio “brava”, “*porque como vocês sabem mais se Chaves morreu ou não...e não sabem que (...)não sabem que a situação tá terrível...*”. Depois disso, Maria apresentou

⁴⁵ O Programa do Chaves, exibido pela Rede de Televisão SBT, fez muito sucesso no Brasil desde os anos de 1990. Há um episódio específico em que os personagens vão para a cidade de Acapulco, no México.

que buscava: *“Ser uma pessoa atenta a conhecer os problemas do Brasil e não falar imediatamente ‘Ah, aqui vocês só dançam samba’ e não é assim (...) Eu sei que não é assim. É...então, não olhe o meu país assim também...”*

Em seguida, perguntei aos outros participantes se também ocorreram incômodos quando as pessoas comentavam de seus países. Roberto afirmou que as pessoas englobavam as coisas em uma área apenas do Peru: Macchu Picchu. O Peru tinha outras regiões com coisas muito “mais legais”, apresentou Roberto. Já Akemi acreditava que muitos brasileiros confundiam as coisas da China com a do Japão.

Maria afirmou que não conseguiria distinguir entre um chinês, um japonês e os coreanos. Ela *sabia* que eles eram diferentes, mas não reconhecia na fisionomia. Akemi complementou que às vezes até os japoneses não conseguiam ver a diferença e todos os participantes riram. Mei complementou com uma situação em que ela mesma confundiu uma japonesa com uma chinesa.

Em seguida passamos para o texto de Akemi:

Para mim, estou gostando de ser estrangeira, não é uma coisa ruim. Porque os brasileiros tratam bem os estrangeiros. São simpáticos. E eles também não acham estranhos. Aqui no Brasil tem várias ‘desendentes’ [sic], branco, negro, amarelo, raças italiano, francês, japonês, árabe. Isso é uma das razões em os brasileiros não acham estrangeiro⁴⁶ diferente (Akemi).

O texto de Akemi foi o mais curto em relação aos outros participantes. Akemi acrescentou que acabava não chamando muita atenção como estrangeira e quando afirmava ser japonesa, as pessoas ficavam muito animadas e interessadas em conhecer as coisas sobre o seu país. Acreditava que no Japão os estrangeiros chamassem mais a atenção, porque lá não havia muitos. Akemi afirmou ter visto um livro sobre diferenças entre a cultura japonesa e a brasileira. A autora era brasileira e se casou com um japonês e depois foi morar no Japão. O livro abordava as dificuldades no contato, devido aos japoneses serem mais tímidos.

Por fim, fomos ao texto de Maria:

Devo confessar que a minha experiência ao chegar no Brasil em comparação com agora foi muito diferente. Ser uma estrangeira que “só chegou emoção muito o brasileiro”[frase de difícil compreensão no texto e no áudio deste encontro]. Ele quer conversar, te levar pra conhecer a cidade e deixar você apaixonada pelo Brasil. Mas com o tempo, o brasileiro te va esquecendo. Claro que não é igual para todos: o

⁴⁶ Há a palavra “é” antes de “estrangeiro”. Porém, analisando a transcrição de seus comentários sobre o texto, a frase faz sentido como está acima.

brasileiro que fica é muito receptivo, ele entra na tua vida e não é difícil começar a senti-lo parte especial da tua vida. Ser estrangeira em uma cidade cosmopolita tem suas vantagens. Você pode achar um pessoal estrangeiro bem legal. Se sentir dentro de uma galera e compartilhar experiências. Isso é o que tem acontecido comigo no Brasil: estou feliz por morar nesta bela cidade e por conhecer muito latinoamericano que com certeza será amigo pra sempre (Maria).

No texto de Maria e em seus comentários, percebeu-se a ênfase que ela forneceu às relações com os brasileiros e às expectativas que ela possuía. Um contato que apresentou uma maior intensidade de início, mas depois, em muitos momentos, perdeu-se o interesse e o vínculo. No caso, o interesse dos outros por ela. Ao mesmo tempo, terminou o texto descrevendo que estava muito feliz em morar em São Paulo e em fazer amigos que acreditava que seriam para sempre. Mais adiante, com a atividade do Átomo Social se notou o desdobramento deste depoimento diante das relações que eram importantes para ela.

Maria acreditava que esta perda de interesse tinha a ver com o tamanho da cidade também:

[...] Então acho que o estrangeiro no Brasil...ou...em São Paulo é muito...uma novidade no início...mas como São Paulo é uma cidade muito “cosmopolita”...até pode ficar “ahh, estrangeiro tem muitos mais, então [...] Mas, eu gostei muito disso, porque eu consegui conhecer muito pessoal latino-americano...que eu não tivesse conhecido se eu fosse pra outra país da América Latina. Então não estou só conhecendo brasileiros...estou conhecendo chilenos...e tudo mais...colombianos...então é legal...eu gostei, (risos) (Maria).

Ao final do depoimento de Maria, fui apresentando ao grupo que cada um deles, a seu modo, abordou muito sobre as pessoas que conheceram no Brasil. Esta foi a possibilidade de apresentá-los à atividade do Átomo Social. Antes de descrever isso, no entanto, vou relatar aqui os dois textos realizados por Luna e Tiago. Apesar de estes não estarem neste encontro, é importante para a descrição desta atividade apresentar o que estes participantes trouxeram. Posteriormente, o conteúdo destes textos fará parte das análises dos temas deste grupo em relação à problemática da pesquisa.

Luna realizou um texto em espanhol e com uma linguagem bastante poética:

Ser extranjero es levantarse todas las mañanas y saber que estás fuera de tu hogar, contando los días que faltan para regresar, pero también recuerdas todo lo que haz aprendido y decides ser valiente para comenzar un nuevo día. Ser extranjero es caminar por las calles de la ciudad, y encontrar todo diferente: los olores, el clima, la variedad de personas, los colores, las construcciones, los sonidos, etc. Ser extranjero es estar todos los días aprendiendo algo nuevo. Ser extranjero es mirar hacia tu

interior y reconocer tus defectos, pero ahora con las ganas de arreglarlos. Ser extranjero es llorar de vez en cuando y querer volver a tu país, como también moverte para salir a desafiar las nuevas metas propuestas en el intercambio. Ser extranjero es conocer la cultura del nuevo país a través de las conversaciones con las personas que interactúas a diario. Escucharlas trae consigo una abertura de mente. (Luna).

Luna escreveu o seu texto em terceira pessoa como se estivesse apresentando diferentes definições para o que era ser estrangeiro. Apesar disso, havia um conteúdo bastante pessoal, pois resumia muitos aspectos de seu intercâmbio relatados nos encontros, como por exemplo: a saudade de sua família e país; a descrição de sua chegada em São Paulo e seu dia a dia; as possibilidades de aprender sobre si mesma diante de situações diferentes. A questão de abrir mais sua mente foi abordada no quarto encontro. Seu texto pareceu mostrar um pouco de sua identidade em relação ao contato intercultural. A vontade de retornar para casa, porém, a importância de passar por este desafio.

O texto de Tiago, por sua vez, foi mais extenso que o de Mei. Ao enviar por *email*, comentou que a forma como escreveu não era a mais cômoda para ler, mas foi como pode expressar suas ideias. Acrescentou ainda algo muito importante: o seu documento não estava terminado. No entanto, naquele momento de envio sentia que estava próximo disso. No arquivo que continha o texto, Tiago fez uma pequena introdução para auxiliar na leitura. Partiu da questão do que era para ele ser estrangeiro no Brasil, tentando tratar de cinco formas distintas para começar um texto linear e coerente. Porém, ele acabou desistindo deste caminho e iniciou uma lista de ideias que são os parágrafos seguintes:

Para mi ser extranjero en Brasil

Es una profunda forma de conocer y aprender, todo de mí, de todo lo que me interese y me pueda gustar, de lo que quiero, no solo en el instante, sino de lo que quiero en mi vida en general. Me permite crear de otra forma, pensar de otro modo, ya que partiendo por tener que hablar outro idioma hasta conocer no solo una cultura distinta sino que al menos estar tratando de entender 10 culturas de distintos países con sus respectivas regiones diferentes, eso conocer y aprender pintado por todos lados y si bien aún tenga mucho por conocer, no puedo dedicar mi vida a el pedacito que estoy obteniendo de toda esa gente.

Es una diversión diferente, que se disfruta cada día de verdade, en cada detalle que se pueda ver, que se recuerda o que se despierta, son ganas de cosas nuevas casi a diário, cosa que obviamente quiero replicar donde vaya. Incluye la oportunidad de hacer muchas cosas dentro de la ciudad a diário teniendo mucha música em vivo, mucha exposicion, mucho museo, mucho bar, mucho baile, mucha alegria em la gente.

Es difícil la distancia a ratos, ratos largos a veces, ratos cortos la menos. Es vivir físicamente solo y sólo virtualmente acompanhado, es lo único que no se puede

superar, para nada por no poder estar sin los padres, o por no estar com la família o los amigos, es no tener a quien darle el cariño que sigue naciendo com um amor a distancia, es no recibirlo físicamente tampoco, llenar el corazón y la mente de ideas que el cuerpo no logra percibir, por eso también es querer dejar la soledad física y volver por esa companhia, anhelarla.

Es querer volver y no volver para siempre, porque de que me vuelvo, me vuelvo, pero de que quiero quedarme siempre allí no tengo la más mínima certeza, de alguna forma esto me abrió y marco más que todas las demás cosas, me hizo no sentirme de ningún lugar en específico más que de mis cercanos, me permitió volver las ganas de viajar y conocer que hace ya tempo tuve y que había olvidado. Buscar donde estar mejor, si bien somos buenos con las costumbres y eso nos hace más fácil la vida, no necesariamente estando quieto o con una vida fácil se está mejor, por eso también el viajar, por encontrar el lugar o lugares donde uno está mejor, donde es más necessário, donde es más necesitado, donde más se necessita, buscar habría sido la mejor palavra para empezar.

Es decepcionante y alentador, porque si bien no encuentre lo que buscaba y creí podría conocer y vivir, si encuentre otras cosas que si me sirven mucho más aún que las que no encuentre y conseguí. El país que quería conocer de curioso y com objetivos fríos en mente, me dejó mirando hacia otros lados, me mostro como es, porque así de abierta es la gente, porque tienen historia y la recuerdan, se nota como los marco, me sensibilizó y me llenó de más curiosidade aún (Tiago).

O texto de Tiago expressou com mais aprofundamento alguns aspectos que o participante já havia apresentado no grupo, mas o fazia com pouca frequência. Nas discussões, ele ouvia mais os outros e falava em poucos momentos. Comentou desde a entrevista inicial que era muito tímido e, assim, a possibilidade de pedir esta tarefa se configurou como fundamental.

Tiago iniciou o texto definindo que para ele ser estrangeiro era uma profunda forma de conhecer e aprender sobre tudo o que lhe interessava naquele instante e na vida em geral (tradução livre da primeira frase do texto). Enfatizou a possibilidade de criar e pensar de outro modo, mostrando ainda que não era apenas conhecer uma cultura distinta, porém várias de países diferentes com suas regiões. Comentou ainda sobre a diversão e a alegria da vida na cidade de São Paulo. Um aspecto que chamava a atenção era a sua reflexão a respeito do tempo e da relação com viver sozinho e acompanhado *virtualmente*. Neste ponto, ele fez uma menção à namorada que permaneceu no Chile e à família.

Havia uma vontade de retornar, entretanto também uma consciência de que houve abertura em relação às demais coisas. A ambiguidade de sua condição de estrangeiro apareceu também nesta frase: “[...] *me hizo no sentirme de ningún lugar en específico más de mis cercanos, me permitió volver las ganas de viajar y conocer que hace ya tempo tuve y que había olvidado*”.

Ao final de seu texto, comentou que as suas expectativas podem não ter sido preenchidas, porém pode olhar para outros lados. A despeito do participante ter comentado que gostaria de ter criado um texto mais linear e coerente, a maneira como se sucedeu trouxe mais evidência a uma dimensão mais sensível, algo que nos encontros não transparecia. Teria sido muito enriquecedor para o grupo se Luna e Tiago pudessem ter comparecido no quinto encontro por conta da forma como se expressaram nos textos. No geral, cada participante a partir da experiência *em comum* do intercâmbio, trouxe aspectos particulares que colaboraram para *diferentes* sentidos desta vivência.

Atividade do Átomo Social do Intercâmbio

A construção do Átomo Social que seguiu a tarefa de casa, foi desenvolvida da seguinte forma: pedi que todos se sentassem em volta de uma mesa para facilitar a execução da atividade. Cada participante recebeu uma folha sulfite e canetas coloridas. Nesta folha, eles deveriam colocar que relações importantes desenvolveram no período em que estavam no Brasil. Para organizar isso, pedi primeiramente que eles se colocassem numa posição central no papel, representando-se por meio de um símbolo (por exemplo: círculo, X, ou qualquer outro) e abaixo colocassem o nome deles.

Em seguida, solicitei que eles colocassem em volta de si no papel, todas as pessoas importantes no intercâmbio acadêmico de cada um, mas estas pessoas precisavam estar no Brasil. Não poderiam ser pessoas que ficaram nos países deles, e sim pessoas do convívio daquele momento. As pessoas de relação mais íntima, seriam colocadas mais próximas deles na representação e as de menor proximidade, seriam incluídas num ponto mais distante da folha. Eles foram instruídos a colocar quantas pessoas quisessem, incluindo estrangeiros e brasileiros, se houvesse.

Após a finalização desta etapa da tarefa, pedi que marcassem ao lado de cada pessoa, de que lugar ela era (Curso, moradia, outros). Em seguida, foi pedido que anotassem ou marcassem com uma cor quem era brasileiro e quem não era. No penúltimo passo, solicitei que eles pensassem em cada pessoa marcada no Átomo, quais características elas possuíam de semelhante ao participante e quais pessoas eram bem diferentes deles no jeito de ser. E, por fim, os participantes deveriam pensar o seguinte: Se as pessoas representadas na atividade estivessem no grupo, o que elas diriam sobre o participante.

Houve várias dúvidas no decorrer das instruções da atividade sobre quais pessoas eles poderiam incluir ou não. Assim que todos terminaram, iniciamos os comentários sobre a atividade. Pedi que todos olhassem o próprio Átomo Social⁴⁷ e respondessem quais pessoas ali representadas, eles poderiam considerar como amigos e quais seriam mais colegas. Roberto e Mei responderam que a maioria era colega. Maria observou que possuía tanto amigos quanto colegas. Já Sofia apresentou que grande parte das pessoas era de sua moradia, mas já existiam pessoas ali que estavam no caminho para se tornarem amigos.

Solicitei que esta participante iniciasse com a explicação de sua atividade. O seu átomo possuía sete pessoas e boa parte destas eram brasileiras. Sofia comentou que a relação com as pessoas de sua república era muito agradável, pois realizavam coisas juntos e eles eram como uma família. Apresentou ainda algumas relações detalhadamente, mostrando características que possuíam em comum e também diferenças. Ao ser perguntada sobre o que pelo menos uma dessas pessoasalaria sobre ela, Sofia comentou que uma pessoa diria que ela gostava de conversar, outra que apreciava a sua personalidade. Em geral, não comentava muito das suas coisas pessoais para os outros e assumia uma postura de ouvinte. Para ela, a amizade levava um tempo para se estabelecer e não era uma pessoa que possuía muitos amigos.

Mei foi a segunda participante a comentar sobre o seu átomo. Ele tinha aproximadamente 14 pessoas, as quais foram representadas com corações, para simbolizar a proximidade. Em resumo, a participante apresentou uma amiga também chinesa que morava com ela e compartilhava muito a saudade que sentia do país; um amigo que conheceu na rua e também era intercambista na USP; outro que estudava chinês e eles aproveitavam para se ajudar no entendimento das duas línguas. Comentou ainda que foi convidada para passar o Natal com a família de um desses amigos e foi muito interessante para ela participar da troca de presentes, mesmo só tendo levado um presente para ele. Mei ainda comentou de outros amigos que conheceu pela internet a partir do Programa “USP iFriends”, os quais a ajudaram com a documentação, moradia e a aprender mais sobre o Brasil.

O contato com as pessoas de seu Átomo foi tanto nas matérias realizadas na graduação quanto por meio de outros amigos. Quando perguntada sobre o que a sua amiga também chinesa diria sobre ela, Mei afirmou que seria da sua simpatia, que gostava muito de sorrir e que era também uma pessoa positiva.

⁴⁷ Para facilitar a visualização da atividade, colocaremos como Anexo Q, apenas o átomo social feito pela participante Akemi. As demais atividades estão com os nomes reais dos participantes e de seus amigos e, diante da garantia do sigilo, estas serão somente descritas de acordo com os aspectos narrados pelos sujeitos e observados pela pesquisadora.

Akemi teve seu desenho do átomo escolhido pelo grupo (Anexo P). Ela representou cada grupo que ela fazia parte por uma cor. Akemi mostrou a sua “*mãe*” do Brasil, uma descendente de japoneses que ela conheceu desde muito nova, quando morou no Brasil há alguns anos. Quando a participante decidiu vir ao Brasil para o intercâmbio acadêmico, foi auxiliada por ela em muitas coisas desde a chegada ao aeroporto até o quarto em que ela iria morar. Recentemente, Akemi não a via mais, mas sentia a sua “acolhida” pelas mensagens que mandava.

Dos outros grupos em seu átomo, apresentou a família de um vizinho que também conheceu desde nova e a chamou para o Natal. Comentou de outro grupo de amigos que estudavam japonês; outros que eram japoneses e o namorado brasileiro que foi colocado como o mais próximo dela no átomo, sendo representado como um golfinho. Esta última informação despertou a curiosidade dos participantes, pois era a única que possuía um relacionamento amoroso proveniente do período de intercâmbio acadêmico. Por fim, Akemi comentou sobre outros intercambistas que são seus amigos de aulas da graduação. Ao ser indagada sobre o que seu namorado diria sobre ela, Akemi afirmou que ele falaria de sua preguiça e que uma coisa boa sobre ela, era que gostava de experimentar as coisas novas.

Roberto, penúltimo participante a apresentar sua atividade, comentou que não lembrava de muitas pessoas e as que estavam ali eram as que vieram a sua cabeça. Especificamente, falou de uma amiga que chegou do Peru junto com ele, da mesma universidade de origem e da mesma república. Mostrou os colegas de aula que eram pessoas com quem conversava mais diariamente, dentre eles, um peruano que também morava na mesma república.

Por último, ele apresentou as senhoras da moradia em que residia. Uma delas era a dona do imóvel e ambas o ajudaram muito quando chegou ao Brasil. Comentou do problema que teve com as malas no aeroporto: ele e seu grupo de intercambistas peruanos passaram um mês sem elas. Devido a isso, precisaram comprar roupas e estas senhoras forneceram auxílio nisso. Esta informação mobilizou os outros participantes do grupo que passaram a fazer muitas perguntas sobre o ocorrido. Observou-se que as pessoas se colocaram no lugar de Roberto e valorizaram a ajuda que ele obteve. Roberto comentou que a maioria das pessoas diria que ele era “tranquilo”, porém isso dependia do contexto.

Por fim, passamos ao Átomo Social de Maria. Ela comentou que grande parte das pessoas que conheceu pelo intercâmbio na unidade da FFLCH eram “*hispano-americanos*”. Havia brasileiros também e até uma colega dos Estados Unidos que praticava espanhol com

ela. Também representou a família brasileira que a recebeu na sua chegada e o grupo de forró do qual participava.

Maria justificou ter colocado este grupo, embora não conhecesse muito as pessoas, por ser onde praticava o seu português, além de ter sempre gostado de dançar e poder conhecer o estilo do forró. Maria comentou que o que as pessoas diriam dela iria variar de acordo com o contexto. Acreditava que afirmariam que ela era uma boa amiga, ou diriam para ela conhecer seus países como no caso dos amigos colombianos. E também a nomeavam de a “mãe” de um dos grupos dos quais participava.

Em geral, os átomos sociais foram construídos com muitas cores por todos os participantes. Pode-se observar que no caso de Akemi e Maria, as pessoas foram representadas mais em seus grupos. Já Mei, Sofia e Roberto privilegiaram colocar a relação com cada indivíduo.

Devido ao horário do encontro, finalizei esta atividade com os participantes. Maria comentou ter gostado de fazer a atividade proposta, porque ajudou a lembrar que ela não estava sozinha. Sofia comentou que desenhar era algo muito tranquilo e fazia tempo que não realizava coisas assim. Também era bom lembrar das pessoas próximas no Brasil e o que gostava em cada uma delas. Por mais que a maioria ela percebesse como colegas, havia aqueles que eram bons amigos. Com relação à distinção entre o que são *amigos* e *colegas*, a participante apresentou que:

[...] Porque muitas vezes a concepção do “término” [termo] é muito diferente [...] Porque pra mim, um amigo é uma pessoa que transcende [...] Que vai continuar. [...] E...do...no caso da minha casa, o lugar, posso dizer assim? [Respondi que sim e Sofia continuou] É...Sou...é minha mãe e eu...só isso... [...] então...eu não sou uma pessoa que...que tenha muita saudade do...de outras pessoas... eu gosto do silêncio...eu gosto de ficar [...] de estar sozinha...mas não da “soledad” [significa solidão] [...] Então é...eu acho que...que foi uma coisa boa...porque eu lembro agora o...poder lembrar que eu tenho amigos [...] (risos). E também colegas...quase amigos na minha morada...moradia? [Novamente perguntou se a palavra estava correta]. Porque é uma coisa boa...eu desfruto do ambiente ..., mas também eu estou consciente de que muito poucas destas pessoas vão a continuar e é uma coisa que não é um problema...Eu estou consciente disso mas eu quero desfrutar do momento... (Sofia).

É interessante notar que dentre os outros participantes, ela foi quem mais especificou esta diferença entre amigos e colegas nas relações. Além de seu comentário, Roberto também apresentou que a experiência da atividade foi muito boa e pode conhecer as experiências das outras pessoas em relação a serem estrangeiros no Brasil. O participante ainda acrescentou que se comportava de maneira diferente com cada uma das pessoas que conheceu até o

momento. E também notava que nem todas as pessoas com quem se relacionava, permaneceriam muito tempo em sua vida depois que voltasse ao Peru.

Akemi, por sua vez, comentou que gostou da atividade, pois nunca pensou como eram os seus amigos para ela e o que eles, por sua vez, pensavam sobre ela. Mei gostou muito de poder compartilhar suas histórias com os outros participantes e poder ouvi-los. E também gostou de desenhar, pois era uma atividade que realizava quando estava sozinha. Além disso, nunca havia contado os amigos que possuía e percebeu que eram muitos. Lembrou também das coisas que eles a ajudaram e se sentiu muito agradecida. Acrescentou, por fim, que mesmo quando voltar, iria usar suas “*memórias*” e continuar a ter contato com eles. Em seguida do comentário de Mei, realizei um fechamento do encontro buscando englobar o que foi abordado por todos na atividade. Perguntei se poderia ficar com uma cópia desta atividade e todos os participantes autorizaram a levar a original.

3.2.2.6 Sexto encontro

Este encontro foi bastante atípico em relação aos anteriores, porque apenas Mei, Luna e Roberto compareceram e este precisou ir embora na metade do encontro para assistir a uma aula. Em virtude disso, a atividade que havia sido planejada para o dia, a qual envolvia a confecção de um brasão dos valores culturais coletivamente, foi adiada para o encontro seguinte.

Desta forma, o objetivo deste encontro foi refletir sobre a experiência intercultural fornecida pelo intercâmbio. Esta proposta seria realizada no sétimo encontro, porém se antecipou para esse. Como ferramenta para trabalhar com este tema, o desenho foi utilizado enquanto representação simbólica da percepção do intercâmbio.

No início do encontro, conversamos sobre o período de aulas e trabalhos que eles se encontravam. Em seguida, relembrei com os participantes os objetivos da pesquisa e o que estávamos vendo desde o primeiro encontro de modo a estabelecer uma ligação com a atividade deste dia. A proposta era que eles representassem livremente no desenho como a percepção da experiência deles no Brasil, focando principalmente no processo. Luna comentou que achava importante que cada um explicasse ao final o que o desenho significava, pois achava difícil entender tudo só observando. Enfatizei que a representação era subjetiva e caso eles quisessem mais folhas para desenhar, poderiam solicitar. Colocamos uma mesa para todos sentarem em volta e disponibilizei o material para eles.

Roberto ficou em dúvida quanto à instrução da atividade. Repeti o objetivo da tarefa e sua relação com o tempo em que eles estavam vivendo. Aproveitei para pedir que assim que eles terminassem o desenho, fornecessem um título ao mesmo, que poderia ser na língua materna deles e que representasse o processo do intercâmbio. Solicitei ainda que observassem o desenho e questionassem se aquilo que estava representado ali eram facilidades ou até mesmo desafios que o intercâmbio estava trazendo. Exemplifiquei essa instrução para tornar mais fácil o seu entendimento.

Iniciamos com o desenho de Roberto (Anexo Q), o qual descreveu sua representação como *“tudo”*. Era o momento do intercâmbio. Ele desenhou a *“paloma”* (pomba) para representar a si mesmo. No primeiro quadro do desenho, ele representava como chegou ao novo país, ao Brasil. Nos outros, colocou junto de si as pessoas diferentes – representadas como aves e de cores variadas – que conheceu e também os desafios que surgiram.

Roberto apresentou que seu desenho mostrava a continuidade do seu intercâmbio desde a sua chegada. Ao início estava começando a voar e a conhecer as pessoas e suas diferenças. O desenho mostrou a sua adaptação com a comida também. O título em língua inglesa dizia: *“Bird and new world”* (Pássaro e o mundo novo). Roberto comentou que gostava das aves e questionei a sua escolha pela *“pomba”*. Roberto explicou que a pomba no Peru era um animal que você poderia ter como mascote ou também poderia comer. As outras participantes ficaram surpresas sobre o uso da pomba na cozinha e Roberto apresentou que no Peru era comum a sopa de pomba.

O participante identificou que as companhias que possuía facilitavam o processo do intercâmbio, porém as dificuldades eram em quase tudo: idiomas, educação, comidas e muita diferença no geral. Em relação à alimentação, acostumou-se a comer de tudo; quanto ao idioma foi melhorando pouco a pouco. Compreendia bem, mas não falava muito.

As participantes se sentiram identificadas com o desenho de Roberto. Luna comentou que apesar dos desafios de Roberto, ele estava alegre no desenho. O participante concordou e afirmou que o intercâmbio acadêmico *“era uma experiência única”*. Questionei ao grupo se todos eram pessoas otimistas antes do intercâmbio. Roberto comentou que sim e Akemi, por sua vez, afirmou que isso mudou muito. Já Luna era positiva antes, mas no momento presente se considerava mais. Algo que colaborou para isso foi a possibilidade de superar obstáculos. A participante Akemi acreditava que o Brasil possuía um ambiente *“muito livre e aberto”*, podendo fazer qualquer coisa que quisesse. Ela considerou isso dentro da perspectiva de que havia menos proibições no Brasil. Neste momento do encontro, o participante Roberto se retirou para ir a sua aula e comentou que eu poderia ficar com o seu desenho. Em seguida,

passamos para o desenho de Akemi (Ver anexo R). Ela representou um “caminho” da seguinte forma:

Só um momento meio de caminho [...] e...é...hum...escrevi e desenhei o que eu fiz, o que eu comi, o que eu senti. Queria desenhar um [...] do que aconteceu, mas fiquei bagunçada...ficou bagunçado...no começo eu...ah...eu estava muito feliz [...] Também estava muito triste...o antes estava preocupada...de...por causa de...língua [...] hum...tinha...tinha...é...me preocupava muito de que...senão é...de não conseguir falar muito bem depois de intercâmbio [...] Ah...ah...tinha medo de...minha interc...meu intercâmbio vai ficar, não sei [...] não adiantou muito... (Akemi).

Mesmo com as dificuldades apresentadas, Akemi comentou que não pensou em ir embora do Brasil, pois estava feliz e gostava muito do país. De um lado do desenho, representou o Japão e do outro o Brasil. Dentro do caminho também adicionou os lugares que visitou no Brasil, as diferentes comidas, além da dificuldade em pegar ônibus e pronunciar determinadas palavras. Também representou simbolicamente com “estrelas” sua família, amigos e muitas pessoas que a incluíram.

Akemi apresentou que também queria representar “luz” em seu desenho, porque acreditava que seu futuro seria bom. Realizei uma observação sobre o título escolhido “Diferente” pela participante e ela justificou a sua escolha:

Diferente é, tem dois significados. Até aqui e a partir daqui é ... é diferente, eu sou diferente...outra pessoa quase...diferente... [...] eu sou diferente de antes e...e também coisa do Brasil é diferente do Japão... diferente do que eu conheço no Japão...do que eu conheci no Japão...é [...] (Akemi).

Ao mesmo tempo em que a participante colocava em seu desenho os desafios em relação à língua, ela também explicou porque queria significar o Japão: “*porque eu não pensava muito em Japão quando eu estava no Japão...mas... [...] quando fora.. [...] eu comecei a pensar mais do que antes...*”.

Sobre esta afirmação de Akemi, a participante Luna a questionou se ao estar fora do Japão, Akemi passou a valorizá-lo. Esta comentou que pensou nos aspectos bons e ruins; e Luna observou que o oriente era muito diferente e, no seu caso, compreendia que apesar de o Chile (seu país) ser muito distinto do Brasil, havia uma cultura comum na América Latina. Neste momento, questionei se Luna, assim como Akemi, também pensou nas coisas boas ou ruins em relação ao Chile. Luna começou a comparar os dois países em termos da política de reciclagem e da educação por exemplo, e percebia que poderia ser melhor no Chile. Já quanto

à questão da própria cultura, preferia a chilena e seu estilo de vida mais tranquilo em comparação a São Paulo e acrescentou: “[...] *como eu te falei...você compara a todo o tempo...você conhece novo... ‘pero’ ‘uno’ como o que...conhece...eu ‘conozco’ [conheço] o novo a partir daquilo que eu já ‘conozco’...*”

Em seguida, demos continuidade com o último desenho de Luna (conforme o Anexo S). Esta comentou que havia muitos aspectos em comum com os desenhos dos colegas. Luna representou o Metrô e ela dentro do vagão. No Brasil, utilizava muito este meio de transporte, pois morava longe da USP. Desta forma, grande parte do seu dia passava neste trajeto, em que compartilhava com outras pessoas.

Neste lugar, ela estava sozinha e possuía o tempo para processar sobre o que estava vivendo no Brasil. No desenho adicionou a bandeira brasileira, porque fazia parte daquele tempo presente e também por significar o idioma, algo novo que significava um desafio. Em outro ponto, ela representou o Chile, apesar de ter esquecido das cores da bandeira. O Chile estava mais distante, pois não estava presente:

[...] quando eu cheguei ‘acá’ [...] tinha muito de Chile...muito...a todo tempo pensando...em Chile... mas agora...este é o meu presente...Brasil...então são as coisas que estão ‘acá’...Entonces por isso está distante (mostrando a distância do Chile no desenho). Mas, eu colori...a [...] de cor amarelo...todas essas coisas também estão rodeadas com a cor amarelo...porque apesar de que este agora ‘es’ mi presente...eu ainda (risos) ‘soy’ chilena... (Luna).

A cor amarela descrita acima significava o Chile e o fato de ainda se sentir chilena: sua cultura e referência não se perdiam, apesar das mudanças que teve. Um outro elemento no desenho era o “celular” que mostrava a sua conexão com o seu país e, ao mesmo tempo, com as pessoas que conheceu no Brasil. Especificamente com aqueles que estabeleceu amizade. Estas pessoas eram incluídas no desenho com diferentes cores, porque considerava ter muita diversidade no Brasil e gostava disso:

Eu aprendo [...] com essa diversidade...por exemplo, a cultura de você do oriente...aqui também conhecer você e... Roberto que é de Peru...e você encontra muitas coisas...também em metrô...você também olha muita variedade...de pessoas...e “las” ruas...e ademais porque aqui tem muitas pessoas...Pra mim são muitas pessoas. Então...é isso. É “acá” é a cidade...de São Paulo...eu sempre olho para ela, sobretudo no metrô...e pra mim “es” uma cidade muito grande...está muito como impactante...algo novo pra mim...é...mudou a minha “concepción” de mundo...vir pra cá São Paulo...é, “bueno”, USP...que “es” a universidad “acá”...que também tem muitas cores porque também tem muita diversidade...aprendo muitas coisas novas...e a comida...esses são um prato...um copo...e tentei desenhar isso...que também

“hacido” muito diferente e... “bueno”...vendo isso...eu pensei que não fosse “acá” em clima [...]...para mim também foi muito diferente... [...] e eu...pus é... [...] novas cores (referindo-se ao título do desenho)...porque hum...eu acho que tudo isso “es”...como uma experiência muito...é...enriquecedora... (Luna)

Esta experiência enriquecedora para Luna, fazia com que tivesse mais cores em sua vida, que antes era vista em “branco e negro”. Quanto à dificuldade de Luna no processo de intercâmbio acadêmico, a princípio foi a saudade do país e seu processo de adaptação. E a sua “possibilidade” – entendida aqui como facilidade - foi o estudo em geral tanto do idioma quanto da graduação.

Como os desenhos dos participantes apresentavam muitos elementos em comum, pedi que elas pensassem sobre os elementos de cada desenho em que houve identificação e como representariam isso em uma cena. Pode ser que a explicação neste momento tenha sido um pouco longa e confusa e, por conta disso, retomei as instruções com mais objetividade adiante, enfatizando que Akemi e Luna precisariam ver as coisas que notavam no intercâmbio que era similar entre as duas, seja a questão da língua ou da comparação dos países, por exemplo.

Perguntaram quanto à representação de uma dificuldade e expliquei que poderia ser algo em comum, mas não exatamente igual. Afirmei que elas precisariam ver que cena tal dificuldade ficaria mais clara e forneci exemplos. Luna me perguntou se poderia ser a comida e a diversidade. As participantes conversaram entre si para decidir como fariam a cena. Notou-se que Luna estava assumindo a organização do que seria feito e o papel de cada uma na cena.

Neste momento, observou-se que Akemi compreendia melhor a instrução da atividade, pois antes pensou que era apenas para dizer os elementos em comum. Luna acrescentou que era por este motivo que comentava com Akemi sobre a “comida” como temática da cena, pois também seria uma forma de incluir Roberto - mesmo ele estando ausente. As participantes definiram o local em que a cena seria situada e organizamos o espaço da sala para facilitar.

Representaram a fila do restaurante universitário em que recebiam a comida. A personagem de Akemi aceitava a comida e a de Luna questionava o que era e afirmava não gostar daquele prato. Após, elas se encontravam na cena e Akemi perguntava a Luna por que iria comer tão pouco e ela respondia que considerava as comidas muito esquisitas. Já para Akemi a comida era muito boa. A cena era finalizada com esta aceitando um pouco da comida oferecida por Luna.

Em seguida, com base nesta cena realizada pelas participantes, questionei se elas tivessem a oportunidade de dizer para si mesmas antes de chegar no Brasil, como seria o intercâmbio, o que elas teriam dito. Instruí as participantes a se imaginarem em um filme e uma pessoa do futuro viesse e falasse com a pessoa do passado como era o intercâmbio. Akemi afirmou que diria para si mesma: *“Espera mais! Espera mais! Você vai ter dificuldade de língua. Tem que aprender muitas palavras. Tem mais aprender mais frases... é, alguma coisa assim, (risos)”*.

Luna se identificou com esta afirmação, pois não teve aulas de português antes de chegar ao Brasil. Só aprendeu com a família com a qual morava e depois com os estudantes. A facilidade para ela era que o espanhol era muito parecido com o português, caso contrário teria “morrido” no Brasil. Sua dificuldade foi mais específica em momentos em que precisava comprar algo ou ainda carregar o cartão do metrô, por exemplo.

Luna comentou ainda que quando chegou ao Brasil, ela teve uma fase em que se *“fechou muito”*. Falava muito com sua família, namorado e não desfrutava o intercâmbio. Se pudesse falar consigo mesma no passado, diria para pensar menos em seu país e *“estar mais presente em Brasil”*. O seu tempo de adaptação foi muito longo e gostaria que tivesse sido mais curto.

Ao final, compartilhamos como havia sido o encontro para as participantes, em virtude ainda da diferença com o anterior no número de pessoas e na proposta. Akemi considerou que o seu pensamento foi um pouco parecido com o encontro anterior, pois refletiu sobre a sua vida no Brasil, algo que no quinto encontro foi focado na relação com as pessoas.

Para Luna, foi o primeiro encontro em que precisou desenhar e achou isso diferente, porque sempre esteve acostumada a escrever, principalmente pela sua graduação em História. Considerava que desenhava muito mal, mas apesar disso, tratava-se de um processo diferente por ser mais *“figurativo”* e que necessitava que se pensasse mais no que ia ser representado.

Apreciou realizar um *“balanço”* das coisas de seu intercâmbio acadêmico. Pode destacar muitas coisas boas e também percebeu que estava finalizando de uma boa maneira o processo. Além disso foi um encontro diferente por haver menos pessoas. Considerou que faltou escutar outras opiniões, mas foi *“muito legal”* ver os desenhos de Akemi e Roberto e se sentir identificada com eles.

Encerramos o encontro com a combinação de que confirmaríamos por *e-mail* os últimos encontros para a participação de Luna. Akemi já havia comentado que iria faltar na próxima semana em virtude de uma viagem. Não houve tarefa para o encontro seguinte.

Quanto aos desenhos realizados, as participantes me autorizaram a permanecer com os originais.

3.2.2.7 Sétimo encontro

Este encontro precisou ser adiado por conta de uma paralização na USP que estava programada para ocorrer no mesmo dia. Vários participantes não teriam aula e um deles já havia informado que não iria. Desta forma, reagendamos este encontro para uma terça feira antes do feriado daquele ano e o último encontro acabou ocorrendo na data original. Assim, a participante Luna só pode estar presente no encontro que será descrito a seguir.

O objetivo foi desenvolver um brasão dos valores culturais de todos os participantes do grupo. Roberto foi o único que não pode comparecer nesta data devido à realização de um trabalho para o curso, porém os demais participantes o incluíram dentro do símbolo coletivo desenvolvido na atividade. É importante ressaltar que no primeiro grupo organizado nesta pesquisa, esta tarefa foi proposta no segundo encontro. Apesar de ter tido um resultado relevante à discussão, a atividade antecipou o tempo do grupo se conhecer e ter mais confiança para executá-la, fato que os próprios sujeitos comentaram ao final de sua participação. Considerando isso e a dinâmica de funcionamento dos grupos, com base na leitura psicodramática, o brasão dos valores foi organizado para ocorrer apenas quando o segundo grupo estivesse bastante entrosado e pelo menos, com a maioria dos seus integrantes.

Ao final deste encontro, fizemos uma discussão sobre a atividade e o que eles puderam definir enquanto valores relevantes. Esta temática perpassou boa parte dos encontros, por isso os participantes estavam bastante familiarizados com esta reflexão. O encontro iniciou com atraso, assim como os anteriores, e na espera por Akemi.

Foi feito um aquecimento específico corporal, em que os participantes caminharam pela sala, cada um no seu ritmo, tal qual realizamos no primeiro encontro. Eles foram instruídos a se alongarem ao longo da caminhada, deixando para depois os pensamentos sobre as aulas, trabalhos e outros compromissos. Fui retomando o que foi visto desde o primeiro encontro e os valores que destacamos em outros. Pedi que eles fossem falando os valores que lembrassem enquanto caminhavam. Comentei da relação dos valores com as situações que foram pensadas por eles e se havia outros que não foram abordados naquele momento. À medida que isso fosse ficando claro para todos, eles iam parando nos seus lugares.

Uma das participantes não conseguiu entender qual era a última pergunta e comentei que até aquele momento, eles haviam discutido apenas em subgrupos os valores que possuíam para definir as situações apresentadas. Durante a minha explicação, que já estava longa, Akemi entrou na sala. Continuei a abordar a atividade para não ter que repetir a instrução novamente. Apresentei a proposta de todos construírem um brasão coletivamente em que os valores que os representavam pudessem ser colocados.

A reunião destes valores em um desenho, teria critérios definidos pelos próprios participantes. Mostrei imagens de brasões para que todos compreendessem o seu significado e também trouxe a definição desta palavra. Os participantes ficaram livres para representar como quisessem e para decidir em grupo o que seria relevante ou não. A minha única instrução foi que fossem reunidos em um único emblema, os valores importantes na experiência de intercambistas. Foi mais fácil para o entendimento utilizar o termo “Emblema”, porque foi este que os participantes latino-americanos utilizaram para se referirem à palavra “Brasão”. Como realizei muitas explicações da atividade, percebi alguns participantes bastante cansados neste início. Com uma instrução mais clara e objetiva poderia ser que esta atividade tivesse começado antes e eles teriam menos dúvidas.

Com a atividade em andamento, os sujeitos comentaram sobre quais valores iriam utilizar e pensaram em colocar os valores do Brasil também. No decorrer da atividade, tiraram dúvidas sobre algumas expressões brasileiras como o *“tanto faz”*. Em um momento específico, os participantes latino-americanos se comunicaram em espanhol. Ao se darem conta disso, voltaram a falar em português e explicaram para as participantes Mei e Akemi o que haviam falado e pediram desculpas. Quando já estavam ilustrando os símbolos do Brasão, o grupo decidiu me chamar para que desenhasse a bandeira do Brasil em um dos pontos, conforme indicação deles.

O grupo realizou esta atividade no período de uma hora. Precisei informá-los do horário várias vezes para que se organizassem. Ao longo da tarefa, eles pareciam bastante integrados e relaxados. Ao terminarem, chamaram-me até a mesa e mostraram o cartaz. Mei comentou que o brasão (Anexo T) possuía um relógio que tinha o formato do *“sol”* e representava a pontualidade. Sofia complementou que tentaram acrescentar todos os valores em geral. Luna foi apontando no brasão, os outros símbolos que se relacionavam à hospitalidade e à solidariedade. Akemi mostrou que os *“dois olhos”* representavam o “respeito”, porque quando existe respeito, segundo a participante, tem sempre pelo menos duas pessoas.

Perguntei ao grupo sobre as bandeiras e Maria abordou a ideia da identidade. Cada bandeira era do país de cada um dos participantes e tinha relação com um valor específico: a hospitalidade do Chile; solidariedade do México e do Peru; respeito do Japão; pontualidade da China e a diversidade do Brasil.

Questionei quanto à facilidade ou dificuldade a chegar neste desenho. Luna comentou que foi muito difícil e alguns participantes riram. Maria apresentou que foi mais difícil desenhar o “respeito” e Luna completou a escolha também do valor do Brasil. Pois, haviam muitas “coisas boas” no Brasil e eles não sabiam como fazer.

Neste momento os participantes falavam ao mesmo tempo e começavam a rir com a expressão “tanto faz”. Diante disso, perguntei sobre qual era o motivo desta expressão no grupo e Luna comentou que os brasileiros utilizavam muito. Já Sofia afirmou ter sido a primeira vez que ouviu essa expressão, causando estranhamento na colega. Perguntei então à participante se esta expressão era muito comentada no grupo ou no geral. Tanto ela, como Maria e Akemi afirmaram ser no geral. Luna acreditava que esta expressão definia o modo de vida dos brasileiros e o fato de serem muitos relaxados (no sentido de não se estressarem): *“como ‘ahh, se alguma coisa não funciona, não há mal, tanto faz... siga adelante’”*.

A participante contextualizou que era uma fala utilizada em lugares como na fila de supermercado, uma situação que em seu país e nos dos demais colegas, seria muito estressante. Diante desta discussão, Sofia resolveu me questionar sobre qual era o significado de “tanto faz”. Apresentei que se tratava de uma expressão coloquial, utilizada no dia a dia e não em um texto ou em uma pesquisa acadêmica. Para algumas pessoas, “tanto faz” era quando tanto uma opção quanto a outra eram boas. De qualquer forma, a pessoa ficaria bem.

Depois que apresentei o significado, justifiquei a minha pergunta sobre a expressão para o grupo, mostrando que quando estava observando a execução da atividade, fui anotando algumas impressões sobre o que eles estavam fazendo. Uma delas foi que eles pareciam estar “tirando um pouco de sarro” desta expressão, pois foi repetida várias vezes. Por conta disso, expliquei ao grupo que permaneci na dúvida se isso tinha a ver com a proposta da atividade. Sofia enfatizou que não tinha nada a ver com a atividade, apenas que um dos participantes se lembrou disso e aí começaram a fazer brincadeiras.

Aproveitei ainda para esclarecer uma outra dúvida, pois como a atividade teve uma instrução muito aberta, diferentemente das anteriores, houve a impressão de que o “tanto faz” veio por conta de ser uma atividade muito livre. Luna, Maria e Sofia comentaram que não tinha nada a ver com isso. Sofia apenas ressaltou que talvez por essa liberdade fornecida na atividade, ficou um pouco mais complicada a execução. Em seu caso, Sofia gostava de um

trabalho mais “proativo”. Na execução da atividade, ela começou a desenhar e mostrou a ideia aos participantes que concordavam e pediam para ela representar algo específico.

Porém, Sofia acrescentou que muitas vezes era complicado trabalhar em grupo. Então, para ela, em geral era necessário ter uma pessoa que falasse mais, não necessariamente um líder, palavra considerada autoritária por ela. Maria, contrariamente à Sofia, comentou que autoritário não era a mesma coisa que um líder, pois este por sua vez fazia com que todos trabalhassem. Apesar de Sofia não gostar da ideia de “líder”, observou-se que esta assumiu um papel de liderança importante na atividade, assim como Luna. Logo em seguida a este tema, Luna retomou a discussão sobre a expressão “tanto faz” e afirmou que ela surgiu numa conversa que teve com Tiago, na qual eles compartilhavam como que na cultura brasileira aparecia esta expressão. E isso também foi visto com outros colegas de seu convívio.

Depois disso, apresentei ao grupo que a dificuldade de executar esta atividade juntos já era prevista e não havia sido por acaso que ela só foi realizada neste encontro, pois eles já se conheciam há um tempo. Por conta disso, questionei se as pessoas estavam satisfeitas com o resultado do Brasão e todos comentaram que sim. Perguntei ainda se eles imaginavam que o brasão ficaria desta maneira ou se os surpreendeu de alguma forma. Sofia confirmou que havia ficado como imaginou. Maria, ao contrário, comentou que não fazia ideia do resultado, pois iam apresentando ideias a todo momento.

Também perguntei aos participantes se alguém assumiu a liderança e Maria apontou que Luna e Sofia lideraram. Quanto à escolha dos valores, perguntei se todos ficaram satisfeitos. Luna afirmou que a “diversidade” foi escolhida depois de considerarem a ideia de os brasileiros serem mais relaxados. Como não chegaram a um conceito que pudesse ser um valor, a “diversidade” foi a principal para representar o Brasil.

Dos valores que eles trouxeram de seus respectivos países, Luna comentou que foi fácil definir, porque já sabiam o que colocar. O difícil mesmo foi executar. Me acrescentou que os valores não faziam parte de um único país, mostrando que no seu país também havia solidariedade e respeito, por exemplo.

Desta forma, concluí com os participantes que ficaram representados valores mais “universais”. Por conta disso, questionei se haveria alguns valores mais “particulares” que seriam bem diferentes desses e mais específicos a algum país. O grupo pensou por um tempo e Luna comentou que, para ela, ficou apenas o do Brasil. Ela considerava “*muito legal*” este estado de relaxamento, mas não soube como expressá-lo numa linguagem.

Os participantes foram questionados se foi difícil para eles realizarem esta atividade com pessoas de países diferentes, mesmo tendo três chilenos. Maria achou que seria e Luna

concordou, apontando ainda que *“o problema é sempre com o idioma”*. Ela comentou que muitas vezes no decorrer da atividade, eles falavam em espanhol e depois se davam conta que as outras colegas não entendiam nada. Sofia explicou que chamou a atenção dos colegas quanto a isso.

Luna abordou que se todos falassem o mesmo idioma e fossem do mesmo país, a participação seria maior e a atividade mais fácil. Neste sentido então, perguntei aos participantes latino-americanos se ao começarem a falar em espanhol, isto deixava a atividade mais fácil de ser resolvida ou não. Maria apresentou o seguinte: *“eu acho que...no momento que você tem que concordar em algo...falar o seu idioma é muito mais fácil...”*.

Neste momento, Sofia se despediu do grupo pois teria uma aula para ir. Com a retomada da discussão, Maria acrescentou que deveria ter sido pelo idioma que começaram a falar em espanhol, pois estava ficando complicado. Mei brincou que queria falar em chinês e todos riram. Akemi apresentou que ninguém havia comentado sobre a *“mão”* que eles desenharam. Tratava-se de uma mão negra do Brasil, pelo fato de o país ter muitas nacionalidades e lembrar muitas *“raças”*. Mei complementou que colocaram a mão com a cor negra, pois acreditavam que havia mais preconceitos.

Luna comentou que para todos eles, era algo diferente as pessoas negras, pois em seus países não havia população negra. Maria apresentou que no México tinha, mas não era tão comum quanto no Brasil. Akemi comentou que no Japão, os negros só eram os turistas e desta forma, Luna complementou que para eles, a população negra era como se fosse a identidade do Brasil. Ao mesmo tempo, para eles também estava claro que havia outras pessoas também.

Com relação à atividade, diferentemente do que Sofia comentou da dificuldade na execução, Luna considerou a atividade *“legal”*. Mei apresentou que o difícil para ela foi concretizar os conceitos em figura: *“eu acho que...eu não tinha nenhuma ideia de...representar ‘respeito’...nunca imaginei que iria ser ‘olho’, então... [...] isso é uma coisa boa...”*. Luna mostrou que as ideias das pessoas foram se complementando e Mei afirmou que esta parte foi a mais criativa. Todos os membros do grupo que participaram desta atividade, se sentiram representados pelo Brasão. Luna teve vontade de levar para casa e Mei concordou, mostrando que esta atividade era uma boa memória.

Ao final, Maria comentou ter sido interativo e Tiago avaliou o encontro como mais divertido do que *“ficar falando sempre”*. Para Akemi foi algo *“muito legal”*. Luna, por sua vez, considerou engraçado pela forma como interagiram. Mei enfatizou ter gostado muito da obra e apresentou que quase não realizou trabalho em grupo na China. Os participantes ficaram surpresos com esta afirmação e Luna falou que isso era um *“paradoxo”*, pois antes a

colega abordava que na China tinha mais “coletividade”. Porém, Mei ressaltou que realizava mais trabalho individual.

Aproveitei para perguntar ao grupo, caso esta atividade fosse feita no início da etapa em grupo, se eles teriam o mesmo tipo de interação. Maria considerou que não, pois não sabiam as coisas das colegas asiáticas que eram “totalmente diferentes”, e Akemi afirmou que se fosse no início, eles não falariam tanto, nem trocariam ideias. Mei complementou que na ocasião do sétimo encontro eles se conheciam mais e possuíam menos vergonha de se expressar.

Comentei rapidamente então do último encontro que seria após o feriado e que iria enviar um *e-mail* confirmando o horário. Akemi perguntou se poderia tirar foto da atividade. Após este encontro, realizei a entrevista final de Luna.

3.2.2.8 Oitavo encontro

A proposta do oitavo encontro foi a de desenvolver um grande processamento vivencial sobre a etapa da pesquisa em grupo. As atividades desenvolvidas foram disponibilizadas de modo que os participantes pudessem refletir sobre como foi realizá-las. Este encontro teria a presença de todos os participantes, com exceção de Luna que já havia retornado ao Chile. Entretanto, Akemi e Maria não compareceram.

Expliquei ao grupo que a ideia era que pudéssemos avaliar como foi participar e também realizar um fechamento com eles. Mostrei ao grupo as atividades que estavam espalhadas na mesa da sala e também lhes lembrei dos objetos que trouxeram no segundo encontro e dos valores dramatizados.

O grupo foi instruído a pensar na atividade do “jogo do novelo” que realizamos no primeiro encontro, na qual cada um deles abordava as expectativas. Estas foram transcritas e impressas sobre a mesa e os participantes precisavam reconhecer qual correspondia à própria. Mei foi a primeira a encontrar a sua e a instruí a retornar ao seu lugar com a folha, assim como os demais à medida em que eles foram terminando. Neste momento, Sofia entrou na sala, pediu desculpas pelo atraso e comentei rapidamente sobre o que estávamos fazendo.

Dentre os participantes, Tiago teve mais dificuldades para lembrar qual era a sua expectativa. Em seguida, pedi que os participantes pensassem se estas expectativas foram alcançadas ao longo destas oito semanas. Enquanto isso, entreguei uma folha a cada um e pedi que se levantassem novamente para dar uma olhada nas atividades expostas, lembrando

também das que não estavam. Eles deveriam classificar cada uma delas nos seguintes aspectos: o primeiro número corresponderia àquelas consideradas “fáceis” para cada um; as atividades que não foram “nem fáceis e nem difíceis” seriam classificadas como número 2 e as “difíceis” como 3.

Obviamente, como nem todos participaram de tudo, eles iriam focar nas atividades em que estavam. Foi dada ainda uma última instrução: em cada uma dessas classificações, os participantes iriam escrever como que se sentiram. As atividades não precisavam ser enquadradas nos três níveis (fácil, mais ou menos e difícil), portanto se só tivessem atividades consideradas “fáceis” e “mais ou menos”, por exemplo, não haveria problema. Tratava-se apenas de uma classificação para facilitar a discussão posterior.

Em seguida, cada participante foi instruído a escolher um dos papéis que estavam dobrados: Dois tinham o número 1 e os outros o número 2. Com estes papéis, eles formaram as seguintes duplas: Mei e Roberto; Tiago e Sofia. A dupla que ficou com o número 1, iria focar nas atividades que eles consideraram as mais fáceis de serem realizadas. Já a dupla com o número 2, iria discutir sobre atividades que consideraram “mais ou menos” e uma que tivesse sido difícil. A ideia era formar 3 duplas, mas como as participantes Akemi e Maria não haviam chegado até este momento, para a dupla Tiago e Sofia pedi que se focassem nas duas classificações. Cada membro das duplas iria conversar e selecionar as atividades comuns à classificação.

Após isso, foi pedido a cada dupla que discutissem entre si o motivo de terem escolhido estas atividades e desenvolvessem uma representação ou cena que mostrasse a facilidade ou dificuldade da atividade. Esta cena poderia ter sido algo que tivesse acontecido no grupo em que ficou muito claro a dificuldade, por exemplo, a facilidade ou ainda uma cena nova.

Mei e Roberto foram os primeiros e comentaram que a atividade que foi fácil para eles foi a da “apresentação” realizada no primeiro encontro. Então, eles reproduziram esta cena um pouco envergonhados e improvisaram algumas falas. No final, perguntei a esta dupla por que eles escolheram esta atividade e Mei comentou que este tipo de apresentação ela realizava desde muito nova em sua vida. Questionei ainda quanto a fazer no grupo e na língua portuguesa. Roberto apresentou que isto foi um pouco difícil, mas também interessante em termos das diferenças da linguagem.

Passamos para a outra dupla e Tiago questionou se eles poderiam ficar sentados para fazer a cena. Comentei que sim, mas solicitei que ficassem um pouco mais distantes para que pudessemos ter noção do local e da dimensão da cena. Sofia explicou que eles escolheram a

atividade do brasão como atividade difícil. Tiago comentou que para ele foi difícil pintar. Antes de iniciar, Sofia abordou que iriam fazer naquele momento uma representação de todas estas situações e perguntou se poderia ser em espanhol. Afirmei que sim, mas depois deveriam repetir em português para que todos pudessem entender. A dupla decidiu fazer em português.

Em resumo, os personagens de Sofia e Tiago conversavam sobre a atividade proposta. A personagem de Sofia tentava definir com o colega o que ele iria fazer. Ela sugeria que ele fizesse algo específico e perguntava se Tiago gostava disso, o que ele respondia que não. Desta forma, Sofia perguntava o que ele poderia fazer e Tiago comentava que para ele era difícil. Sofia acabava sugerindo que o colega fornecesse ideias para a atividade. Ele concordava, mas não parecia muito empolgado. A personagem de Sofia questionava se estava bom para ele assim e pedia que o colega explicitasse o que ele queria fazer. Por fim, comentava que era difícil trabalhar com ele.

Com a cena finalizada, Tiago justificou que para ele era difícil pintar e realizar desenhos. Perguntei ao participante se ele não fazia bem isso e Tiago comentou que não e que não tinha muita facilidade. Era também difícil atuar nas cenas. Na cena realizada no terceiro encontro, por exemplo, teve que fazer o papel de um “cara” que falava com as meninas.

Sofia apresentou que no seu caso, todas as suas atividades citadas (Brasão e a cena dos valores), foram mais ou menos difíceis, não pela sua execução, mas pela necessidade de chegar a um acordo com outras pessoas. Ela justificou isso mostrando que algumas vezes, quando você realizava um grupo de trabalho, você sabia que as pessoas iriam atuar com uma orientação um pouco mais parecida. E, no caso deles isso foi diferente, pois tiveram que trabalhar mais livremente e suas ideias eram um pouco distintas. Assim, chegar em um acordo para Sofia, foi mais ou menos difícil porque demorava um pouco.

Para compreender o que estavam abordando, perguntei a Tiago se no caso dele, não gostava de atuação no geral ou foi mais pelo papel que precisou desenvolver no terceiro encontro. Tiago comentou que o papel foi mais complicado, mas as duas coisas eram difíceis, porque não sabia fazer e não gostava de desempenhar o papel do “cara chato”.

Pensando sobre estas questões, perguntei como eles chegaram ao consenso na atividade do Brasão e Sofia comentou que algumas pessoas tiveram que ser líderes e fornecer ideias. Passando para a cena que ela e Tiago desenvolveram, comentei que ao final da cena, Sofia no papel cedeu um pouco ao que o personagem de Tiago comentou. Questionei se ela tivesse a oportunidade de realizar isso novamente, se faria da mesma forma ou seria diferente.

Sofia abordou que faria da mesma maneira, pois esta situação era diferente de fazer parte de um grupo de trabalho. O que ela faria mais era tentar guiar a atividade. Pedi neste momento que ela mostrasse na cena e não apenas explicasse. Mei aproveitou isso para perguntar se a palavra “chefe” não era sinônimo de “líder” e Sofia afirmou que poderia ser. Aproveitei para diferenciar as duas palavras para o entendimento de Mei.

Em seguida, pedi que todos os participantes se reunissem e tentassem representar juntos, por uma cena ou imagem corporal, o que significou para todos discutir esses assuntos e realizar as atividades em grupo. Mei questionou se era para realizar uma apresentação e expliquei que se tratava da criação de algo que representasse como foi para eles participar desta etapa grupal. Tiago perguntou se era uma “caracterização” de como eles sentiam. Mostrei ao grupo que estava ciente da dificuldade de fazer isso na língua portuguesa, e coloquei que eles teriam opções de realizar uma cena ou até uma representação, no sentido de uma imagem. Como foi complicado estabelecer a diferença entre as palavras *cena* e *representação* para o grupo, demonstrei como seria uma imagem corporal de um sentimento, como a “alegria”, por exemplo.

Ainda foi difícil para Mei compreender o significado da palavra “representação” e Tiago também perguntou como era para fazer. Neste momento, solicitei que os participantes pensassem o que representou para eles falar de sua experiência em grupo. Roberto comentou ter sido interessante conhecer as pessoas do grupo e perguntei para Mei se ela havia compreendido a questão. A participante apresentou ter aprendido em grupo, o que foi muito engraçado e significativo para ela. Conheceu mais amigos, culturas e pensamentos diferentes.

Sofia, por sua vez, comentou que foi “*legal*” conhecer outras pessoas, o seu jeito de falar, saber suas nacionalidades e ver que possuíam muitas coisas em comum. Se fosse para escolher uma palavra, seria “*interessante*”. A participação no trabalho em grupo também permitiu que as opiniões de Sofia, desde o começo desta etapa, mudassem um pouco.

Sugeri que eles representassem algo a partir do que foi falado, do significado que teve para cada um o contato com outras pessoas e suas diferenças, além de perceber pensamentos em comum. Mostrei que eles poderiam englobar essas percepções para a tarefa a ser realizada. O grupo conversou novamente para definir qual seria a representação. Coloquei-me para ajudá-los e tirar dúvidas quanto a expressões da língua.

O grupo resolveu realizar uma cena que era iniciada por Mei. No decorrer da cena, a participante – no papel desempenhado – entrava e não via ninguém, demonstrando ficar bem desconfortável com isso. Depois disso, aparecia Sofia perguntando se a colega veio para um

encontro. Após, os outros personagens iam chegando e se cumprimentando. Eles enfatizavam as diferenças neste momento.

Após a cena, Sofia explicou que quiseram representar a “diversidade”, os olhares de diferentes culturas e seus jeitos de interação. E ainda o primeiro encontro deles – enquanto grupo - pois foi onde eles se conheceram e não sabiam como falar com a outra pessoa. Mei afirmou que foi a primeira a aparecer na cena para demonstrar a sua pontualidade.

Questionei sobre um momento encenado em que Sofia reconheceu que Tiago também era chileno e os dois se cumprimentavam com um abraço. Perguntei aos participantes Mei e Roberto como se sentiram com isso, pelo fato de não encontrarem colegas da mesma nacionalidade. Roberto comentou que apesar de não ter encontrado outro peruano, *“foi muito bom escutar uma pessoa falando espanhol (risos). Eu escuto muito português, (risos). [...] e...escutar o espanhol e poder falar é bom, (risos)”*.

Comentei que eles simbolizaram o início do grupo e indaguei os participantes sobre uma representação do seu final. Sofia apresentou que naquele período de fechamento do grupo, eles já compreendiam os diferentes jeitos de cada um. E Mei brincou com a expressão “beleza” como uma maneira mais informal de cumprimentar na língua portuguesa. O grupo não se mostrou disposto a realizar uma nova cena, então prosseguimos com compartilhamento sobre o encontro.

Tiago comentou que o encontro foi bom, foi o último e não sabia muito o que dizer. Para Roberto, foi interessante conhecer todas as pessoas e tudo neste período. Mei, por sua vez, afirmou ter sido *“muito legal”*, puderam fazer um resumo das atividades e não havia se dado conta da quantidade destas. Sofia também gostou muito do resumo das atividades, acreditando ter sido uma forma de lembrarem o que fizeram. Ela considerou mais ou menos difícil a tarefa deste encontro, por conta de chegar em um acordo com o grupo.

Em seu caso, a dificuldade veio por ser um grupo de pessoas com culturas diferentes: *“[...] muitas vezes, você tem uma ideia muito clara... mas quando tento explicar, como tenho que falar num português [...] diferentes idiomas [...] como o que...não fica muito claro...”*

Questionei ao grupo se estas dificuldades também ocorriam em seu cotidiano na USP e Mei comentou a respeito da língua. Roberto apresentou que suas dificuldades eram com as pessoas que falavam rápido. Apesar disso, comentou que eu falava devagar e ele conseguia me escutar bem, assim como muitos professores que possuía no curso. Porém, em alguns casos, precisou gravar a aula para ouvir em casa.

Mei também comentou sobre um trabalho em grupo que fez em uma matéria e sua dificuldade em expressar suas ideias em português. Tiago afirmou não ter esta dificuldade,

pois se acostumou a realizar atividades em grupo, e no Brasil isso foi mais fácil do que no Chile. Sofia, por sua vez, afirmou que no Brasil precisava interagir com as outras pessoas para realizar trabalhos. E, às vezes, ela utilizava a língua inglesa como uma língua “neutra” para se comunicar nas tarefas.

Aproveitei para abordar sobre o nível de dificuldade esperado, em algumas atividades, que a pesquisa propôs e a importância de ver como isso seria na prática para o grupo. Sofia trouxe a questão da comunicação como um aspecto desta dificuldade de trabalhar no grupo, naquele contexto, pois em seu país não tinha problemas com isso, apesar de gostar mais de trabalhar sozinha.

E, muitas vezes, num trabalho grupal, a pessoa tinha a possibilidade de decidir com quem trabalhar, afirmou Sofia. Já na pesquisa, o contexto foi diferente, mas também foi uma boa experiência. Diante deste comentário, pedi que todos pegassem a classificação que fizeram sobre as atividades realizadas e observassem quantas foram definidas como “fáceis”, “mais ou menos” e “difíceis”. Tiago apresentou duas atividades como fáceis, porém ressaltou que não se recordava da outra que iria incluir. Nesta categoria, Tiago apenas especificou a atividade do Mapa-Múndi realizada no primeiro encontro. Sofia questionou se não seria a atividade de “apresentação do outro colega” e Tiago afirmou que sim. No total, este participante classificou três atividades como “fáceis”, três “mais ou menos” e uma “difícil”.

Roberto compartilhou ter classificado as mesmas atividades que Tiago como “fáceis”: a apresentação e o Mapa-Múndi. Mas, também considerou como fácil a atividade de trazer um objeto que representasse a sua relação com o próprio país e a tarefa dos valores. Para Roberto, foi “difícil” desenhar a sua percepção sobre o intercâmbio, pois acreditava demorar muito na execução. E outras duas atividades foram vistas como “mais ou menos”: escrever sobre “o que é ser estrangeiro no Brasil” e a atividade do átomo social, por conta de não lembrar de algumas pessoas nesta última.

Já Sofia classificou cinco atividades como “fáceis”, duas “mais ou menos” e nenhuma como “difícil”. O Brasão, diferentemente da classificação de Tiago, foi colocado como “mais ou menos” para Sofia, em conjunto com a representação de uma situação (atividade do terceiro encontro). Por fim, Mei apresentou duas atividades como “difíceis”, três como “mais ou menos” e quatro como “fáceis”.

Questionei ao grupo se poderíamos dizer que a maioria das atividades foram consideradas como “fáceis” e eles concordaram. Perguntei ainda se eles haviam conseguido comentar a respeito do intercâmbio acadêmico e da experiência intercultural. Mei mencionou que foi “mais ou menos”, por conta da comunicação.

Discutimos ainda se as expectativas de todos haviam sido atendidas. Tiago comentou que sim, mas queria ter conhecido um pouco mais a língua de Mei, apesar de saber que isso era um pouco difícil. Roberto apresentou que suas expectativas foram alcançadas, porque pode conhecer novas culturas e também as maneiras distintas que as pessoas tinham de pensar e de se “saludar” (cumprimentar).

Em geral, pode-se perceber que as expectativas foram atendidas e passamos para o tema do intercâmbio acadêmico e o fato dos participantes logo retornarem para casa. Neste momento, Sofia atualizou que havia conseguido renovação para mais um semestre. Pedi que ela, em conjunto com os outros participantes, tentasse resumir o que aquele período de intercâmbio significou.

Para Tiago foi como o que ele escreveu na atividade “o que é ser estrangeiro”:

[...] é isso que eu...acho que foi aprender muito...mas não no âmbito acadêmico...não só no acadêmico...se não é...em relacionamentos com, com pessoas...conhecer outra cultura... [...] e também aprender de mim e conhecer a me...a mim, (risos). [...] Quando eu ‘to’ sozinho, como que eu faço as coisas...eu ‘estoy’ pra isso...pra...porque eu não morava sozinho no Chile...eu morava com a minha família...e mais fácil também... [...] não teve um ‘gran’ problema com isso, mas se deu para ver como eu sou... (Tiago).

Roberto se identificou com o que o colega afirmou e adicionou que foi muito interessante o intercâmbio acadêmico: uma experiência única. Além de conhecer outro país, culturas e pessoas, foi também ver se poderia viver sozinho. Mei comentou que o intercâmbio acadêmico foi muito “*engraçado*”:

[...] Sim, acho que é...o intercâmbio é...ser...aprender a ser independente...[...] ser mais aberta...preciso mais forte, (risos). Ser mais forte. [...]Preciso resolver problemas, hum, sozinha...hum, na verdade, eu prefiro resolver problemas sozinha...[...] a ter mais experiência...sim, talvez, às vezes minha [...] pode te ajudar...[...] e...ser aberta a...sim...eu, aqui no Brasil, eu encontrei muitas situações diferentes da minha cultura...eu preciso ser mais tolerante... [...] Ser mais...eu tenho que aceitar as...a...os pontos diferentes... [...] Tenho que respeitar os outros...outro tipo de cultura... [...] sim...mesmo, mesmo às vezes, eu não, é, eu não concordo, mas [...] é, eu respeito. [...] E também foi a minha primeira viagem fora da China... (Mei)

Mei ainda comentou ter aprendido a ser mais econômica, independente e mudou “muitas coisas além da língua portuguesa”. Sofia apreciou o comentário da colega, percebendo que a própria experiência era muito parecida com o que Mei abordou. Sofia, antes

de iniciar o intercâmbio, visitou o Brasil em 2013 e este foi o período em que conheceu a USP. Decidiu voltar em outro momento para estudar ali.

Ela mostrou que a sua experiência a partir de então estava sendo muito boa, pois as suas expectativas acadêmicas estavam completas. Teve a oportunidade de realizar outras aulas, o que trouxe mais conhecimentos do que quando chegou. Em relação às pessoas que conheceu, pode criar laços. Particularmente, Sofia era muito independente e naquele momento ela gostava de poder desfrutar disso. Assim, ela comentou como os outros, que estava satisfeita, porém sabia que poderia ter mais, por isso havia decidido ficar mais um semestre.

Neste encontro, perguntei aos participantes também sobre como eles imaginavam o seu retorno para casa e quem estaria os esperando no aeroporto. Roberto apresentou que a sua universidade no Peru sempre fazia muita propaganda sobre os intercâmbios, então ele poderia sair na televisão. Quando viajou para o Brasil, sua mãe comentou que ele havia saído no periódico da universidade. Porém, Roberto não gostava deste tipo de propaganda.

Tiago comentou que não sabia ainda qual data iria voltar ao Chile, já que antes faria uma viagem a outros lugares do Brasil. E Mei apresentou que seus pais iriam aguardá-la no aeroporto. Perguntei ainda se as pessoas iriam notá-los diferentes e Tiago, Mei e Roberto comentaram sobre os aspectos físicos, como cabelos e peso. Depois, questionei mais especificamente sobre o jeito de ser e Sofia apresentou que eles poderiam falar do que ela fez de novo e ainda pensou sobre o fato de não estar trabalhando. Mei comentou que iria dar um abraço nos pais, apesar de na China eles não fazerem isso.

Ao final do encontro, realizei uma última pergunta a respeito do que conheceram do Brasil e se algo seria levado simbolicamente com eles neste retorno. Roberto comentou sobre a diversidade no Brasil: das pessoas que via na rua e o fato de o Peru ser um país muito conservador, especificamente, a sua cidade em que os valores eram muito rígidos. Tiago, por sua vez, comentou que levaria a música consigo e o fato de estar mais comunicativo. Apesar de não gostar de falar, como precisava se comunicar, teve que se expressar mais. E por fim, também levaria a “alegria” e a tranquilidade das pessoas que conheceu. Os participantes ainda comentaram sobre a comida do restaurante universitário e sobre livros. Sofia não sabia ainda o que levar desta experiência, porém quanto aos estudos ela já tinha certeza. E Mei abordou a possibilidade de compartilhar a sua experiência com seus amigos da China.

Aproveitei este momento para agradecer a todos pela participação na pesquisa, pelo compromisso com as atividades e pela comunicação realizada no idioma português. Sofia comentou da minha paciência, e Mei e Tiago concordaram com isso. Sofia apresentou ter gostado dos encontros, porque eu sempre encontrava um jeito de fazer “as coisas” mais

simples e isso era uma “coisa boa”. Para ela, “de maneira inconsciente”, eu guiava o grupo. A participante ainda agradeceu pela consideração com eles da participação na pesquisa. Mei também realizou um agradecimento: “*você me faz, ahn, entender alguma coisa...ah...muitas coisas que eu não percebia antes...por exemplo nas interações entre amigos...e, conflitos culturais...e fazer trabalho em grupo...muito bom! (Risos)*”. Após estes comentários, encerrei o encontro e combinei com os participantes de depois agendar as últimas entrevistas. A entrevista final de Tiago seria logo em seguida.

Em complemento ao processo grupal, as entrevistas finais forneceram uma reflexão sobre a pesquisa como um todo. A seguir, apresentarei, em resumo, o conteúdo de cada uma delas.

3.2.3 Entrevistas finais

As entrevistas finais seguiram o mesmo roteiro semiestruturado utilizado no primeiro grupo. O roteiro fundamentou o andamento, mas houve novas perguntas de acordo com o contexto de cada sujeito, especialmente nas entrevistas de Akemi e Maria, as quais haviam faltado ao último encontro. Todos os participantes receberam um pequeno *feedback* sobre a sua participação. Em ordem cronológica, apresentarei abaixo uma breve descrição dos pontos salientados pelos sujeitos sobre a pesquisa.

3.2.3.1 Participante Luna

Esta entrevista ocorreu no mesmo dia que o sétimo encontro do grupo, pois na semana seguinte Luna já estaria de volta ao seu país. A participante comentou que participar do grupo foi “muito legal” e que nas últimas semanas em que ia aos encontros se programava para isso. Sabia que independente da atividade que fosse realizada, ela teria algo de proveitoso para si. Esta ideia foi ficando forte quando depois no grupo, começaram a interagir com as outras culturas chinesa e japonesa. Por ser estudante de História, Luna considerava muito interessante saber sobre Mei e Akemi.

Comentou ainda que poder falar sobre a sua experiência de intercâmbio acadêmico, em um grupo formado por intercambistas, era diferente do que falar para sua família e amigos. A vivência com os outros participantes era comum e eles estavam em um momento

para poder falar de tudo isso, concretizando tanto em palavras, quanto em desenhos sobre a experiência.

Como a participante não pode estar presente no primeiro encontro do grupo, não pode expor as suas expectativas quanto à pesquisa nesta etapa. Nesta entrevista, ela apresentou que a princípio como possuía problemas com o idioma e sentia muita saudade de seu país, família e namorado, ela comparecia ao grupo com a expectativa de comentar sobre isso e ver se compartilhava as mesmas coisas que os outros colegas.

Uma outra expectativa era também ver se se sentiria melhor. Ela acreditou que conseguiu alcançar isso, mas também ganhou algumas “outras coisas” que a fizeram ver o intercâmbio de maneira diferenciada, com mais energia: “[...] *Eu tenho expectativa, mas a realidade superou a expectativa. [...] Sim, eu nunca imaginei que poderia aprender tanto como num grupo assim...*”

Luna também realizou reflexões a partir da pesquisa: aprendeu a valorizar melhor as “coisas” que viveu no Brasil e passou a ver o lado positivo:

[...] Então, claro “quicás”, eu não gostava da comida...mas é, era algo novo pra mim...como tratar de “valorar” esse momento, esse presente, que apesar de que tive muitas dificuldades... “hace” tudo isso, é como...é algo que “solo” eu estou vivendo...[...] então era como...como que o grupo ajudou para fazer essas coisas...que antes eu contava [...] como “ruins”...eu agora conto como “especiais”...especial [...] não sei se podem ser boas e más, mas especiais... (Luna)

Luna enfatizou ter vivido aquela experiência por escolha própria e que, por conta disso, deveria desfrutar. A participante também comentou que o fato da colega Akemi afirmar não sentir tanta falta do Japão, fez com que ela aprendesse que nem todos sentiam saudade da mesma maneira. Isso a ajudou a pensar de forma mais positiva.

Perguntei a Luna se teria sido diferente o grupo com a presença de alunos brasileiros e ela respondeu que sim. Em sua opinião, não teria sido um grupo tão aberto e sincero:

[...] é, porque...a compartilhar as mesmas coisas...independente que foram outros países, como que é...você simplesmente fala... “es” como que não tem preconceito...só fala...e...mas se viessem, por exemplo, brasileiros e eu queria falar “eu não gosto disso, eu não [...]” Então, eles também é um pouco, como que... “una situacione” incômoda...[...] não “es” como que...eu fizesse igual...de igual jeito...eu [...] falar...porque eu penso [...] e ademais também o que dificulta é...é o tema do idioma...porque se viessem brasileiros... “ellos” mesmo falavam rápido...em sua língua, “es” como “su” língua [...] em câmbio a nós, é...como “tudos” nós tenhamos uma língua diferente...[...] falávamos em português...muito ruim, (risos). [...] e muito devagar [...] então, era mais fácil de nos entender... (Luna)

Ao final deste trecho, Luna se referiu ao entendimento com os outros participantes que também falavam o português como segunda língua. Ao abordar isso e as situações incômodas que poderiam ter sido geradas no grupo, se tivessem tido brasileiros, Luna também mostrou que eles não teriam a mesma liberdade. Por outro lado, ela também percebeu que poderia ter sido positiva a presença deles ou de mais amigos brasileiros para sair, conhecer outras “coisas” e a própria cultura.

Luna não considerou que o fato de eu ser brasileira tenha influenciado na pesquisa, pois acreditava que como pesquisadora, eu já estava com a mente mais aberta. E a minha intenção era vista no momento de falar mais devagar ou de explicar melhor as “coisas”, como que uma disposição para que as “coisas” funcionassem. Para Luna, isso fez com que o grupo fosse mais fácil e tivesse mais confiança. Ela não sabia se um estudante brasileiro faria isso.

Em relação aos encontros, o que a participante mais gostou foi de poder ouvir as outras culturas. E também no último encontro ela comentou que fazer o desenho, por mais que não gostasse, foi um bom método para concretizar as “coisas”. Ela mencionou a vez em que comentou sobre a sua facilidade em escrever e o quanto os desenhos demandaram muito de sua mente. Apesar disso, eles a ajudaram a chegar em um conceito e isso mudou a sua ideia sobre realizá-los. Percebeu que o desenho poderia ter uma finalidade melhor que escrever ou falar.

Quando questionada sobre o que não gostou dos encontros, Luna comentou que em muitos no início, eu lembrava o que havíamos feito ou discutido. E ela considerou que isso levava muito tempo e, em geral, já sabia do que eu estava falando. Um outro ponto que ela comentou, porém, ressaltando que não dependia de mim, foi o fato de serem sempre poucas pessoas participantes.

Ela comentou que foi “*legal*”⁴⁸ participar da pesquisa como um todo, pois pode notar o seu crescimento pessoal no Brasil diante das sessões e seus diferentes temas. Percebeu que melhorou a sua pronúncia do português também. Desta forma, se não tivesse participado das sessões, não seria a mesma coisa e ganhou muito ao conversar com as outras pessoas e também a falar em público em outro idioma.

Luna foi questionada se possuía alguma crítica ou sugestão à pesquisa. À princípio ela não sabia o que dizer, mas apontou que seria interessante uma diversidade maior das atividades. Apesar de ter gostado das que foram realizadas, Luna comentou que não sabia

⁴⁸ A participante especificou utilizar muito esta palavra, porque não sabia muitas da língua portuguesa.

dizer se para os outros participantes foi deste modo. Um outro ponto apresentado foi sobre as nacionalidades dos participantes. Acreditava que esta questão não dependia muito da pesquisa, mas comentou o fato de ter três chilenos no grupo (incluindo ela mesma) e o quanto isso pode “fechar” um pouco a comunicação, por conta do modo de falar.

Sua sugestão era que fosse um participante de cada nacionalidade, pois daria para compartilhar melhor e conhecer mais culturas. Luna mostrou que estas questões eram mais gerais, pois a pesquisa foi bem conduzida. Ainda comentou sobre as tarefas. Muitas delas, poderiam ter sido feitas no mesmo momento, porque pelo menos em seu caso, eram fáceis de serem pensadas. E ainda, ao ouvir as outras pessoas, o participante poderia ter tido mais ideias.

Após estes comentários, agradei à Luna a sua participação e a importância do seu *feedback* para o trabalho como um todo. Aproveitei este momento para fornecer uma devolutiva, abordando os aspectos sobre o intercâmbio apontados por ela desde a primeira entrevista, como o período de adaptação com a língua e o fato de estar longe da família. Estes e outros temas contribuíram para o planejamento das atividades e encontros deste grupo, contribuindo ainda na discussão em grupo da relação de cada participante com o seu país. Luna trouxe uma relação forte com sua cultura, família, amigos e namorado, o que condicionou – como ela mesma afirmou – o seu intercâmbio acadêmico.

Comentei sobre a sua entrada apenas no segundo encontro do grupo, o que havia fornecido uma certa preocupação com sua integração. Entretanto, este aspecto foi superado e se percebeu a participante com mais segurança e entrosamento ao longo do tempo. Com o seu retorno para o Chile, Luna comentou que aprendeu a não ter tantas expectativas, mas apesar disso estava bastante ansiosa.

Ao final, apresentou o fato de ter participado até o “*fim*”, mesmo não podendo estar presente no oitavo encontro devido a data de seu retorno. Aqui se percebeu o significado que a pesquisa teve para ela em seu contexto e como ela notava isso para o grupo, em geral. Ela iniciou esta fala mencionando sua entrada no segundo encontro:

[...] Que você falava de ficar à vontade do segundo dia, a melhor mostra de que eu “vênia” porque eu queria, não obrigada, era de que eu vinha até o final...como...porque se uma persona e a maioria ali de grupo, a maioria foi às “secciones”, como a maioria participou, porque o grupo que começou é o grupo que estará terminando [...] apesar de que eu faltava a alguns... “eso” demonstra que afinal é... “todos” é...de que queríamos participar...como que... “quicá” “alguna” atividade não gostou...e tudo isso mas...[...] é...eu acho que para “todos” foi...o encontro era um...a “seccione” era como um momento especial da semana... [...] era

como tudo que eu aprendi...e “fez” e errei na semana... [...] o...o encontro era como para...era como para fechar, (risos)[...] e abrir a outra semana...[...] é...como uma coisa [...] simbólica...[...] E também falar para você isso, só que você fique calma, fique tranquila, (risos)...[...] porque se esse grupo, essas pessoas estão até agora ao final, é porque eu acho que funcionou... [...] eu não sei se funcionou com as expectativas que você “tenia”, ou as metas de sua pesquisa...mas eu acho que como grupo, como nós, foi bom. [...] porque por [...] estamos “tudos” [sic] até o final... (Luna)

3.2.3.2 Participante Tiago

Em sua primeira entrevista, Tiago havia comentado que era uma pessoa mais tímida. Neste sentido, perguntei ao participante como havia sido participar do grupo. Ele apresentou que, nos primeiros momentos, teve mais dificuldade em interagir e era mais tímido, porque ficava observando as pessoas e como as coisas eram, para ver o que e como poderia falar. Ele considerou boa a participação, pois nunca se sentiu pressionado a falar ou incomodado pelos outros. Depois do terceiro encontro (havia faltado ao segundo), já foi normal para ele. Tiago não sabia dizer se isso era timidez de fato, pois o que notava era seu costume de ficar mais “fechado” no início de alguma coisa nova que envolvia outras pessoas.

Perguntei se a pesquisa se desenvolveu da maneira como ele imaginava, e Tiago comentou que não fazia ideia de como seria. Apenas considerou que, baseado em sua experiência, falaríamos sobre determinados assuntos. Porém, na pesquisa foram feitas coisas mais interativas. Tiago pensou que teria mais pessoas, mas a quantidade foi considerada ótima.

Comentou ainda que a participação na pesquisa o ajudou a refletir sobre a sua experiência. Destacou que a atividade sobre “o que é ser estrangeiro” contribuiu para que refletisse mais, porque naquele momento ele precisava escrever alguma coisa e ele já possuía algumas ideias. Deste modo, pode perceber que estava se sentindo satisfeito com as coisas que fez, as que não fez e as que gostaria de ter feito. E assim, pode “ordenar” a sua mente e pensar no seu processo, não apenas como “estrangeiro”, mas também como pessoa.

Em relação ao grupo, para Tiago foi “normal” interagir com pessoas de diferentes nacionalidades, porque muitas vezes permaneceu com as colegas do Chile. O grupo em si não foi difícil e considerou um pouco melhor não ter a presença de brasileiros, já que assim puderam falar sem tanto problema sobre o que pensavam do Brasil. Tiago acrescentou que, às

vezes, quando existe uma pessoa de fora falando sobre o seu país, nem sempre você iria gostar disso.

Questionei então se caso houvesse brasileiros no grupo, se eles teriam comentado da mesma forma sobre os assuntos. Tiago afirmou que poderiam abordar no começo, mas se os brasileiros falassem alguma coisa mostrando que no Brasil não era daquele jeito como eles descreviam, talvez não falassem tanto.

Diante desta resposta, perguntei a Tiago se ele estivesse em seu país e fosse voluntário numa pesquisa com estrangeiros lá no Chile, como seria para ele caso comentassem algo sobre o Chile que não gostasse. Tiago não sabia, mas acreditava que iria explicar as “coisas”. Não era uma pessoa nacionalista, contudo ele iria gostar que o outro entendesse como as “coisas” eram.

Tiago explicou que o fato de eu ser brasileira não o influenciou no grupo, porque a forma como eu me colocava era sempre “*de fora*” na direção e quando eles precisavam discutir algo, eram apenas eles que participavam. Quanto aos encontros, considerou todos “*iguais*”, entretanto lembrou do quarto encontro em que só foram ele, Luna e Mei. Considerou este encontro “*legal*”, apesar de não ter estado bem de saúde no dia, já que foi “muito bom” falar de coisas que não eram problemas. Aproveitei este momento para perguntar sobre os encontros que Tiago não compareceu (foram três ao total). Ele justificou sua ausência por algum compromisso e não porque não quisesse ir.

Tiago comentou que foi bom participar de tudo, porque ele e os outros participantes iam conversando, melhorando também o português, e foi um paralelo entre o que ele ia vivendo e o que ia comentando. Pode conhecer algumas pessoas, culturas e sempre falar de alguma coisa.

Ele considerou o contexto da pesquisa em grupo como mais “*leve*” em comparação com outros em que falariam mais de problemas. Perguntei a Tiago se ele possuía alguma crítica ou sugestão ao trabalho desenvolvido. O participante não sabia e retomou o assunto da timidez, especificamente, estando em outro país. Após, comentou que às vezes achava que eram quase as mesmas coisas que eles precisavam falar em determinados encontros.

Apesar disso, em sua perspectiva era “*bom*”, porque dava para pensar novamente sobre um assunto específico. Assim como na entrevista de Luna e dos demais que serão descritos a seguir, foi realizada uma devolutiva à Tiago, sobre a sua participação. Retomei o tema da timidez, o qual foi muito abordado desde a primeira entrevista e comentei sobre como foi observado o seu entrosamento no grupo. Acrescentando também, que mesmo diante do seu receio inicial, o participante permaneceu até o final da pesquisa e foi participativo.

3.2.3.3 Participante Mei

Mei comentou que foi *“muito legal”* participar do grupo. Pode estudar muito e praticar a língua portuguesa. Conheceu culturas diferentes e pode fazer amizade com os outros participantes. Desta maneira, conseguia naquele momento entender mais as pessoas de outros países, palavras e sotaques.

Questionei a Mei se quando iniciamos a pesquisa ela teve alguma expectativa em relação a como ocorreria. Esta pergunta havia sido feita no último encontro, entretanto como Mei havia sido a primeira pessoa que obtive contato na pesquisa, considerei importante retomar esta questão. Ela achou que a dinâmica no grupo seria de perguntas e respostas e da forma como ocorreu - com jogos, trabalhos e conversações - ela considerou *“muito engraçado”*.

Até então, nunca havia feito, por exemplo, o trabalho do *Mapa-múndi* e a simbolização dos valores do grupo. E isso para ela foi muito diferente, no sentido de *“muito bom”*. Mei não possuía muitas expectativas, apenas seguia realizando o que a pesquisa precisava. Com relação à possibilidade de refletir sobre sua experiência intercultural a partir da participação na pesquisa, Mei comentou que isso foi *“mais ou menos”*, porque em geral haviam discussões no grupo e tinham pessoas que falavam mais do que outras. E, algumas vezes, ela não conseguia se expressar muito bem e escolhia ficar calada. Apesar disso, quando ela percebia que iria conseguir, ela se expressava.

Perguntei se estes momentos em que ficava quieta por não conseguir se expressar, se isso a atrapalhava de alguma forma. Mei considerou que um pouco e deu o exemplo das dramatizações do terceiro encontro. Antes de eu explicar, Mei não conseguia entender o que eles queriam expressar, principalmente na última cena em que foi representada uma situação no ônibus.

Por conta da pesquisa, ela pode pensar mais sobre relações, costumes e diferentes valores. Precisei refazer esta pergunta, porque Mei não havia compreendido com clareza. Para ela, a pesquisa permitiu reflexões, como na atividade realizada no quarto encontro, na qual percebeu os diferentes pontos de vista a respeito do Brasil.

Mei trouxe o aspecto da comunicação em grupo:

[...] *tem, tem, tem...por exemplo, acho que tem “ahn”, dois lados. Um, “ahn”, um lado...tem dificuldade de comunicar...às vezes tem palavras que é...eles sabem, mas eu*

não. Eu não sei, eu não conheço... “hum”, e eles podem usar o espanhol para explicar...[...] entre eles. Mas, eu não consigo acompanhar [...] eu...e no outro lado, acho que...eu estudei mais...sobre cultura deles... “uhum”...e quanto há...hum...sem participação, participação dos brasileiros? [...] hum, acho que tiveram...hum...geralmente só você que, você explicou as situações do Brasil...se tiveram...se tivessem brasileiros acho que vai melhorar a pesquisa, (risos) (Mei).

Mei apresentou ainda que a presença do alunos brasileiros não influenciaria no modo como iria se expressar, porque *“tanto brasileiros quanto o...pessoas de outro... Brasil, país...pra mim é só estrangeiros, (risos)”*. Perguntei se fez diferença no grupo apenas ela e Akemi serem asiáticas. Mei enfatizou que sim e, mais uma vez, mencionou os diferentes modos de cumprimentar que cada um fazia.

Trouxe esse exemplo das diferenças no cumprimento para o dia a dia da participante, perguntando se para ela havia alguma dificuldade de saber como se aproximar das pessoas por conta disso. Mei apresentou situações com amigas em seu curso em que havia um pouco de estranhamento.

Ela considerou que se sentiu integrada com os outros participantes, apresentando que os colegas do grupo eram simpáticos e muito pacientes para explicar algo quanto ela tinha dúvidas. Mesmo em momentos em que os participantes latino-americanos começavam a falar em espanhol, Mei percebeu que eles logo voltavam à língua portuguesa.

Mei afirmou ter gostado de *“tudo”*. Quando aguardava o início de cada encontro do lado de fora do prédio em que marcávamos, ficava pensando que queria participar e começar as atividades. Além de querer se comunicar com as outras pessoas, as quais ao longo do tempo, foram se tornando seus amigos. Comentou ainda que chegaram a criar um grupo numa rede social, com o meu nome, e colocaram a fotos dos valores da atividade do Brásão. Haviam pensado ainda em sair juntos e levar as comidas de cada país.

Mei gostou muito de participar de toda a pesquisa, pois sem esta não poderia ter encontrado e conhecido os demais colegas. A sugestão de Mei foi que a pesquisa tivesse menos participantes no grupo, pois teriam mais tempo para falar. Ela também sugeriu que tivesse tido intervalo, porque sempre ao fim do encontro, ela se encontrava um pouco cansada.

Questionou ainda se esta última entrevista era o nosso último encontro e apresentou que iria sentir saudade. Ao final da entrevista, agradei pela sua participação e sua disponibilidade em aguardar um semestre para poder fazer parte deste grupo. Apresentei que havíamos tido o primeiro contato em outubro do ano anterior (2014), o que já fazia 8 meses.

Afirmar que sua pronúncia e compreensão do português estava diferente e melhor do que no início e abordamos sobre as variações da língua.

Além disso, comentei sobre a importância de estabelecer uma comunicação clara no grupo e Mei apresentou que eu tinha muita paciência. Conversar em português foi um desafio colocado previamente, mas apesar das dificuldades de entendimento em alguns momentos, Mei se integrou com as pessoas e pode conversar. Um ponto que chamou a atenção foi o fato da participante expor no sétimo encontro, de que não havia trabalho em grupo na China. Retomei esta questão e a participante explicou que na verdade existia este tipo de trabalho em seu país, mas era um tipo diferente. Se o grupo tivesse cinco pessoas, por exemplo, cada um pegaria um pedaço da tarefa e depois juntaria ao final. Não havia o momento da discussão em grupo como ocorreu na pesquisa. Mostrei que este tipo de interação também ocorria no Brasil.

Mei, neste momento, estabeleceu uma comparação interessante entre a dinâmica dos encontros e as aulas em seu curso, no que diz respeito a tirar dúvidas. Ela apresentou que nas aulas tinha medo de cometer erros. A alternativa de Mei em sala era tirar suas dúvidas diretamente com os professores. Após isso, abordamos sobre o seu tempo no Brasil e quando retornaria à China. Apresentou que muita coisa havia mudado e, naquele momento, sentia-se menos tímida e com menos medo de falar em público. Também abordou sobre a sua relação com a família e as diferenças com a cultura ocidental. Teve curiosidades quanto à pesquisa e me perguntou novamente o motivo de querer estudar este tema. Após isso, encerramos a entrevista.

3.2.3.4 Participante Roberto

Participar da etapa da pesquisa em grupo, como mencionado no último encontro, foi muito interessante para Roberto, no sentido de conhecer diferentes pessoas de lugares distintos. Na primeira entrevista, Roberto havia comentado já ter participado de grupos de discussão de outra natureza.

Pode realizar reflexões a partir da pesquisa e uma delas foi a possibilidade de não estereotipar as pessoas. Quanto à interação com os outros participantes, Roberto comentou que foi muito interessante e enriquecedor, porque não era sempre que possuía a oportunidade de conversar com pessoas do Chile, México, China e Japão. Ainda mais em um único lugar. Isto para ele era muito raro e, com isso, poderia aproveitar para conhecer a forma de vida deles e suas cidades.

Em sua opinião, o grupo foi melhor sem a presença de brasileiros, porque um brasileiro não teria a mesma dificuldade que ele para falar sobre o Brasil. E, com relação à língua, Roberto achava que o brasileiro poderia falar mais rápido. Apesar disso, a participação de brasileiros não interferiria na forma como ele comentaria a sua experiência.

Com relação aos encontros, Roberto refirmou ter gostado muito das apresentações, de trazer os objetos no segundo encontro e da atividade do *Mapa-Múndi*, pois o mapa era uma maneira de falar sobre a cidade de cada um, seu país, cultura e tradições. E também pode aprender sobre as cidades dos outros colegas. Entretanto, com relação às atividades de desenhar e de realizar uma dramatização, Roberto apresentou que não era muito bom nisso e possuía mais dificuldade. Isso se devia também à vergonha de realizar cenas e apresentou se sentir mais confortável nas outras atividades.

Perguntei se ele se sentiu integrado no grupo e Roberto respondeu que sim: *“Foi como se ‘tudos’ [sic] fôssemos novos e...isso...é como...isso...é qual é a palavra...isso foi mais confortável... conhecer que todas as pessoas passam por isso...e tem a mesma experiência... [...] por isso.”*

Em relação à pesquisa como um todo, Roberto comentou que foi muito bom participar, porque aprendeu muitas coisas de todas as pessoas. Apresentou ainda que ele e os outros participantes pretendiam fazer uma reunião entre eles com as comidas de cada país. Roberto não teve nenhuma crítica ou sugestão à pesquisa, porque como eu havia fornecido um “contrato” (referindo-se ao Termo de Consentimento), eles sabiam todas as coisas que iriam ocorrer na pesquisa.

Diante disso, agradei a sua participação e perguntei ainda se o fato de eu ser brasileira influenciava de alguma forma. O participante comentou que isso ajudou muito, ainda mais porque eu falava devagar e isso facilitou na comunicação. Solicitei que ele resumisse qual significado que a experiência de intercâmbio acadêmico estava tendo, considerando tudo o que foi visto em grupo.

Roberto resumiu ter sido uma experiência tanto boa quanto ruim, de vez em quando. Ele acreditava ter tido assim, porque foi a primeira vez que permaneceu longe de seu país. A experiência também significou conhecer “todas” as culturas do Brasil, morar sozinho e ter uma educação muito avançada em relação a do Peru.

O participante comentou que pensava em, mais para frente, estudar em outro país por um período, assim como o fez no Brasil. Ao ser questionado se notava diferenças em si mesmo desde que havia chegado, apresentou que possuía mais cuidado com as coisas que realizava fora do seu país e também passou a ter uma melhor perspectiva sobre as pessoas. Ao

final, realizei uma pequena devolutiva com pontos que havia observado ao longo da pesquisa. Ressaltei o seu comprometimento com o horário e os temas que ele trouxe a respeito do Peru e seus aspectos culturais.

3.2.3.5 Participante Maria

Como a participante não havia comparecido ao último encontro do grupo, foi necessário realizar mais perguntas para conhecer o seu ponto de vista sobre esta etapa e a pesquisa como um todo. Maria comentou que participar foi algo curioso para ela, pois observou pessoas com muitos pensamentos diferentes, apesar de todos serem estrangeiros.

Maria percebeu que alguns colegas tinham uma ideia muito forte sobre o seu país e ela, por sua vez, não considerava que tivesse uma concepção desta maneira. Ela comentou como exemplo, o encontro em que abordaram os valores e Maria percebeu que não fazia ideia do que dizer. Para ela, foi uma surpresa perceber que não tinha isso muito claro. Percebia que conversava bem com os outros colegas, porém, em termos de prioridades e temas, eles eram muito diferentes do que possuía.

Como a participante abordava isso de maneira muito geral, solicitei um exemplo de tema. Ela comentou que gostava de falar de coisas mais abstratas devido a sua carreira. Esse tipo de conversa ela conseguiu ter com Sofia, por conta das coisas em comum sobre a arte. Contudo, notava que a colega se interessava mais pela arte europeia e Maria, por sua vez, preferia a arte latino-americana.

Maria notou uma diferença maior com Roberto, principalmente na atividade em que eles formaram uma dupla, na qual ela pode ver seu pensamento em contraste com o dele, ao discutirem o tema do “ócio” e sua carreira se fundar a partir disso. Perguntei se as expectativas que possuía no primeiro encontro foram atendidas pela pesquisa e Maria afirmou não lembrar quais eram e como nunca havia participado de uma pesquisa assim, não sabia como seria. Entretanto, uma delas foi conhecer intercambistas diferentes. Aproveitei este momento para mostrar as suas expectativas transcritas no papel e pedi que ela observasse se reconhecia como a dela. Maria comentou que sim e observou que falava a língua portuguesa de uma forma muito “esquisita”.

Acreditava que dentre suas expectativas, não pode conhecer mais sobre Japão e China. Contudo, ela reconheceu que isso não ocorreu, porque ela faltou em vários encontros, não podendo aprofundar e conhecer mais Akemi e Mei. Aproveitei para comentar sobre as faltas,

que no caso de Maria, havia sido em quatro encontros, e perguntei se isso prejudicou o seu conhecimento maior de todos do grupo. Maria percebeu que isso prejudicou bastante e se recordava, que uma vez precisou faltar, porque estava doente. Outras duas vezes foi pelo curso e na última não havia conseguido chegar.

Muitas vezes, ela também pensava que tinha muitas coisas para fazer e ao invés de ir, ela poderia adiantá-las. Questionei se o número de encontros prejudicava a frequência semanal e Maria apresentou que não. A participante comentou que não sentia muita vontade de ir toda semana e foi muito diferente. Ela considerou as atividades um pouco superficiais e queria algo mais aprofundado. Apesar disso, questionei se a sua participação na pesquisa propiciou reflexões e Maria respondeu que sim. Escutar o que os outros pensavam sobre o Brasil, ajudava a observar se era algo parecido ao que ela pensava ou não. E também acreditava que a sua perspectiva havia mudado muito.

Quanto à interação com os colegas, Maria comentou que não foi difícil no grupo. Esta dificuldade ocorreu quando chegou ao Brasil, pois precisou ver as diferenças com o México, e também com os outros países latino-americanos. Ela diferenciava o seu país e o Brasil pelo idioma e considerava que os outros países seriam mais parecidos com o México. Entretanto, quando passou a conviver com os colegas, percebeu que nem todo país latino-americano era igual.

Maria gostou dos encontros na pesquisa em que tinha trabalho em equipe, principalmente da atividade do brasão. Percebia que podia conviver mais e falar sem pensar tanto. O que menos gostou foi ter que se apresentar como fizemos no início da etapa grupal. No geral, participar da pesquisa foi interessante para Maria abrir as suas ideias até em relação à Psicologia, já que nunca havia pensado que a Psicologia pudesse atuar no grupo social.

Maria sugeriu deixar o grupo um pouco mais livre em sua conversa, sem instruções diretas. Ela reconhecia a importância disso, entretanto, sentia que poderia ser um pouco “quadrado”, ainda mais nos primeiros encontros, porque, sentia que nos últimos a dinâmica foi melhor. Questionei se o início tivesse sido um pouco diferente, se isso ajudaria a ela ir com mais frequência, e Maria comentou que sim. Apresentei que este *feedback* era importante, porque nem sempre o que funcionava para uns, iria funcionar para outros.

Para Maria, perguntei especificamente sobre o sentido que a experiência no Brasil possuía para ela até aquele momento. A participante explicou que ajudou muito a abrir a mente. Ela pensava que no México já fosse uma pessoa aberta, mas ao chegar no Brasil foi um choque para ela, as “baladas”, por exemplo. Pensou ainda no convívio com outro mundo, o que fez com que ela percebesse que existiam diferentes tipos de pessoas e que se precisava

aceitá-las como eram. Porém, ressaltou que estava num ambiente universitário e não sabia como era fora disso.

Em sua chegada ao Brasil, notou que precisava se organizar sem os pais e “fazer coisas” que antes não realizava. Também passou a valorizar aspectos do México que antes não percebia, como também, o contrário. Maria comentou que iria voltar para o México e realizar um voluntariado, mas, ao mesmo tempo, queria conhecer outras países, como por exemplo a Colômbia: “[...] *se você viaja e conhece um outro país, e...você nota que tem, tem que sair do seu país para conhecer um outro...*”

Comentou que o que a ajudava a ter essa ideia era que no intercâmbio acadêmico, a pessoa passava a conhecer o que era o país de outra, seus estereótipos e “verdades”. Logo percebeu, por exemplo, que por mais que quisesse fugir do estereótipo de que o brasileiro dançava samba, ele estava dentro de si: “[...] *então se...hum...você tem que sair pra...ir tirando já esses estereótipos que você já tem [...] ‘mui’ no fundo de você [...] porque você não pode pedir para os outros que não te vejam como você não vê e...é...a imagem que vê do país...se você não faz a mesma coisa...*”

Ela também tinha a ideia de que o brasileiro não se reconhecia tanto como latino-americano, porém nunca imaginou que gostassem tanto de *shoppings* ou que São Paulo fosse tão cosmopolita. E acrescentou: “[...] *É...coisas assim que você não sabe até chegar e conviver. Isso. E conviver durante muito tempo...porque também um mês, dois...eu sei que até 6 meses não dá para conhecer... uma cidade...*”

Ao final da entrevista, agradei pela sua participação na pesquisa. Apresentei que todos os *feedbacks* eram válidos para a pesquisa. Havia esquecido de perguntar para a participante de como ela considerava que seria a dinâmica do grupo, caso tivessem alunos brasileiros. Maria respondeu que teria sido melhor, pois a perspectiva sobre o Brasil poderia ter aumentado. O debate poderia ter sido mais profundo. Com relação ao fato de eu ser brasileira, Maria apresentou que isso não os influenciou, pois sempre os deixei comentar o que quisessem e atuava mais como mediadora.

3.2.3.6 Participante Sofia

Sofia comentou ter gostado de participar da pesquisa em grupo. Foi algo novo e considerou como uma “coisa boa”, além do fato de conhecer as pessoas. Desde a primeira entrevista, a participante havia comentado que era uma pessoa mais reservada, gostava de

fazer as coisas sozinhas e não se relacionava com tantos amigos. Retomamos esta questão, pois no decorrer do grupo, estes assuntos foram abordados e Sofia teve um papel de liderança importante na penúltima atividade desta etapa. A participante comentou que, em geral, as pessoas aderiam ao que ela pensava em um trabalho, por exemplo. Quando isso não acontecia, ela e seu grupo conseguiam chegar em um ponto de acordo. Questionei se Sofia gostava de assumir esta posição e ela ressaltou que apreciava apenas quando era algo decidido pelo grupo democraticamente.

Nesta entrevista final, questionei se haviam expectativas anteriores àquelas colocadas em grupo e se a pesquisa como um todo havia atendido a isso ou não. Sofia afirmou que a pesquisa atendeu da maneira que tinha que ser. Foi parte do que ela esperava, mas acreditava que isso era óbvio. Muitas das expectativas foram mudando ao longo do processo.

Sofia apresentou que a pesquisa contribuiu para que refletisse sobre a sua experiência, porque conseguiu perceber algumas coisas do seu jeito de ser, de agir e da sua relação com as outras pessoas: “[...] *mais ainda agora eu sei que sou muito independente...mas, que eu gosto também de algumas vezes, de...dessa interação com outras pessoas...de conhecer...*” Algumas de suas reflexões, ela já possuía previamente e os encontros em grupo ajudaram a reforçar a sua opinião. Um dos pontos reforçados, foi a sua independência em comparação com a de alguns dos seus outros colegas.

Por conta de a participante ter escolhido realizar o intercâmbio no final de sua graduação, perguntei se esta tido sido uma escolha mais madura do que se fosse fazer o intercâmbio antes. Sofia comentou que poderia ser, pois desde o momento que entrou para a universidade, ela se dispôs a fazer o intercâmbio. Apesar disso, acreditava que “*muita coisa acontece no tempo que tem que ser*”. No final desta fala, Sofia concluiu que havia sido uma decisão madura e ela poderia observar isso na própria experiência.

Quanto à interação com pessoas de diferentes nacionalidades, Sofia comentou que, algumas vezes, havia sido uma “coisa louca”, porque como o grupo teve pessoas do seu país, em muitos momentos, ela falou em espanhol e aí percebia que haviam outros que não falavam a sua língua. Um outro ponto foi a paciência com as outras pessoas. Perguntei a Sofia sobre como seria o grupo caso tivesse alunos brasileiros e a participante respondeu que seria um pouco mais fácil, porque eles falavam o idioma e poderiam ser uma referência para falar determinadas palavras.

Sofia comentou que gostou mais das atividades que precisava falar, porque foi uma oportunidade para praticar o idioma, expressar-se e também para conhecer as outras pessoas.

Tais atividades foram melhores que as em que elaboraram desenhos ou realizaram jogos, por exemplo. Sofia defendeu que “falar” era a melhor forma de conhecer uma pessoa.

Para a participante, a pesquisa foi tudo o que abordei na primeira entrevista e acreditava que um pouco mais também. Em relação ao que foi desenvolvido, Sofia comentou que talvez tivesse gostado mais da pesquisa, se tivesse sido um pouco mais ativa por parte dos participantes. Ela não classificou isso como uma crítica à pesquisa, mas algo que observou do grupo. Em sua opinião, se a pessoa se colocou a participar de uma pesquisa voluntária, a intenção era participar. Sofia se incomodou de ter que falar primeiro em muitos momentos. Ela gostaria que tivesse uma interação maior no diálogo. A direção do grupo de minha parte foi percebida como “muito boa” por Sofia e as instruções foram muito claras.

Sofia comentou ainda que a experiência da pesquisa havia sido “muito boa” e considerou uma área muito interessante, a de conhecer a experiência do *“ponto de vista do intercambista”*: [...] *faz muita ‘diferencia’...desde o ponto de vista dos estudantes, de uma pessoa que é do país...estudantes do país...e tentar conhecer isso. Então, [...] eu acho que é uma coisa muito legal”*.

Neste momento final da entrevista, agradei a participação e disponibilidade da participante. Comentei sobre o acompanhamento do processo do intercâmbio acadêmico que a pesquisa acabava realizando, bem como da adaptação de Sofia e dos outros participantes ao país, à universidade e outros fatores. O intercâmbio de Sofia, ao final do semestre, foi prorrogado para o restante do ano e isso alterou o seu retorno e alguns pensamentos que possuía

Foi realizado ainda, um pequeno *feedback* sobre a sua participação. Observou-se que a participante apresentava colocações maduras sobre o que pensava e não apenas sobre o que a pesquisa queria saber. A respeito disso, Sofia afirmou que a sua ideia era diferente. Ela não veio para ser turista, mas sim para fazer “uma coisa a mais” e desfrutar do processo. Como a participante era a mais velha do grupo, conforme apontei neste momento, Sofia acreditava que a sua diferença com relação aos outros participantes poderia ser por conta disso.

Complementei que esse poderia ser um fator, assim como o fato dela estar realizando o intercâmbio no final do curso, o que poderia facilitar determinadas reflexões sobre o que fazer depois disso. Também abordei sobre a forma como ela se colocou em seu jeito de ser no grupo e como lidou com a questão da liderança. Em muitas atividades, mesmo nas mais difíceis, assumiu esse papel. Para o grupo, foi uma escolha importante na execução das atividades. Sofia agradeceu pelo *feedback* e perguntou quando os resultados da pesquisa

sairiam. Comentei sobre o prazo para a entrega e Sofia apresentou que gostaria de conhecer o resultado, pois achou muito interessante.

3.2.3.7 Participante Akemi

Como esta participante não compareceu ao último encontro, foram realizadas mais perguntas que contemplavam a etapa da pesquisa em grupo. Akemi gostou dos encontros em grupo, porque foram atividades diferentes do dia-a-dia. Abordaram muita coisa sobre a América Latina, os países de cada participante em geral e pode ainda, conhecer muitas coisas sobre o Brasil e pensar mais no Japão. Akemi percebeu que precisava estudar mais a língua portuguesa, porque às vezes não conseguia entender o que eu perguntava ou o que os participantes abordavam. Além disso, teve dificuldade em explicar a sua própria opinião.

Perguntei se estes momentos de dificuldade aconteceram muito no decorrer do grupo e Akemi comentou que não, fornecendo uma porcentagem de 30% para isso. Apresentou que as perguntas eram às vezes amplas e não muito concretas. Depois disso, conversamos sobre as suas expectativas em relação ao grupo e à pesquisa como um todo. Relembrei a atividade do primeiro encontro em que vimos isso e trouxe a expectativa de Akemi impressa.

Conforme a sua expectativa, afirmou que a troca de muitas informações sobre os outros países aconteceu mesmo. Também manteve contato com os outros participantes por um grupo que ela mesmo criou numa rede social. Apesar disso, a ferramenta não funcionou bem, pois Luna já tinha ido embora e não fizeram festa de despedida. Em relação à pesquisa ter proporcionado ou não reflexões sobre a sua experiência, Akemi começou a pensar mais em “coisas” do que antes. Ela também pensou sobre as diferenças com as outras culturas.

Em relação à interação com pessoas de diferentes países neste grupo, Akemi comentou que, no seu caso, teve o problema da língua na comunicação. E os participantes, com exceção de Mei, falavam espanhol como língua materna. Então possuíam o sotaque e ficava mais difícil. Apesar disso, Akemi comentou que os seus colegas do grupo faziam a tradução das palavras para facilitar o seu entendimento, caso utilizassem algum termo em espanhol.

Quanto aos encontros do grupo, Akemi comentou ter gostado muito da atividade do brásão, porque conversaram muito e trocaram opiniões. Além disso, ela gostava de desenhar. Também mencionou a atividade da percepção do intercâmbio (sexto encontro), em que realizou um desenho sobre a sua experiência. Gostou muito disso e de ter visto como cada pessoa havia descrito a experiência com formas diferentes.

Para Akemi, foi “muito legal” participar de toda a pesquisa e trocar opinião com os outros. Quando viu o cartaz de divulgação, ficou com muita vontade de participar e enviou a mensagem logo por conta disso. Às vezes tinha preguiça de ir aos encontros, mas quando entrava e encontrava as pessoas, sempre era “legal”. Como a participante estava retornando logo ao Japão, perguntei sobre o significado da sua experiência. Akemi comentou sobre uma abertura, no sentido de que até esta experiência ocorrer, não sabia tanto sobre o Brasil.

Quanto à pesquisa, não apontou críticas ou sugestões. Apenas queria saber quanto ao resultado. Ao final da entrevista, agradei pela sua participação e disponibilidade principalmente em relação à comunicação em português no grupo. Comentei sobre o cuidado que procurei ter com o uso das palavras para que ela pudesse entender. Akemi apresentou que sentia um pouco de vergonha quando não estava compreendendo algo, mas sempre foi ajudada pelo grupo. Ressaltei a importância da sua perspectiva para pensar a experiência intercultural. Relembrei ainda o exemplo do “cumprimento” que era sempre abordado pelo grupo. Akemi apresentou que no início do grupo, ao conhecer as nacionalidades dos participantes, achou que não teria muita diversidade e ficou um pouco desanimada. Porém, no decorrer dos encontros “*sumiu esse sentimento*”.

3.2.4 Análise do segundo grupo: da dinâmica relacional estabelecida às categorias problematizadas

A descrição da intervenção realizada com o segundo grupo desta pesquisa, desenvolvido no primeiro semestre de 2015, possibilitou conhecer o que ocorreu em cada encontro e os temas abordados diante das questões da pesquisa. É importante mencionar de antemão, que diferentemente do primeiro grupo, como se pode ver na descrição, este segundo contou com a participação de 7 sujeitos, sendo 5 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. Dentre estes: 3 eram do Chile; 1 da China; 1 do Japão; 1 do México e 1 do Peru.

Além disso, outros aspectos relevantes foram distintos como: a frequência dos participantes, a entrada da participante Luna no segundo encontro e o acréscimo de um oitavo encontro para este grupo. Quanto ao número de faltas, estas foram maiores do que em relação às do primeiro grupo, conforme se pode ver no Quadro 6 abaixo que apresenta a frequência a cada encontro:

Participantes por encontro (Nomes fictícios)	1º encontro	2º encontro	3º encontro	4º encontro	5º encontro	6º encontro	7º encontro	8º encontro
Mei	X	X	X	X	X		X	X
Akemi	X	X	X		X	X	X	
Luna		X	X	X		X	X	
Tiago	X		X	X			X	X
Maria	X		X		X		X	
Sofia	X		X		X		X	X
Roberto	X	X	X		X	X		X
Total por encontro	6	4	7	3	5	3	6	4

Quadro 6 – Frequência dos participantes por encontro/2º grupo.

Com este quadro, podemos perceber que nenhum dos participantes foi a todos os encontros. E, apenas um encontro contou com a presença dos 7 membros. A participante que teve a frequência maior foi Mei, a qual compareceu a 7 dos 8 encontros; seguida de Akemi e Roberto que estiveram presentes em 6 encontros; já Luna, Tiago e Sofia participaram de 5; e por fim, Maria em 4 encontros. O encontro em que todos estiveram presentes foi o terceiro, seguido do primeiro e do sétimo que contaram com 6 pessoas.

As faltas tiveram justificativas relacionadas a compromissos com o curso que realizavam no intercâmbio; motivos de saúde; visita de algum familiar ou amigo próximo; dentre outros como “esquecimento” e escolha por outra atividade para fazer no dia. A participante Luna estava confirmada para o primeiro encontro, porém teve um imprevisto e só pode comparecer a partir do segundo. Por conta disso, foram organizadas mais atividades de integração de modo à Luna se incluída no grupo. E, em virtude do seu retorno para o Chile, ela só pode comparecer até o penúltimo encontro, conforme abordei na descrição deste grupo. Por fim, considerando o número de participantes e o tempo disponibilizado para a intervenção, foi possível adicionar mais um encontro ao cronograma.

Com estes fatores devidamente explicitados, na análise deste segundo grupo se percebem, no plano geral, diferentes momentos que marcaram os posicionamentos dos sujeitos em relação às tarefas, seu entendimento e o modo como se comunicavam. A relação eu-outro neste contexto foi se estabelecendo a partir da dinâmica dos papéis desempenhados pelos participantes tanto no nível grupal quanto no dramático.

Quanto à evolução do processo grupal (Fonseca Filho, 2008; Nery, 2010), observa-se que do primeiro ao terceiro encontro, ocorreu um período de horizontalização: marcado por demonstrações de ansiedade e receio dos participantes quanto ao que seria proposto e a como

a dinâmica grupal iria ocorrer. De acordo com a transcrição dos dados, percebeu-se que a intensidade destas reações foi diminuindo até o terceiro encontro, de modo que neste especificamente já se percebia o grupo mais à vontade. O que já poderia mostrar uma possível mistura com a fase a que Fonseca Filho (2008) definiu de “reconhecimento grupal”.

De uma forma ou de outra, até o terceiro encontro houve a proposta de realizar atividades de integração e conhecimento entre os participantes, o que se configurou na apresentação em duplas (primeiro e segundo encontros); na abordagem sobre a própria cidade e país com a atividade do *Mapa-Múndi* (primeiro e retomada no segundo) seguida dos objetos trabalhados no segundo encontro; e na apresentação sobre si mesmo, a partir daquilo que cada um percebia que era, seguido do que não era e gostaria de ser (terceiro encontro)

O terceiro encontro, especificamente, foi importante pela atividade de *role playing*, na qual os participantes representaram situações vividas no Brasil que se relacionavam aos valores. Tratou-se da primeira tomada de papéis em dramatização pelos membros do grupo e também fora dele, com exceção de Akemi que já havia realizado teatro tradicional no Japão. Sobre esta apropriação dos papéis selecionados por eles e seu desempenho ao longo dos encontros, iremos tratar mais adiante.

Por ora, é digno de nota observar que o terceiro encontro pode ser situado como um momento de transição do processo de indiferenciação, que caracteriza este início, para a diferenciação horizontal (Nery, 2010), ou como Moreno abordava a “verticalização”: marcada pela percepção de si e do outro no grupo, o que se identificou principalmente no quarto e quinto encontros. Observou-se que nestes encontros, os membros possuíam uma maior interação e colocavam mais livremente as suas opiniões, embora se restringissem, muitas vezes, às instruções da direção e, desta forma, o diálogo sobre os temas não era mantido por muito tempo sem a minha interferência.

No quarto encontro, particularmente, notou-se limites para a dramatização das situações vividas, o que se deu tanto devido à língua quanto ao significado da representação da cena para o participante. Sobre o primeiro aspecto, de um modo geral, a comunicação entre os membros do grupo possuiu limites devido à língua portuguesa. Apesar de ter sido uma escolha prévia da pesquisadora, em comum acordo com todos os sujeitos da pesquisa, neste grupo especificamente, o idioma interferiu na comunicação, seja por uma questão de vocabulário dos participantes até no entendimento de termos que se confundiam com a língua espanhola (comum a cinco dos sete membros do grupo). Assim, eram necessárias muitas explicações sobre as atividades e, ainda, a mediação da fala dos participantes para que esta pudesse ser compreendida por todos.

Observou-se ainda neste quarto encontro que, devido ao número de participantes e ao clima do grupo neste dia aliado à atuação da pesquisadora (que não estava em um bom estado de saúde), as cenas dramatizadas não tiveram um objetivo claro para os participantes. Não poderia generalizar esta questão a todos os presentes. No caso de Mei a dificuldade veio na compreensão das instruções; para Tiago, veio da recuperação de uma gripe; e Luna comentou que não teria o que dramatizar, em sua opinião, sobre a cena. Demarcamos o cenário, quem estava lá, mas não passamos disso.

Por outro lado, no âmbito da discussão, observou-se um mútuo interesse dos sujeitos da pesquisa em trocar as suas experiências e definir comparações com os seus países. Houve uma predominância da abordagem de Luna sobre os assuntos na discussão, mas esta foi autorizada e reforçada pelo próprio grupo.

Já no quinto encontro, em que estiveram presentes cinco dos sete participantes, pode-se observar mais a fase do reconhecimento grupal e de uma possibilidade de se colocar no lugar do outro. Neste encontro como já mostrado na descrição, trabalhamos com a atividade “o que é ser estrangeiro” e o átomo social do intercâmbio acadêmico para cada participante. Apesar de não termos dramatizado este último, o compartilhamento sobre o átomo de cada um, proporcionou que os participantes percebessem as próprias relações desenvolvidas no Brasil e as dos colegas. Esta dinâmica para o grupo colaborou para uma maior identificação entre os membros e ainda, permitiu observar como eles se viam enquanto estrangeiros, ponto fundamental para a atuação no papel de intercambista. Entendendo estas duas atividades como complementares e fundamentais para a reflexão sobre o papel de intercambista, iremos abordá-las separadamente mais adiante.

Seguido a este encontro, tivemos o sexto que se constituiu como o mais atípico de todos. Com apenas três participantes, o encontro até o seu final, terminou com dois, por conta da saída de Roberto para assistir a uma aula. Diante desta dinâmica, foi organizada uma atividade de “percepção do processo de intercâmbio” com o recurso do desenho como expressão simbólica. Novamente, as perspectivas de cada participante foram trabalhadas em grupo e eles puderam identificar pontos em comum e diferenças. A atividade foi recebida de uma maneira positiva pelos participantes, o que aponta também para um bom nível de interação entre os mesmos.

Na passagem para o sétimo encontro, pode-se notar uma mudança na dinâmica grupal por meio da atividade do “Brasão de valores”. De antemão, esta atividade já possuía um nível de dificuldade esperado. Apesar disso, observou-se que todos os participantes auxiliaram de formas variadas a sua execução, e pudemos notar que o grupo acabou elegendo Luna e Sofia

como líderes. Esta eleição ocorreu naturalmente enquanto definiam como seria feito o brasão. Sofia começou a desenhar algumas ideias para o grupo e Luna foi complementando e organizando com os outros participantes a partir do objetivo comum.

É importante destacar neste ponto, que as posições de liderança nesta atividade expressaram o que já se observava ao longo do processo grupal. Estas participantes já vinham se destacando em discussões e outras atividades. O conteúdo que apresentavam, em muitos momentos, conduziram a discussão a determinados temas, como por exemplo, no terceiro encontro quando apresentaram a comparação entre Brasil e Chile na questão do tratamento à mulher.

Voltando à atividade do Brasão, houve por outro lado, bloqueios na comunicação grupal, quando os participantes latino-americanos definiram no idioma espanhol aspectos da atividade, pois era mais fácil para eles deste modo. Desta forma, como já apresentado na descrição, Akemi e Mei não puderam compreender a discussão. Apesar disso, não precisei intervir para incluir as participantes novamente na atividade, pois o próprio grupo, percebendo a situação, voltaram a falar em português e traduziram a ideia discutida. Isso nos leva a inferir sobre um bom nível de coesão grupal, o qual possibilitou uma conscientização e mudança de atitude para com as participantes que não falavam espanhol. A respeito disso, Ramalho (2011) mostra que esta conscientização também faz parte do processo sociopsicodramático, o qual não busca apenas alternativas para soluções práticas e reais.

É importante ressaltar, que desde a formação do grupo, havia uma possibilidade de isolamento devido à proficiência da língua portuguesa por parte de Mei e Akemi, únicas participantes que não eram latino-americanas e que possuíam dificuldades em se comunicar. Entretanto, à exceção da atividade do Brasão na qual houve este episódio específico, o isolamento no processo grupal não ocorreu.

Observou-se que o grupo acolheu esta dificuldade e com o meu papel de mediadora foi possível lidar com os desafios de entendimento e tradução das palavras utilizadas. Um outro fator que contribuiu para este quadro, era que havia uma disponibilidade dos participantes ao contato com o outro no grupo. Isso não impediu momentos de dificuldade e incompreensão, mas deu clareza aos desafios que o grupo possuía. Um exemplo disso foi ao estabelecer o “contrato do grupo” no final do primeiro encontro, a participante Sofia apresentou a importância de todos serem “pacientes” entre si. Neste momento, ela se dirigiu especificamente às participantes Mei e Akemi pedindo que elas comentassem, quando não estivessem entendendo algo ou pedissem para os outros falarem mais devagar. Esta negociação não se restringiu a este primeiro encontro. Ao longo do processo grupal, Mei e

Akemi sinalizavam quando não entendiam algo. E, quando os participantes latino-americanos não conseguiam achar um significado correspondente em português, solicitavam a minha mediação.

Com esta observação sobre o processo grupal, a atividade do Brasão pareceu expressar o momento de *diferenciação vertical* do grupo, no qual pudemos observar papéis mais definidos e relações de poder. Embora não tenhamos trabalhado com a “inversão de papéis” e as demais técnicas psicodramáticas para um aprofundamento no contexto dramático das relações e temas, podemos inferir que esta atividade simbolizou uma identidade grupal.

Seria talvez forçoso inserir estes momentos de interação do grupo, nas fases que Fonseca Filho (2008) apresenta, contudo é possível inferir sobre esta identidade grupal, ainda mais quando todos os participantes da atividade do brasão se sentiram representados com a mesma. É válido retomar ainda que nesta atividade, Roberto não pode estar presente, contudo, o grupo o incluiu com a representação da bandeira do Peru e do valor que eles consideravam correspondente ao mesmo. Roberto pode ver a atividade no processamento do último encontro e gostou do seu resultado.

Apesar da dificuldade em realizá-la em grupo, consideraram divertido fazerem o Brasão todos juntos. Assim, esta atividade ao ter sido estabelecida no penúltimo encontro, gerou reações positivas dos participantes em relação à integração e a como percebiam os valores do grupo.

O último encontro, mesmo sem a presença de Akemi e Maria, trouxe a leitura que o próprio grupo realizou sobre a sua dinâmica. A retomada das atividades desenvolvidas, bem como das expectativas dos participantes, possibilitou refletir sobre esta experiência na pesquisa e sua relação com a experiência do intercâmbio. Nas representações feitas pelos membros, eles puderam encenar momentos do grupo no início e no fim: um clima de tensão inicial que deu lugar à tranquilidade na relação entre todos. Houve um reconhecimento de como eles iniciaram esta etapa, suas expectativas e como diferenciaram cada atividade.

Desta maneira, consideramos que os períodos pelos quais um grupo passa, podem surgir de diferentes formas, ritmos e nem sempre seguir uma linearidade com o passar dos encontros (Nery, 2010). Pois, os avanços e retrocessos, bem como os conflitos e resoluções podem existir tanto em um mesmo encontro quando no decorrer do processo.

Apesar de não terem ocorrido desistências, percebeu-se que Maria se colocou mais à margem do grupo. Ela faltou à metade dos encontros e alternadamente. Em sua entrevista final, afirmou sua falta de comprometimento com a etapa grupal, mas também apresentou uma situação em que teve uma discussão com um colega pelos seus pontos de vista diferentes.

Tal situação contribuiu para a sua ausência, juntamente com a concepção de que certas atividades eram pouco aprofundadas.

É limitado poder analisar a sua posição no grupo apenas com estas informações, mas é interessante perceber uma certa ambivalência no comportamento de Maria, pois mesmo diante destes aspectos que não gostou, ela não desistiu de participar. Em termos de coesão grupal, não se observou nos encontros, um isolamento de Maria. E quando questionada na metade dos encontros, se estava ocorrendo tudo bem e se havia alguma crítica ou sugestão, esta não se pronunciou.

Com esta análise geral do processo deste segundo grupo, notam-se três aspectos que precisam ser aprofundados e que contribuíram para o surgimento das categorias para esta pesquisa: os vínculos desenvolvidos e sua relação com a condição da pesquisa; o alcance da dramatização neste contexto intercultural; e por fim, a reflexão sobre o que é ser estrangeiro e sua relação com o papel de intercambista.

Já vimos com Moreno (1975/2007), Martín (1996) e especificamente na concepção de Bustos (2006), que os vínculos estabelecidos são fundamentais nas relações interpessoais. Sejam como simétricos ou assimétricos, eles possibilitam identificar as especificidades das dinâmicas dos papéis. No grupo desta pesquisa, esta situação não foi diferente: as relações entre os participantes se estabeleceram num nível de simetria, enquanto que a interação dos mesmos com a pesquisadora, deu-se em assimetria.

Desta maneira, foi possível reconhecer o lugar que cada um dos membros ocupava na pesquisa e a visão que eles tinham quanto ao seu próprio papel e o da pesquisadora. Quando questionados sobre isso tanto no último encontro, quanto na entrevista final, os participantes comentaram que percebiam a minha posição de buscar saber o que eles pensavam sobre a experiência intercultural e o intercâmbio, sem julgamentos. Para eles, este contexto da pesquisa era bastante claro: de um lado há um sujeito com perguntas a serem respondidas e do outro, aqueles que se colocavam na posição de colaboradores voluntários.

Entretanto, apesar de este aspecto objetivo perpassar o processo grupal, seu vínculo foi construído por meio das atividades. Especificamente no primeiro encontro, antes mesmo que retomasse o contrato, realizamos a dinâmica da “Teia Grupal”, na qual a cada participante foi solicitado que apresentasse suas expectativas (ou o que esperava que fosse o grupo). Dinâmica em que também pude inserir minhas “expectativas” enquanto pesquisadora e participante, e pudemos mapear os objetivos particulares dos participantes. O grupo pode, a partir deste início, estabelecer suas normas para uma convivência e comunicação agradável. É interessante notar que o grupo me identificava como pesquisadora, mediadora ou ainda

coordenadora. Mas não necessariamente participante. Esta situação, contudo, teve uma exceção, quando no brasão pediram que eu pintasse a bandeira do Brasil.

A realização deste “contrato grupal”, permitiu legitimar um campo da pesquisa em que era possível aos participantes se expressarem como o desejassem, e ao mesmo tempo, levando em conta as especificidades de cada membro, tanto em relação à língua quanto às referências culturais. Analisando este ponto, foi de fundamental relevância demarcar com os participantes os lugares de onde vieram e que características apontavam.

A utilização do *Mapa-Múndi* como mapeamento geográfico, também se estabeleceu como uma espécie de “sociograma” do grupo. Valorizando ainda, o conhecimento dos contextos culturais e do contato intercultural que se desenvolvia no grupo. Assim, ao elucidar os aspectos culturais relevantes para cada pessoa, estes foram problematizados na dinâmica grupal, tanto enquanto temas quanto expressados de maneira indireta nas relações, perpassando o âmbito da comparação entre os países de cada um, e deste com o Brasil.

Ainda sobre o que se analisa a respeito dos vínculos, é fundamental reforçar que não houve a intenção de realizar testes para analisar a estrutura ou a natureza das relações. Desta forma, não iremos adentrar no campo proposto por (Moreno, 1975/2007) de identificação destas relações como télicas ou transferenciais. Acreditamos que a observação das interações entre os participantes não se constitui suficientemente válida para inferir qualquer argumento sobre isso. Por outro lado, foi percebido no grupo a intenção de desenvolverem um contato (muitas vezes mencionado como “amizade”) para além do convívio da pesquisa. Pode ser que este contato não tenha sido mantido por muito tempo ou tenha se restringido a alguns participantes, mas esse dado mostra que a pesquisa possibilitou um campo de troca que foi além das questões por ela objetivadas.

Diante da proposta comum de abordar a experiência como intercambistas, os participantes também puderam vivenciar e refletir sobre este papel, sobretudo, nas dramatizações que perpassaram alguns encontros e na discussão sobre o que é ser estrangeiro, que ocorreu principalmente no quinto encontro. Destaco estes momentos do processo grupal, por reconhecê-los como primordiais para as categorias de análise.

As dramatizações empreendidas em quatro dos oito encontros foram aspectos importantes e específicos a este grupo. No terceiro encontro, elas foram propostas pela primeira vez e forneci liberdade para que os participantes realizassem a cena que quisessem. É importante apresentar que os participantes não tinham experiência prévia com este tipo de atividade. Apenas Sofia mencionou na entrevista inicial já ter conhecimento sobre o psicodrama.

Desta forma, esta primeira dramatização, caracterizada como uma atividade de *role-playing*, proporcionou uma interação maior e um treino da espontaneidade e criatividade. Porém, notou-se algumas resistências para realizá-la, o que ficou evidente na fala de Tiago, o qual assumiu o papel de um personagem que não o agradava. Por outro lado, percebeu-se dificuldades com as instruções para as cenas deste e dos outros encontros, devido à língua. Palavras como “representação” precisaram ser explicadas várias vezes para Mei e Akemi. A compreensão do idioma por parte, especificamente, destas participantes, restringiu o uso de técnicas e também influenciou nas discussões.

Apesar disso, as cenas ajudaram muito à identificação dos sujeitos com as situações vividas no intercâmbio. Assim, no encontro seguinte, objetivei dar continuidade a isso, mas como mencionado, apenas três participantes compareceram. Cada um deles escolheu uma cena para mostrar aos demais, mas estas não foram aprofundadas. Percebeu-se que, com Mei, ocorreram dificuldades em entender as instruções, fato que relaciono com a compreensão da língua. Com este limite, apenas delimitamos o cenário em que a sua situação ocorreu e quem estava presente. Investiguei sobre a importância daquela cena e naquele momento não encontrei um caminho para explorá-la de outra forma. Ao analisar esta situação posteriormente, notei que poderia ter montado a cena de Mei com os outros participantes e assim ter explorado aspectos diferentes.

Quanto à cena de Tiago, observei que as dificuldades foram outras. O participante apresentava resistência para dramatizá-la e neste aspecto, como diretora, senti-me insegura para realizá-la em outra proposta ou até mesmo explorar a cena com a participação do grupo. Este sentimento gerado na conversa com Tiago e aliado à presença de poucas pessoas neste dia, contribuiu para manter o encontro no nível verbal. Por conta disso, a proposta das cenas perdeu gradualmente o seu significado.

No quinto encontro poderia ter dramatizado um átomo social de algum dos participantes, porém acabei optando pelo compartilhamento dos átomos de todos no nível verbal. Ao analisar posteriormente este encontro, observo que foi perdida uma boa oportunidade de trabalho no contexto dramático. Quanto ao sexto encontro, realizou-se uma pequena representação por parte de Luna e Akemi do que as identificava na percepção do processo de intercâmbio. Esta cena foi feita ao final do encontro, conforme consta na descrição, e se percebeu que Luna assumiu a liderança na dupla para conseguir efetivá-la. Fato que relaciono novamente à dificuldade de Akemi com o entendimento do idioma.

Nas dramatizações do oitavo encontro também se percebeu limitações quanto à língua, por parte de Mei, mas também sentimento de “vergonha”, para Roberto por exemplo. Tanto

este quanto Tiago relataram terem se sentido pouco à vontade para isso. Tiago especialmente destacou que determinados temas era mais fáceis de serem abordados verbalmente do que desta forma.

Diante do *feedback* dos participantes do grupo sobre esta questão, levantei algumas hipóteses. Os jogos utilizados a partir do início do grupo (tendo como base o manual desenvolvido por Yozo, 1996), tinham como objetivo a sua integração e a apresentação de seus membros, de modo a tornar o clima grupal mais descontraído e trabalhar com a espontaneidade. As respostas dos participantes a cada encontro sobre isso eram positivas e facilitavam no entrosamento. Por conta disso, é que na terceira semana propus o *roleplaying*. Nesta atividade então apareceram limites e o alcance do grupo e de cada participante. Mas, foi com o decorrer das dramatizações apresentadas acima, que se observou a importância de, em uma pesquisa com grupos, considerar em primeiro lugar a disponibilidade dos participantes para as atividades.

Uma pesquisa acadêmica que utiliza a metodologia psicodramática ou qualquer outra, não deve impor atividades ou técnicas que não estejam condizentes com o grupo (ou levando em conta o seu momento interacional). Diferentemente de um contexto terapêutico em que se estabelece um tempo para a construção da confiança para a abordagem de assuntos pessoais, um contexto criado exclusivamente para uma pesquisa possui um período muito mais curto, com objetivos claros e a participação voluntária dos sujeitos.

Neste grupo analisado, as dificuldades que se apresentaram no campo da ação, interferiram no modo como as dinâmicas foram propostas. Tanto a língua quanto o contexto intercultural da pesquisa foram variáveis fundamentais para a adaptação do conteúdo a ser discutido. Conforme Moreno (1975/2007) apresentou, o trabalho com grupos é de “cocriação” e tendo isso em vista, a atuação no papel de diretora é influenciada pelo grupo e os papéis dos participantes. Por conta disso, percebe-se a necessidade de treinar o próprio papel de diretora neste tipo de contexto.

A própria literatura clássica do psicodrama, já apresentava a importância de refletir sobre as responsabilidades da direção para com o manejo grupal (Moreno, 1975/2007). Encontramos muitas referências sobre estes aspectos no psicodrama contemporâneo, com Perazzo (2010) e Nery (2010), os quais se estendem para um olhar crítico da nossa postura diante do grupo e dos entraves do próprio terapeuta na aprendizagem com pacientes “difíceis” (Vasconcellos, 2007). Com a análise de dramatizações que não atingiram o seu objetivo, que foram a um caminho com pouco significado ou que não foram exploradas no seu potencial, temos uma aprendizagem que permite identificar os limites do diretor e do grupo que

precisam ser trabalhados. Defendo neste ponto que, partindo da premissa da cocriação, não podemos polarizar estas “travas” nem de um lado ou de outro. É a *relação* construída que precisa ser problematizada.

Tendo esta questão no âmbito da pesquisa, como já mencionado, existem trabalhos bastante significativos como a tese de doutorado de Nery (2010), em que conhecemos mais profundamente, por exemplo, o papel do sociodrama enquanto um dos possíveis métodos de ação. No desenvolvimento de um sociodrama público para trabalhar com a temática da inclusão racial, a autora apresenta os pormenores que fazem parte desta leitura para os grupos e que possibilitam o próprio contexto dramático.

Há sem dúvida, um planejamento que, enquanto pesquisadores, precisamos estabelecer, embora permitindo sua abertura a mudanças que resultam da própria dinâmica grupal. Assim, afirma Nery (2010), qualquer plano é um guia inicial e apresenta um dos possíveis caminhos para o encontro no grupo. Deste modo, o seu trabalho levanta possibilidades para o estabelecimento da postura do diretor quando num contexto não-terapêutico, contudo partindo da ideia de uma transformação de um problema identificado. Este talvez seja o ponto em que nos diferenciamos da sua proposta.

Em termos da questão que embasa a pesquisa com os grupos de intercambistas, não tivemos como objetivo primordial promover uma transformação da realidade dos mesmos, embora consideremos que ela possa ocorrer em consequência disso. Porém, levantar temáticas que se relacionem com o sentido que a experiência intercultural e a relação de alteridade tem para eles. Podendo, em seguida, trabalhar de forma vivencial e reflexiva com estas temáticas relacionadas à experiência *em comum* dos participantes intercambistas. Considerando esta natureza da construção da pesquisa, a própria metodologia que se utilizou teve o seu alcance de acordo com esta especificidade.

Os métodos são importantes ferramentas na compreensão das experiências, mas eles fornecem leituras do contexto, as quais precisam ser constantemente repensadas e colocadas num patamar que não submeta a experiência a uma perspectiva. Apesar da preocupação de Moreno (1975/2007, 1999) em desenvolver uma teoria que abarcasse as relações sociais dentro e fora da psicoterapia, é importante refletir sobre os limites do psicodrama e seus métodos em novos contextos contemporâneos. Tais limites não destituem o papel fundamental que esta abordagem adquiriu no trabalho com grupos, porém ajudam a circunscrever as suas fronteiras diante do que a experiência apresenta.

Tendo isso em vista, para a dramatização ocorrer, com todo o seu potencial criativo, precisamos realmente de um manejo técnico adequado, um conhecimento amplo sobre a

metodologia e as forças que emergem do grupo, conforme a literatura nos elucida. Porém, é necessário reconhecer a igual importância dos contextos em que esta que for utilizada: cada um deles (terapêutico; pesquisa; escola) é distinto e possui uma sociodinâmica específica.

Diante destes aspectos que destaquei acima a respeito da dramatização neste grupo, temos agora a possibilidade de analisar de que forma se pode trabalhar e refletir sobre o papel de *intercambista*. Este último item da análise geral deste grupo foi introduzido a cada encontro, por meio da integração, das apresentações, atividades sobre as referências interculturais, situações vividas, átomo social e a própria reflexão sobre o que é ser estrangeiro.

No contexto dramático, este papel foi visto indiretamente, a partir de situações interculturais ou ainda de constatação de diferenças entre os países. Todos os integrantes deste grupo estavam experimentando este papel pela primeira vez. Especificamente, cinco dos sete participantes haviam iniciado o intercâmbio naquele semestre; e as outras dois estavam no intercâmbio desde o semestre anterior. Desta forma, aqueles comentavam muito sobre o estranhamento inicial com este novo lugar e os desafios que se estabeleciam, a partir de suas próprias escolhas em estar ali. Já as duas últimas, por estarem a mais tempo no Brasil, já haviam passado deste momento e estabelecido vínculos importantes.

É importante reafirmar que o “estrangeiro” é concebido na pesquisa, como aquele que está fora de seu país, mas não é um turista, muito menos um imigrante. Não nos apropriamos de sua conceituação filosófica, o que interessa aqui é a sua dimensão geográfica. Assim, a atividade sobre *o que é ser estrangeiro* ilustrou os aspectos que cada participante trouxe sobre esta questão. Houve aqueles com textos mais detalhados e expressivos sobre a trajetória de intercâmbio; outros com maior objetividade e textos curtos; e um que apresentou sua trajetória de modo resumido. Conforme o Quadro 7 abaixo, podemos observar o quadro geral desta atividade:

ATIVIDADE "O QUE É SER ESTRANGEIRO"				
PARTICIPANTE	ÊNFASE DO TEXTO	EXTENSÃO	IDIOMA	CATEGORIAS RELACIONADAS
Mei	Trajetória	longo	português	tempo; espaço; lugar do outro; identidade cultural
Akemi	Tratamento no Brasil	curto	português	diversidade
Luna	Mais poética/sentido da condição	médio	espanhol	tempo; lugar; autoconhecimento; abertura no contato com o outro
Tiago	Mais poética/aspectos da trajetória	longo	espanhol	aprendizagem; idioma e cultura; lugar; tempo; condição ambivalente
Maria	Relações/pertencimento	curto	português	Tempo; relação com o outro; lugar e pertencimento
Sofia	Gratidão/experiência	médio	espanhol	Tempo; lugar; relação com o outro e pertencimento
Roberto	Gratidão/trajetória	curto	português	Tempo; lugar; relação com o outro; cultura

Quadro 7 – Atividade “o que é ser estrangeiro”.

De acordo com este quadro, podemos observar que os textos foram desenvolvidos de diferentes maneiras pelos participantes: houve aqueles que focaram a trajetória do intercâmbio, apontando aspectos do seu início até aquele momento, como foi o caso de Mei e também de Roberto. Este realizou um texto mais enxuto e expressou a gratidão que sentia pela experiência que estava vivendo, ressaltando ainda a relação com a universidade. Luna também seguiu uma linha parecida quanto à experiência, mas abordou sobre o tempo presente e a visão do Brasil.

Akemi e Maria, por sua vez, trouxeram pontos específicos como o tratamento aos estrangeiros no Brasil e as relações com os grupos, respectivamente. Já Luna e Tiago organizaram um texto mais poético, no qual aparecia para a primeira, o sentido da sua situação de estrangeira no Brasil; e para o segundo, enfatizava pontos específicos do seu tempo no Brasil e do que sentia falta do país. Quanto ao idioma, curiosamente os três participantes com a nacionalidade chilena, escreveram em sua língua materna.

As categorias que surgiram a partir desta atividade são fundamentais para a pesquisa. Conforme a sua frequência nos textos dos participantes e os diferentes sentidos que elas adquiriram, iremos apresentar abaixo as mais relevantes e no que elas se aproximaram e se diferenciaram em cada abordagem:

CATEGORIA: TEMPO		
PARTICIPANTE	SENTIDO(S)	FRASES
Mei	Tempo objetivo e Vivência	<i>"Estou no Brasil por nove meses, o que é bastante para me acostumar à vida num país fora da China (...) Meu intercâmbio dura um ano. Quer dizer que depois desse ano, talvez não venha novamente no Brasil. Na terra bonita com povo divertido, portanto eu tenho que aproveitar esse ano para conhecer o país, viajando mais e visitando mais cidades. Se eu fosse brasileira, eu não precisasse de me preocupar com tempo limitado, porque eu pudesse ficar no Brasil por sempre e tivesse a vida toda para apreciar esse país na América Latina".</i>
Luna	Tempo presente/ lugar e memória	<i>"Ser extranjero es levantarse todas las mañanas y saber que estás fuera de tu hogar, contando los días que faltan para regresar, pero también recuerdas todo lo que haz aprendido y decides ser valiente para comenzar un nuevo día".</i>
Tiago	Vivência do tempo e a novidade	<i>"Es una diversión diferente, que se disfruta cada día de verdad, en cada detalle que se pueda ver, que se recuerda o que se despierta, son ganas de cosas nuevas casi a diario, cosa que obviamente quiero replicar donde vaya".</i>
Maria	Tempo e relação com o outro	<i>"Devo confessar que a minha experiência ao chegar no Brasil em comparação com agora foi muito diferente (...) Ele quer conversar, te levar pra conhecer a cidade e deixar você apaixonada pelo Brasil. Mas com o tempo, o brasileiro te va esquecendo. Claro que não é igual para todos: o brasileiro que fica é muito receptivo, ele entra na tua vida e não é difícil começar a senti-lo parte especial da tua vida".</i>
Sofia	Tempo presente e futuro	<i>"Me siento cómoda en esto país, no me veo a futuro acá, mas ahora es el lugar donde queria estar y creo que eso ayuda".</i>
Roberto	Tempo e a relação com o outro	<i>"Ao ir passando o tempo, senti a acolhida das pessoas brasileiras, como me ajudavam em 'terminir' [termos] que não entende, em problemas que tive nos primeiros dias de chegar a Brasil, ganhando novas experiências, amizades e desafios que fui superando 'poco a poco'. Pouco a pouco fui 'acostumbrandome' [me acostumando] a sua (...), seu dialecto e suas tradições, algumas gostei, outras não".</i>

Quadro 8 – Sentidos atribuídos à categoria Tempo.

Com a tabela acima, percebemos que a categoria do “Tempo” apareceu em seis dos sete textos, com ênfases variadas, mas com uma relação forte com o “lugar”, principalmente nos textos de Mei, Luna, Tiago e Sofia. Na escrita de Maria e Roberto também se percebe que o “lugar” perpassa seus pensamentos sobre o tempo, mas o que se nota com mais clareza é a referência à relação com os outros, no caso os brasileiros. No texto de Tiago também, observa-se que o “tempo” no Brasil está atrelado à vivência da novidade e da cultura.

É importante mencionar que a organização destas categorias oriundas dos textos é apenas a título de torná-las visíveis para a análise. Percebemos que elas estão entrelaçadas umas às outras nos sentidos fornecidos por cada participante e, sendo assim, uma divisão simplesmente conceitual perderia esta dimensão subjetiva que abarca uma temática comum ao grupo.

A intenção aqui também não é analisar os discursos presentes em cada texto. Mas, extrair do seu conteúdo elementos que fomentam a discussão sobre ser estrangeiro e o papel de intercambista. Desta forma, não se objetiva identificar todas as categorias em um único quadro buscando uma generalização. E sim, extrair pontos comuns ao grupo, mas que possuem suas diferenças necessárias de acordo com a vivência individual. Assim, com a categoria do Tempo, abre-se também a do “Lugar” identificado por alguns enquanto cidade ou ainda na dimensão do país:

CATEGORIA: LUGAR		
PARTICIPANTE	SENTIDO(S)	FRASES
Mei	Diferença com o outro	<i>"Quando eu fico no meu quarto alugado, às vezes eu esqueço de que sou uma 'estrangeira'. Mas, quando eu saio daqui e encontro vizinhos, passageiros e amigos, eu fico a perceber que estou fora da minha terra, já que quase todo mundo ao meu lado com rosto ocidental e fala línguas que não são minha materna, o chinês".</i>
Luna	Cidade	<i>"Ser extranjero es caminar por las calles de la ciudad, y encontrar todo diferente: los olores, el clima, la variedad de personas, los colores, las construcciones, los sonidos, etc".</i>
Tiago	Cidade	<i>"Incluye la oportunidad de hacer muchas cosas dentro de la ciudad a diátrio teniendo mucha música em vivo, mucha exposicion, mucho museo, mucho bar, mucho baile, mucha alegria em la gente".</i>
Maria	Cidade e grupos	<i>"Ser estrangeira em uma cidade cosmopolita tem suas vantagens. Você pode achar um pessoal estrangeiro bem legal. Se sentir dentro de uma balera e compartilhar experiências. Isso é o que tem acontecido comigo no Brasil: estou feliz por morar nesta bela cidade e por conhecer muito latinoamericano que com certeza será amigo para sempre".</i>
Sofia	Pertencimento/ Lugar de passagem	<i>"Creo que mi sentido de pertinência se (...) mayormente em situaciones y personas mas que em lugares y se que este es um lugar de passo, por lo que espero elevar lo mejor a mi represo y dejar buenas cosas em quienes puede..."</i>
Roberto	Novidade/ Surpresa	<i>"Ser estrangeiro em Brasil foi como chegar a um mundo novo, onde muitas coisas ao chegar me 'surpreender'..."</i>

Quadro 9 – os sentidos atribuídos à categoria Lugar.

Observamos que tal qual a categoria do “Tempo”, a do “Lugar” foi expressada em seis dos sete textos. Os sentidos que encontramos também apontam a sua relação com a diferença cultural e o próprio país dos participantes. É interessante notar como a “cidade” foi abordada por Luna, Tiago e Maria: a primeira destaca a percepção visual e sonora deste ambiente, além das pessoas que fazem parte dele; já o segundo enfatiza os eventos culturais; e por fim, a última destaca estar em uma cidade “cosmopolita” e as vantagens que isso traz para ela como estrangeira, o que também se relaciona com os grupos. Esta categoria, por sua vez, nos leva a pensar na própria “Cultura” e as dimensões que ela adquire para os participantes:

CATEGORIA: CULTURA		
PARTICIPANTE	SENTIDO(S)	FRASES
Mei	Diferença/ Espaço/ Perspectivas	<i>"(...) eu fico a perceber que estou fora da minha terra, já que quase todo mundo ao meu lado com rosto ocidental e fala línguas que não são minha materna, o chinês (...) Na terra bonita com povo divertido, portanto eu tenho que aproveitar esse ano para conhecer o país, viajando mais e visitando mais cidades (...) Como sou 'extranjera', meus pontos de vista para assuntos são muito diferente dos nativos, por exemplo (...)"</i>
Akemi	Tratamento/ Diversidade	<i>"Para mim, estou gostando de ser estrangeira, não é uma coisa ruim. Porque os brasileiros tratam bem os estrangeiros. São simpáticos. E eles também não acham estranhos. Aqui no Brasil tem vários 'desendentes', branco, negro, amarelo, raças italiana, francês, japonês, árabe. Isso é uma das razões em os brasileiros não acham estrangeiro diferente".</i>
Luna	Intercâmbio cultural	<i>"Ser extranjero es conocer la cultura del nuevo país a través de las conversaciones con las personas que interactúan a diario. Escucharlas trae consigo una abertura de mente".</i>
Tiago	Abertura à diferença	<i>"Me permite crear de outra forma, pensar de outro modo, ya que partiendo por tener que hablar outro idioma hasya conocer no solo uma cultura distinta sino que al menos estar tratantode entender 10 culturas de distintos países com sus respectivas regiones diferentes, eso conocer y aprender pintado por todos lados y si bien aún tenga mucho por conocer, no puedo dedicar mi vida a el padacito que estoy obteniendo de toda esa gente".</i>
Roberto	Experiência/ Costumes	<i>"pouco a pouco fui 'acostubrandome" a sua (...), seu dialecto e suas tradições, algumas gostei, outras não. Conhecer uma das 7 maravilhas é algo 'qui me surpreendido', a minha curta idade. Muitos de minha cidade não conhecem nem uma em toda sua vida. Uma experiência que 'levar' para sempre".</i>

Quadro 10 – Sentidos atribuídos à categoria Cultura.

Podemos identificar esta categoria em cinco dos sete textos. É necessário salientar que os sentidos observados têm relação tanto com a diferença entre o eu e o outro neste contexto intercultural, quanto à dimensão do espaço, costumes e o tratamento. Como se pode notar, duas frases de Mei e uma de Roberto foram reapresentadas nesta categoria, pois também se percebe sua menção à cultura. E, conforme destacamos, os sentidos de cada texto mostram encadeamentos entre estas categorias, aqui divididas a título de discussão e análise.

A cultura atua como mediadora das relações estabelecidas com os outros, além de trazer à tona a própria memória cultural de cada participante colocada em diálogo com os elementos deste novo lugar. O campo de “comparação” que se dimensiona, possibilita o autoconhecimento e aprendizagem, que são destacados por Luna e Tiago em seus textos, assim abre-se a possibilidade de perceber a vivência como estrangeiro de maneira ambígua:

CATEGORIA: AUTOCONHECIMENTO		
PARTICIPANTE	SENTIDO(S)	FRASES
Luna	Autoconhecimento	<i>"Ser extranjero es mirar hacia tu interior y reconocer tus defectos, pero ahora con las ganas de arreglarlos"</i>
Tiago	Autoconhecimento e aprendizagem	<i>"Es una profunda forma de conocer y aprender, todo de mí, de todo lo que me interese y me pueda gustar, de lo que quiero, no solo en el instante, sino de lo que quiero en mi vida en general"</i>

Quadro 11 – Categoria Autoconhecimento e seus sentidos.

CATEGORIA: VIVÊNCIA AMBÍGUA		
PARTICIPANTE	SENTIDO(S)	FRASES
Mei	Identidade/ Tempo presente	<i>"Sou uma chinesa fora da China. Portanto sou sensível com as coisas relacionadas ao meu país"</i>
Luna	Desejo/ Escolha	<i>"Ser extranjero es llorar de vez en cuando y querer volver a tu país, como también moverte para salir a desafiar las nuevas metas propuestas en el intercambio".</i>
Tiago	Relações virtuais/ Solidão/ Expectativas	<i>"Es vivir físicamente solo y sólo virtualmente acompañado, es lo único que no se puede superar, para nada por no poder estar sin los padres, o por no estar con la familia o los amigos, es no tener a quien darle el cariño que sigue naciendo con un amor a distancia, es no recibirlo físicamente tampoco (...) Es querer volver y no volver para siempre, porque de que me vuelvo, me vuelvo, pero de que quiero quedarme siempre allí no tengo la más mínima certeza, de alguna forma esto me abrió y marco más que todas las demás cosas, me hizo no sentirme de ningún lugar en específico más que de mis cercanos, me permitió volver las ganas de viajar y conocer que hace ya tiempo tuve y que había olvidado. (...) Es decepcionante y alentador, porque si bien no encuentre lo que buscaba y creí podría conocer y vivir, si encuentre otras cosas que si me sirven mucho más aún que las que no encuentre y conseguí".</i>
Sofia	Dimensão sensível/ Espaço	<i>"Desfruto ser extranjera, pero me gusta sentirme como en casa definiendo mi propio espacio grato a donde voy".</i>

Quadro 12 – sentidos atribuídos à Vivência ambígua.

Apesar da categoria do “autoconhecimento” ser destacada apenas em dois dos sete textos, considere importante mencioná-la. Em outras atividades como, por exemplo, a da “percepção da experiência de intercâmbio”, este tema também foi desenvolvido por Akemi e Roberto. Isso nos leva a inferir que por mais que esta categoria não tenha aparecido claramente nos textos dos outros participantes, ela faz parte desta vivência como estrangeiro.

Já que, por exemplo, no caso de Sofia e Roberto, estes destacaram ainda a aprendizagem da experiência universitária.

A última categoria elucidada nesta discussão – a *Vivência Ambígua* – parece perpassar as outras apresentadas. Porém aqui é relevante mencioná-la pelos sentidos que esta adquire naquele tempo situado. A dimensão sensível desta vivência traz os elementos da identidade e da diferença de maneira concomitante. Este ponto leva em conta o tempo, o espaço, a relação com o outro, as referências culturais. É o estar em um lugar em que não se é nativo, e por outro lado, também não é turista ou imigrante. O tempo “intermediário” dimensiona esta vivência e, por que não, o próprio desempenho deste papel.

Desta forma, é preciso considerar este, como parte de uma realidade intercultural e historicamente constituída. É neste contexto que o indivíduo se relaciona com o outro, com o mundo e os elementos que o compõe. Assim, a cada reflexão explicitada pelos participantes, abre-se um foco sobre esta experiência. Por mais que não tenha sido trabalhado com ênfase o papel no contexto dramático, houve, sem dúvida, um projeto dramático comum do grupo sobre isso. Podemos dizer, com base nesta análise interacional e dos sentidos que surgiram a partir da reflexão da atividade acima, que é por meio deste papel de intercambista implicado na vivência como estrangeiro, que se pode também analisar as outras categorias relacionadas ao objetivo da pesquisa.

3.2.5 Da experiência intercultural ao papel de intercambista: categorias de análise no segundo grupo

Como se pode observar anteriormente, a reflexão proporcionada pela atividade “o que é ser estrangeiro”, elucidou uma variedade de categorias a partir da experiência dos participantes: Tempo, Lugar, Cultura, Autoconhecimento e Vivência ambígua. Porém, esta atividade não foi a única a possibilitar encadeamentos como este. No âmbito do processo grupal como um todo, foi possível perceber, dentre os assuntos abordados, o surgimento de outras categorias que se relacionam à problemática da pesquisa.

É importante ressaltar que estas categorias, assim como as mencionadas acima, foram identificadas no decorrer da experiência com o grupo, descrição posterior e análise das transcrições. Esta última foi feita mediante uma leitura geral do que ocorreu no grupo para ter uma noção de tudo que foi abordado e um bom embasamento, tal qual como fizemos para o primeiro grupo. Por conta disso, as categorias encontradas são justificadas mediante a sua

ênfase no processo grupal, porém circunscrevendo suas variações nos sentidos abordados pelos participantes. Com base nisso, e assim como na categoria de “Estrangeiro”, as demais possuem seus desdobramentos em outras, as quais enriqueceram a discussão.

Foi possível perceber que o grupo estabeleceu um *contexto* de “Comparação entre os países e culturas”. Ao falarmos de “contexto” nos referimos à divisão estabelecida por Moreno a partir de sua leitura dos grupos, conforme mostramos na metodologia. Independentemente de a “comparação entre países e culturas” ser uma categoria ou não, é por meio dela que as demais surgiram na dinâmica grupal. Esta expressão foi escolhida, porque, ao longo do processo, observamos que as perspectivas dos participantes sobre a sua experiência e a relação com o outro, perpassavam as suas referências culturais e familiares que, de certa forma, colaboravam para as suas opiniões. Assim, o *contexto grupal* foi marcado por esta dinâmica de comparação, o que nos leva a inferir se no *contexto social* destes alunos, o contato intercultural também não seja influenciado deste modo: isto é, de partir da própria referência que afirma uma certa identidade, para falar da diferença.

As atividades utilizadas pela pesquisa tiveram como objetivo colaborar para as vivências e discussões a respeito do intercâmbio. Assim, a atividade dos “objetos” visava observar a relação da pessoa com a cultura/país; a do *Mapa-Múndi* marcar geograficamente o lugar em que cada participante veio e no que se encontrava naquele momento (a atividade também delimitou a dinâmica do *espaço* e do *tempo*); ao passo que a vivência e discussão sobre os valores eram um disparador para observar as situações interculturais. Cada uma destas atividades, no plano geral, trouxe os objetivos da pesquisa ao encontro das respostas dos participantes.

Foi assim que os seguintes temas vieram à pauta: gênero; valores específicos aos países; comportamentos no espaço coletivo; desigualdade social; diversidade, dentre outros. Conforme podemos ver no esquema abaixo, estes temas foram discutidos em encontros específicos e se desdobraram da seguinte forma:

Figura 1 – Esquema demonstrativo do surgimento destes temas/categorias.

De acordo com o esquema podemos notar que os temas surgidos das atividades do terceiro e quarto encontro chegaram à questão da condução dentro deste novo contexto intercultural. Contudo, é importante destacar que a situação trazida por Mei expressava o seu “sentimento” quando desembarcou no Brasil, não necessariamente uma ação.

A condução era explicitada na própria realidade social vivida nos espaços públicos da cidade ou ainda da própria universidade, como na cena de Mei e Akemi sobre a “pontualidade”. Estas comparações a partir dos valores discutidos, mostraram-se no campo da ação e, conseqüentemente, da relação com o outro. Sabemos, com base na leitura psicodramática, que o *papel* é uma unidade de condução e como tal traz o entrelaçamento da pessoa com a própria cultura.

Estas situações escolhidas pelos participantes, ilustram a preocupação dos mesmos em como desempenhar papéis em um novo contexto intercultural, sem perder a referência de sua origem. Ou ainda, tendo a possibilidade de problematizar criticamente as diferenças que se manifestam e poder discutir sobre elas. Neste sentido, percebemos que no segundo grupo, assim como no primeiro, a categoria de “Gênero” também se apresentou. Entretanto de um modo diferente.

Enquanto no primeiro grupo, esta categoria foi bastante discutida e problematizada pelos membros, neste segundo grupo ela foi trazida à luz apenas no 3º encontro pelo subgrupo composto por Luna, Tiago e Sofia (ambos chilenos). Especificamente, trazendo uma comparação com o tratamento da mulher no Chile. Porém foi novamente mencionada

encontro seguinte, quando Luna questionou a Mei sobre a política do filho único na China. Com este assunto, esta última ainda comentou sobre a visão da sociedade chinesa sobre a mulher e o casamento.

No grupo como um todo, esta questão mobilizou Maria, a qual já havia inclusive mencionado este assunto na primeira entrevista. Apesar disso, podemos inferir que a questão do “gênero” é uma categoria importante para pensar as relações interculturais neste contexto. A diferença de ênfase nestes dois grupos revela uma apropriação distinta sobre o tema, mas isto não significa que o mesmo não seja necessário para esta discussão. Apesar de não ter sido contemplado por todo o grupo, este tema foi destacado por três das cinco participantes do sexo feminino; e por 1 participante do sexo masculino.

Observamos perspectivas sobre a relação com o outro no agendamento de um compromisso e na convivência em um mesmo espaço coletivo, o que resumiremos como “pontualidade” e os “comportamentos no espaço coletivo”, respectivamente. Em ambas perpassam os papéis esperados dentro dos valores de cada um e aqueles legitimados socialmente. Diante de uma resposta nova do outro a uma situação específica, Mei como protagonista se assusta, questiona a outra pessoa, mas aceita a condição de “espera”. Maria e Roberto, na outra cena, simplesmente expressam para si mesmos o desconforto de observar um hábito condenável em sua perspectiva.

Quando indagada a tentar algo diferente, Mei experimenta falar o que havia pensado no plano real. Já Maria e Roberto preferem a postura que tiveram. Isso nos leva a questionar se, dependendo do contexto em que se estabelece uma conduta, a ação frente a ela tem limitações tanto para a pessoa quanto ao olhar do outro. Ainda mais estando num contexto intercultural e como estrangeiro.

Podemos seguir este raciocínio para pensar a situação de Tiago, no quarto encontro, quando este mostra a sua reação com os moradores de rua que vê na cidade de São Paulo (“desigualdade social”). E ainda, acrescenta sobre os dados estatísticos de morte por assassinato no Brasil, especialmente dos homicídios de jovens negros. Tiago se sentiu impotente com esta realidade – na comparação com o Chile - e não desejou expressar uma ação naquele momento.

Já na cena da “burocracia” de Luna, vemos a organização da sua estadia regular no Brasil e como ela percebeu os trâmites do país. Apesar de aqui termos uma dimensão bastante objetiva do seu período, também se nota a preocupação com a conduta e sua visão como estrangeira. É importante destacar que estas situações interculturais em maior ou menor grau produziram níveis de identificação entre os participantes e possibilidades de ampliar seu

referencial a partir da perspectiva apontada pelo outro. Isso nos leva a observar que, no plano das condutas que interferem nesta aquisição do papel de intercambista, este campo intersubjetivo abre para outros entendimentos até antes não refletidos pelos participantes.

O sexto encontro, apesar de só ter contado com a participação de três dos sete sujeitos, também colaborou para este processo. Ao abordarem a experiência comum de intercâmbio, os participantes se surpreenderam com os caminhos traçados por cada um, com os elementos que trouxeram estranhamento e desafios, como a língua; além da constante comparação do novo contexto com a própria referência. Neste ponto, Luna elucidou algo que já era implícito: o conhecimento sobre o novo se dava a partir daquilo que já se conhecia. Nesta vivência como estrangeiro, o papel de intercambista os situava numa dinâmica de autoconhecimento e aprendizagem.

Esta dinâmica, que já sido expressada no terceiro e quarto encontros, também se estabeleceu na atividade do Brasão. Com esta, os valores escolhidos para cada país puderam ser trazidos no plano de identificação; bem como o valor que eles representavam o Brasil, de acordo com a Figura 2 abaixo:

Figura 2 – Esquema dos valores simbolizados no sétimo encontro/ 2º grupo

Neste esquema representado pela figura 2, as bandeiras dos países de cada participante estão distribuídas de acordo com a ordem que eles desenharam no Brasão: da esquerda para a

direita, China, México, Peru, Brasil, Japão e Chile. A cada país foi resumido um valor correspondente, embora os participantes apresentassem que havia mais valores e muitos deles pudessem ser vistos entre si. O critério estabelecido pelo grupo foi a representatividade destes valores a todos os participantes, sem perder a particularidade de cada cultura.

É interessante notar que três dos cinco valores foram simbolizados: a pontualidade como o “relógio em formato de Sol”; a diversidade como a “mão negra” e o respeito com os “dois olhos”. Na composição do Brasão, estes elementos adquiriram uma harmonia sendo interligados pelo Planeta Terra. Contudo, não encontramos uma explicação detalhada sobre este último elemento na gravação do grupo, mas parece simbolizar os países num aspecto totalizante. Ou até, poderia se dizer universal. Por conta disso, não analisaremos sistematicamente o desenho, iremos nos ater apenas à interpretação fornecida pelos próprios participantes.

Com relação à “diversidade” e o “respeito” é preciso destacar alguns elementos. Este primeiro valor destinado para representar o Brasil não foi a primeira opção do grupo. Os participantes, especialmente Luna e Tiago, queriam simbolizar uma conduta dos brasileiros, a qual se distinguia muito da que eles possuíam. Luna e Tiago resumiram na expressão “tanto faz”, todas as vezes em que observaram brasileiros agindo de modo relaxado a situações bastante estressantes. Apesar da intenção em representar isso no Brasão, em conjunto com o grupo, não conseguiram desenvolver um “conceito” (palavra utilizada por Luna) ou linguagem sobre isso.

Desta maneira, todos pensaram na questão da diversidade que demonstrava as diferentes “raças” (termo utilizado pelo grupo) que faziam parte do Brasil. Aqui notamos a contraposição da diversidade como uma característica específica ao Brasil, na comparação com os demais países. Por outro lado, e levando em conta que este valor foi *uma segunda opção* para este grupo, é necessário refletir sobre até que ponto, os participantes enquanto estrangeiros em outro país, conseguem compreender comportamentos específicos de uma determinada cultura.

Quanto ao “respeito”, para trazê-lo do campo conceitual para o simbólico, Sofia explicou:

Quando você respeita uma pessoa, geralmente você olha os olhos dele...então eu pensei: ‘Ah, podemos fazer um olho’. Mas o olho é difícil, então fizemos o olho de uma forma mais redonda... o aspecto geral do olho [...] Mas é...Akemi falou que para o ‘respeito’ você precisa de duas pessoas...pode ser, pode ser uma pessoa mais [...] (Sofia)

É bastante significativo ao pensarem em “respeito”, os participantes o construírem no contexto da *relação*. Isso abre possibilidades de refletir sobre a alteridade, na perspectiva filosófica desta dissertação, e mostra que o grupo definiu valores e símbolos dentro de uma vivência intersubjetiva. Sem repetir aspectos que já foram mencionados na análise interacional deste grupo, esta atividade pode mostrar especificidades no contato intercultural tanto no plano da *ação* quanto no da *reflexão*.

A ação neste contexto grupal intensificou os desafios quanto à comunicação intercultural, à língua e ao estabelecimento de um plano comum na atividade, sem perder as particularidades. A solução encontrada pelo grupo buscou aspectos “universais”, mas legitimou um *lugar* em que o coletivo não suprimiu o individual, e vice-versa. Ao mesmo tempo, a *identidade* especificamente marcada pelas bandeiras não suprimiu a *relação* entre elas. Pode-se analisar a partir disso que o grupo explicitou os valores numa coexistência.

Podemos pensar que esta dinâmica grupal também pode ilustrar um movimento similar ao próprio processo de intercâmbio. Partindo das observações feitas desde as primeiras entrevistas até a finalização da pesquisa, é possível observar que em menor ou maior grau de intensidade⁴⁹, os momentos do intercâmbio podem se definir a partir de um estranhamento quanto ao novo contexto (início), o que vai perpassar comparações com base no referencial cultural/familiar/social que norteia cada sujeito. O estranhamento na relação com aquilo que se traz de conhecido, vai ocorrendo com a assimilação deste contexto na sua vivência, o que pode levar a uma reflexão dentro da possibilidade e limite de cada intercambista.

Ao final do oitavo encontro e nas entrevistas finais, os participantes apresentaram os sentidos que esta experiência possuía. Reafirmaram a questão da aprendizagem no aspecto de “ser forte”, na resolução de problemas sem ajuda, quanto na tolerância com o outro (Mei); houve uma ênfase na abertura de mente a partir desta vivência; na satisfação com o seu alcance e na própria independência adquirida. Além disso, a aprendizagem também se estendeu ao próprio contexto universitário, principalmente no caso de Sofia e Roberto.

Este processo ainda se relacionou, como observamos ao longo dos encontros, com o tempo, tanto em sua dimensão objetiva quanto subjetiva, o lugar, a cultura (enquanto referência e diferença), o gênero, dentre outros. Entretanto, ainda falta explicitarmos aquele que talvez seja o que propiciou a própria interação entre estas categorias: o *Idioma*. Com ele

⁴⁹ Esta hipótese que sustento nesta seção se baseia no contato com os participantes desde o início. Utilizo a ideia de “menor ou maior grau de intensidade”, para me referir ao fato que este processo pode se organizar de formas diversas para cada sujeito na pesquisa.

foi possível delimitar a integração dentro do grupo e refletir sobre a sua dinâmica no *contexto social* do intercâmbio.

O Idioma não só marcou a comunicação objetivamente, mas também foi com ele que notamos o quanto no processo de “tradução” de expressões e palavras para o entendimento mútuo, perdia-se elementos que de uma cultura para a outra não necessariamente possuem uma mesma simbolização. Assim, podemos inclusive indagar se a aprendizagem de uma língua, pode ou não significar uma apropriação de uma cultura.

Como se pode ver na descrição deste segundo grupo, ao menos cinco palavras da língua espanhola precisaram ser traduzidas: *compañero*; *perca*; *fome*; *piropos* e *paloma*. Particularmente, a palavra “fome” em espanhol tem um sentido voltado à falta de algo que deixa a pessoa um pouco triste.

Quanto às expressões e palavras da língua portuguesa, pelo menos oito foram explicadas: *lazer*, *mímica*, *ócio*, *burocracia*, *forró*, *brasão*, “*tanto faz*” e *representação*. Os participantes comentaram ainda sobre a palavra *saudade*, cuja correspondência mais próxima na língua espanhola, seria “nostalgia”.

A tradução, como mediadora da comunicação intercultural, nem sempre consegue transpor a uma outra realidade, aspectos bastante particulares de uma língua, que por vezes, em um período curto, podem ser limitados para a sua apropriação. E ainda, no que concerne aos modos de lidar com códigos culturais, percebemos significações diferenciadas para o mesmo tipo de conduta, como por exemplo, o ato de “cumprimentar”. Este foi enfatizado no primeiro e último encontro do grupo. Foi nesta ação em que pode ser vista as referências culturais dos participantes.

No primeiro momento, as pessoas ainda não se conheciam, os limites e sentidos de cada cultura também não. Porém, ao serem colocados nesta vivência, os participantes ao final, puderam reconhecer as identidades e diferenças que se manifestavam ali. Isto não foi diferente para a pesquisa. Diante destas incompreensões em relação ao comportamento e à língua, observou-se que no papel de pesquisadora, falar a própria língua nativa para sujeitos estrangeiros, exigiu um treino de vocabulário com palavras mais acessíveis no nível da proficiência de português dos participantes e uma fala mais pausada, especialmente neste segundo grupo.

Este rigor, por vezes, levou a um excesso de instruções para as atividades, o que para os participantes latino-americanos se tornava um pouco cansativo. Esta reação de membros do grupo nos leva a refletir se o contato intercultural não seria algo que exige um certo esforço e disponibilidade para tal. Desta forma, o próprio alcance dos temas que estamos analisando

neste capítulo vai ao encontro com a língua utilizada no grupo. Se este grupo tivesse sido feito no idioma nativo dos participantes, provavelmente poderíamos aprofundar mais assuntos ou até mesmo ampliar as possibilidades da pesquisa. Por outro lado, ao realizar numa segunda língua, o grupo proporciona a vivência das próprias dificuldades que os intercambistas relatam do contexto *social*.

Os membros do grupo apresentaram a influência do idioma no comportamento em momentos de necessidade de se comunicar com as pessoas. Nas aulas de graduação, por exemplo, os sujeitos relataram terem ficado mais tímidos para se comunicar, tirar dúvidas ou dar uma opinião. Já em outros ambientes menos formais, sentiam-se mais à vontade para falarem em português, mesmo com dificuldade ou ainda cometendo erros. Assim, o contexto universitário, de certa maneira, os coloca à prova dos conhecimentos que possuem e que podem repassar no idioma português.

A própria opinião dos participantes sobre a presença de brasileiros no grupo, enfatizada na entrevista final, relacionou-se com este aspecto. Estar diante do julgamento do outro a partir do idioma, poderia levar a um certo incômodo. Entretanto, este desconforto não se estabeleceu com a minha presença, pois os participantes me colocaram em uma relação diferente e notavam a abertura para o que eles pensavam sobre os assuntos. Para alguns, como Roberto, foi a possibilidade de elucidar significados, palavras e expressões. Pelo fato de todos serem estrangeiros, apesar das diversas nacionalidades, esta característica fornecia uma identificação diante desta mesma condição.

Apesar disso, no papel de pesquisadora, a abertura a estas alteridades não se constituiu como algo simples. Foi importante refletir sobre comportamentos naturalizados de uma pesquisadora brasileira para estar presente e atenta a outros modos de entendimento sobre a realidade. Desta forma, a categoria do Idioma nos leva a inferir que no contato intercultural implicam modalidades de interação que variam em função da origem de cada participante. Por mais que as culturas não sejam sistemas fechados em si, há ali importantes referências que não podem ser negadas por uma escolha e vão colaborar para os diferentes níveis da presença do outro.

Assim, tem como base os aspectos elucidados nesta análise de resultados do segundo grupo, é importante também observar de que maneira estes se aproximaram ou se diferenciaram dos elementos provenientes do primeiro grupo. Para além de uma análise comparativa entre ambos, a intenção aqui é enriquecer o conhecimento sobre a experiência intercultural buscando traçar um paralelo entre os pontos discutidos e relevantes a cada um

destes grupos. Para este trabalho, isso significa considerar quais os sentidos que o campo empírico circunscreve para a própria reflexão sobre a alteridade neste contexto intercultural.

3.3 Entre a vivência e a reflexão: possíveis interlocuções entre os grupos interculturais da pesquisa

Os dois grupos desenvolvidos nesta pesquisa tiveram um mesmo objetivo: vivenciar e discutir temas relevantes à experiência de intercâmbio. Para isso, passaram por um período de integração, realizaram atividades, cenas, tarefas e um processamento sobre a participação. Assim, foi possível desenvolver assuntos, categorias e problematizações conforme apresentamos nos capítulos anteriores.

O que estas categorias têm em comum e o que as diferencia? Os períodos em que os grupos foram realizados, contribuíram para dinâmicas específicas: o primeiro, desenvolvido no segundo semestre de 2014, contou com 4 intercambistas que estavam finalizando o seu intercâmbio; o segundo, teve a participação de sete, em que cinco se encontravam no Brasil há dois meses. Observamos que apesar de cada participante do primeiro grupo ser de um país específico, tinham em comum o fato de já terem passado por outras experiências interculturais, como em intercâmbios anteriores (Julia); imigração (Bianca); trabalho voluntário no Brasil (Tom) e família (Olivia). Já os membros do segundo grupo, com exceção de Akemi, não haviam tido experiências desta natureza antes.

Um outro ponto que os diferenciou em termos de sua dinâmica, foram as nacionalidades. Embora cada participante fosse de um país - um alemão, uma argentina, uma colombiana e uma espanhola – percebeu-se no primeiro grupo uma maior homogeneidade na comunicação e na interação grupal. Já no segundo, notou-se uma diferença mais significativa no comportamento e na forma de se relacionar.

É importante demarcar também as diferenças com relação aos *tempos* em que os grupos se formaram, para poder relacionar os aspectos que surgiram com mais ênfase de acordo com o seu período na experiência. Já foi abordado anteriormente que a dimensão do *tempo* se constituiu como uma categoria importante para o conhecimento de uma cultura. Os participantes do primeiro grupo estavam num *tempo* de encerramento e reflexão e no segundo havia um *tempo* de adaptação ao novo ambiente. Isso implicava também na própria comunicação da língua portuguesa. Quanto ao número de encontros, o primeiro grupo foi organizado em sete e o segundo, por sua vez, em oito. Os eixos principais que

circunscreveram os temas de cada grupo foram similares, como vimos nas análises. Porém, o primeiro grupo trazia um quarto eixo que eram as experiências anteriores dos participantes, as quais influenciavam sua percepção sobre a experiência.

O cronograma dos encontros seguiu o raciocínio do que se buscava conhecer, embora também considerasse os assuntos que os participantes trouxeram nas entrevistas e a natureza diferenciada dos grupos. Isso contribuiu para a inclusão de outras atividades no segundo grupo, principalmente após o *feedback* dos participantes do primeiro, a entrada da participante Luna apenas no segundo encontro e a frequência dos sujeitos.

Sobre as atividades desenvolvidas, como a atividade do brasão no primeiro grupo foi realizada no segundo encontro, não foi coerente com o momento interacional deste grupo. Esta aprendizagem com os primeiros participantes, contribuiu imensamente para que no segundo grupo, esta atividade fosse inserida no penúltimo encontro e de fato tivesse um alcance mais enriquecido ao grupo e à pesquisa.

Considerando este quadro de diferenças entre a formação dos dois grupos, e o importante papel que o primeiro teve para o segundo, observou-se dentro dos assuntos que a pesquisa levou para a discussão, o desenvolvimento de temáticas próximas. Aqui elas serão trazidas à luz das situações interculturais problematizadas, dos valores dos Brasões, a percepção da experiência de intercâmbio e o processamento da pesquisa nos dois grupos. Entendemos que podem haver outros pontos em que comparações possam ser feitas, porém considerando a reflexão que esta pesquisa propõe sobre a alteridade, iremos nos remeter a estes aspectos.

No quarto e quinto encontros do primeiro grupo e no terceiro e quarto do segundo, pudemos conhecer situações interculturais importantes para os participantes. No primeiro grupo, dramatizamos duas cenas em que o tema do “gênero” e o da “pontualidade e comunicação nas relações” apareceram; no segundo, estes primeiros temas também se apresentaram juntamente com os “comportamentos nos espaços coletivos”. Nos dois grupos, a questão do “gênero” foi contextualizada com as diferenças culturais quanto ao tratamento à mulher e a forma de se relacionar em “baladas” e “bares”. No primeiro grupo foi muito interessante observar também a perspectiva de Tom sobre isso, por ser o único participante do sexo masculino.

O tema do “gênero” no primeiro grupo já havia sido apresentado por Julia e Olívia nas entrevistas iniciais. Isso demonstra que este assunto era bastante relevante a estas duas participantes. No segundo grupo, por sua vez, a participante Maria foi a única que comentou sobre este tema já na primeira entrevista. Entretanto, como vimos, mais três participantes

dramatizaram uma situação sobre isso e no encontro seguinte, abordou-se sobre a situação da mulher na China. A “pontualidade” também foi apresentada nos dois grupos, em situações com brasileiros. Nas duas cenas, os participantes não sabiam como agir diante de uma atitude diferente quanto ao que eles aprenderam sobre compromissos e horários.

No quinto encontro do primeiro grupo, as situações foram anotadas em papéis, numa atividade em dupla (Tom e Olivia), enquanto que no segundo foram mostradas por cada protagonista (Mei, Luna e Tiago). No primeiro grupo, Tom trouxe nove situações, nas quais três ele incluiu na temática das relações sociais no Brasil e no tempo para criar laços de coleguismo, amizade e demonstração de afeto. Também apresentou o tema da religião. Olivia trouxe situações “tipicamente brasileiras”. Ambos os participantes explicitaram as *diferenças* reconhecidas nestas situações e, ao mesmo tempo, as observaram como boas.

No segundo grupo, novas situações no quarto encontro foram dramatizadas e discutidas, com os temas do ambiente, da burocracia e da discriminação. Novamente, os participantes também enfatizaram o campo da diferença, embora as situações aqui fossem distintas. Este ponto em comum aos dois grupos, nos leva a inferir que provavelmente os elementos que distinguem uma cultura da outra, são os que mais se tornam relevantes e objeto de reflexão para estes intercambistas.

Não é que não reconheçam aquilo que os identifica, mas há uma busca ou ainda disponibilidade para se colocar num contexto diferenciado. Isso fornece a este período, uma especificidade de trazer à tona e, ao mesmo tempo, as referências culturais e as distinções que surgem da relação com os outros.

A atividade do Brasão no primeiro grupo, resumidamente, destacou os valores da “comunhão”, “alegria”, “lembranças” e “identidade”. Sendo representados em um símbolo do “infinito” e unindo duas pessoas. Os participantes utilizaram este símbolo como um contínuo que não se quebrava. É interessante notar que, como esta atividade foi feita antecipadamente, o grupo trouxe valores mais abstratos, sem necessariamente simbolizar valores particulares com a cultura. Ao passo que, no segundo grupo, mesmo com a dificuldade na tarefa por conta da língua e de chegar a um consenso, eles conseguiram organizar um brasão em que os valores coletivos também englobavam os particulares. E, desta maneira, o grupo se sentiu representado com isso.

Apesar da situação que ocorreu no primeiro, o brasão que este desenvolveu trouxe elementos para se pensar a relação com o outro, que se colocava, sobretudo, na contínua relação entre a identidade, o compartilhar (comunhão) e a própria memória. O segundo, nos

fez refletir sobre os impasses que existem para conseguir chegar a uma representação do coletivo, sem perder o individual, e vice-versa.

Sobre as atividades de percepção da experiência de intercâmbio, notamos que nos dois grupos houve uma simbolização da cidade (Akemi e Olivia), do autoconhecimento frente a mudanças (Tom, Luna e Roberto). Quanto ao processamento, os dois grupos puderam simbolizar a própria dinâmica e o que se destacou desta para os membros. O processamento de cada grupo também mostrou a satisfação comum em ter escolhido fazer o intercâmbio e o valor desta escolha.

O primeiro trouxe a importância da confiança no outro e a autoconfiança. Destacaram que é muito mais difícil confiar em alguém que não é da própria cultura. E para isso, precisa-se de tempo. No segundo grupo, o que se percebeu foi a representação de um clima grupal mais descontraído ao final, em que os sujeitos já faziam parte do “nós”, do grupo em si. Demonstraram tanto os primeiros momentos que marcaram um receio de como saber cumprimentar o outro e se relacionar com ele, quanto o final em que já estavam numa dinâmica mais relaxada e compreensiva aos limites de cada pessoa.

Estes pontos nos levam a pensar que o primeiro grupo, devido a sua homogeneidade quanto aos elementos em comum aos quatro participantes, adquiriu uma coesão que os levou a expandir as relações para além do campo da pesquisa. O grupo demonstrou afeto entre si e desenvolveram amizades. Pode-se afirmar que as experiências interculturais prévias a cada um deles, tiveram um importante papel para esta que eles vivenciaram no intercâmbio no Brasil. E ainda, para tecer reflexões mais aprofundadas sobre a relação com o outro.

No segundo grupo, observou-se que as diferenças entre eles foram incluídas nas relações, em conjunto, com os seus pontos em comum. Entretanto, a vivência destas distinções que se explicitaram na língua, na ação com o outro e na perspectiva sobre os comportamentos, trouxe ao grupo limites na aproximação dos seus membros. O que não impediu uma boa coesão, mas definiu até que ponto este grupo pode se estabelecer, considerando ainda que era a primeira experiência de intercâmbio destes participantes.

Com esta análise comparativa de elementos dos dois grupos foi possível elucidar como os temas fundamentais às questões desta pesquisa se delinearam nas duas experiências. O acesso a este campo intersubjetivo por meio da metodologia sociopsicodramática, permitiu conhecer os aspectos esperados e imprevisíveis à pesquisa, o que estruturou o desenvolvimento da mesma.

A pesquisa teve a especificidade de lidar com a experiência intercultural dentro e fora do grupo, o que contribui para vivenciar e refletir a alteridade em um mesmo espaço. A

fluidez pelos contextos – o grupal e o social – permitiu perceber como as pessoas lidavam com as diferenças e de que forma o próprio intercâmbio pode ser um lugar propício a revisar valores, opiniões e preconceitos em relação ao que se “sabe” sobre o outro e o que se “vivencia” com o outro.

Estes desencontros trouxeram à luz os discursos que reproduzimos e, muitas vezes, não damos conta do seu caráter generalizante sobre a identidade e a diferença. Uma vez que se “suspende” temporariamente os pré-conceitos para um esforço de conhecer um determinado fenômeno, os desafios se intensificam e passamos a perceber que um dos maiores impasses para lidar com a alteridade está no fato de que:

(...) a construção de uma matriz de identidade vai depender de uma variação cultural e das atmosferas afetivas como pano de fundo para a identificação com valores ou estilos de vida. O surgimento dos *outros* nesta construção se dará pela linha divisória do “nós” – formado pelo grupo de conhecidos do seu cotidiano – e do “eles” – os desconhecidos” (Silva, 2012, p. 82).

Por meio dos papéis e do desenvolvimento humano, Moreno percebe a relação eu-outro, dentro da dinâmica do “eu” e do “tu”. Sendo assim, “uma experiência interpessoal necessita de dois ou mais indivíduos para ser posta em ação. Todo papel é uma resposta a outro (a outra pessoa). Não existe papel sem contrapapel” (Fonseca Filho, 2008, p. 39).

Assim, a possibilidade de reconhecer a alteridade em Moreno, se dá na *inversão de papéis*. Ou seja, na possibilidade de se colocar no lugar do outro. Porém, ao privilegiar o diálogo entre o Eu e o Tu e a possibilidade do encontro, Moreno pode correr o risco de deixar de lado algo que vai além desta relação, ainda mais quando pensamos em um contexto intercultural. Há uma inadequação que traz à tona a função do “ele”, a qual apresenta certas diferenças que não podem ser suprimidas pelo movimento de identificação do grupo. Diferenças que foram marcadas na presença da língua portuguesa e nos códigos culturais que permearam as possibilidades de relação com o outro.

Quando pensamos o contato intercultural e principalmente, neste momento em que as experiências foram devidamente analisadas, não podemos deixar de considerar também esta dimensão. Os grupos trouxeram perspectivas próximas sobre a experiência de intercâmbio e também demonstraram limites para o conhecimento desta nova realidade. Por que há estes limites e quais as suas implicações para pensar a relação de alteridade neste contexto?

Temos apresentado ao longo dos capítulos desta dissertação, que o caminho desta pesquisa parte justamente das perspectivas daqueles que vivenciam a experiência intercultural

proporcionada pelo intercâmbio acadêmico, para posteriormente, serem refletidas teoricamente. O que a experiência dos dois grupos nos mostrou é que existem dimensões na relação com o outro que nos colocam na iminência do diálogo com outras áreas do conhecimento. De certa forma, a metodologia psicodramática e sua leitura sobre papeis, nos levou a estas fronteiras, ainda mais pelo fato do próprio Moreno ter feito interlocuções com diferentes teóricos da sociologia, psicologia e filosofia para pensar as relações humanas. O psicodrama quando define um caminho para interrogar a relação eu-outro, o faz de maneira aberta e considerando aquilo que o fenômeno apresenta. Desta forma, é possível reconhecer os limites da disciplina e com estes, trabalhar para aprofundar criticamente o conhecimento nesta área.

Assim, com o modo de pensar do filósofo Maurice Merleau-Ponty, temos um importante referencial fenomenológico para enriquecer e fundamentar o conhecimento sobre os elementos fornecidos pelo campo empírico. Não temos a intenção de reduzir os resultados destes dois grupos a construções teóricas da fenomenologia de Merleau-Ponty, ou ainda conceber a leitura deste autor em detrimento da perspectiva psicodramática sobre a relação eu-outro. A proposta aqui é colocar a metodologia psicodramática e a perspectiva de Merleau-Ponty em pé de igualdade neste diálogo interdisciplinar.

Até porque a fenomenologia trouxe a importância de se focar na experiência vivida e nos aspectos sensíveis ao sujeito e ao grupo, buscando integrar contextos e ir além de uma racionalidade sobre a experiência. Para a relação eu-outro, temos aqui uma interlocução necessária que deve ser cuidadosamente pensada, levando-se em conta os momentos históricos e os objetivos de cada um destes autores. Assim, a concepção de Merleau-Ponty sobre a alteridade se inscreve neste próximo capítulo enquanto um diálogo anunciado previamente enquanto objetivo e possibilitado pelos dados obtidos por esta pesquisa. Teremos como base quatro textos do autor, que compreendem o período de 1945 a 1961 em que esta temática é apresentada, tendo em vista a seguinte questão: como se pode apreender o outro no contato intercultural?

4 RELAÇÕES DE ALTERIDADE NO CONTATO INTERCULTURAL: INTERLOCUÇÕES COM A FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY PARA PENSAR A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO ACADÊMICO

A partir do momento em que reconheci que minha experiência, justamente enquanto minha, abre-me para o que não é eu, que sou sensível ao mundo e ao outro, todos os seres que o pensamento objetivo colocava à distância aproximam-se singularmente de mim (Merleau-Ponty, 1984b, p. 188).

Ao nos colocarmos face a face com a experiência nas análises anteriores, para onde ela nos deslocou em relação aos temas provenientes dos grupos? A questão do tempo, o gênero, a língua, o lugar, dentre outros, trouxe para a relação com o outro no contato intercultural, especificidades que podem, segundo nos parece, dialogar com reflexões feitas por Merleau-Ponty sobre a alteridade. E, principalmente, nos levam a indagar se o modo como nos posicionamos diante dela condiz com o que *pensamos* sobre ela. Compreender uma experiência vivida talvez vá muito além do que se objetivou, de início. É preciso que ela seja primeira, que fale por si e na relação com a percepção e, posteriormente, com esta reflexão, possam existir noções, compreensões enriquecidas para o conteúdo teórico.

Especificamente para esta questão, a relação com a alteridade talvez coloque em foco (in) compreensões que delimitam as diferentes realidades culturais e apresentam o desafio de construir novas ações que permitam a presença do diverso no social, do indivíduo dentro de um grupo. Mas para isso, que posicionamento se possui em relação ao outro? Quando e como perceber que o não entendimento de um significado, por exemplo, se deve à relação com a língua ou com o próprio código cultural?

Merleau-Ponty, em seu tempo histórico, é concebido como um autor de transição entre uma longa tradição da filosofia moderna, a partir de Descartes e a busca por uma ética da alteridade (Coelho Jr., 2008). As implicações disso para as perguntas que fazemos acima, é que o modo de pensar deste autor, principalmente para a relação entre o eu e o outro, fornece noções como a da “dialética sem síntese”, que mostram tanto a tensão entre as polaridades e, ao mesmo tempo, a sua interpenetração. Merleau-Ponty definiu esta dialética como verdadeira, no sentido de considerá-la como “o constante movimento, o estar sempre aberto às mudanças do mundo, sem enrijecer-se em uma síntese definitiva” (Coelho Jr & Carmo, 1991, p. 77). Este parece ser o caminho percorrido até o seu último livro *O Visível e o Invisível* (Merleau-Ponty, 1964/2007).

Os textos que serão discutidos nesta reflexão apresentam um processo no pensamento do filósofo, que parte da temática do corpo como uma possibilidade de dar conta do problema do outro na filosofia, conforme “Outrem e o Mundo Humano” (Merleau-Ponty, 1945/2006c) nos mostra. Isso faz com que a categoria da alteridade, surja em decorrência da intercorporeidade que embasa a crítica à dicotomização mente e corpo e introduz a questão da percepção no conhecimento de si e do outro no mundo. É importante constatar que em seu pensamento na obra *Fenomenologia da Percepção* (Merleau-Ponty, 1945/2006a), na qual o texto acima está inserindo, vai ocorrendo um gradativo afastamento da filosofia da consciência, à medida em que esta passa a ser considerada perceptiva.

Com os trabalhos das décadas de 1950 e 1960, vemos que o seu posicionamento sobre a experiência humana, vai atrelar a experiência do corpo com a linguagem. E também redimensionar a ótica do “vivido” nas disciplinas das ciências humanas. É o que vemos com os ensaios “O Metafísico no Homem” (Merleau-Ponty, 1984b) e “De Mauss a Claude Lévi-Strauss” (Merleau-Ponty, 1984a) publicados originalmente nos anos de 1960. No primeiro, temos a problematização da metafísica e sua reinserção para o campo empírico, a partir de um diálogo com as disciplinas do conhecimento sobre o homem. O que, de certa forma, é complementado no segundo ensaio, no qual Merleau-Ponty na interlocução com a sociologia e a antropologia, interroga a relação com o outro perpassando a noção de “estrutura”, muito importante ao filósofo desde os anos de 1940.

Por fim, em “A percepção do outro e o diálogo” (Merleau-Ponty, 1969/2002), temos nas anotações organizadas pelo colaborador Claude Lefort (1924-2010), o tema da linguagem fundamentando a experiência do diálogo no campo intersubjetivo. Apesar de este ser um texto inacabado, observamos com o papel fornecido à “fala”, aproximações importantes para refletir sobre a experiência com a língua portuguesa nos grupos desta pesquisa.

Apesar de nos aproximarmos de alguns textos escritos pelo autor, é importante mencionar que a sua trajetória mais específica sobre a linguagem o aproximou da arte e, principalmente da pintura, o que possibilitou tecer comparações com o próprio fazer filosofia. Esta fase final de sua obra marca a passagem para além das fronteiras da fenomenologia, rumo a uma nova ontologia que será mais evidenciada em *O Olho e o Espírito* (Merleau-Ponty, 1960/2013).

Trata-se da Ontologia do *Ser Bruto ou Selvagem*, na qual o autor vai introduzir o conceito de “Carne” (*chair*), fundamental para a aderência e o envolvimento do sujeito no mundo. Uma proposição que também estará presente na obra *O Visível e o Invisível* (Merleau-Ponty, 1964/2007) publicada postumamente em 1964. Não abordaremos este conceito na

reflexão sobre alteridade, apenas salientamos que a concepção de “Carne” não elimina as diferenças, mas as legitima, “na medida em que recupera um estilo comum presente no entrelago das polaridades, caracterizando simultaneamente, a presença da igualdade e da diferença” (Coelho Jr., 2015, p. 26).

Assim, esta aproximação com a filosofia de Merleau-Ponty reconhece os rumos de sua abordagem e seu alcance para refletir sobre a alteridade nesta pesquisa. Por conta disso, realizamos este recorte de aspectos problematizados nos textos, sem perder de vista o seu objetivo dentro da proposta do autor. Defendendo, portanto, que a interlocução com a filosofia retoma elementos da relação eu-outro, cuja contribuição se torna bastante significativa aos fenômenos interculturais contemporâneos.

4.1 Do problema do outro à existência com o outro: considerações de Merleau-Ponty sobre a intersubjetividade

Merleau-Ponty, para abordar a constituição do mundo cultural e como seria possível compreender a percepção do outro, parte de uma relação fundamental entre o tempo natural e a vida. Esta mistura impede a realização da vida e fornece a ela um ar de esboço:

A transcendência dos momentos do tempo simultaneamente funda e compromete a racionalidade de minha história: ela a funda, já que me abre um porvir absolutamente novo em que eu poderia refletir naquilo que há de opaco em meu presente, ele a compromete, já que, a partir deste porvir, eu nunca poderia apreender o presente que vivo com uma certeza apodítica, já que assim o vivido nunca é inteiramente compreensível, o que compreendo nunca alcança exatamente a minha vida, e já que enfim nunca me uno a mim mesmo (Merleau-Ponty, 1945/2006a, p. 464).

Este início do texto “Outrem e o mundo humano” (Merleau-Ponty, 1945/2006c)⁵⁰, mostra que o homem é mantido numa existência pessoal por um tempo que ele não constitui, ou seja, um tempo que está para além do domínio do eu e que faz com que as percepções se coloquem sobre um fundo de natureza. Da relação com a natureza no centro da vida pessoal, os comportamentos, por outro lado, também descem à mesma e se depositam nela sobre a forma de um mundo cultural (Merleau-Ponty, 1945/2006c). É interessante notar, neste texto,

⁵⁰ Neste texto, temos a preocupação de Merleau-Ponty com o problema do conhecimento do outro, fundamental à filosofia husserliana no século XX. Sabemos que haverá um distanciamento de Merleau-Ponty em relação à Husserl, após *Fenomenologia da Percepção*, porém aqui nesta pesquisa não iremos tratar disso especificamente. Nos textos citados, iremos nos remeter a alguns pontos caros na filosofia de Merleau-Ponty à reflexão sobre a alteridade.

que o filósofo já apresenta uma relação íntima entre o tempo e a subjetividade, um argumento que será desenvolvido mais à frente no seu capítulo sobre a *Temporalidade*⁵¹ (Merleau-Ponty, 1945/2006d).

A descrição do sujeito por Merleau-Ponty vai destituí-lo de uma caracterização tanto como acontecimento psíquico quanto eterno. Desta forma, “resta que ele seja temporal, não por algum acaso da constituição humana, mas em virtude de uma necessidade interior” (Merleau-Ponty, 1945/2006d, p. 549). Esta concepção vai levar o filósofo a perceber o tempo em sua dialética interna, o que se torna fundamental para refazer a ideia de sujeito.

Sem entrar nos pormenores disso, que não é o foco desta discussão, é relevante apenas mencionar que a análise do tempo para Merleau-Ponty fornece acesso à estrutura concreta da subjetividade: “se conseguirmos compreender o sujeito, não será em sua pura forma, mas procurando-o na intersecção de suas dimensões” (Merleau-Ponty, 1945/2006d).

Os resultados obtidos nesta pesquisa de mestrado apresentaram a dimensão temporal como fundamental para a experiência intercultural de intercâmbio. Os participantes forneceram sentidos ao tempo, considerado, na maioria das falas, em seu passado, presente e futuro. Sabemos, com (Merleau-Ponty, 1945/2006d), que esta divisão é realizada pelo homem e o tempo se apresenta para nós em ação. Por isso que a ação do tempo deixa um “esboço” sobre a vida. O tempo está indissociado à subjetividade, porém não subjugado a ela. Quando os participantes da pesquisa nivelam o tempo, este deixa de ser tempo, sendo apenas o seu registro final: “resultado de sua *passagem* que o pensamento objetivo sempre pressupõe e não consegue apreender” (Merleau-Ponty, 1945/2006d, p. 556). Entretanto, eles também o pensaram em sua vivência, numa dimensão mais subjetiva.

Merleau-Ponty nos apresenta que a possibilidade de colocar o tempo numa configuração objetiva só é possível porque estamos no passado, no presente e no porvir. Para Merleau-Ponty, o tempo “é o sentido de nossa vida e, assim como o mundo, só é acessível àquele que está situado nele e esposa sua direção” (Merleau-Ponty, 1945/2006d, p. 577). Não se trata aqui de realizar uma correspondência entre tempo e mundo, mas de mostrar que é por meio do tempo que “pensamos o ser, porque é pelas relações entre o tempo sujeito e o tempo objeto que podemos compreender as relações entre o sujeito e o mundo” (p.577).

É nesta vivência do tempo, no seu presente vivo que se tem acesso a um passado que, contudo, não se vive mais, e a um porvir que ainda não se vive e que talvez possa nunca ser

⁵¹ Iremos ilustrar alguns pontos discutidos por Merleau-Ponty sobre esta temática face à relevância deste assunto para os participantes da pesquisa. Para a uma maior compreensão sobre a temporalidade, vide o capítulo sobre este tema nas páginas 549 a 580 da obra *Fenomenologia da Percepção*.

vivido. Neste sentido: “ele também possa dar acesso a temporalidades que eu não vivo e pode ter um horizonte social, de forma que meu mundo se acha ampliado na proporção da história coletiva que minha existência privada retoma e assume” (Merleau-Ponty, 1945/2006d, p. 580).

Sabemos que o mundo cultural faz parte dos objetos que trazem de maneira implícita a ação humana. Pela relação que o autor observa deste mundo com a natureza, conforme aprofunda também para a questão do tempo, o mundo cultural é ambíguo e já está presente. Existem objetos que temos contato e que trazem a presença próxima de outrem⁵². Mas como podemos conhecê-lo? A pesquisa nos mostrou, de forma similar a esta passagem do texto de Merleau-Ponty, que, no plano geral, interpretamos a conduta dos outros homens por analogia com a nossa própria e pela experiência pessoal, a qual nos ensina o sentido e a intenção dos gestos que percebemos. Todavia, esta argumentação é limitada para o filósofo quando se questiona o problema do outro, pois a questão maior que se coloca é:

(...) como a palavra Eu pode colocar-se no plural, como se pode fornecer uma ideia geral do Eu, como posso falar de um outro Eu que não o meu, como posso saber que existem outros Eus, como a consciência, que por princípio e enquanto conhecimento de si mesma está no modo do Eu, pode ser apreendida no modo do Tu e através disso, no modo do “Se”? (Merleau-Ponty, 1945/2006c), p.466 -467).

A resposta inicial que anuncia uma possível solução para este problema é o primeiro dos objetos culturais, aquele pelo qual eles todos existem: o corpo de outrem enquanto portador de um comportamento (Merleau-Ponty, 1945/2006c). O corpo se torna visível no ambiente em que se constrói, entretanto, mesmo ele tornando visível o outro, a constituição deste, não irá iluminar por consequência o surgimento da sociedade, pois esta, por sua vez, se coloca como uma coexistência com um número indefinido de consciências (Merleau-Ponty, 1945/2006c).

Quando nos propomos a analisar a percepção do outro nos deparamos com uma outra dificuldade que já de início o mundo cultural nos promove: a “do paradoxo de uma consciência vista do lado de fora, de um pensamento que reside no exterior, e que portanto,

⁵² Ao longo do texto, vemos que Merleau-Ponty ora utiliza o termo “outrem” ora o termo “outro”. Não há uma distinção clara sobre ambos, mas notamos que “outrem” adquire um sentido na filosofia de Merleau-Ponty, de alguém próximo do eu, mas que vai além de sua pessoalidade. Conforme (Müller-Granzotto, 2008) acrescentam é como se fosse uma presença impessoal, que participa do mundo assim como o eu, porém sem que o eu possa dizer que este outro, seja dele enquanto objeto. Há em “outrem” uma alteridade radical, que faz dele mais do que a simples réplica do eu.

comparados à minha consciência e ao meu pensamento já são anônimos e sem sujeito” (Merleau-Ponty, 1945/2006c, p. 467).

O filósofo apresenta que o pensamento objetivo não dá conta da existência de outrem, pois ao considerar os modos do ser “em si” (coisa) e do ser “para si” (consciência), ele tenta conceber outrem dentro da primeira esfera, ou seja, de um objeto diante do eu. Contudo, outrem existiria para si próprio e, em decorrência disso, para ser percebido pelo eu, ele teria que ser distinguido enquanto *objeto* e pensado enquanto *consciência*, pois nele “se confundem aquele que pensa e aquele que é pensado” (Merleau-Ponty, 1945/2006c, p. 468).

Desta maneira, se colocarmos o pensamento objetivo em dúvida, juntamente com as representações científicas do mundo e do corpo, tomamos contato com uma *experiência* do corpo e do mundo que não é absorvida por elas. E que podem apresentar uma solução para este problema. Assim, ao conceber o corpo enquanto potência desse mundo, isto é, como movimento em direção ao mundo, este por sua vez, passa a ser o ponto de apoio de meu corpo. Ultrapassando o ideal de um pensamento fechado sobre si mesmo, a percepção deixa de ser a constituição de um objeto verdadeiro, passando a ser a nossa inerência às coisas. Ao reconfigurar a percepção, o autor também passa a questionar a visão do outro em termos da consciência e do corpo:

Se para mim que reflito na percepção, o sujeito que percebe aparece provido de uma montagem primordial em relação ao mundo, arrastando atrás de si esta coisa corporal sem a qual para ele não haveria outras coisas, por que os outros corpos que percebo não seriam, reciprocamente habitados por consciências? (Merleau-Ponty, 1945/2006c, p. 470).

Com este questionamento, corpo e consciência também precisam ser vistos de outra maneira. O primeiro não é um corpo objetivo, tal como a fisiologia descreve ou a ciência e o pensamento objetivo analisam. Mas é aquele que traz a nossa aderência ao mundo, que se situa num campo pré-subjetivo:

Precisamos recuperar, nos corpos visíveis, os comportamentos que neles se esboçam, que fazem ali a sua aparição, mas que não estão realmente contidos neles. (...) Trata-se apenas de reconhecer que o corpo, enquanto edifício químico ou reunião de tecidos, é formado por empobrecimento a partir de um fenômeno primordial do corpo-para-nós, do corpo da experiência humana ou do corpo percebido, que o pensamento objetivo investe, mas do qual ele não precisa postular a análise acabada (Merleau-Ponty, 1945/2006c, p. 470).

Com esta nova concepção ao corpo, que o situa no campo da experiência e que já havia sido anunciada na obra *A Estrutura do Comportamento* (Merleau-Ponty, 1942/2006), o filósofo também apresenta a necessidade de resgatarmos dimensões que sob a ótica de um pensamento objetivo, tornam-se subjugadas a este. Uma delas é a própria sensibilidade. Algo que na afirmação da intersubjetividade, torna-se elemento fundamental. Desta forma, Merleau-Ponty caminha na reflexão sobre a comunicação intersubjetiva, a percepção entre o eu e o outro e a afirmação da existência de uma dimensão desconhecida que mesmo com a objetivação do outro não o esgota.

Com o raciocínio proposto em “Outrem e o Mundo Humano”, a consciência não é constituinte ou ainda como um puro ser-para-si, mas sim uma consciência perceptiva, o sujeito de um comportamento, porque é somente desta maneira que outrem poderá surgir no seu corpo fenomenal. Quando o “eu” se volta para a própria percepção e segue da percepção direta ao pensamento dessa percepção, ele a re-efetua. Ou seja, ele reencontra um pensamento mais antigo em relação àquele que estava trabalhando em seus órgãos de percepção e do qual eles são rastro. Este caminho parece ser a mesma maneira com que se compreende outrem (Merleau-Ponty, 1945/2006c).

Para o autor, o outro passa a ser evidente porque não sou transparente para mim mesmo. O corpo de outrem não é um objeto para mim, assim como o meu não o é para ele. Os corpos, enquanto comportamentos, não se reduzem a esta condição. Na coexistência no mundo, outrem não está cercado pela minha perspectiva sobre o mundo, pois esta perspectiva não possui limites demarcados e desta forma, ela “escorrega” de maneira espontânea na perspectiva de outrem (Merleau-Ponty, 1945/2006c). Assim:

(...) é justamente o meu corpo que percebe o corpo de outrem, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno, e a existência anônima da qual meu corpo é a cada momento o rastro que habita doravante estes dois corpos ao mesmo tempo (Merleau-Ponty, 1945/2006c, p. 474).

Esta percepção do corpo de si sobre o corpo do outro não os coloca numa totalidade. Eles participam de um sistema, que na minha interpretação, parece se configurar como um campo intersubjetivo, no qual, eles participam. Vemos com Merleau-Ponty, que a linguagem vai desempenhar um papel essencial na percepção de outrem. Na experiência do diálogo, o outro deixa de ser um simples comportamento no campo transcendental do eu, para

coexistirem por meio de um mesmo mundo. Entretanto, afirma Merleau-Ponty, o comportamento e a fala de outrem, não são outrem: “o luto de outrem e sua cólera nunca têm exatamente o mesmo sentido para ele e para mim. Para ele, trata-se de situações vividas, para mim de situações apresentadas” (Merleau-Ponty, 1945/2006c, p. 477).

Podemos pensar este argumento também para as situações vividas e apresentadas pelos participantes desta pesquisa em grupo. Mesmo realizando o intercâmbio acadêmico, o que se constituiu como uma situação comum a todos os participantes, o diálogo sobre isso partiu da subjetividade que cada um projeta neste mundo “único”. O que não significa, necessariamente, que as situações vividas nas histórias pessoais tenham o mesmo *sentido*. Ou possam ser compreendidas da mesma forma. Para Merleau-Ponty, as dificuldades na percepção de outrem não eram restritas ao pensamento objetivo, pois o conflito entre mim e outrem não começa somente quando procuramos pensar outrem, e não desaparece se reintegramos o pensamento à vida irrefletida.

Em outra passagem deste texto, o autor vai retomar a questão da lógica solipsista, indagando como eu posso perceber um outro que no mesmo momento me subtrai esta universalidade? Para tentar responder a esta outra questão, Merleau-Ponty vai abordar o fato do ser ter sido lançado no mundo e, ao mesmo tempo, ser livre. Ele pode se colocar contra o mundo social, por exemplo, utilizando de sua natureza sensível e agindo como um estrangeiro diante da sociedade, de outrem e dos objetos culturais. Ele pode ainda se contrapor ao mundo natural e recorrer ao pensamento colocando em dúvida cada percepção realizada. E aqui novamente, exemplificando estas duas situações, o homem pode construir uma filosofia solipsista, mas, mesmo nesta construção, ele supõe uma comunidade de homens falantes e se dirige a ela. “(...) Outrem e eu, é preciso escolher, diz-se. Mas escolhe-se um *contra* o outro, e assim afirmam-se os dois” (Merleau-Ponty, 1945/2006c, p. 483). Tanto o “eu” quanto o “outro” são afirmados pela sua oposição. E são reduzidos um pelo outro, à categoria de objetos.

Apesar desta tentativa, o autor nota que na experiência da comunicação, basta que o outro me dirija à palavra ou apenas realize um gesto, que ele já deixa de me transcender. E, assim tento em contato com um domínio que considerava até então inacessível. Para transcender definitivamente as outras existências, a primeira precisava permanecer em sua diferença natural. Mesmo a atitude do filósofo, afirma Merleau-Ponty, em se isolar da nação, das amizades, de seus preconceitos, é ato, fala e por conseguinte diálogo. Assim, o solipsismo não pode ser verdadeiro, pois existir é ser no mundo. Assim, como já havíamos anunciado, a

subjetividade para Merleau-Ponty (1945/2006c), é uma subjetividade revelada, saber para si mesma e para outrem, ou seja, uma intersubjetividade.

As implicações disso têm relação com a afirmação de que, a partir do momento em que a existência se concentra e se engaja em uma conduta, ela cai sob a percepção. “Como qualquer outra percepção, esta afirma mais coisas do que realmente apreende” (Merleau-Ponty, 1945/2006c, p. 485). Com esta afirmação, o sujeito corre riscos diante do fundo inesgotável das coisas e dos “outros”. Os participantes do grupo expressavam a sua percepção sobre os outros a partir justamente da conduta. Havia uma preocupação, particularmente no primeiro grupo, que esta visão do outro fosse além de possíveis preconceitos. E que o outro pudesse, por sua vez, ter o mesmo “cuidado” ao mencionar aspectos de seus países, como foi enfatizado pelos dois grupos.

As considerações de Merleau-Ponty apontam para redescobrir o mundo social depois do mundo natural, como um campo permanente ou dimensão de existência. Posso me desviar dele, mas não deixar de estar situado em relação a ele. Nossa relação ao social é muito profunda e ele não pode ser reduzido a um objeto: “Antes da tomada de consciência, o social existe surdamente e como solicitação” (Merleau-Ponty, 1945/2006c, p. 486).

O problema da modalidade do social reúne aqui todos os problemas da transcendência, afirma o autor. A questão reside em saber como posso ser aberto a fenômenos que me ultrapassam e, que, todavia, só existem na medida em que os retomo e os vivo (Merleau-Ponty, 1945/2006c). Este questionamento também é válido para o contato intercultural. A cultura, ao mesmo tempo em que nos insere num mundo que já existe com os seus objetos, os quais trazem traços de civilizações e suas práticas, também nos dimensiona nesta postura em relação ao outro. A esta possível abertura àquilo que me supera (no sentido de que não consigo abarcar), mas que paradoxalmente na experiência do diálogo, traz elementos que nos situam numa coexistência.

Para Merleau-Ponty, com o mundo natural e o mundo social, nós descobrimos o verdadeiro transcendental: o qual para o filósofo se constitui como a vida ambígua, a qual por uma contradição fundamental vai tornar possível o conhecimento. Há aqui uma preocupação em descrever uma possibilidade de compreensão e reflexão sobre o mundo, mais radicais do que aquela realizada pelo pensamento objetivo. Esta ambiguidade pode ser reconhecida se sob o sujeito reencontrarmos o tempo, e no seu paradoxo correlacionarmos com os do corpo, do mundo, da coisa e de outrem (Merleau-Ponty, 1945/2006c).

Com a última frase deste texto, observamos que para o autor todos estes elementos estão profundamente interligados. Ao se propor a questionar o conhecimento sobre outrem,

está-se indagando também os outros paradoxos presentes nas perspectivas das noções descritas. A dialética de sua filosofia não objetiva uma superação destas tensões. Elas fazem parte das relações nesta coexistência. Pensar a alteridade deste modo, pode nos levar a crer que nem a identidade muito menos a diferença, podem ser superadas. E qual sentido isso nos traz em relação às experiências desenvolvidas?

Ao utilizarmos a concepção de Merleau-Ponty como reflexão para as experiências da pesquisa, notamos que os elementos fornecidos pelos grupos para pensar a relação com o outro, vão ao encontro destes paradoxos discutidos pelo autor sobre este tema. Não é que eles apresentem todos eles, mas apontam principalmente para o paradoxo do tempo. Não há como falar em alteridade sem considerar esta questão, por exemplo. Quando nos remetemos à relação intercultural, percebemos estas temáticas concomitantemente no campo intersubjetivo.

4.2 Sobre a convivência com o outro: variações e nuances da relação eu e outro na interface com as ciências humanas

Em outro texto intitulado “O Metafísico no Homem” (Merleau-Ponty, 1984b)⁵³, Merleau-Ponty vai aprofundar a questão da alteridade a partir da problemática da “metafísica”. Pela influência kantiana, este termo foi reduzido “ao sistema de princípios empregados pela razão na constituição da ciência ou do universo da moral” (Merleau-Ponty, 1984b, p. 179).

Ao objetivar circunscrevê-la em ato e “fazê-la aparecer no horizonte das ciências do homem” (p.179), Merleau-Ponty apresenta aspectos importantes, como questão da linguagem, o que para esta pesquisa, auxilia na compreensão do sentido de uma nova língua em um contexto intercultural. Além de descrever a dialética entre alteridade-identidade na relação com o outro, conforme veremos com os seus argumentos.

O primeiro ponto ressaltado pelo autor é com relação à Psicologia da Forma e à concepção das condições e limites de um saber científico. Para o filósofo, a Psicologia da Forma apresenta o paradoxo de que há outras relações verdadeiras além das mensuráveis, o que compromete uma necessária mudança na noção de “objetivo”. No trabalho desta área com a inteligência dos macacos superiores, Merleau-Ponty assinala que o problema reside em mascarar a realidade da “forma” com uma descrição metodológica menor e manter o

⁵³ Trata-se da 2ª edição de Textos de Merleau-Ponty selecionados para o livro da Coleção “Os Pensadores” A tradução, realizada por Marilena de Souza Chauí, baseia-se no original francês de 1965, 5ªed.

privilégio cientificista. Contudo, mesmo com esta tendência, o sentido filosófico da Psicologia da Forma é, para Merleau-Ponty, revelar as noções de “forma” e “estrutura” como questionamento da alternativa clássica e estabelecer uma comunicação e uma espécie de mistura do objetivo e do subjetivo⁵⁴.

O segundo argumento é com relação à linguística e a sua tentativa de abordar a língua enquanto coisa (“em si”). Para Merleau-Ponty, a “língua” assim como a noção de “comportamento”, vai além desta categorização:

Dizer que os fatos linguísticos são qualitativos, também é que em sua conexão e desenvolvimento precisam da mediação das consciências. Contudo, disto não se pode concluir que o lugar ou o meio da língua seja a consciência, nem que a língua seja uma abstração e os sujeitos falantes, a única realidade. Pois, cada sujeito falante, mesmo quando modifica a língua, sente-se submetido a certos modos de expressão capazes de fazê-lo compreendido pelos outros (Merleau-Ponty, 1984b, p. 182).

Tendo esta afirmação como base, podemos refletir que na comunicação eu-outro, a própria linguagem se relaciona com uma dimensão na qual podem existir momentos no diálogo que a busca pelo entendimento seja ultrapassada por *sentidos* fora da demarcação de uma língua. E aí cabe a questão: há possibilidade de traduzir estes sentidos, ou isso seria apenas concretizado numa mesma realidade cultural?

Antes de buscar uma resposta para esta questão, passemos para a terceira disciplina questionada por Merleau-Ponty: a Sociologia. Especificamente aqui, a crítica do filósofo se apresenta para a obra de referência “Formas Elementares da Vida Religiosa” de Emile Durkheim (1858 – 1917). Em linhas gerais, nesta obra o Sagrado é visto a partir do Religioso, e este por sua vez, é explicado pelo Social. Para Durkheim, o Social é “coisa”. Com esta definição faltaria compreender o modo particular da relação inter-humana e da comunicação realizadas em cada civilização (Merleau-Ponty, 1984b). Se, ao contrário, questiona Merleau-Ponty, o Social for visto como *intersubjetividade*, relação viva e tensão entre os indivíduos, haveria a possibilidade de retomar a atitude humana. E o que isso implica?

Sem realizar um fechamento sobre isso, o filósofo explicita ainda mais a problemática para reconfigurar a “metafísica” diante da História. Esta disciplina, diferentemente da Sociologia, está mais protegida contra o sonho de um conhecimento soberano (Merleau-Ponty, 1984b). Todavia, a História possui o risco de cair numa visão excessivamente

⁵⁴Conforme Merleau-Ponty explorou com profundidade em *A Estrutura do Comportamento* (Merleau-Ponty, 1942/2006).

subjetiva, porque entre os pontos de vista em confronto com os fatos, “não atingimos o universal abandonando nossa particularidade, mas fazendo dela um meio para alcançar os outros, em virtude de uma afinidade misteriosa que faz com que as situações se compreendam entre si” (Merleau-Ponty, 1984b, pp. 186-187).

Com a menção a estas quatro disciplinas, Merleau-Ponty afirma que As Ciências do Homem são metafísicas ao ajudarem a redescobrir com a estrutura e a compreensão das estruturas, um tipo de conhecimento que o homem esquece. Com isso, não há mais posição de um objeto, mas comunicação com uma maneira de ser. Merleau-Ponty apresenta que a universalidade é encontrada no diálogo da experiência com o outro, num movimento cujas molas não são conhecidas por nós em sua totalidade. Desta forma, existe um mistério para Merleau-Ponty, “há metafísica a partir do momento em que cessando de viver na evidência do objeto (...) apercebemos indissolivelmente a subjetividade radical de toda nossa experiência e seu valor de verdade” (Merleau-Ponty, 1984b, p. 187).

Assim, a metafísica passa a ter o propósito de descrever “o paradoxo da consciência e da verdade” (Merleau-Ponty, 1984b, p. 188). A ciência está neste paradoxo mesmo que não queira reconhecê-lo. Para o autor, a consciência metafísica, em um “primeiro grau é espanto da descoberta da defrontação dos contrários; e o segundo grau, reconhecimento de sua identidade na simplicidade do *fazer*” (Merleau-Ponty, 1984b, p. 188). Os objetos da experiência cotidiana - o mundo, os outros, a história humana, a verdade e a cultura -, que antes eram tomados como “prontos”, são redescobertos em sua estranheza fundamental pela consciência metafísica.

Marilena Chauí complementa, em nota de da alteridade e da identidade fundantes da experiência e do pensamento rodapé inserida neste texto do filósofo, que esta nova definição abre mão tanto da noção de sistema, quanto da ideia de um observador absoluto. Merleau-Ponty recoloca o “fantástico” na empiria e a metafísica passa a ser então “o reconhecimento e a descrição do paradoxo. A metafísica é, pois, o subsolo permanente não-tematizado da atitude natural e da ciência” (Chauí, Nota de rodapé 15, p.189). Um subsolo que é incompatível com o conteúdo manifestado pela religião, porque deixa de se situar numa exterioridade fora do mundo empírico e da própria experiência. Com esta nova compreensão é possível restabelecer uma relação entre o conhecimento científico e o saber filosófico, já que:

Fazer metafísica não é entrar num mundo de conhecimento separado, nem repetir fórmulas estereis de como nos servimos – é ter experiência plena dos paradoxos que indicam, é verificar sempre o novo, o funcionamento discordante da intersubjetividade humana, é procurar pensar até o fim os mesmos fenômenos investidos pela ciência,

restituindo-lhes somente sua transcendência e estranheza originárias (Merleau-Ponty, 1984b, p. 192).

Pensar a metafísica no campo da experiência traz para esta pesquisa uma aproximação importante para pensar o contato intercultural. Na interpretação que faço, a procura pelo consenso não parece ser deixada de lado por Merleau-Ponty. Contudo, ela passa a ser vista concomitante aos aspectos que diferenciam as culturas. O desafio de conviver com a diversidade, em situações como a do intercâmbio acadêmico, passa a contemplar tanto o cuidado com o relativismo, de um lado, quanto com a universalidade, por outro.

E, além disso, amplia a nossa visão de que a perspectiva sobre a experiência intercultural será mediada por significados e referências que incrementam ainda mais a relação com a alteridade e que marcam o pertencimento a uma cultura. A língua, como vimos, foi um importante eixo para o diálogo e o processo grupal. A estranheza diante do uso de inúmeras palavras, por exemplo, marcou os momentos de (in) compreensões em grupo, mesmo tendo escolhido o português em comum acordo com os participantes. Os momentos de estranheza, de dificuldade e de descobertas sobre a condução da pesquisa, foram fundamentais no contato entre os sujeitos e deles para com a minha posição de pesquisadora.

As identidades e as identificações com as referências culturais marcaram desde os cumprimentos iniciais diversos até a reflexão sobre o fim da pesquisa. Eles delimitaram as fronteiras entre o eu e o outro: de um lado, aquele comportamento que era possível de entender; e de outro, aquele tão estranho e fora da realidade vivida, que era difícil inclusive de ser significado, pelo menos em um primeiro momento. A tradução das palavras ao português, ao mesmo tempo limitava e expandia o conhecimento de determinadas experiências prévias. E no paradoxo entre o universal e o particular, a experiência neste pequeno espaço trouxe à luz os desafios à metodologia e à teoria.

Com a aproximação a estes dois textos de Merleau-Ponty temos a possibilidade de refletir sobre a relação com o outro a partir dos paradoxos da existência, que demonstram as tensões da identidade e da diferença. Tensões que circunscrevem as fronteiras do conhecimento sobre o outro. No ensaio “De Mauss à Claude Levi-Strauss” (Merleau-Ponty, 1984a) publicado também em 1960⁵⁵, Merleau-Ponty vai analisar as implicações epistemológicas e ontológicas da antropologia, tendo como base a questão de “como compreender o outro sem sacrificá-lo à nossa lógica e sem sacrificá-la a ele” (Merleau-Ponty, 1984a, p. 194).

⁵⁵ Este ensaio foi também traduzido por Marilena Chauí, na Coleção *Os pensadores*, edição de 1984.

Com esta pergunta mais que oportuna a esta pesquisa, Merleau-Ponty retoma Durkheim, conforme mencionado em *O Metafísico no Homem*, mostrando que com este (e também com Lévy Bruhl), a escola francesa falhava no acesso ao outro. Pois, na tentativa de fornecer um caráter mais preciso aos fatos sociais, Durkheim caiu no campo das representações coletivas para pensar a relação do indivíduo e da consciência coletiva, buscando uma “gênese ideal das sociedades pela combinação de sociedades elementares e pela composição dos compostos entre si” (p.194).

Marcel Mauss (1872 – 1950), sobrinho de Durkheim, foi o primeiro a antecipar uma sociologia mais “elástica” do que a anterior (Merleau-Ponty, 1984a, p. 193), ao admitir que o social possuía duas faces: a primeira sendo significativa e se podendo compreendê-la de dentro “e, ao mesmo tempo, a intenção pessoal encontra-se nele generalizada, amortecida, tende para o processo, está segundo a célebre expressão, mediatizada pelas coisas” (p.193). Com Mauss, tem-se a possibilidade de a sociologia romper com uma posição de observador absoluto, pois este autor praticou a comunicação com o objeto incessantemente.

A partir de uma diferente maneira para entrar em contato com o social, a leitura de Mauss permite aprender o modo de troca nas sociedades e desta forma, a organização de um sistema de símbolos que vão se inserir no indivíduo, porém sem suprimi-lo a este. Assim, não há mais que escolher entre o individual e o coletivo.

Na ótica do social como simbolismo, Merleau-Ponty analisa que Mauss encontrou “o meio para respeitar a realidade do indivíduo, a do social e a variedade das culturas sem torná-las impermeáveis uma à outra” (Merleau-Ponty, 1984a, p. 195). Na descrição de alguns elementos pertencentes às considerações de Mauss sobre o dom e a reciprocidade, no princípio de troca no *Hau* e no *Mana*, Merleau-Ponty aponta para o limite do alcance de autor. Há aqui o reconhecimento de noções enigmáticas que são reproduzidas na teoria indígena, mas não fornecem mais elementos para uma teoria do fato social.

Com esta constatação, Merleau-Ponty atravessa a fronteira de outra concepção e outra abordagem, a de Claude Lévi-Strauss. É neste ponto do texto que ele vai discorrer sobre a estrutura, noção cara ao filósofo e especificamente a este antropólogo, que a denomina “à maneira como a troca está organizada em um setor da sociedade ou na sociedade inteira” (Merleau-Ponty, 1984a, p. 195). Assim, com Lévi-Strauss os fatos sociais passam a ser vistos como estruturas, um termo que ganhou ampla utilização na época em que Merleau-Ponty escreveu este ensaio. O filósofo ainda relembra o uso de estrutura pela Psicologia da Gestalt e a linguística, o que o leva para pensá-lo na antropologia social. Nesta:

(...) a sociedade é feita de sistemas deste gênero: sistema do parentesco e da filiação (com todas as regras convenientes do casamento), sistema de troca linguística, sistema de troca econômica, da arte, do mito e do ritual. A própria sociedade é a totalidade desses sistemas em interação (Merleau-Ponty, 1984a, p. 196).

Considerando esta definição, os sujeitos vivem sem ter precisamente um conhecimento deste princípio de troca e imersos nestas estruturas que são praticadas por eles de maneira óbvia. Neste sentido, a estrutura possui duas caras: ela organiza os elementos de acordo com um princípio interior, que é sentido. Este, a partir do que carrega, é pesado. Ao conceber as sociedades como uma realidade facetada, Merleau-Ponty questiona até que limite poderiam ir as comparações que são feitas e ainda se haveria o alcance de invariantes culturais.

Esta nova investigação desenvolvida por Lévi-Strauss busca substituir as doutrinas contraditórias por relações de complementaridade. Segundo Chauí, na nota de rodapé 6 (p. 197), Lévi-Strauss caminhou até este ponto e desembocou de um “kantismo sem sujeito transcendental” ou “num pensamento objetivo” que ficou permeado por estruturas formais. O que no decorrer do ensaio, Merleau-Ponty mostrará que não era bem isso que esperava da análise estrutural.

A antropologia de Lévi-Strauss busca, na visão de Merleau-Ponty, o elementar nos sistemas de parentesco, orientando-se por um esquema de estruturas que apresentem variantes. Entretanto, o filósofo alerta que há de se tomar cuidado, pois o retrato das sociedades não se constitui como “modelos puros, os diagramas traçados por um método puramente objetivo são instrumentos de conhecimento” (Merleau-Ponty, 1984a, p. 198).

Para Merleau-Ponty seria necessário que as estruturas das sociedades também pudessem ser feitas considerando as suas próprias populações que vivem estes sistemas de parentesco:

Deve, portanto, existir uma espécie de equivalente vivido que o antropólogo precisa procurar, desta vez, com um trabalho que não é mais somente mental e talvez, pagando o preço da perda do conforto e, até mesmo, pondo em risco sua segurança pessoal. O emparelhamento da análise objetiva com o vivido talvez seja a tarefa mais específica da antropologia, distinguindo-a de outras ciências sociais como a ciência econômica e a demográfica” (Merleau-Ponty, 1984a, p. 199).

Assim, as variáveis da antropologia devem ser reencontradas nesta significação humana dos próprios fenômenos. Com isso, Merleau-Ponty propõe uma segunda via rumo ao universal, que não mais o considere a partir de um método estritamente objetivo, mas como

um “universal lateral” acessado por meio da experiência etnológica, a qual traz a incessante prova de si pelo outro e do outro por si. Merleau-Ponty (1984) entende a “etnologia” como a maneira de pensar que se estabelece quando o objeto é “outro” e que exige nossa própria transformação.

Sobre isso, Chauí nos elucida que a antropologia, ao tomar a alteridade como objeto, traz para a filosofia – e aqui também vou estender isso à psicologia – um instrumento para o alargamento da razão, “para a convivência dos incompatíveis, para um universal constituído por relações de complementaridade” (Nota de rodapé 8, p. 199). Diferente do modo como o pensamento francês contemporâneo lidou com este tema, Chauí apresenta que Merleau-Ponty, no ensaio “Em toda e nenhuma parte”, vai realizar uma referência interessante à China vista de duas formas: a primeira como fotografia que traz seu exotismo e sua diferença; e a segunda como “uma outra maneira de alcançar uma relação com ser, um projeto social e político que também nos diz respeito e por cujo intermédio nos comunicamos com o que é diferente de nós e que, conosco, forma a unidade de uma “universalidade oblíqua” (Chauí, nota de rodapé 8, p. 199).

A etnologia, na visão de Merleau-Ponty, portanto, levava a um alargamento da racionalidade porque desembocava em uma ontologia. Poderíamos inclusive realizar etnologia em nossa própria sociedade, se buscarmos tomar distância com relação a ela. Um ponto muito interessante para a questão do contato intercultural, é a afirmação de Merleau-Ponty sobre o fato da verdade e os erros habitarem juntos:

(...) na intersecção de duas culturas, seja porque nossa formação nos esconde aquilo que há para conhecer, seja porque, ao contrário, ela se torna, na pesquisa de campo, um meio para situar as diferenças do outro (...) Claro que não é possível, nem necessário, que o mesmo homem conheça por experiência, todas as verdades de que fala. Basta que tenha algumas vezes e bem longamente, aprendido a deixar-se ensinar por uma outra cultura, pois, doravante, possui um novo órgão de conhecimento, voltou a se apoderar da região selvagem de si mesmo, que não é investida por sua própria cultura e por onde se comunica com as outras (Merleau-Ponty, 1984a, p. 200).

As considerações do autor para a antropologia, dão possibilidade para esta se situar em um terreno onde tanto o “primitivo” quanto o “antropólogo”, sejam inteligíveis, sem redução ou transposição de um sobre o outro. Seria possível, desta forma, construir um sistema de referência geral que considere tanto o ponto de vista do indígena, quando do civilizado e os erros de um sobre o outro. Pois, para o filósofo, o “real se configura como um processo contínuo de reestruturação, contendo nele mesmo a possibilidade de sua transformação e um

devir de sentido, isto é, uma história” (Merleau-Ponty, 1984a, nota de rodapé 8, p. 200). Com isso, a noção de estrutura contribui para um caminho fora da correlação sujeito-objeto. O filósofo acreditava nesta época que Lévi-Strauss nos seus primeiros trabalhos, fez isso sem desconsiderar a história e ainda mostrando um caso limite de uma relação mais geral da alteridade.

Na opinião do antropólogo Paulo Henrique Martins (2008), Merleau-Ponty reinterpreta de maneira ambivalente as ideias de “sujeito” e “objeto” por meio das noções de estrutura e de vivido, mostrando a complexidade do debate na organização do pensamento estruturalista francês naquele contexto histórico⁵⁶. Em um momento específico do texto, Merleau-Ponty defende a ideia de experiência na antropologia “como sendo a expressão de nossa inserção como sujeitos sociais em um todo que nos precede, no qual já haveria uma síntese que delimitaria nossa investigação laboriosa” (Martins, 2008, p. 109).

Por outro lado, o filósofo mostra também que em determinados sistemas complexos, as estruturas se quebram e se abrem. E, desta forma, a sociedade deixa de aparecer como uma segunda natureza e há um rompimento das fronteiras da cultura, o que faz com que a função simbólica perca a sua rigidez. Martins (2008) percebe que as reflexões de Merleau-Ponty se centram em uma preocupação com o resgate da dimensão sistêmica da vida social, porém sem deixar de considerar o vivido. Por conta disso, é que o filósofo fala de uma dupla experiência: antropológica e estrutural, sociológica e vivencial.

Na análise de Martins (2008), no primeiro caminho, Lévi-Strauss teve grande sucesso em matematizar e procurar codificar as funções simbólicas fundamentais da experiência cultural. Porém esta concepção, na opinião de Martins (2008), levou-o de forma inevitável “a desvalorizar o vivido e a experiência da intersubjetividade na configuração das regras objetivas, inclusive aquelas da linguagem” (Martins, 2008, p. 110) p. 110).

Observamos com este autor, que Levi-Strauss recorreu à linguística estrutural para objetivar um método rigoroso da análise do empírico, na busca pela superação da dualidade entre sociedade e indivíduo, sujeito e objeto. Quando Levi-Strauss passa a considerar as formas simbólicas como realidades universais, independentemente de suas historicidades, Martins (2008) comenta que o antropólogo rompe com a tradição fenomenológica e a hermenêutica. E nesta proposta de um novo método de análise combinatória, deixa de levar em conta o valor do vivido, escolhendo um entendimento que valoriza um sistema de

⁵⁶ Não iremos mencionar este debate dentro da antropologia e também não iremos adentrar nas teorias desenvolvidas por Mauss e Levi-Strauss. Aqui estes teóricos são tomados enquanto interlocutores de Merleau-Ponty para pensar a questão do outro, foco desta reflexão.

interpretação, o qual explica de maneira simultânea os aspectos físico, fisiológico, psíquico e sociológico das condutas (Martins, 2008).

Há ainda, nos apresenta Martins (2008), uma questão epistemológica que se relaciona à produção do conhecimento e da experiência, o que o autor vai atrelar com a reorganização dos estudos sobre o “dom”. Porém, para a reflexão que realize sobre a alteridade, o que nos interessa é perceber que contra este reducionismo linguístico, temos a possibilidade de resgatar uma dimensão plural e permanentemente renovadora da experiência do vivido.

A perspectiva fenomenológica, deste modo, não realiza o trabalho intelectual por meio de um lugar abstrato, porém de um lugar visível, “mesmo que os materiais utilizados para a criação intelectual, como memória, vivências e crenças, sejam muitas vezes invisíveis para o autor” (Martins, 2008, pp. 110-111). A abordagem de Merleau-Ponty, apresenta uma questão que promove “a busca de sentido fornecida pela nossa experiência cultural, psicológica, emocional, política e social, pela vivência no cruzamento da experiência do outro” (Martins, 2008, p. 111).

Trata-se, portanto, de um sentido que se determina e se particulariza por meio da expressividade do sujeito, pela forma como se torna presente no mundo dentro de um contexto intersubjetivo específico. Esta seria a única maneira de evitar “a ilusão de ver o que não se vê” (Merleau-Ponty, 1984a, *citado por* Martins, 2008, p. 111). Em outras palavras, de não cair em discursos que objetivam o modo particular da percepção do sujeito em sua experiência.

Desta forma, o ensaio de Merleau-Ponty (1984a) traz uma leitura que evita os dualismos artificiais, como afirma Patrice Maniglier (2014) em “De Mauss a Claude Lévi-Strauss, cinquenta anos depois: por uma ontologia Maori”. Ao revisitar o artigo do filósofo, na proposta de reposicionar a contribuição da antropologia estrutural na filosofia contemporânea, Maniglier⁵⁷ retoma a pergunta sobre a interpretação e a avaliação que se faz do estruturalismo.

Contrariamente ao que Merleau-Ponty sugeriu, Maniglier vai defender que para Levi-Strauss os valores, devido à sua natureza e ao seu modo de existência, devem circular entre os diversos pontos de vista que são exclusivos e complementares. Merleau-Ponty, na opinião de Maniglier (2014, p. 166), encontra no estruturalismo, “os meios de definir o objeto das ciências humanas não como uma coisa real, mas como um conjunto das condições que

⁵⁷ Os argumentos de Maniglier sobre Lévi-Strauss e sua antropologia estrutural em face ao legado de Mauss não serão tratados nesta dissertação. Mencionamos o seu artigo por considerá-lo uma importante atualização, dada as suas devidas proporções e objetivos do autor, da problemática estabelecida por Merleau-Ponty no ensaio dos anos 60.

permitem a um sujeito se abrir a outrem, em outras palavras, de nunca ser unicamente aquilo que é”.

Nesta concepção, não se procura explicar os comportamentos observáveis por meio de leis causais, mas compreender o sentido que os atores dão aquilo que fazem que é a verdadeira razão de seus comportamentos (Maniglier, 2014). Este autor enfatiza que o *sentido* não é concebido por Merleau-Ponty:

(...) como uma representação consciente (por exemplo, o motivo admitido) que acompanha a execução de um ato, mas como a possibilidade para um outro de se colocar no lugar do sujeito. Se aquilo que eu faço tem sentido, é porque um outro teria feito a mesma coisa em meu lugar, em outras palavras, porque “eu” *poderia* ser um outro. Portanto, é na medida em que eu me introduzo em um sistema que articula pontos de vista parciais (no duplo sentido deste último termo), de modo que se possa passar de um a outro de forma regrada, que eu sou um sujeito e que meus atos são, não comportamentos determinados por causas objetivas, mas, antes de tudo, expressões subjetivas. Fica claro, a partir de então, que eu não sou depositário do sentido daquilo que eu digo (Maniglier, 2014, pp. 166-167).

Assim, o sentido para Merleau-Ponty se estabelece no campo intersubjetivo. Não é que o eu dependa do outro para desenvolver o seu ponto de vista ou que haja a possibilidade de um sentir o que o outro sente. Mas, na presença deste outro se abre um ponto de vista sobre aquilo que o eu pode se tornar e vice-versa. Há um porvir nesta coexistência e o impacto disso para a vida social, é que ela não é uma realidade objetiva, mas intersubjetividade viva em Merleau-Ponty (Maniglier, 2014).

O que Merleau-Ponty traz ao discutir estas questões da relação com o outro na interface com autores da antropologia e sociologia, é que precisamos da articulação com estas disciplinas para revisitarmos problemáticas que também fazem parte da nossa área. Na discussão sobre a alteridade a partir da experiência, percebemos que há um desencaixe quando nos indagamos o quanto é possível se desvencilhar dos próprios valores e crenças para apreender a experiência do outro. Um problema central da antropologia, mas que na minha interpretação, também se estende às demais ciências humanas.

Assim, para a análise empreendida nesta pesquisa, temos nos comentários de Martins (2008), um importante alerta quanto ao problema que o trabalho intelectual possui ao explicitar as diferenças culturais e buscar padronizar determinados registros teóricos em categorias universais. Este parece ser algo que o estruturalismo antropológico realizou e estaria no centro da crítica de (Merleau-Ponty, 1984a).

Mas além deste, também existe um outro problema: esquece-se que a fala contida nestes registros já é marcada por uma presença perceptiva, “por uma experiência particular de tradução simbólica de ideias e teorias. Mesmo que vivenciada inconscientemente, tal tradução já delimita uma experiência intelectual particular que deve ser explicitada para que a crítica social possa revelar sua pertinência discursiva” (Martins, 2008, p. 111).

Esta afirmação é muito relevante para pensar que lugar a alteridade ocupou nesta pesquisa. Sabemos que objetivamente, ela foi marcada pela língua utilizada e tensões que ela forneceu para a comunicação. Sabemos que a tradução neste contexto específico vai colaborar para o que se observou do grupo e as perspectivas que a pesquisa considerava dentro de sua abordagem. No caso da antropologia, existe uma presença perceptiva do intelectual-tradutor que está no seu mundo de ideias e do seu contexto histórico e social, o que de modo similar podemos pensar para o pesquisador social.

Isso faz com que o lugar de onde se pensa e se fala, delimite o campo de percepção do autor que analisa uma situação, abrindo portas para o conhecimento e fechando outras: “Ao mesmo tempo se naturalizam certas crenças intelectuais que, ao ganharem aura de verdade científica, inibem a apresentação e a discussão de outras narrativas sobre o tema” (Martins, 2008, p. 112).

4.3 A fala e o campo intersubjetivo: discutindo aspectos da linguagem para pensar a comunicação intercultural

Ao percorrermos mais um texto na obra de Merleau-Ponty sobre a temática do outro, temos mais um ponto importante nesta discussão e que os comentadores da antropologia enunciaram acima: a própria linguagem. Em “A percepção do outro e o diálogo”⁵⁸, Merleau-Ponty vai discutir sobre a fala e a relação silenciosa com o outro, buscando mostrar que o conhecimento “linguístico” promove nas significações dadas, transformações que nelas estavam contidas. O propósito do livro no qual este texto se insere, é o de fundar uma teoria concreta do espírito que o mostrará numa relação de troca com os instrumentos de que ele se vale.

⁵⁸ De antemão é importante mencionar que as anotações que apresentam a temática deste texto foram reunidas em conjunto com outras e organizadas no livro póstumo *A Prosa do Mundo*, pelo colaborador Claude Lefort, em 1969. O título do texto que iremos nos reportar foi desenvolvido por Lefort buscando ser fiel ao assunto abordado.

É importante mencionar que para abordar a linguagem, Merleau-Ponty terá uma concepção diferente daquela que tanto a ciência quanto a filosofia estabeleceram. A primeira foi responsável por reduzir a linguagem à emissão de sons, objetos de uma ciência natural, a acústica. A segunda, por sua vez, “sempre” analisou a linguagem como uma tradução imperfeita do pensamento “e os filósofos sempre se preocuparam em purificá-la para que pudessem ‘vestir’ mais corretamente as ideias mudas e verdadeiras”⁵⁹. Em Merleau-Ponty, a palavra não se constitui como tradução de um sentido mudo, mas criação de sentido.

A palavra é a mediação de uma certa maneira de existir, que é originariamente sensível. Assim, a linguagem passa a ser o próprio ato de significar e o homem vivente não pode antecipar o detalhe e os meios do seu gesto. Assim, a única forma de entender a linguagem é se instalando nela, exercendo-a.

Trata-se de defender também neste texto que a fala tem por função, seu poder de dizer mais do que ela diz considerando os seus termos, ou seja, de se superar a si própria. Para a relação entre o eu e o outro, ela pode “lançar o outro em direção ao que sei e que ele ainda não compreendeu ou de orientar-me eu mesmo em direção ao que vou compreender” (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 165). É a fala de antecipa, transgride e opera, para Merleau-Ponty.

Para compreender o poder mais próprio da fala, o filósofo recorre ao diálogo. Na experiência do diálogo, o outro está sempre à margem do que vejo e ouço, está a meu lado e atrás de mim, porém jamais de frente: “mesmo quando, no auge de uma discussão, ‘faço frente ao’ adversário, não é nesse rosto violento, contraído, não é sequer nessa voz que vem até mim através do espaço, que está de fato a intenção que me atinge” (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 167). Para elucidar esta afirmação, Merleau-Ponty reapresenta questionamentos também problematizados em “Outrem e o Mundo Humano”, como vimos.

O outro e os gestos são vistos como variantes da minha relação fundamental com o mundo. Não é que o outro esteja no campo de minha percepção como objeto:

O corpo do outro está diante de mim – mas, quanto a ele, leva uma singular existência: *entre* mim que penso e esse corpo, ou melhor, junto a mim, a meu lado, ele é como uma réplica de mim mesmo, um duplo errante, ele antes frequenta os meus arredores do que neles aparece, ele é a resposta inopinada que recebo de alguma parte (...) (Merleau-Ponty, 1969/2002, pp. 167-168).

⁵⁹ Prefácio desenvolvido por Marilena Chauí nesta tradução de 1969, p. XI.

Esta passagem do texto permaneceu inacabada, como apresentou Lefort. O que podemos inferir é que a posição que o outro ocupa é de uma singular existência assim como o eu. Este poderia ser uma réplica deste, como Merleau-Ponty associa, mas esta é reconhecida por ambos estarem no campo perceptivo e habitarem um corpo. Parece ser neste sentido, que o filósofo afirma que “todo outro é um outro eu mesmo” (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 168). Isso não o reduz a uma filosofia da consciência, mas traz uma conotação para o Eu e o outro “como dois círculos *quase* concêntricos, e que se distinguem apenas por uma leve e misteriosa diferença” (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 168).

Para lidar com este paradoxo, Merleau-Ponty retoma a questão da analogia, mostrando que do surgimento do outro, quebra-se o próprio infinito do eu, a sua posição central. Na experiência do sentir, o “eu” experimenta uma reversibilidade e o mistério em relação ao outro, é que este não é habitado pelo eu e, ao mesmo tempo, recusa o estatuto de “coisa”. Os papéis do sujeito, importante ponto abordado por Merleau-Ponty para esta pesquisa:

(...) e o que ele vê, trocam-se e invertem-se: eu acreditava dar ao que vejo seu sentido de coisa vista, e uma dessas coisas de repente furta-se a essa condição, o espetáculo acaba por atribuir-se um expectador que não sou eu e que é copiado de mim. Como isso é possível? Como posso ver uma coisa que se põe a ver? (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 169).

Para Merleau-Ponty, a solução para esta questão deve ser buscada “no campo dessa estranha filiação” (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 169), o que podemos inferir como não sendo um campo externo. Mas, que parte do reconhecimento de que o “eu” tem também o seu próprio mistério. Enquanto totalidade, ele consegue inserir o outro no mundo e se observar limitado a ele. Neste ponto, há uma importante ênfase na expressividade dos gestos do outro que convence o eu, de que ambos percebem o mundo. Nesta passagem do texto, Merleau-Ponty questiona em que lugar seria possível colocar esta percepção do outro?

Claramente não poderia ser na “coisa”, muito menos do “espírito”, porém “não há lugar para ele senão em *meu campo*, mas esse lugar, pelo menos, está preparado para ele desde que comecei a perceber” (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 170). Assim, o outro não está em parte alguma do ser, mas é por trás que se introduz na percepção do eu. É pela experiência que este faz do mundo, que é possível reconhecer uma outra e de perceber um outro eu mesmo, sendo suficiente para isso que neste mundo se esboce um gesto semelhante ao do eu.

Merleau-Ponty apresenta que é sobre a universalidade do sentir que repousa a nossa identidade, a generalização de meu corpo e a percepção do outro:

E daí procede que, como dizíamos no começo, o outro se insira sempre na junção do mundo e de nós mesmos, que esteja sempre aquém das coisas, e antes do nosso lado do que nelas, é porque ele é um eu generalizado, é porque ele tem seu lugar, não no espaço objetivo que, como Descartes bem disse, é sem espírito, mas nessa “localidade” antropológica, meio obscuro no qual a percepção irrefletida se move à vontade, mas sempre à margem da reflexão, impossível de constituir, sempre já constituído: encontramos o outro assim como encontramos o nosso corpo (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 172).

Desta forma, o outro faz parte deste mundo intersubjetivo, porém nunca à nossa frente enquanto coisa, à espera de uma constituição ou da atribuição de um significado. Deste modo, o outro é um “eu generalizado”, no sentido de que não o conheço por *completo* e ele existe numa posição em que recusa o estatuto do refletido.

Merleau-Ponty nos alerta que a solução apresentada para este impasse também não recai na ideia da projeção de nós mesmos nas coisas, como já diriam os psicólogos. O que o filósofo busca, é a relação carnal com o mundo e com o outro. Neste sentido, a solução para a fala, que é retomada neste ponto do texto, parece ser a mesma:

Ela consiste, no que concerne à nossa relação muda com o outro, em compreender que nossa sensibilidade ao mundo, nossa relação de sincronização com ele – isto é, nosso corpo – tese subentendida por todas as nossas experiências, priva nossa existência da densidade de um ato absoluto e único, faz da “corporeidade” uma significação transferível, torna possível uma “situação comum” e, finalmente, a percepção de um outro nós mesmos, se não no absoluto de sua existência efetiva, pelo menos no desenho geral que dele nos é acessível (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 173).

A particularidade disso para a fala, é que na experiência do diálogo, a fala do outro toca no eu a suas próprias significações e desta forma, eu e outro se invadem na medida em que pertencem ao mesmo mundo cultural e à mesma língua. Sobre esta questão, trago a especificidade desta pesquisa: e quando se trata de realidades culturais distintas, mas que se comunicam por uma *segunda língua comum*?

Merleau-Ponty (1969/2002, p. 174) continua: “a língua comum que falamos é algo como a corporeidade anônima que partilho com outros organismos”. Neste ponto, a fala revela também os próprios termos das relações. O fundo comum para os gestos e palavras a partir da cultura, foi possível porque esta primeiramente se realizou por estes próprios gestos e palavras: “No momento em que a primeira significação “humana” é expressa, se arrisca um empreendimento que ultrapassa a nossa pré-história comum, mesmo se prolonga seu

movimento: é essa fala conquistadora que nos interessa, é ela que torna a fala instituída, a língua” (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 174)

Nesta perspectiva, é preciso que a própria língua ensine o seu sentido. Aqui percebemos uma mudança, já problematizada em *Fenomenologia da Percepção*⁶⁰ (Merleau-Ponty, 1945/2006a), fornecida por esta ultrapassagem da linguagem sobre o pensamento. Assim, a fala não pertence a um campo visível, muito menos tem seu lugar no “eu” ou ainda no “outro”. Ela está antes ao lado do que nas coisas. Ela produz um sentido e o comunica, possibilitando ao desenrolar do diálogo, lançar o eu e o outro em uma significação que nenhum dos dois possuía.

Desta forma, ela renova entre mediação entre o eu e o outro, permitindo verificar que “só há significação por um movimento, a princípio violento, que ultrapassa toda a significação” (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 177). Para exemplificar este ponto, Merleau-Ponty realiza uma analogia com o livro, assim como em *Fenomenologia da Percepção*. Ao descrever os aspectos que possibilitam tanto a familiaridade quanto o estranhamento na leitura de uma obra, o autor nos apresenta que:

(...) se o livro nos ensina realmente alguma coisa, se o outro é realmente um outro, é preciso de num certo momento eu fique surpreso, desorientado, e que nos encontremos, não mais no que temos de semelhante, mas no que temos de diferente, e isso supõe uma transformação tanto de mim mesmo quanto do outro: é preciso que nossas diferenças não sejam mais como qualidades opacas, é preciso que elas tenham se tornado sentido (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 177).

Na experiência com o outro, a fala emprega um estilo que é à princípio misterioso. Reconhecemos a partir do comportamento e da conduta do outro, que este responde a certas possibilidades que envolviam as coisas do mundo do eu. Assim, a experiência comporta pontos de abertura a todas as ideias e estas, por sua vez, apresentam uma configuração. Por conta disso, existe uma dupla postulação para Merleau-Ponty a um mundo quase invisível e construído sobre os nossos signos, o que o autor vai atribuir a um mundo cultural. Deste modo, a fala vai ser vista, portanto:

(...) como o poder que temos de fazer que certas coisas convenientemente organizadas (...) sirvam para pôr em relevo, para diferenciar, para conquistar, para entesourar as significações que vagueiam no horizonte do mundo sensível, ou ainda o

⁶⁰ Especificamente no capítulo *O corpo como expressão e a fala*, o filósofo vai descrever o fenômeno da fala e da significação, buscando ultrapassar a dicotomia sujeito-objeto. Aqui temos uma crítica aos modos como as psicologias racionalistas e empiristas lidaram com a problemática da linguagem.

poder de insuflar na opacidade do sensível aquele vazio que o tornará transparente, mas vazio que, como o ar soprado na garrafa, jamais é desprovido de alguma realidade substancial (Merleau-Ponty, 1969/2002, pp. 177-178).

Desta maneira, o movimento do discurso nos leva a uma nova situação do conhecimento, o que não mais o situa na rivalidade entre o eu e o outro, pois está fora do campo da consciência. A fala por si só é antecipação e retomada, é um tocar à distância que não é contemplativo, mas que se relaciona com o tempo. Assim, enquanto poder ao qual estamos condenados a uma coexistência e que nos extrai significações, a fala se designa como gesto ambíguo que produz o universal com o singular e o sentido com a nossa vida. É um movimento que retoma e transforma, e destitui o eu de uma posição ativa, e o outro de uma passividade. A fala é, em última instância, responsável por realizar, na relação do eu e do outro, a impossível concordância entre ambos. Mesmo na ocasião do silêncio, este ainda acaba em palavras.

4.4 Integrando problemáticas, estabelecendo fronteiras: aproximações possíveis com Merleau-Ponty para pensar o intercâmbio acadêmico

Nos textos de Merleau-Ponty escolhidos para esta reflexão, pudemos vislumbrar a indissociabilidade do tema da alteridade às dimensões da linguagem, do tempo, do corpo e da própria coexistência. É perceptível, em Merleau-Ponty, a contextualização histórica e social do sujeito em sua própria experiência de vida e na ação no mundo cultural.

Este mundo, por sua vez, é pensado na relação com a natureza e traz uma ambiguidade presente. Ele escapa à objetivação do pensamento e, ao mesmo tempo, nos lança no contexto social. Por conta disso, os elementos levantados por Merleau-Ponty auxiliaram a refletir sobre as relações eu-outro tanto numa mesma realidade cultural quanto em contextos diversificados. Estes pontos, de certa forma, legitimaram os temas enfatizados pelos sujeitos sobre as referências pessoais e culturais que embasam o contato com o outro, a dimensão do tempo na leitura sobre a vivência, e nesta enquanto um processo ambíguo na relação entre a identidade e a diferença.

O outro é aquele que é um eu, que não sou eu. Traz a presença de alguém que recusa o estatuto de coisa, que é semelhante a mim, mas não é minha réplica. Entre aquilo que caracteriza e aquilo que distancia, a relação do eu com o outro vai sendo estabelecida neste campo intersubjetivo. Uma interação que na fala traz uma possível conciliação, mas apenas no

instante em que o diálogo opera. Desta forma, ele nos convida a uma interação que em Merleau-Ponty legitima o particular e o universal, de maneira concomitante.

Para a experiência intercultural isso pode significar uma possibilidade de abertura que não diminua as diferenças, mas que exige esforço e disponibilidade do eu e do outro. Apesar do autor ter se debruçado com pouca ênfase na relação intercultural, tivemos em seus textos relacionados à antropologia, uma contribuição bastante relevante no que concerne os elementos que escapam à nossa tentativa de sistematização da experiência *do* outro e *com* o outro. O paradoxo desta relação é reconhecido por Merleau-Ponty, e para ultrapassá-lo, precisamos, a meu ver, voltar-nos aos nossos próprios objetivos e propósitos para nos situarmos na vivência.

Não se trata, contudo, de um retorno à consciência, mas sim de redimensionar a própria experiência enquanto primeira. Quando o fazemos, a própria metafísica retorna ao campo da ação e a alteridade passa a fazer parte da empiria, e da ambiguidade que nos une e nos diferencia.

Pensar o processo de intercâmbio na aproximação com a construção de Merleau-Ponty, é interrogar elementos da experiência intercultural em um contexto que, apesar de contemporâneo, também nos reconduz a questionamentos modernos. Porém, por outro lado, nos fornece especificidades que se relacionam à vivência particular em um local que não se pertence enquanto pátria, mas dimensiona uma adaptação a um novo contexto cultural. Nesta interface, a língua tem, portanto, um papel decisivo. Não apenas enquanto proficiência de sua gramática e vocabulário, mas no modo como se comportar e se estabelecer neste *novo mundo* (utilizando aqui uma das expressões proferidas pelos participantes). Sua apreensão será intimamente entrelaçada com a dimensão temporal tanto na concepção objetiva quanto subjetiva sobre isso.

Ao mesmo tempo, a língua também vai decifrar um código, o qual não representa necessariamente uma outra convenção para expressar um *mesmo* pensamento. Há neste ponto um certo limite na comunicação, o qual em Merleau-Ponty se nota na *vivência* da língua. Ou seja, podemos aprender várias línguas, contudo somente uma permanece como aquela que vivemos. Isso traz uma implicação importante a esta pesquisa, pois:

(...) para assimilar completamente uma língua, seria preciso assumir o mundo que ela exprime, e nunca pertencemos a dois mundos ao mesmo tempo. Se existe um pensamento universal, nós o obtemos retomando o esforço de expressão e de comunicação tal como ele foi tentado por *uma* língua, assumindo todos os equívocos, todos os deslizamentos de sentido dos quais é feita uma tradição linguística, e que

mensuram exatamente sua potência de expressão (Merleau-Ponty, 1945/2006b, p. 255).

A língua, portanto, enquanto poder de expressão, abrange as compreensões e incompreensões da comunicação de um significado. É preciso reconhecer que a universalidade buscada, não apenas no pensamento objetivo, mas na possibilidade de relações interculturais, vai ao encontro com estes desalojamentos. Nem sempre o sentido para um, é *sentido* para outro. Ainda mais na comunicação de uma outra língua que não é materna.

A experiência do diálogo, como vimos, não anula a possibilidade de lidar com estas questões, muito menos suprime a diferença pela identidade. O que Merleau-Ponty nos aponta, na interpretação que faço, é que antes de procurarmos cegamente o consenso, precisamos entender o conflito, o qual não se inicia somente quando se procura *pensar sobre o outro*. Quando passamos a perceber o mundo social como um campo permanente, não é possível se situar fora dele. Ele nos engaja a responder sobre a nossa ação, mesmo que ela se pronuncie no silêncio.

Pois, temos aqui a ambiguidade de um mundo com sombras e elementos que ultrapassam nosso pensamento sobre um projeto de coexistência. Na experiência intercultural, na qual explicitamente o sujeito se coloca aberto ao novo - de acordo com os depoimentos dos participantes desta pesquisa - estas ambiguidades se tornam ainda mais evidentes. Principalmente, no que concerne aos modos de lidar com códigos culturais que fornecem significações diferenciadas para o mesmo tipo de comportamento: neste ponto a confiança de si e no outro neste contexto será talvez uma resposta à relação com a alteridade. Ou ainda, nos aponta um limite na relação com os outros.

Com isto, esta aproximação com Merleau-Ponty nos levou a reconhecer a alteridade no campo empírico, tanto no que concerne ao contexto grupal estabelecido quanto o social. Na interação “entre” e “com” os grupos, a relação entre a diferença e a identidade não pode ser delimitada pelas tentativas de enquadrar o método escolhido. Desta maneira, os próprios sujeitos da pesquisa explicitaram as tensões do contato intercultural e seu desafio diante das tentativas de particularizar e universalizar este tipo de experiência.

Como levantamos no capítulo que antecipou a reflexão sobre a alteridade, pudemos ver com o método sociopsicodramático e sua leitura sobre os papéis, que o eu e o outro, na perspectiva moreniana, tem na sua dinâmica a possibilidade do “encontro” (Fonseca Filho, 2010; Moreno, 1975/2007) O que confere o reconhecimento do outro para o eu, seria, portanto, a visão daquele enquanto “tu”. Ora, se esta era de fato a intenção de Moreno, eis o

limite de sua teoria. Seria possível que o “ele” se configurasse enquanto “tu”? Ou ainda, que “eles”, pudessem fazer parte do “nós”?

Moreno enfatizou a preocupação de ir ao campo para compreender este homem na sua vivência e no contexto de que faz parte, dialogando com outras áreas do conhecimento, com o propósito de ampliar as fronteiras do individual e do coletivo. Porém, pelo fato do indivíduo estar em relação, a mesma leitura que realiza para si mesmo, também deveria ser feita para o outro. É na possibilidade da “inversão de papéis”, que existe a leitura social do psicodrama sobre a noção de alteridade.

Desta maneira, em sua proposta de intervir na realidade social e suas tensões a partir da dinâmica dos papéis, possibilitando assim profundas transformações, estaria Moreno buscando a integração dos grupos sociais a qualquer custo? Penso que a partir de sua leitura e a dos psicodramatistas contemporâneos, percebemos que o autor tinha ciência das realidades que procurava atuar, tanto é que nos convidou à primeiro nos inserir nela, conhecermos suas dimensões diante do que os sujeitos nos reportam, para só após este momento propor algo. No entanto, notamos que a abordagem dele sobre a cultura, é um tanto rasa, ainda mais se limitarmos a sua ação apenas como conservação de condutas e comportamentos sociais.

Moreno (1975/2007) reconhece a fundamental interação das conservas culturais com a espontaneidade, mas muitas vezes notamos, uma ênfase maior na segunda do que na primeira. Se ambas precisam uma da outra, para sedimentar e renovar as relações humanas, é necessário que sejam consideradas em pé de igualdade. Precisamos conferir à cultura, seu importante papel de mediadora deste processo de interação do eu e do outro. E na relação com a história, o seu contexto de propagação mediante a própria dimensão do tempo e da ação humana. Ao limitar a visão sobre a cultura e não abordar a importância da história, Moreno perde uma oportunidade de engrandecer a prática e teoria psicodramáticas.

Por conta disso é que se torna tão fundamental realizar estas pontes interdisciplinares. São elas que possibilitam demarcar os limites e possibilidades de qualquer teoria, apontando novos caminhos a serem percorridos. No caso desta pesquisa, as próprias experiências desenvolvidas marcaram isso. Elas nos conduziram a ultrapassar o conhecimento psicológico sobre a alteridade – especificamente o fornecido pelo psicodrama – para buscar outros ângulos neste entendimento. Assumimos o risco de relacionar os dados desta pesquisa, obtidos pela metodologia psicodramática, com a reflexão filosófica de Merleau-Ponty sobre a temática do outro.

Neste risco, obtivemos encontros e (des) encontros entre as perspectivas. De fato Moreno, como vimos no início desta dissertação, teve uma influência significativa da

fenomenologia e do existencialismo para a sua teoria e prática. Claramente ele enfatiza a experiência vivida, a ação humana e a dimensão do sensível para além da racionalidade. Quando pensa a dinâmica dos papéis e o desenvolvimento humano, ele concebe o homem como simultaneamente autônomo e *em relação*. Em seu nascimento no mundo, o ser humano já se situa nesta condição, mesmo sem ter consciência disso. O papel estabelece esta ponte entre o “eu” e o meio social, aqui entendendo também os próprios outros. É pela ação na experiência intersubjetiva, que se torna possível conhecer a si mesmo e o outro.

Estes aspectos reconhecidos justificam a ponte com a reflexão de Merleau-Ponty, mas também elucidam seus desencontros quando problematizamos a experiência com o outro no contexto intercultural. Enquanto a alteridade for concebida por Moreno principalmente na possibilidade de se colocar no lugar do outro, teremos uma fronteira intransponível diante daquilo com que não nos identificamos. Pois, há, como Merleau-Ponty salientou, elementos que não serão significados na relação com o outro, que ficarão para além da nossa tentativa de entendimento. A cultura e a história marcam esta limitação, ao meu ver, pois circunscrevem este campo de conhecimento não-universal e não-relativizado.

Aceitar o mistério que está presente neste sentido da vida humana, que o coloca para além da clareza e da objetividade, é perceber também que o campo intercultural guarda em si possibilidades outras e limitações comuns. No intercâmbio acadêmico enquanto deslocamento contemporâneo, temos a simultaneidade da diferença e da identidade que movimenta as referências e o novo diante desta experiência. Talvez reconhecer isso seja o primeiro passo para lidar com a relação eu-outro numa dinâmica que ora se ajusta, ora se ultrapassa diante da dimensão do desconhecido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de mestrado teve como objetivo primordial compreender o sentido da experiência intercultural e da relação de alteridade para alunos estrangeiros em intercâmbio acadêmico na Universidade de São Paulo. Diferente do imigrante, do refugiado e do turista, o intercambista realiza um deslocamento temporário que o situa em um lugar educacional e cultural distinto, o qual pode contribuir para (re) dimensionar as relações intersubjetivas neste contexto.

Pelo menos nos últimos vinte anos, os acordos de cooperação nacional e internacional organizados entre as universidades contribuíram para tornar o intercâmbio acadêmico um fenômeno de proporções bastante significativas, cujo estudo possibilitaria o entendimento de aspectos psicossociais concernentes ao mundo contemporâneo e aos contatos interculturais. Ao considerar esta problemática, a pesquisa estruturou uma intervenção sociopsicodramática, com base no Projeto Socionômico de Moreno, buscando responder a duas perguntas-base: qual o *sentido* que a experiência intercultural adquire para alunos estrangeiros em programas de intercâmbio acadêmico na USP? E como esta experiência intersubjetiva dentro da universidade influencia a relação entre o eu e o outro?

Assim, foram formados dois grupos compostos por alunos de diferentes nacionalidades no segundo semestre de 2014 e no primeiro de 2015. Cada uma destas experiências em grupo considerou as demandas apresentadas pelos sujeitos em relação com o que a pesquisa buscava conhecer. Desta forma, a metodologia foi desenvolvida, considerando o lugar que o psicodrama ocupa entre a pesquisa-ação e a pesquisa-intervenção, conforme mostramos no primeiro capítulo sobre o método. Partimos, portanto, de um método historicamente situado para o acesso à experiência dos participantes; e da leitura da Sociometria e da Teoria de Papéis, para a fundamentação do trabalho com os grupos, sem, no entanto, submetê-los a uma conceituação dentro de um tipo específico de pensamento.

Neste campo da pesquisa social – estabelecido aqui pela abordagem psicodramática – desenvolveu-se a postura de pesquisadora-participante diante dos grupos e de sua experiência. Os grupos mostraram elementos em comum quanto à percepção da experiência de intercâmbio, bem como, distinções que se atrelavam à própria história de vida dos participantes e às suas referências culturais.

A despeito de cada participante do primeiro grupo ser de uma nacionalidade específica, tinham em comum o fato de já possuírem experiências interculturais prévias, como

em intercâmbios anteriores; imigração; trabalho voluntário e família. Todavia, seis dos sete membros do segundo grupo não haviam tido experiências desta natureza antes. Deste modo, foi possível elucidar diferenças e identidades dentro dos grupos por meio das atividades desenvolvidas e buscar caminhos para lidar com estas relações, sem reduzir uma à outra.

Os temas levantados pelos participantes e reconhecidos enquanto categorias de análise, circunscreveram a experiência intercultural em termos da língua utilizada, da comparação entre os países e da vivência como estrangeiro, o que se configurava na apropriação do papel de intercambista. Neste papel, os participantes puderam refletir sobre valores da própria cultura (como a comunhão, hospitalidade, pontualidade, dentre outros), face aos que eram evidenciados pela experiência no Brasil (como a diversidade, por exemplo). As situações escolhidas e dramatizadas pelos participantes, mostraram a sua preocupação no desempenho de papéis em um novo contexto intercultural, levando em conta a referência de sua origem e a possibilidade de refletir criticamente sobre como as diferenças de comportamento se colocavam.

No primeiro grupo foram evidenciadas categorias como gênero, tempo, relação com o outro na cidade, referências culturais, língua, liberdade, comportamentos/conduitas, dentre outros. A categoria do “gênero” foi observada na análise dos resultados dos dois grupos, porém com uma ênfase maior na discussão de situações vividas pelos participantes do primeiro. No segundo grupo, esta categoria foi somente apresentada no terceiro encontro por três dos sete participantes e no encontro posterior a este, nos quais foi discutido, respectivamente, o tratamento da mulher no Chile e depois na China. Nas análises dos dois grupos não objetivamos realizar um aprofundamento sobre o tema do gênero, apesar de reconhecermos a sua relevância para a experiência intercultural e a relação com a alteridade, o que traz um material distinto para estudos posteriores.

Quanto à dimensão do tempo, apresentamos as suas particularidades nas falas dos participantes, buscando elucidar os aspectos que representaram os grupos e os próprios sujeitos. Desta maneira, o *tempo* foi colocado em suas dimensões subjetiva e objetiva em termos da vivência e duração do intercâmbio acadêmico, assim como no desenvolvimento das relações intersubjetivas.

No segundo grupo se enfatizou ainda a relação do tempo com o lugar, especificamente a cidade de São Paulo enquanto “lugar de passagem”. Houve reflexões específicas sobre esta vivência na atividade “o que é ser estrangeiro”, desenvolvida apenas neste segundo grupo. Nesta atividade, não nos utilizamos de um sentido filosófico para *estrangeiro*, apenas a sua dimensão geográfica. Os participantes puderam expor com mais detalhamento as percepções

sobre a experiência enfatizando, de modo geral, o autoconhecimento, da cultura, do idioma, espaço e o tratamento aos estrangeiros no Brasil. A relação com o outro foi discutida levando em conta a diferença no tratamento, nos costumes e no próprio processo de tradução. Diferentemente do primeiro grupo, este segundo teve dificuldades no campo da ação dramática, o que interferiu na maneira como as dinâmicas foram apresentadas. A língua desempenhou um importante papel para esta organização.

A ênfase dos dois grupos nos elementos que marcaram diferenças de uma cultura da outra, nos levou à hipótese de que provavelmente são estes aspectos que mais se tornam relevantes para estes intercambistas. Observamos que o período no qual os dois grupos foram realizados permitiu conhecer a experiência intercultural em momentos distintos: no caso do primeiro grupo, os participantes se encontravam no final do processo de intercâmbio acadêmico, o que trouxe mais ênfase para a “reflexão” sobre a experiência como um todo; em relação ao segundo grupo, foi possível acompanhar a “vivência” e adaptação ao novo ambiente do primeiro semestre de intercâmbio para cinco dos sete participantes. Esta dinâmica possibilitou conceber o *tempo* como um elemento fundamental para a experiência intersubjetiva neste contexto intercultural.

A relação entre os contextos grupal e social, permitiu perceber como o próprio intercâmbio pode ser um lugar propício a revisar valores, opiniões e preconceitos em relação ao que se “sabe” sobre o outro e o que se “vivencia” com o outro. Desta forma, as categorias reconhecidas nesta metodologia psicodramática e especificamente discutidas na dinâmica do papel de intercambista, nos levaram à necessidade de pontes interdisciplinares – já anunciadas no início desta dissertação - para o entendimento da relação com o outro. Sobretudo, por Moreno estabelecer o reconhecimento do eu e do outro na possibilidade de inversão de papéis, o que pode fornecer uma limitação à dinâmica relacional com *outros* que não necessariamente seriam percebidos enquanto “tu”.

Foi com esta problemática que realizamos a reflexão sobre a alteridade, presente no terceiro capítulo, a qual propôs uma aproximação, salvo as devidas diferenças epistemológicas e históricas, com a filosofia de Merleau-Ponty. A escolha por este diálogo, em detrimento de outros possíveis com teóricos como Martin Buber, por exemplo, não teve o objetivo de reduzir os resultados destes dois grupos a construções teóricas da fenomenologia de Merleau-Ponty, ou ainda estabelecer a leitura deste autor em detrimento da perspectiva psicodramática sobre a relação eu-outro. Propusemos colocar tanto a metodologia quanto a filosofia de Merleau-Ponty sobre a alteridade em pé de igualdade nesta interface: buscando

elementos que pudessem enriquecer o conhecimento sobre a experiência intercultural de modo a considerar os paradoxos presentes na relação entre a identidade e a diferença.

Circunscrevemos esta interface, portanto, com as discussões desenvolvidas por Merleau-Ponty em quatro textos do período de 1942 a 1960. A possibilidade de conceber o outro a partir da inserção corporal no mundo foi o ponto de partida do autor para a discussão da alteridade na coexistência, na dimensão temporal e no impacto disso para as ciências humanas. O que nos levou a questionar sobre como se poderia apreender o outro no contato intercultural.

Merleau-Ponty nos mostrou que precisamos redimensionar a ótica do “vivido” nas disciplinas das ciências humanas. Com a reinserção da metafísica no campo empírico, o eu e o outro passam a coexistir em um mesmo mundo. Porém, o outro nunca estará à frente do eu enquanto “coisa”, ou seja, como um objeto a ser constituído ou ainda atribuído significado. Assim o “outro” não é conhecido por *completo* pelo eu: o outro é um “eu” que não sou eu. Merleau-Ponty descreve a presença de alguém que recusa o estatuto de “coisa”, que é semelhante a mim, mas não é minha réplica.

Desta forma, entre aquilo que caracteriza e aquilo que distancia, a relação do eu com o outro vai sendo constituída neste campo intersubjetivo. Defendemos com esta leitura que isso passa a significar uma possibilidade de abertura que não diminui as diferenças entre as culturas, podendo exigir esforço e disponibilidade tanto do eu quanto do outro. Em Merleau-Ponty, eles se relacionam por meio da experiência corporal. O diálogo traz a fala enquanto gesto ambíguo que produz o universal com o singular e o sentido com a vida. Assim, há um movimento que retoma e transforma, e, com isso, retira o eu de uma posição ativa e o outro de uma passividade. A subjetividade de cada um apresentará sentidos para uma experiência comum. Contudo, isso não significa que as situações vividas nas histórias pessoais possam ter o mesmo *sentido* ou ainda compreensão.

Especificamente nesta pesquisa, quando pensamos no uso da língua portuguesa como meio de comunicação, estivemos diante de limites para este diálogo. Com Merleau-Ponty, vimos que a língua também será responsável por decifrar um código, o qual não simboliza necessariamente uma outra convenção para expressar um *mesmo* pensamento. Dito isso, existe um determinado limite na comunicação, o qual em Merleau-Ponty, notou-se na *vivência* da língua. Há a possibilidade de aprendermos várias línguas, porém apenas uma permanece como aquela que vivemos.

Assim, a língua enquanto poder de expressão, vai conter as compreensões e desentendimentos da comunicação. Nas relações interculturais, nem sempre o sentido para

um, é *sentido* para o outro. Ainda mais se considerarmos a utilização de uma língua que não é materna. Neste aspecto, antes de buscarmos um consenso, precisamos entender o conflito. Ao percebermos o mundo social como um campo permanente de ação, não há como se colocar fora dele. Ele nos engaja a responder, a agir, mesmo que esta ação se coloque no silêncio. As ambiguidades do mundo cultural se evidenciam principalmente nos modos de lidar com comportamentos legitimados por uma sociedade estrangeira.

Diante destas considerações sobre a alteridade, a aproximação com Merleau-Ponty nos levou a refletir mais sobre a interação “entre” e “com” os grupos, e perceber que a relação entre a identidade e a diferença não pode ser definida pelas tentativas de enquadrar de um método de pesquisa. Desta maneira, esta inusitada interface trouxe uma (des) construção fundamental para a abordagem da alteridade: consideramos a premissa moreniana sobre as relações intersubjetivas, porém não deixamos de situar o seu alcance e as suas lacunas. Não a defendemos enquanto verdade absoluta; apenas enquanto uma das possíveis interlocuções entre o eu e o outro. Por ser *uma* perspectiva embasada por *uma* determinada visão de mundo, ela precisou ser colocada em ação com os sujeitos em sua experiência.

Desta maneira, nossa pesquisa, ao partir de um campo da Psicologia Social para a interdisciplinaridade, assumiu o risco de relacionar os seus dados nesta interface e obteve encontros e desencontros entre as perspectivas. A experiência nos levou a isso. E por esta interlocução com a filosofia foi possível perceber a abertura de outras. Poderíamos ter feito uma ponte ainda com a antropologia, a qual tem na sua centralidade a problemática do conhecimento do outro. De certa forma, ainda que como fundo, esta foi contemplada na discussão, sobretudo, na preocupação com a tradução de uma linguagem que não nos é própria e apresenta o paradoxo da cultura.

Mas, o que se configurou como escolha para este momento, assemelha-se ao que Merleau-Ponty aponta: na experiência do diálogo, a interlocução do eu e o do outro traz os ditos e o não-ditos sobre os assuntos que o envolvem. Ele não abarca o todo *e nem poderia abarcar*, porém aquilo que ilumina é suficiente para sedimentar e transformar as próprias concepções diante do que se busca. O olhar para a alteridade traz estas dimensões e na relação com a identidade, choca as nossas posições.

Pensando nos dados acessados pela pesquisa, o que eles trazem em seu desdobramento para o contexto social? De um questionamento que se situou na transição do moderno para o contemporâneo, temos neste último um contexto social, econômico e político que reforça os contatos interculturais na troca do conhecimento, o que vai ao encontro com a proposta do próprio intercâmbio acadêmico.

As experiências particulares a esta pesquisa e seu contexto trazem com isso, ainda, elementos para pensar a própria política de internacionalização das universidades. É digno de nota que o sentido do intercâmbio acadêmico não se limita à aprendizagem no contexto universitário, ele integra também a própria relação com a nova realidade, neste caso, a brasileira. Porém, em termos do ensino superior, convém indicar que o acompanhamento de alunos intercambistas pode ser uma importante ação para a universidade revisar as suas práticas e proporcionar o acolhimento a esta demanda que transforma o próprio contexto da educação.

Temos assim, um campo intersubjetivo que permite não só o intercâmbio do conhecimento no ensino e na pesquisa, mas também uma oportunidade de lidar com a internacionalização de maneira que as diferenças culturais daqueles que recebemos sejam devidamente consideradas diante do quadro que se objetiva para a educação e para a sociedade.

Dito isso, ao retomarmos nesta altura a metáfora do filme que norteou a experiência proposta por esta pesquisa, notamos que não existe uma resposta única e específica às problemáticas levantadas a respeito do contato intercultural. Colocamo-nos diante dos paradoxos. O que eles nos disseram? O filme apresentou e testemunhou seus personagens lidando com as contradições de seus conflitos. Entre o trabalho de risco e o cuidado com a família, Rebecca escolhe, no desfecho do enredo, retornar ao campo de guerra e finalizar o seu registro daquele cenário. Afinal, para compreender uma realidade, é necessário realizar um esforço. Mas será que ele é suficiente? Será que neste caso o “ganho” deste esforço supera a “perda” do familiar, da segurança e da vida cotidiana? De certo modo, expor-se ao outro é colocar-se em risco, do abandono do familiar.

Enquanto pesquisadores, esforçamo-nos para desenvolver um olhar, uma perspectiva que possa fomentar uma descrição e compreensão a mais próxima possível de uma realidade estrangeira. Contudo, toda perspectiva apresenta uma limitação. Como já diria Sebastião Salgado: “você não fotografa com sua máquina. Você fotografa com toda sua cultura”. O trabalho desta pesquisa constatou isso: a língua, os códigos culturais e o próprio tempo. Estas fronteiras da relação com o outro, demarcaram o alcance desta pesquisadora e da sua relação com os participantes.

Foi preciso entrar no círculo: tornar-se “a pesquisadora de um grupo intercultural formado por uma pesquisa”. Tornar-se a brasileira que busca conhecer, por um método específico, um mundo estranho a si; uma experiência que não lhe é própria, compartilhada por pessoas que não são da sua nacionalidade, ou seja, estrangeiros. Desta forma, a alteridade

configurou a pesquisa de ponta a ponta. O paradoxo apontado por Merleau-Ponty da identidade-alteridade foi o eixo norteador da elaboração, execução e finalização da pesquisa. Qual o impacto desta experiência planejada e ultrapassada por si mesma? Qual a percepção de se relacionar com *eles* que podem vir a ser *nós*? Ou que podem permanecer fora do meu campo intersubjetivo pelo limite de minha cultura?

À semelhança do filme poderíamos dizer que ao final destes desencontros com o outro, o que se mantém dentro das incertezas que marcam as diferenças culturais, é a possibilidade de redescobrir a própria experiência sobre a realidade. Seja qual tipo de impacto ela tenha: o filme revela que a situação de guerra *extrapola* a dimensão do que se conhece como risco e *extrapola* qualquer perspectiva rasa ou até mesmo romântica de relação com o outro. Ela nos choca com as últimas consequências. A protagonista vai até as últimas consequências.

Por outro lado, a experiência proposta por esta pesquisa, longe de se configurar como algo do cotidiano e, ao mesmo tempo, enquanto algo incomensurável como a guerra, nos colocou diante de aspectos que a vida, em sua rotina, nos convida a esquecer. Aspectos que um ambiente intercultural proporcionado por um intercâmbio acadêmico torna evidente: a relação com a alteridade não implica necessariamente uma escolha do outro por mim, ou de mim pelo outro. Há escolhas, de fato. Limites e possibilidades. Nuances e desintegrações. Porém, o que há de mais humano nestas escolhas, é que elas evidenciam fronteiras genuinamente desafiantes, nas quais as possibilidades de compreensão são circunscritas pelas ambiguidades que permeiam a dimensão do vivido.

REFERÊNCIAS⁶¹

- Aguiar, M. (1990). *O teatro terapêutico*. Campinas: Papirus.
- Alves, L. F. R. (1999). O protagonista e o tema protagônico. In W. C. Almeida (Ed.), *Grupos: a proposta do psicodrama* (pp. 89-100). São Paulo: Ágora.
- Alves, S. (2008). *A Psicologia social de J. L. Moreno*. Sociedade Goiana de Psicodrama, Goiânia. Retrieved from <http://www.febrap.org.br/anexos/silvimir.pdf>
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70.
- Brandão, C. R. (1986). *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense.
- Bustos, D. M. (2006). *Perigo...amor à vista! Drama e psicologia de casais*. (2 ed.). São Paulo: Aleph.
- Coelho Jr, N. E., & Carmo, P. S. (1991). *Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência*. São Paulo: Escuta.
- Coelho Jr., N. E. (2008). Alteridade e ética no diálogo entre as filosofias de Merleau-Ponty e Lévinas: contribuições para a psicanálise. In V. Safatle & R. Manzi (Eds.), *A filosofia após Freud* (pp. 157-180). São Paulo: Humanitas.
- Coelho Jr., N. E. (2015). *O conceito e a experiência da intersubjetividade: desdobramento na Filosofia, na Psicologia Fenomenológica Experimental e na Psicanálise*.
- Contro, L. (2011). *Psicossociologia crítica: a intervenção psicodramática* (1 ed.). Curitiba: CRV.
- Cukier, R. (2002). *Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria*. São Paulo: Ágora.
- Daniel, J. (1999). A Estranheza do Estrangeiro (P. Abreu, Trans.). In L. N. Observateur (Ed.), *Café Philo: as grandes indagações da filosofia* (pp. 13-22). Rio de Janeiro: Zahar.
- Fleuri, R. M. (2003). Intercultura e educação. *Revista Brasileira de Educação*, 16-35.
- Fonseca Filho, J. (2010). *Psicoterapia da relação: Elementos do Psicodrama contemporâneo* (Vol. 3). São Paulo: Ágora.
- Fonseca Filho, J. S. (2008). *Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno* (7 ed.). São Paulo: Ágora.

⁶¹ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

- Fox, J. (2002). *O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. São Paulo: Ágora.
- Frayze-Pereira, J. (2010). A Fotografia como Percepção: Perspectivismo, Transcendência e Dor. *Arte, dor: inquietudes entre estética e psicanálise* (2ª ed., pp. 113 - 132). Cotia/SP: Ateliê Editorial.
- Freitas, M. H., Araújo, R. C., Franca, F. S. L., Pereira, O. P., & Martins, F. (2012). Os sentidos do sentido: uma leitura fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18, 144-154.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Gonçalves, C. S. (1993). Técnicas básicas: duplo, espelho e inversão de papéis. In R. F. Monteiro (Ed.), *Técnicas fundamentais do Psicodrama* (1 ed., pp. 19-31). São Paulo: Brasiliense.
- Greeb, M., & Hauser, Ú. (2013). O mapa mundi do aqui e agora: um olhar sicionômico e a sociometria imediata e compartilhada. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21, 157-164.
- Kaufman, F. G. O. (1993). Teste Sociométrico. In R. F. Monteiro (Ed.), *Técnicas fundamentais do Psicodrama* (1 ed., pp. 19-31). São Paulo: Brasiliense.
- Landini, J. C. (1998). *Do animal ao humano: uma leitura psicodramática*. São Paulo: Ágora.
- Lewin, K. (1970). Pesquisa de ação e problemas de minoria. In K. Lewin (Ed.), *Problemas de dinâmica de grupo* (pp. 215-230). São Paulo: Cultrix.
- Malinowski, B. (1922/1984). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril.
- Maniglier, P. (2014). “De Mauss a Claude Lévi-Strauss”, cinquenta anos depois: Por uma ontologia Maori. *Cadernos de Campo* (São Paulo, 1991), 22(22), 163-179. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v22i22p163-179>
- Marra, M. M. (2004). *O agente social que transforma: o Sociodrama na organização de grupos*. São Paulo: Ágora.
- Martín, E. G. (1996). *Psicodrama do encontro: J. L. Moreno* (2 ed.). São Paulo: Ágora.
- Martins, P. H. (2008). De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S. - Movimento antiutilitarista nas ciências sociais: itinerários do dom. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23, 105-130.
- Merleau-Ponty, M. (1942/2006). *A Estrutura do Comportamento* (M. V. M. Aguiar, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (1945/2006a). *Fenomenologia da Percepção* (C. A. R. Moura, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (1945/2006b). O Corpo como expressão e a fala (C. A. R. Moura, Trans.) *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

- Merleau-Ponty, M. (1945/2006c). *Outrem e o mundo humano* (C. A. R. Moura, Trans.) *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (1945/2006d). *Temporalidade* (C. A. R. Moura, Trans.) *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (1960/2013). *O Olho e o Espírito* (J. A. Gianotti & A. Mora, Trans.). São Paulo: Cosac Naify.
- Merleau-Ponty, M. (1964/2007). *O Visível e o Invisível* (J. A. Gianotti & A. Mora, Trans.). São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (1969/2002). A percepção do outro e o diálogo. In C. Lefort (Ed.), *A Prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Merleau-Ponty, M. (1984a). De Mauss a Claude Lévi-Strauss. In M. Chauí (Ed.), *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural.
- Merleau-Ponty, M. (1984b). O metafísico no homem. In M. Chauí (Ed.), *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural.
- Moreira, D. (2004). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Moreira, V., & Cavalcante Jr., F. S. (2008). O método fenomenológico crítico (ou mundano) na pesquisa em psico (pato) logia e a contribuição da etnologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 249 - 265.
- Moreno, J. L. (1975/2007). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Moreno, J. L. (1992). *Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama* (Vol. 1-3). Goiânia: Dimensão Editora.
- Moreno, J. L. (1999). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Campinas: Livro Plena.
- Müller-Granzotto, M. J. (2008). Merleau-Ponty e Lacan: a respeito do estranho. *Revista AdVerbum*, 3(1), 3-17.
- Naffah Neto, A. (1979). *Psicodrama: Descolonizando o Imaginário*. São Paulo: Brasiliense.
- Nery, M. d. P. (2010). *Grupos e intervenção em conflitos*. São Paulo: Ágora.
- Nery, M. P. (2003). *Vínculo e afetividade: caminhos das relações humanas*. São Paulo: Ágora.
- Nery, M. P., & Costa, L. F. (2007). Desafios para uma epistemologia da pesquisa com grupos. *Aletheia*, 25, 123-138.
- online, D. i. (2013). Valores Culturais. Retrieved 15 de abril de 2015, from <http://www.dicionarioinformal.com.br/valores+culturais/>
- Perazzo, S. (1994). *Ainda e sempre psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Perazzo, S. (2010). *Psicodrama: o forro e o avesso*. São Paulo: Ágora.

- Poppe, E. (Writer). (2013). *Tusen ganger god natt*. Noruega/Irlanda/Suécia: Europa Filmes.
- Ramalho, C. M. R. (2011). *Psicodrama e dinâmica de grupo*. São Paulo: Editora Iglu.
- Schütz, A. (1944/2010). O Estrangeiro – Um ensaio em psicologia social. *Revista Espaço Acadêmico*, 113.
- Silva, I. L. E. S. (2012). *O Limiar da relação eu e outro na concepção de saúde e doença: interfaces entre a Realidade Suplementar e processos psicossomáticos*. Associação Paranaense de Psicodrama, Curitiba.
- Tönnies, F. (1995). Comunidade e Sociedade. In O. Miranda (Ed.), *Para Ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp.
- Universidade de São Paulo. Student e Research's Guide. Produced & Edited by Communicatios Area. USP Internacional Office, 2013. Retrieved 01/10/2013, 2013, from http://www.usp.br/internationaloffice/wpcontent/uploads/student_researcher_guide_USP.pdf
- Vasconcellos, M. C. M. (2007). *Quando a psicoterapia trava*. São Paulo: Ágora.
- Verissimo, D. S., & Furlan, R. (2007). Entre a Filosofia e a Ciência: Merleau-Ponty e a Psicologia. *Paidéia*, 17, 331-342. doi:<https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2007000300004>
- Whyte, W. F. (1943/2005). *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada* (M. L. d. Oliveira, Trans.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Yozo, R. Y. K. (1996). *100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas*. São Paulo: Ágora.

ANEXOS

Anexo A – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Participante

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa de mestrado intitulada “Da Perspectiva do ‘Estrangeiro’: O sentido da experiência de alteridade para alunos intercambistas e alunos brasileiros na USP – Uma intervenção sociopsicodramática à luz da fenomenologia”. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, esta pesquisa procura compreender a experiência intercultural de alunos estrangeiros intercambistas na USP e os alunos brasileiros em contato com eles.

Para isso, a pesquisa será desenvolvida em 3 etapas. Na primeira etapa, os alunos serão entrevistados individualmente com o objetivo de coletar dados para a pesquisa. Depois, será organizado um grupo composto por apenas alunos intercambistas com a proposta de discutir e vivenciar, num período previsto de 8 a 10 encontros, os principais temas relacionados com a experiência intercultural na perspectiva dos participantes. Na etapa final, os intercambistas irão realizar uma última entrevista individual a qual busca compreender como foi participar do grupo.

A permissão de gravação e transcrição das entrevistas e dos encontros em grupo da pesquisa depende da assinatura desse termo elaborado em duas vias que serão rubricadas em todas as suas páginas. A participação nesta pesquisa é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento tem absoluta liberdade de fazê-lo sem que isso acarrete qualquer sanção ou prejuízo. Também poderá solicitar a qualquer momento que sejam removidas dos registros da pesquisa partes de suas declarações ou a sua totalidade, sem que isso afete de qualquer maneira a continuidade de sua participação, se assim o desejar. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificação. Todo material produzido pela pesquisa será mantido sob guarda dos pesquisadores junto ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Considera-se que o trabalho possa beneficiar a todos os participantes por promover um espaço de comunicação das situações vividas e uma possível transformação de perspectivas

dentro da realidade de cada sujeito. Porém, a intervenção em grupo pode gerar algum desconforto devido a dificuldades de expressão de sentimentos e emoções que podem ser intensos e sujeitos a considerações de outras pessoas do grupo. Diante desta possibilidade, irei fornecer o devido apoio a você e aos colegas que porventura, não quiserem se manifestar sobre determinado assunto no grupo ou queiram abordá-lo individualmente. Caso se verifique a necessidade de atendimento psicológico, você poderá ser encaminhado (a) ao serviço da Clínica Psicológica Durval Marcondes da Universidade de São Paulo.

Com este projeto, esperamos cooperar para o maior conhecimento e formulação de propostas para o trabalho com intercambistas e brasileiros no contexto da universidade. A presente pesquisa será realizada pela aluna de mestrado Ivy Lima e Silva, sob a orientação do Prof. Dr. Gustavo Martineli Massola, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP: Av. Prof. Mello Moraes 1721, sala 129, Cidade Universitária - São Paulo – SP. Telefone: (11) 3091-1966 ou 3091-4184 (contato com Nalva ou Rosângela). Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser obtidas com a pesquisadora e o orientador da pesquisa, sempre que houver necessidade, utilizando-se dos telefones acima e pelo celular (11) 9 7747-8224 e e-mail: ivylimaesilva@usp.com.

O endereço do Comitê de Ética em Pesquisa que avaliou este projeto é Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27. O telefone para contato é (11) 3091-4182 (seg. à sexta, das 8h30min. às 12h e das 14h às 16h) e o e-mail é ceph.ip@usp.br.

Declaro que li as informações contidas neste documento e que todas as dúvidas relacionadas à pesquisa foram esclarecidas. Aceito participar da pesquisa. Confirmo também que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Diante dos esclarecimentos prestados, autorizo a utilização e divulgação das informações dadas por mim em depoimento gravado, a serem veiculadas em relatório impresso e em qualquer outro material ou mídia que venha a surgir, para fins exclusivamente institucionais.

São Paulo, ____/____/____.

Assinatura do (a) Participante

Declaro, para fins de realização de pesquisa cumprir todas as exigências contidas neste documento e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização desta pesquisa.

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Anexo B – Roteiro das entrevistas com os alunos intercambistas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA PARTICIPAÇÃO NO GRUPO – ALUNO INTERCAMBISTA

Data: ____/____/____ **Horário:** ____:____ horas **Local:** _____

O objetivo desta entrevista é coletar dados e possíveis temáticas para o trabalho de intervenção em grupo

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Qual o seu nome completo?
2. Sexo: () Feminino () Masculino.
3. Qual a sua Idade?
3. Qual é o seu país de origem?
4. De qual Universidade você veio?
5. Há quanto tempo você está em São Paulo?
6. Onde você mora aqui em São Paulo? Mora sozinho ou com mais pessoas?
7. Em qual Unidade da USP você realiza intercâmbio acadêmico?
8. Quantos semestres você irá cursar na USP?
9. Como está sendo este período na graduação?
10. Você solicitou algum Amigo USP (USP iFriends)? Por quê?
11. Você realiza algum curso de Português? Se sim, em que local e qual nível?
12. Consegue se comunicar com facilidade com os alunos brasileiros de seu curso?

II. PARTICIPAÇÃO NO GRUPO:

13. Você já participou de algum grupo de discussão ou até mesmo terapêutico? Se sim, em qual tipo de grupo? Como foi esta vivência?
14. Por que gostaria de participar deste grupo de intervenção?
15. Quais são suas expectativas sobre o grupo? Como gostaria que fosse?
16. Você gostaria de sugerir algum tema sobre a experiência de intercâmbio a ser trabalhado no grupo? Se sim, qual tema e por quê?
17. Gostaria de realizar mais algum comentário?

Anexo C – Roteiro da entrevista com o aluno brasileiro.

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA PARTICIPAÇÃO NO
GRUPO – ALUNO BRASILEIRO**

Data: ____/____/____ **Horário:** ____:____ horas **Local:** _____

O objetivo desta entrevista é coletar dados e possíveis temáticas para o trabalho de intervenção em grupo

I IDENTIFICAÇÃO

1. Qual o seu nome completo?
2. Sexo: () Feminino () Masculino.
3. Quantos anos você tem?
3. Qual Curso de Graduação que você faz? E qual período que está realizando?
4. Você já realizou intercâmbio pela USP?
5. Você já se voluntariou para ser Amigo USP (USP iFriends)? Se sim, por quê?
6. Você possui contato com alunos intercambistas no seu curso? Como são esses contatos?
7. Consegue se comunicar com facilidade com os colegas intercambistas de seu curso?
8. Você sabe (consegue) se comunicar em outros idiomas além do português?

III PARTICIPAÇÃO NO GRUPO:

9. Você já participou de algum grupo de discussão ou até mesmo terapêutico? Se sim, em qual tipo de grupo? Como foi essa vivência?
10. Por que gostaria de participar deste grupo de intervenção?
11. Quais são suas expectativas sobre o grupo? Como gostaria que fosse?
12. Você gostaria de sugerir algum tema sobre o contato com intercambistas na universidade ou outro assunto relacionado à diversidade cultural a ser trabalhado no grupo? Se sim, qual tema e por quê?
13. Gostaria de realizar mais algum comentário?

Anexo D – Desenho do Brasão em grupo.

Anexo E – Situações escolhidas pela participante Olivia (5º encontro).

“Corona”.

Amabilidade, alegria.

“A senhora não é...”

Raro, sorriso.

“Pode me esperar?”

Alegria, surpresa.

“Não falem espanhol.”

Raiva, enjado.

“Manutenção”

Risada.

“Você, você, venha!”

Felicidade.

“Salgadinho”.

Surpresa, risada.

+ ou -

“Vamos compartilhar?”

Confidência, risada.

"Adaptador"

Raro, raiva. $+ov-$

"Datas da prova."

Estranho. $+ov-$

"Crema de milho."

Surpresa, risada, nojo.
 $+ov-$

"Perto do metro."

Surpresa, indignação. X

Anexo F – Situações escolhidas pela participante Tom (5º encontro).

"faço teatro" 😊
impressionado

"Fica, vai ter bolo" 😊
engraçado

Chamar uma pessoa "amigo" 😊
Supreso

Abrasar um professor 😊
incôntável

Quem pode ficar em casa? 😊
feliz

"Fazer nada é tão bom" 😊
estou com tado

ir pra festa sem namorada 😊
estranho

"O espirito entrou nela" 😊
ridículo, fez pensar

confiança na policia 😊
Supreso

Anexo G – Desenho do participante Tom (6º encontro).

Anexo H – Desenho da participante Julia (6º encontro).

Anexo I – Desenho da participante Olivia (6º encontro).

Anexo J – Desenho da participante Bianca (7º encontro).

Anexo K – Desenho da participante Bianca sobre o final do intercâmbio e a relação com o futuro .

Anexo L – Desenho da participante Julia sobre o final do intercâmbio e a relação com o futuro.

Anexo M – Desenho da participante Olivia sobre o final do intercâmbio e a relação com o futuro.

Anexo N – Desenho do participante Tom sobre o final do intercâmbio e a relação com o futuro.

Anexo O – Roteiro Semiestruturado para Entrevista Final.

ROTEIRO DE ENTREVISTA FINAL

Data: ____/____/____**Horário:** ____:____ horas**Local:** _____**AVALIAÇÃO DO PROCESSO**

1. Como foi para você participar do grupo de intervenção?
2. Você teve expectativas em relação ao trabalho desenvolvido no grupo? Se sim, esta pesquisa atendeu às suas expectativas? Por quê?
3. Você realizou reflexões sobre a sua experiência intercultural a partir da participação nessa pesquisa? Se sim, quais? E como foi pensar sobre isso?
4. Apesar do grupo não ter tido a participação de alunos brasileiros, como foi para você interagir com pessoas de diferentes nacionalidades?
5. Em relação ao que você achou dos encontros, teve algo que você mais gostou e algo que você menos gostou ao longo do trabalho?
6. Como foi para você participar de toda a pesquisa, desde a entrevista inicial até esta última entrevista?
7. Possui alguma crítica ou sugestão ao trabalho desenvolvido? Ou gostaria de deixar algum comentário?

Anexo P – Atividade do “átomo social” da participante Akemi.

Anexo Q – Percepção do intercâmbio do participante Roberto.

Anexo S – Percepção do intercâmbio da participante Luna.

Anexo T – Atividade do brasão do 2º grupo.